



3 1761 06568066 2

ELYSIO DE CARVALHO

Os Bastiões da Nacionalidade



EDITORES

ANUÁRIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

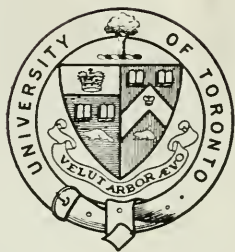
SEARA NOVA — LISBOA

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

BRIEF

FC

0036394



PURCHASED FOR THE
University of Toronto Library

BY

Brascan
LIMITED

FOR THE SUPPORT OF
Brazilian Studies



Antonio Accorsi

Reservados todos os direitos de
reprodução nos países que adhe-
riram á Convenção de Berne; Bra-
sil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro
de 1912; Portugal: Decreto de 18
de Março de 1911. :: :: ::

OS BASTIÕES
DA NACIONALIDADE

OBRAS DO AUCTOR

I. PUBLICADAS

BALLADA DO ENFORCADO, tradução	1899
HORAS DE FÉBRE, versos	1900
ALMA ANTIGA, poemas em prosa	1900
POEMAS DE OSCAR WILDE, tradução	1900
DELENDIA CARTHAGO, manifesto naturista	1901
HISTORIA DE UM CEREBRO, auto-biographia	1905
RUBÉN DARÍO, ensaio critico	1905
AS MODERNAS CORRENTES ESTHETICAS	1907
BARBAROS E EUROPEUS, ensaios criticos	1909
FIVE O' CLOCK, diario de um esthéta	1909
A POLICIA CARIOCA E A CRIMINALIDADE CONTEM- PORANEA	1911
ESPLENDOR E DECADENCIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA	1911
GIRIA DOS GATUNOS CARIOCAS	1912
FUNÇÃO DA PHOTOGRAPHIA NOS INQUERITOS	1912
A ESTATISTICA CRIMINAL	1912
LA POLICE SCIENTIFIQUE AU BRÉSIL	1912
A FALSIFICAÇÃO DOS NOSSOS VALORES CIRCULANTES	1912
O PROFESSOR REISS NO BRASIL	1912
ESCOLA DE POLICIA DO RIO DE JANEIRO	1913
REFORMA DOS INSTITUTOS DE POLICIA DE PORTUGAL	1913
ALPHONSE BERTILLON	1914
A LUTA TECHNICA CONTRA O CRIME	1914
PERICIA GRAPHICA DO CASO DA RUA JANUZZI	1914
L'ORGANISATION DU SERVICE D'IDENTIFICATION	1914
CRIMINALISTIQUE	1914
EXAMES PERICIAES	1915
A CILADA ARGENTINA CONTRA O BRASIL	1917
BRASIL, POTENCIA MUNDIAL	1919
BALLADA DO ENFORCADO, nova versão illustrada	1920
POEMAS EM PROSA, tradução de Oscar Wilde	1920
O FACTOR GEOGRAPHICO NA POLITICA BRASILEIRA	1921
LA FRANCE ÉTERNELLE	1921
AFFIRMAÇÕES	1921
SHERLOCK HOLMES NO BRASIL	1921
BRAVA GENTE	1921
TRAGEDIA FLORENTINA, tradução de Oscar Wilde	1922

II. POR PUBLICAR

VICIOS E NEVRÓSES DA CIDADE, ed. Garnier, no prélo.	
HISTORIAS DE MALFEITORES, ed. Garnier, no prélo.	
O GRANDE MARQUÊS, ensaio sobre Pombal.	
HISTORIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA.	



Agua forte de C. Oswald.



ELYSIO DE CARVALHO

Os Bastiões da Nacionalidade



EDITORES

ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

SEARA NOVA — LISBOA

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

EF

2

6394

A

ALBERTO DE OLIVEIRA

COM A MAIS PROFUNDA ADMIRAÇÃO PELA SUA OBRA
REFULGENTE DE ETERNA BELLEZA

DEDICA

ELYSIO DE CARVALHO.



Non debbo io, per ritrovare tutto me stesso, per riconoscere la mia vera essenza, non debbo io pormi a contatto immediato con la razza da cui sono uscito? Riprofondando le radici del mio essere nel suolo originario, non assorbiró io un succo schietto e possente che varrá ad espellere tutto ciò che è in me fittizio éd eterogeneo, tutto ciò che ho ricevuto consapevole ed inconsapevole per mille contagi? Non io ora cerco la verità, ma si bene cerco di ricuperare la mia sostanza, di rintracciare in me i caratteri della mia razza per riaffermali e renderli quanto più potrò intensi. Accordando così la mia anima con l'anima diffusa, io riavrò quell'equilibrio che mi manca. Il segreto dell'equilibrio per l'uomo d'intelletto sta nel saper trasportare gli istinti, i bisogni, le tendenze, i sentimenti fondamentali della propria razza in un ordine superiore.

D'ANNUNZIO: *Trionfo della Morte*, 273.



Mon pays tout entier vit et pense en mon corps;
Il absorbe ma force en sa force profonde,
Pour que je sente mieux à travers lui le monde
Et célèbre la terre avec un chant plus fort.

VERHAEREN.



I — OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE

ORIGEM DO SENTIMENTO NACIONAL BRASILEIRO

É curioso assignalar em nossa historia as origens do sentimento nacional. Antes de tudo, podemos affirmar que desde o primeiro seculo, senão desde o inicio da colonização, começámos a sentir um Brasil nosso, uma terra que nos ficou no peito como se fosse o torrão natal de nossos paes. Basta invocar os mais antigos testemunhos, examinar os primeiros chronicistas, compulsar as cartas e os annaes das missões, para ter a prova de que os nossos maiores entraram aqui deslumbrados de todos os esplendores desta natureza e ufanos de serem acolhidos como num seio de mãe fecunda e generosa. Tudo nos leva a dizer que amamos a terra desde que a conhecemos.

Todavia, nos tempos primitivos, as nossas preferencias pelo novo *habitat* nasceram, dir-se-hia, de uma gratidão commo-

vida da nossa fortuna pelas munificencias que se nos depararam de todos os lados, em todas as latitudes e em todas as zonas. Fomos, porém, apenas gratos. Por uma razão que se encontra no fundo da propria psychologia humana, entretanto, o amor que se funda na gratidão nunca será tão forte e tão solido como o amor que nasce com o trabalho, que surge com o soffrimento, que se gera na grandeza e solemnidade do sacrificio. Só se preza devidamente aquillo cujo preço pagamos com a espantosa resignação dos esforços heroicos. Só se ama profundamente, e com todos os extremos da alma, o que foi objecto das nossas ansias, dos nossos desvelos, dos nossos devotamentos, e que veio, por isso mesmo, a tornar-se para nós um como irresistivel motivo de culto.

Explica-se, pois, como é do segundo seculo em deante que o amor da terra se transforma subitamente num verdadeiro sentimento de patria, e até mais que simples sentimento de patria, porque se fizera poderoso e intenso impulso creador do largo nacionalismo que palpitou em seguida em todas as paginas da nossa historia. Deste modo, marcamos o periodo que vae de meados do primeiro a meados do segundo seculo como sendo a phase da criação do nosso espirito nacional. Essa é a idade heroica da nossa formação de povo. Começamos expulsando os franceses da Guanabara em 1567: nessa

obra associou-se o heroismo do novo português que se fizera na Bahia e em S. Vicente ao valor e á grandeza moral do selvagem, que já representava pela primeira vez o seu papel na organização social que se inicia. Depois, fomos tocar de todo o litoral do norte o mesmo intruso que se obstinava em disputar-nos dominio. Ainda assim, em todas essas funções exercemos o nosso valor na defêsa da terra, mas em nenhum dos pontos que defendemos resaltou mais que o nosso sentimento de patria. O espirito propriamente nacional vae sair de um encontro mais formal e heroico do nosso amor da terra com o intento decisivo de intrusão. E só das guerras hollandesas, é que vamos lograr a nossa consciencia de povo e um largo surto do nosso instincto nacional — porque é só nesta phase que as lutas para nós tomaram um character excepcional e tivemos de travá-las em condições mais extraordinarias ainda. O que em 1654 nos exaltava, não era só a ufanía de haver libertado a terra á custa do nosso heroismo: mais que o orgulho da victoria, era o sentimento de que *já eramos povo*, e povo digno de assumir o seu papel no convivio internacional, porque nos sentiamos capazes de affirmar pelas armas a nossa existencia politica.

Quando se estudar as origens da nacionalidade, é preciso, portanto, auscultar a alma dos colonos de Martim Affonso ao pi-

sarem o sólo do Brasil em 1532; mas, ao encarar a gente trasladada um seculo depois, já o historiador ou o sociologo, em vez de almas, terá de interrogar factos. Então começará a fazer historia e não mais psychologia, pois, o que desde o primeiro dia se encontrava no intimo dos corações, surge, em 1654, palpitante, a vibrar naquella grandiosa epopéa de 24 annos de soffrimentos indivisiveis, de accentos sublimes e de lances homericos. Ha-de partir, pois, o indagador das nossas origens dos montes dos Guararapes, onde se tornou decisivo e augusto o nosso protesto. Da epopéa da Reconquista por diante, a evolução do sentimento nacional define-se por uma affirmação firme, continua e crescente da nossa consciencia de povo. De meados até fins do seculo XVII, o mesmo espirito que triumphára contra os batávios se accusa no Maranhão contra os abusos da metropole. Bequimão é um *brasileiro* que se insurge contra o regime que a côrte, ingrata e prepotente, se obstinava em manter na America para opprimir aquelles mesmos que lhe haviam guardado o opulento patrimonio. O esgarçamento dos revolucionarios maranhenses não consegue suffocar as aspirações que andavam latentes em todas as almas e que só esperavam ensejo de explodir. Quasi 30 annos depois, surge de novo no Recife a ansia que mal se continha desde 1654: quer dizer que se soffrera ali

mais de meio seculo de indifferença e desdem pelos destinos daquella mesma patria que se redimira do intruso estrangeiro para vê-la outra vez jungida ás inclemencias da propria metropole. Da mesma natureza da *Guerra dos Mascates* é a *Guerra dos Emboabas*, quasi ao mesmo tempo daquella. O portugûes aqui era uma como figura da côrte de Lisboa, com todos os seus intentos, as suas exigencias, os seus desdens, ferindo os brios, pesando nas almas como succubos de morte. E o que se passou na região das Minas não deixou menos vestigios que o conflicto entre Olinda e Recife: ao fim das lutas feridas, tanto no norte como no sul, a alma daquellas gentes estava menos portuguesa e mais brasileira do que antes. Vem depois aquelle desespero que teve como desfecho o nefando sacrilegio contra o indomito coração de Felippe dos Santos, ante cujo cadaver esphacelado estremeceu num fremito de loucura a sensibilidade escarmentada de terror, mas refeita na sua incomparavel insubmissão dos mineiros redivivos. Em seguida, o grande sonho commovente da Inconfidencia, e logo o lugubre desenlace de tragedia: a traição, a devassa, as prisões, a alçada — tudo isso com o seu cortejo de ignominias, até a pompa daquelle spectaculo do largo da Lampadosa. E quem quizer saber como saiu dali, no seu grande silencio, a piedade das turbas, que assistiram a scena, que consulte as chronicas

dos ultimos dias do Conde de Rezende, no Rio de Janeiro.

Finalmente, entrando no seculo XIX, a logica dos successos e a eloquencia das manifestações vão se fazendo de dia para dia mais formidaveis. Num certo momento, pensou-se que a presença da côrte viria desviar do rumo as tendencias dominantes no animo dos brasileiros. No entanto, foi o contrario exactamente que se deu. Logo que tivemos o Rei no Brasil, a nossa primeira postura foi de expectativa. Quando nos convencemos de que no Rio a côrte de D. João VI continuava a ser para nós o que haviam sido todos os Reis portuguezes, então nos levantamos. Bastou a revolução de 1817 para dar ao Soberano os mesmos avisos que lhe haviamos dado durante tres seculos? Não: o Rei, tendo conseguido suffocar o nosso clamor, ficou impassivel ante o nosso mártirio. Então, erguemo-nos outra vez; e agora não clamamos apenas: falamos alto e claro ao proprio Rei, e, afinal, tocâmô-lo da terra que era nossa.

O que se segue após a saida daquella côrte voraz que nos perseguia, humilhava e tollia, entrando o nosso destino, é sabido de todos. A fortalêza, o radicalismo do nosso espirito nacional e a segurança da nossa orientação historica, não vacillaram no meio de todos os acontecimentos que sobrevêm. Desde o dia em que obrigamos a côrte

a deixar-nos, podemos dizer que estavamos separados da metropole. Effectuamos uma independencia que já estava em nosso coração; entramos a exercer um direito que desde muito era nascido e vigente em nosso espirito de povo. O Principe foi naquelle momento da nossa historia um personagem secundario do drama, uma figura de ornamento, um comparsa de ultima hora, uma nota imprevista de epilogo. Sem elle, sem os Andradas, sem nenhuma das circumstancias excepcionaes daquelle instante, que é um final de acto, teriamos feito a nossa obra — a obra que trezentos annos de provações tinham edificado na capacidade da nossa raça. O que tudo fez em 1822 foi, não D. Pedro, nem José Bonifacio, mas a alma nova que se havia criado na America Brasileira como em todas as Americas. Tudo aquillo que vivia em nós — a larga consciencia do nosso futuro — fez-se nação brasileira. Ainda mais: e, no dia em que, do facto da emancipação politica em diante, qualquer poder, quaesquer erros ou quaesquer instituições se atreveram a por-se em contraste com os impulsos dominantes do nosso coração — surgia o heroico espirito do nosso indefectivel e soberano nacionalismo a impôr o seu gesto de silencio ou o seu grito de ordem. As provas disso ahi estão em todos os lances que se seguem ao episodio do Ypiranga. Quando o Imperador se mostrou leviano e violento,

rebatemos-lhe a leviandade e a violencia com aquelles protestos geraes que se concretizaram na revolução de 1824. Quando elle se esqueceu de que era chefe da nação, e não apenas chefe de partido — impuzemos-lhe o 7 de Abril de 1831. Devia Pedro I ter então sentido que a nação eramos nós. E tanto eramos nós, que fizemos daquelles nove annos da Regencia a phase mais brilhante do Segundo Reinado.

Assim podiamos resumir toda a historia da evolução do nosso espirito nacional numa synthese perfeita: criada pela natureza exuberante e pelo lidimo céu da America, a nossa alma cresceu de seculo em seculo nas proprias vicissitudes, e quasi que se diria que ella — a nossa alma de nação — é filha da dôr, e que, por isso mesmo é intangivel como todas as coisas sagradas. Tudo em nós é, antes de tudo, brasileiro.

NACIONALISMO E PATRIOTISMO

NO ÁGAPE DO RESTAURANTE ASSYRIO, NO RIO DE JANEIRO,
AOS 13 DE AGOSTO DE 1921

Presidido pelo Embaixador de França.

Haveis de convir, meus amigos, em que, após quasi um quarto de seculo de labor constante, representado por alguns livros sem brilho mas compostos sem azedume, é doce ao modesto escriptor saber que o seu esforço não se perdeu totalmente e, quedando-se á margem da estrada do calvario que é a profissão das letras no Brasil, averiguar ainda que o seu ideal teve a força de seduzir outros espiritos, reunindo-os em amavel companhia e dando-lhes o mesmo ar de familia. Não vindes do palacio de Cesar conferir-me o commando de uma legião, não me trazeis galardões ou recompensas por victorias que nunca conquistei, não me falaes em nome de

nenhuma dessas parcialidades que são o segredo do prestígio de certas almas: vindes da casa da Amizade, braços abertos, coração alegre e sorriso encantador nos lábios, trazer-me, com o amplexo da solidariedade intellectual por não ter deshonrado a incumbencia de saudar a França heroica e augusta na pessoa de um dos seus mais formosos poetas, o attestado da minha fé, unica força que a natureza não me negou, na grandeza futura da nossa terra. Assim, quebraes suavemente a minha vontade, pela gratidão, tirando-me o arbitrio da resistencia ao vosso proposito, com este acto espontaneo e sobremaneira generoso com que quizestes alentar as energias do mais obscuro dos vossos companheiros, que poudes sempre passar sem a admiração, mas nunca dispensou a amizade, que é o orvalho da vida. Fascina-me vosso gesto, mas verdade é que fico ao mesmo tempo maravilhado e confuso, sem que a razão justifique esta suprema honra.

PROFISSÃO DE FÉ

A philosophia tão subtil do Sr. Ronald de Carvalho revelou que a sympathia litteraria não precisa para vingar de outro alimento além da generosidade. Dest'arte, na sua saudação, deu-nos elle o que o coração dos poetas reserva de melhor para o mundo, palavras que são um canto de alvorada e de

esperança, e possuem ainda a cadencia sonora de um *desir* de Gongora ou a musica de um *lay* á maneira de Johan de Duenyas. Sem notar que me compromettia, o joven poeta, que já é um mestre na idade em que geralmente balbuciamos, attribue-me predicados que, longe de serem dons pessoaes, os tomei á seiva punjante da geração em cujo seio surgi, perturbado pelo verdor da puericia e exaltado por um anseio estonteante de uma finalidade que só agora, vencida tão longa caminhada, entre tantas hesitações e desillusões, tantas discordias vãs e audacias excusaveis, mal começa a desenhar-se ou fixar-se nos seus frageis contornos. Ao cabo, cada um de nós é a somma de sua geração, e aquillo que se nos afigura uma conquista individual nada mais é que o patrimonio commum do espirito da grei. Na minha obra, que é aliás expressão da minha vida, ha a mesma tendencia, a mesma aspiração, o mesmo sentimento que formou o substratum espiritual da pleiade que appareceu literariamente em 1900. O que o instincto philosophico do Sr. Ronald de Carvalho descobriu no conjuncto indefinido das minhas aspirações estheticas ou sociaes, como constituindo uma característica original, foi este traço forte, mas tosco, que a ideologia da geração que elle representa tão brilhantemente procura transformar em rythmo ou linha harmoniosa das suas creações. Na verdade, á similhaça da

planta que procura no humus as substancias de que necessita para viver e crescer, é no sentimento da nacionalidade que tem raizes a minha obra. Descendente da raça pernambucana, idealista e destemerosa, em que era tão profunda a idéa de pudonor nacional e prezava os seus brasões de nobreza, exuberante de vitalidade e opulenta de seiva heroica, gente nascida para a vertigem dos combates e para a alegria dyonisiaca da vida e filho da terra brasilica sobre todas mártir nas lutas pela liberdade, no espelho da patria é que vejo minha alma reflectida. Se vos eu dissesse que uma das raras fortunas da minha existencia é a de ter muito em tempo adquirido a consciencia do destino inevitavel do meu país, teria definido o segredo do que me fez gravitar para o vosso affecto. Tal crença, que é a minha luz e o esteio das minhas provações, ainda agora, neste momento dramatizado pela guerra e envolto em densas trevas pelo destino, que não fez senão transferir o campo das batalhas, converte-se num dom necessario, que se enflora, se exalta e immerge com força maior e tambem com maior inquietação para traduzir os valores historicos, sociaes e moraes da nossa raça e firmar os bastiões da nacionalidade. Ainda bem que ouvistes a eloquencia attica do Sr. Ronald de Carvalho reafirmar este ideal de uma patria forte nas suas aspirações, providente nos seus meios de exercicio e generosa

nos seus propositos, e se a cobristes de applausos é porque esta voz é o écho de uma profunda convicção que agita o país em todas as direcções, e por força da qual escaparemos da morte e, o que mais é, ficaremos eternamente jovens.

A NOSSA ORIENTAÇÃO HISTORICA

Com effeito, é este momento talvez o mais grave de toda a nossa existencia autonoma, tanto pela complexidade dos problemas cuja solução está posta, como principalmente porque o Brasil se acha no instante em que é preciso fixar-lhe definitivamente a orientação historica para regularmos a nossa vida sem perigo de vacillações no caminho. É evidente que similhante directriz se fundará no pensamento capital que tem sido a nossa força e do qual decorrerão, como naturaes corollarios, os ideaes de que vamos viver. Com os olhos no passado, em tudo que temos de mais caracteristico em nossos proprios annaes, não ha perigo tal de que venhamos, como os povos que vão para a morte, a ficar como num *in-pace* a tiritar esmorecidos. Verifica-se hoje em todo o país um grande prurido de *nacionalismo*, isto é, de tornar profundo na alma dos brasileiros o amor da patria, e disciplinar a massa de população nacional no sentido de torná-la apta a fazer por si mesma, qualquer

que seja a conjuntura, a affirmação de que o Brasil, para cada um dos filhos, é o mais alto motivo de viver e de actuar. Não faltará quem opponha objecções a este conceito de patria e de sentimento nacional. Certo, poderão dizer-nos que o patriotismo não é uma virtude, mas um instincto; que não se cria, nem educa, porque existe de natureza; que não é preciso, portanto, gerá-lo ou fazê-lo mais intenso, mas discipliná-lo simplesmente. Nem assim se diminuirá a importancia do movimento que de norte a sul agita a alma nacional. O que é necessario, pois, repetimos, é saber que rumo se deve abrir e indicar ao sentimento dos brasileiros. Ha por ahí muita illusão de aspectos; muita ostentação de orgulho, que é menos orgulho que dislate ou fanfarrice; muito vigor desnortado com ansia de caminheiro fóra da rota; muita arrogancia desmedida e falsa. Tudo isso é necessario combater a todo o transe, sob pena de nada alcançarmos de um emprehendimento que se esterilizará por si mesmo, porque ficará sendo puramente artificial.

OS FUNDAMENTOS DA NACIONALIDADE

Antes de tudo, portanto, devemos ver o que é preciso entender por verdadeiro *nacionalismo* no seu objectivo politico e social, e digamos logo que tudo, neste sentido, que

nos não vier da nossa propria historia surgirá eivado de vicio mortal. É ella, a nossa historia, que nos ha-de, com um pharol no roteiro do tempo, illuminar os horizontes e marcar o rumo do destino. É bastante que sintamos o nosso passado, as nossas origens, o que tem de particular, de propriamente nosso a nossa vida, a nossa raça, a nossa indole. Somos descendentes de um povo de guerreiros, de santos, de heróes e de poetas. Não obstante a insistencia com que certa gente, esquecida de que nos calunnia e nos injuria, põe nas origens da sociedade brasileira o falso estigma de que ella se formou de criminosos, degredados e mulheres perdidas, a nossa ascendencia é nobre, preclara e illustre, e isto muito naturalmente porque procedemos directamente dos lusitanos, povo que, além de ter creado coisas extraordinarias, como o *Lusiadas*, para só citar esta maravilha do espirito humano, possui nas veias consideravel porção de sangue da velha raça dominadora do mundo e cujo valor era moeda corrente em Roma e em Carthago. É mercê desta filiação historica que somos hoje o Brasil, e, portanto, pudemos conservar unido, indissolúvel, coheso e forte, o grande imperio territorial que somos, e do qual havemos de fazer um dos maiores Estados politicos do mundo, cuja grandeza ha-de assentar na unidade da lingua, da religião, das tradições, unidade que nada é capaz de desfazer, por-

que para isso seria necessario destruir esses poderosos nexos moraes que são a alma, o principio, a força da nossa existencia mesma.

PORTUGAL E BRASIL

No entanto, se são essas as nossas origens, nem por isso se exclue o nosso character de povo: Portugal e Brasil têm destinos diversos e seguem hoje trajectorias muito diferentes. O Brasil não é apenas uma descendencia portugûesa, mas uma nação nova saída de velha estirpe, e que representa na America a eclosão da espiritualidade latina sob novos céos. O nosso povo, como mostrou Graça Aranha, tem aqui este privilegio, esta função miraculosa de fundir num typo novo no scenario do mundo estas duas forças — a que vem do passado no sangue portugûes com as suas grandes virtudes heroicas e a que recebe do meio physico em que se desenvolve esta transplantação da alma latina. Estas forças não se excluem, antes se compensam e se completam. Enquanto a fusão se realiza normalmente, e a impulsão do novo *habitat* se exerce sobre o sangue portugûes, e á proporção que se apura esse admiravel *phenomeno* de renovação ethnica, a vida do novo typo, que é o *brasileiro*, vae num crescendo de energia e de valor encontrando-se com as opulencias da terra. “Sendo portugûes, ouçamos Graça Aranha, numa

pagina profunda de pensamento e marcada com o accento das melodias eternas, o Brasil não deixará de ser uma nação americana. A originalidade do Brasil é ser o continuador de Portugal, o herdeiro da espiritualidade latina no mundo americano. O privilegio do Brasil é o de fundir duas forças: a que vem do passado no sangue português e a que recebe do ardente meio physico em que se desenvolve essa transplantação da alma latina. Essas duas forças não se excluem, e enquanto a sua fusão se realiza suavemente e a impulsão americana move sem violencia as idéas e a sensibilidade portugueza, uma vida ardente inflamma o immenso país... A terra brasileira eleva-se numa ascensão espirital. Sente-se em cada pensamento a inspiração de um grande destino. A energia crêa a miragem, que por sua vez se torna o animador da vontade. O brasileiro vive o poema da aspiração. A sua alma illumina-se á idéa de que a patria deve ser forte e magestosa, como a natureza, onde elle se fixou. Na equivalencia do mundo moral e do mundo physico, no esforço de adaptar a nação á natureza e de a edificar nas mesmas vastas dimensões desta, acha-se a cellula primordial de toda a idealidade brasileira, herdeira de Portugal. Concentram-se as energias nesse plano de uma grande nação. Para o realizar, todas as forças espirituaes se applicam na dominação do mundo material. Con-

quista-se de novo a terra. Uma força indomável leva as gentes da beira do mar aos sertões do interior. Nas florestas do Matto-Grosso, nas chapadas de Goyaz, nos rios do Amazonas, repete-se o cyclo dos descobrimentos". É assim que o Brasil, no pensar do admiravel escriptor, se tem de 'affirmar como o continuador do genio portugûes no mundo americano, dando á alma antiga mais enthusiasmo, mais vigor e mais agilidade, e á America mais claridade, mais intelligencia, mais belleza nas suas relações com o universo.

O CULTO DAS TRADIÇÕES

A grande illusão com que, na sua bôa fé, se enganam muito dos que fazem propaganda de exclusivismo nacional, sempre absurdo e irritante, está em esquecerem que as patrias não se improvisam, senão que se fazem com sacrificios (como se os povos estivessem sempre numa funcção de culto), com sinceridade de consciencia, e sobretudo com veneração. Sendo o Brasil uma sobrevivencia do passado, e sobrevivencia da mesma raça em outro meio, não se comprehende como seja possivel inventar entre nós um nacionalismo sem o culto das tradições. É preciso sentir ainda que uma grande nacionalidade nunca foi obra de uma só geração por maior que seja, mas producto de

linhagens successivas, resultante de esforços continuados e de factores muito complexos, actuando através dos seculos. Demais, o Brasil não conta mais de quatrocentos annos de existencia, e póde já orgulhar-se de ter a sua historia feita dos lances mais edificativos. Os nossos antepassados, que aqui entraram como quem realiza um grande empreendimento, logo no dia seguinte tiveram de defender por si mesmos a terra contra intrusos e guardá-la contra a cobiça de estrangeiros. A nossa historia, desde a colonia, está cheia de exemplos de heroismo, de abnegação, de sacrificio, de grandeza moral como raramente se encontram entre outros povos, até do continente europeu. Ahi está pois a escola para a nossa mocidade! Que mais queremos do que as paginas da propria historia! São as nossas glorias, os nossos feitos, as nossas tradições que constituem precisamente a substancia do unico nacionalismo que é possivel e que é legitimo gerar em nossa alma de povo. E' em tudo isso que havemos de fundar a nossa vida, e que o Brasil se ha-de integrar na corrente latina, renovada no continente americano.

O TYPO DO BRASILEIRO

Um outro erro (e attribuido principalmente a alguns dos nossos poetas e roman-cistas), é esse de enaltecer o *indio* como

sendo o typo nacional e o legitimo brasileiro. Mas *brasileiro* não é o homem physico, e sim o individuo moral que se formou aqui *na sociedade historica*. *Brasileiro* não póde ser nem o indio, nem o africano, nem o europeu: só póde ser o *brasileiro*, isto é, o typo que saiu da fusão dessas raças. *Brasileiro*, portanto, é um fructo da civilização mediterranea que se estabeleceu e se desenvolveu neste lado da America. Teria, porventura, o indigena americano exercido, mais que as outras raças do nosso complexo ethnico, a sua influencia na civilização do Brasil? Pois, se nem o portugûes seria admissivel como typo, mesmo que lhe caiba muito mais de influxo na nossa cultura, quanto mais qual-quer das duas raças subalternas! O mais que se poderia dizer é que ao *mameluco* já fica um logar distincto em nossa ethnologia, pois que o *mameluco* já é um typo de fusão, e que se tornou predominante no caldeamento geral. Esse mesmo, no entanto, não se poderia arrogar a qualidade de unico legitimo *brasileiro*, porque o typo nacional está ainda em formação, e nem ha como negar que os elementos europeus terão de preponderar nesse typo, visto como, enquanto as duas raças — amarela e negra — se reduzem sempre, a branca augmenta progressivamente. Seja como fôr, os typos actuaes são ainda transitorios. Isto quer dizer que *mamelucos, pardos, mulatos e brancos* — que

sejam, o que é preciso é ser *brasileiro*, e brasileiro só se é de espirito, de sentimento, de character. Quem mais brasileiro do que o jesuita português ou espanhol que amou esta terra com enthusiasmo e a ella dedicou todos os cuidados e trabalhos? Quem mais brasileiro que o transmontano ou o alfacinha que levou a sua paixão da terra até o sacrificio de defendê-la com a propria vida? Quem mais brasileiro que aquelle florentino que legou a nobreza de seu sangue e o esplendor do seu nome á familia pernambucana? Além disto, como muito justamente notou Nabuco, a vida brasileira nunca foi a existencia errante dos nossos indigenas, raça que não é a nossa, e a sociedade brasileira é aquella que substituiu no goso deste país os seus habitantes primitivos. “A vida do Brasil começou em 1500, antes existiu o seu solo, mas com outro nome e povoado com outra raça. O dominio dessa desapareceu, barbaramente perseguido é certo, e refugiou-se no interior ainda virgem do país. Nada ficou sobre o solo attestando a antiga existencia das tribus primitivas; nenhuma forma de sociedade estavel havia entre ellas, emquanto no Perú os incas tinham o seu throno firmado no coração de uma raça, cujos monumentos e construcções maravillharam os conquistadores”. Affirma ainda elle que pertencemos á America pelo sedimento novo e fluctuante do nosso espirito, e á Europa,

por suas camadas estratificadas, de modo que, desde que houve um raio de cultura, começou o predomínio destas sobre aquelle: da primeira missa celebrada no Brasil a hoje assim tem sido. Ainda cabe aqui lembrar a justa observação de H. S. Chamberlain, autor da celebre obra *Genese do Seculo XIX*, que attribue á influencia do elemento portugês não ser o Brasil um cháos ethnico, como occorre, por exemplo, com certos povos sul-americanos, que se formaram da mistura illegitima de raças inassociaveis, originando esse cruzamento de indios e espanhóes, indios e negros, espanhóes e negros, uma promiscuidade que se traduz pela decomposição moral, e da impossivel união entre culturas ou estados de desenvolvimento mental differentes na fórma e na essencia.

O VERDADEIRO NACIONALISMO

É preciso, pois, advertir principalmente á nossa mocidade que esse falso nacionalismo, cuja expressão se limita a um odio fanatico ao portugês, ou a qualquer estrangeiro, é uma superfectação absurda em nossa alma de povo, um sentimento estúpido de nescios e energumenos, e, mais do que um erro, um contrasenso. "O symbolo do nosso ideal, escreveu Alberto Torres, deve traduzir o parallelismo entre a vastidão do nosso territorio e a vastidão da nossa hospitalidade, entre

a ambição que temos, como homens, e a ambição que respeitamos, nos outros homens; a consciencia dos direitos dos nossos semelhantes, como medida dos nossos direitos; a aspiração de receber, em troco do asylo que damos, e do coração que abrimos, a todos os forasteiros, a mão estendida para as permutas leaes, sentindo a pulsação do mesmo sentimento que mostramos nas linhas dos nossos sorrisos e dos nossos gestos". O mesmo pensador que nos dá tão esclarecidos conselhos, tratando então dos portuguezes, que, como sabeis, é o povo quasi exclusivamente visado pelo odio nativista, affirmou que "a ascendencia portugueza é uma honra para o Brasil", verdade que me orgulho de aqui proclamar em tom forte. "Nenhuma raça, escreve Alberto Torres, deu jámais melhores provas de energia, de intelligencia e de coragem nos mais arrojados empreendimentos; poucas se lhe avantajaram na cultura e na producção litteraria, e muito raras possuem, ainda hoje, povo mais sabio, mais trabalhador, mais honesto, de mais candida alma e sensibilidade moral mais delicada". Este nacionalismo, que presuppõe uma forte movimento de restauração conservadora e reorganisadora nos seus objectivos, é o mesmo de Ruy Barbosa, que, em termos claros e inilludiveis, condemnou este movimento de perturbação organica que pretendem mascarar com o rotulo de acção nacional, quando

proclamou nas suas *Cartas da Inglaterra*: “Nunca decaiu tanto entre nós o sentimento de nacionalidade, entretanto que se procura desenvolver furiosamente esse nacionalismo, cuja expressão é o odio ao estrangeiro, sentimento estúpido de povos impotentes”. Também é o nacionalismo de Oliveira Lima, cujo senso historico repelle essa excrescencia de desmiolados que, na sua aversão quasi irracional ao portuguezs, vão até a glorificar Calabar, um mestiço infiel á patria, que nos entregou á fereza e á cobiça do inimigo, pelo que “muito justamente expiou no patibulo os seus previos furtos e a sua felonía vergonhosa”, enquanto pretendem sejam restituídos ás nações que sempre nos detestaram trophéos conquistados pelo sangue, pelo sacrificio e pela abnegação dos nossos patriotas. Também é o nacionalismo de Nabuco, quando pergunta: “Não foi o Brasil descoberto, colonizado, povoado por portuguezes? Não foi uma colonia portugueza durante tres seculos, que se manteve portugueza pela força das suas armas, combatendo a Hollanda, até que, pela lei da desagregação dos Estados, e pela formação de uma consciencia brasileira e americana no seu seio, assumiu naturalmente a sua independencia, e coroou como seu imperador o proprio herdeiro da monarchia? Depois, apesar dos preconceitos hoje extinctos, não tem sido o Brasil a segunda patria dos portuguezs? Não vivem

elles comnosco em tal communhão de bens e entrelaçamento de familia, que se tornaria a separação dos interesses quasi impossivel? Não é a lingua portugueza a que fallam 25 milhões de brasileiros”. Afinal, o verdadeiro nacionalismo é aquelle que, “sem esquecer ao estrangeiro, que nos estende a sua mão experimentada — se harmonize, no dizer de Euclydes da Cunha, com os maximos resguardos pela conservação dos attributos essenciaes da nossa raça, e dos traços definidores da nossa *gens* complexa, tão vacillantes ou rarescentes na instabilidade de uma formação ethnologica não ultimada e longa.” É assim que devemos construir uma verdadeira politica nacionalista digna de americanos, isto é, uma politica que, reagindo contra as falsas, retrogradadas e estreitas noções do nativismo, tenha a perfeita visão sociologica da REALIDADE BRASILEIRA, que é um composto de problemas economicos, politicos e moraes com aspectos originaes nossos, exigindo soluções novas, e mediante processos que não podem ser mais os antigos. Alimentado com a flamma do nosso legitimo patriotismo, em que a actividade, a fé, o pensamento e o heroismo culminavam desde antes da Independencia, esse programma nacionalista ha-de vincular, na sua realidade formosa e palpitante, sem estultos assomos nativistas, o culto dos nossos antepassados á energia dos contemporaneos e, portanto, ser-

vir, fortalecer e guardar, cada vez mais intensa e mais viva, esta permanencia historica e sagrada, esta consciencia serena e imprescriptivel que faz do antigo e do Brasil dos nossos dias um só país. E só assim se manterá a unidade moral da mesma familia a que pertencem heróes como Mathias de Albuquerque, Barbalho, Vidal de Negreiros, Osorio, Caxias, estadistas como José Bonifacio, Feijó, Olinda, Cotegipe, Rio Branco, Torres Homem, jurisconsultos como Teixeira de Freitas, Lafayette, Pedro Lessa, sabios como Alexandre Ferreira, Velloso, Varnhagen, Joaquim Caetano, Euclides, Oswaldo Cruz, poetas como Durão, Varella, Gonçalves Dias, Bilac, Raymundo, — todos soldados e operarios — que devemos ser todos nós — na existencia geographica e na communhão espiritual da mesma patria.

EGOISMO NACIONAL

O que convem ainda não esquecer é que nos cumpre evitar o ridiculo e o perigo de gerar no seio da mocidade um sentimento de *egoismo nacional* que venha a tornar-se hostil a todo o mundo que não fôr a terra brasileira... Isso daria aos que vissem de longe, a impressão de que estamos crescendo para ficar de garras abertas, a espreitar em torno de nós, suspeitosos de duendes, alarmados de sombras... Nós não viemos para rus-

gas ou contendas de creanças, senão para pleitos dignos de nações. Criar na alma do povo essa prevenção continua contra outros povos—importaria em insular-nos do mundo. Qual é a sociedade politica que se póde hoje abastar a si mesma, e prescindir do convívio com outras sociedades humanas. “Até a patria, diz Nabuco, é um sentimento que se alarga, abate as muralhas que o isolavam, e se torna cada vez mais, como se tornou a familia entre os homens e ha de tornar-se a religião entre as igrejas, um instrumento de paz, de conciliação e de enlaçamento entre os povos”. Afinal, nós já saímos da adolescencia, e, principalmente, não somos mais um simples elemento parasitario da cultura européa, porque nos tornamos tambem, por nossa vez, um activo productor de civilização, concorrendo pelo nosso esforço nas sciencias, nas letras, nas artes, na politica, na economia para o progresso e a opulencia do grande patrimonio da familia humana. E, então, como havíamos de ficar esquerdos, vegos, arripiados de insonia e de estulticia, diante do mundo, quando já ao universo nos incorporamos de corpo e alma?

O BRASIL E O COSMOS LATINO

Agradeço-vos, pois, meus confrades e amigos, esta prova da minha inquebrantavel fé nacionalista que se manifesta pela voz do

poeta laureado, esplendor da sua geração e orgulho da nossa raça, o qual, com luminosa bondade, metamorphoseou a razão critica em louvor não merecido. Antes de despedir-me de tão illustre companhia, permitti, senhores, com flagrante abuso de vossa generosidade, vos lembre que neste instante, em que o nacionalismo brasileiro se exalta impreciso, confuso, desordenado e até incoherente ás vezes, necessitamos estar vigilantes contra tudo que vier enfraquecer o espirito territorial, que se enraizou sociologicamente numa historia de mais de tres seculos, deslustrar as nossas origens ethnicas, porque é preciso não se desintegre o Brasil do cosmo latino, e desbaratar o nosso patrimonio moral, formado de todas as conquistas do direito romano e da fraternidade christã, e, portanto, consagrar todas as nossas energias á protecção dos fundamentos historicos, politicos e estheticos da nacionalidade. Só desenvolvendo o nosso eu organico de accôrdo com as leis do determinismo sociogeographico e em harmonia com as qualidades primaciaes do genio racial, poderemos aspirar a fortuna de um povo digno da terra maravilhosa em que vivemos. De mim, direi que me sinto cada vez mais feliz em ser brasileiro e que um dos mais fortes motivos do meu orgulho é esta constancia, sem vacillações e sem alardes, que puz na defêsa das tradições desta patria que o passado nos legou com o sacrificio dos

seus heróes, o pensamento dos seus genios e o esplendor vibrante das suas glorias, e cujo maior encanto estaria em ser uma nação americana, possuindo, com os attributos proprios, todas as claridades mentaes da latitudade.

S. PAULO E O SENTIMENTO DA UNIDADE NACIONAL

NO BANQUETE DO HOTEL DO PARQUE, EM SANTOS, AOS
20 DE FEVEREIRO DE 1922

Não tenho palavras, amigos e patricios, para expressar-vos o meu agradecimento ao convite que me dirigistes para visitar esta invicta cidadella do civismo brasileiro, que, com ser uma das primeiras portas por onde penetrou no mundo americano a radiosa civilização mediterranea, ainda ostenta os brasões veneraveis de Braz Cubas e guarda os louros sempre viridentes dos Andradas. O vosso gesto de requintada cortezia surpreheu-me, mas só acquiesci ao appello porque enxerguei, nesta honra, tão grande quanto commovedora, menos uma prova de apreço ao escriptor que nunca esmoreceu na desesperadora luta das affirmações, do que um signal inillu-

divel de vossa solidariedade pelas idéias de que sou mofino arauto. Na verdade, a minha presença aqui não se justifica senão pelo desejo de objectivar-vos vosso applauso ao esforço que um grupo de amigos e eu viemos desenvolvendo, pela palavra e pela acção, em favor da defêsa economica, militar e ethnica da nacionalidade. Reunidos pela crença commum no mysterioso destino da America Brasileira, esta festa, a que imprimistes o cunho da mais singela cordialidade, é um ágape de homens idealistas, de corações generosos e de intelligencias pragmaticas, que se apresentam com a força de crer no sangue que lhes corre nas arterias e com a vontade de crear, mas crear com alegria e com belleza. Incarna, pois, esta reunião de confrades, o voto ardente pela obra que, guias transitorios da nação, estamos realizando no tumulto dos interesses, das paixões, dos baixos egoismos e dos crimes da hora presente. Para assignalar o character desta manifestação, basta a presença entre nós de Graça Aranha, esse gerador de entusiasmo e multiplicador de energia, o mestre de nós todos, cuja individualidade revela toda a tragica ansiedade da terra brasileira e em cuja acção magnifica sentimos germinar a coragem esplendorosa dos transformadores de valores. Dest'arte, meus amigos, rendo-me, submisso e reverente, aturdido pelo fulgor da vossa hospitalidade e pela nobreza

de vosso proposito, que tem a envolver a luz gloriosa da fé nacionalista.

S. PAULO, SYMBOLO DA REALIDADE BRASILEIRA

No momento em que me decidi falar nesta festa de confraternização, organizada por poetas, escriptores, jornalistas e patriotas, tendo á frente Ibrahim Nobre e Galeão Coutinho, duas intelligencias aureoladas de belleza e de juventude, pensei na firmeza com que São Paulo acredita no Brasil. São Paulo, com a epopéa dos bandeirantes, no passado, e com a sua inventiva constructora, a sua coragem invencivel e a sua ambição nobilissima, no presente, exprime, allegoricamente, o poema da ascensão de nossa patria commum, que, para elle, está acima de tudo, muito além do bem e do mal. O homem paulista, producto de uma raça intelligente, forte e emprehendedora, é uma synthese do brasileiro de amanhã e a terra paulista, na multiplicidade e austeridade de seu labor quotidiano, dá-nos o exemplo dos trabalhos consideraveis que precisamos emprehender em favor da obra nacional e indica ainda a consciencia do nosso papel na historia. Não nos enganou Paulo Barreto, que tanto amou e admirou S. Paulo, quando escreveu: "A terra de São Paulo é o berço de todas as conquistas da nossa civilização de acampamento; é o theatro dos dramas

da nossa energia; é o fóco do ensinamento da nacionalidade. Daqui partiram os deflo-
radores das florestas, os cantadores de cida-
des nas bandeiras que levaram a audacia,
a ambição e a coragem gigantesca contra
um continente cheio de horrores. Aqui, pela
primeira vez, o largo grito de Independencia
échoou. Aqui surgiram os maiores factores
do paiz nas conquistas das idéas, na conqui-
sta do sólo, na organização do Estado. A
missão desta terra é guiar as suas irmãs. No
grande simulacro que se chama a Historia,
ella ensina, ella conduz, ella educa. Revelou
um mundo, crystallizou uma raça, fez as leis,
organizou os governos". São Paulo, com
effeito, estabeleceu e firmou, para todo o
sempre, o nosso destino historico, tornando-
se o symbolo da realidade brasileira e, por
isso, muito me é grato averiguar qual a si-
tuação de S. Paulo em face do sentimento
da unidade nacional.

NOSSA INTEGRIDADE NACIONAL

Ha na nossa historia um aspecto muito
curioso e que lhe é, na America Latina, exclu-
sivamente caracteristico: é esse admiravel
phenomeno da nossa integridade territorial e
politica, mantida durante mais de quatro se-
culos e através de tres regimes profun-
damente diversos. Tanto mais é de notar
essa unidade geographica no nosso "habitat"

quanto é certo que, além de singularissimo no continente sul-americano, pôde considerar-se como peculiar ao povo brasileiro. Em todos os paizes néo-castelhanos é exactamente o contrario que se verifica. No periodo da independencia e da formação, houve em muitos pontos até notavel desaggregação de territorios das antigas unidades coloniaes para constituir nações differentes. Basta percorrer de relance os annaes da colonia. No continente septentrional, a vice-realeza do Mexico desmembrou-se em grande numero de provincias que hoje formam as republicas do Mexico, de Cuba e de Guatemala e demais pequenos Estados soberanos da America Central. A Nova Granada ainda fez muito dando apenas duas nações. O vice-reinado do Perú, sub-dividiu-se em quatro Estados — o Perú, o Equador, a Bolivia e o Chile, e o do Plata separou-se em tres republicas: Argentina, Uruguay e Paraguay. Em todas essas circunscriptões administrativas do dominio da Espanha, nenhuma tinha territorio sequer igual em extensão ao dominio português. Como se explica, então, que só Portugal conseguisse fazer o prodigio com que a Espanha nem sonhou? A que attribuir a peculiaridade deste facto de termos, num territorio muitas vezes mais vasto, podido conservar uma unidade politica que os Espanhóes não alcançaram, nem ainda no Prata, onde a mesma physionomia do territorio

parecia estar facilitando a homogeneidade do sentimento nacional? O problema provoca a argúcia e a competência dos historiadores.

O PHENOMENO DA UNIDADE MORAL

Resta notar ainda mais outros aspectos da questão. Póde-se dizer que não devemos esta particularidade a esforço nenhum especial da nossa metropole. Pelo contrario, se em tal sentido ou em relação ao caso, a côrte portuguesa fez alguma coisa, foi exactamente o inverso do que se devia esperar se ella tivesse o pensamento de fortalecer entre os colonos do Pará e os do Rio Grande do Sul um sentimento de solidariedade em que tivesse de assentar a união futura. Portugal nunca teve, quanto ao seu enorme patrimonio da America, semelhante pensamento, porque, em vez de unir, o que fez foi separar. Levado sempre pelos falsos preconceitos de uma vesga e absurda politica, em vez de apertar os laços de connexão moral entre os colonos das diferentes zonas, procurou antes insulá-los uns dos outros. Com effeito, esforçou-se por dividir os dois extremos da immensa colonia, decretando medidas incoherentes e até contradictorias, e, por isso mesmo, expostas a alternativas de reformas que se contavam pelos dias, fazendo hoje para desfazer ama-

nhã. O Estado do Maranhão, por exemplo, andou separando-se do Estado do Brasil, durante mais de um seculo. Antes disso, já o sul do país, desde o quarto governador geral, começára a desligar-se da administração do norte: a chamada Repartição do Sul, criada nos principios do seculo XVII com o fito de dar uma intensidade excepcional aos trabalhos de mineração, em que a côrte punha ansiosamente todas as esperanças, afastou São Paulo do resto da colonia. Pois bem: tudo isso não conseguiu sequer afrouxar as relações de união e solidariedade que a metropole mourejava por dissolver. Ella começou e acabou desilludindo-se do intento, e começou quer mesmo aqui dizer — começou pelo principio, pois é sabido que o trabalho de desaggregação data dos primordios da colonização, isto é, da época em que se adjudicou a terra a capitães donatarios. Para prevenir entendimentos e allianças que pudessem comprometter ou pôr em risco a supremacia do suzerano, prohibiam-se relações de qualquer entre os vassallos aquinhoados: devia cada um ficar no seu feudo e só se relacionar directa e exclusivamente com o senhor soberano. Conseguiu tal o rei português? Mas nem isso era humanamente possível, desde que era a mesma a gente que se encontrava em todas as capitánias. Desde os primeiros dias — não era preciso que a côrte de Lisbôa ordenasse ou prohibisse — os co-

lonos de uma nunca esqueceram que o primeiro dever era amparar, em todos os perigos, os irmãos das outras. De modo que se deve ter como certo que, quanto mais a metropole trabalha por desunir e insular, mais vae unindo e congraçando. A prova de que nas incongruencias do systema acabou a metropole por uma desillusão cabal, vamos ter no ultimo dia da colonia. A revolução do Porto veiu, ainda uma vez, lançar a cizânia no espirito de todo o país, tentando desligar de quaesquer liames politicos, que pudessem prendê-las a um centro de direcção na propria America, cada uma das nossas provincias. Houve certas desordens em muitas dellas, mas attribuidas a hesitações, que o desconhecido inspira, do que a motivos ponderosos oriundos do espirito geral. Houve-as, não ha duvida. Mas muito se enganaria quem quizesse, como naquelle tempo pretenderam as côrtes constituintes de Lisbôa, vêr nessas discordias um signal de que se tivesse, afinal, rompido o antigo permanente equilibrio de consciencia entre todas as populações. Passado o susto da refréga, tudo voltou a ser o que vinha sendo desde 1500. E, em 1822, todas as provincias, do Amazonas ao Rio Grande, eram tão brasileiras como tinham sido sempre — tão unidas, tão solidarias, tão fraternisadas como sempre foram. Eis ali o que é preciso não perder de vista para ter-se uma idéia exacta de quanto significa esse phenomeno da

unidade moral servindo de base á integridade politica que durante seculos se conservou nesta grande porção do continente.

AMADOR BUENO, O ACCLAMADO

Indicados os esforços que contra a formação da nossa nacionalidade enviou a nossa antiga metropole, durante trezentos annos, vejamos agora outros obices que, no proprio país, se oppuzeram ao nosso sentimento de communhão, e contra os quaes foram sempre poderosos os nexos moraes que nos prendem. Superfluo advertir que, se o espirito de união e o sentimento de nacionalismo perduram em toda a nossa historia, é indiscutivel tambem que tiveram de lutar, principalmente de meados a fins do seculo XVII em diante, contra continuos e obstinados intentos separatistas. Aliás, se não tivesse resistido a taes intuitos, e saído delles victorioso, é innegavel que muito fragil seria a consciencia da nossa integridade moral e, portanto, muito debil e fallivel o poder de collisão do nosso espirito de patria. Felizmente, podemos adduzir tal facto á nossa these para mostrar como é forte, resistente e cabal esta feição do nosso character de povo: o profundo sentimento da nossa unidade, como nação, é uma victoria, em vez de simples fructo de condições de natureza ou de circumstancias politicas. É um triumpho, sim, das virtu-

des que nos são proprias, de qualidades intrinsecas que nos são peculiares.

Ha uma fatalidade no destino brasileiro para a unidade nacional. Quero crêr que não seria necessario percorrer todas as paginas da nossa historia para o demonstrar. Bastaria apontar o facto que me parece mais eloquente, tanto por ser chronologicamente o primeiro entre os que assignalaram o espirito que vive em nós, como por se haver produzido em circumstancias especialissimas, que só por isso lhe dão o valor de uma demonstração irreductivel e decisiva. Refiro-me ao caso de Amador Bueno, o acclamado. Observe-se que, em 1640, devia julgar-se, no animo dos portuguezes (e principalmente dos que se achavam separados da velha mãe-patria pela distancia e pelo tempo), pelo menos amortecido o sentimento nacional. Havia sessenta annos que a soberania de Espanha se esforçava por extinguir na alma lusitana até as tradições de que ella sempre vivera. Em terras do Brasil só se falava em el-rei catholico e o castelhano aqui era o idioma de que se serviam todos, principalmente no sul. Aqui, no meio dos subditos do rei de Espanha, o colono portuguez devia andar mofino e humilhado, como gente que se perdera no caminho da sua historia. É esta, com effeito, a idéia que fazemos da colonia naquella época, e que tudo parece suggerir-nos como natural. No entanto, é falsissima

essa idéia. É exactamente o inverso que se verifica: — a alma portugueza está bem viva sob aquellas apparencias de morte. Ao cabo de mais de meio seculo de eclipse da soberania, está ella tão palpitante como nos grandes dias da dynastia gloriosa. Póde-se dizer que a alma lusitana, passando, no territorio da America Brasileira, a ser a alma da terra, nunca viveu de outro culto que não fosse o da sua gente, acima sempre de todas as circumstancias e de todas as vicissitudes, superior á propria contingencia de instituições. A prova disso não é só em S. Paulo que vamos vêr, e nesta mesma época, que se deve considerar como a mais critica para o caracter e o sentimento dos portuguezes.

Ainda mais abatida do que em S. Paulo (ou em qualquer outro ponto da colonia fóra do dominio hollandês) devia andar, em Pernambuco, a alma da velha Patria, tão espesinhada pela força e arrogancia dos intrusos. E o que seria legitimo suppor ao cabo de tantos annos de imperio do estrangeiro, além de tudo solícito e habil em cancellar, até pelo brilho das armas, como pelo esplendor das artes e magnificencias da vida, o que pudesse haver de fiel ao passado no coração dos submettidos. Ora, sabemos que, em vez disso, se retemperava na consciencia e no sentimento dos pernambucanos justamente os impulsos que se queria matar. Nos offuscantes dias de Nassau, quando o Principe quiz

armar os proprios habitantes das zonas rurales para que, por si mesmos, formassem uma milicia de defêsa da terra, declararam os representantes dos municipios (que elle reunira em assembléa para dar-lhes uma illusão de congraçamento com os usurpadores), e declararam, formal e solemnemente, que acceitariam aquella faculdade de se armarem, e até a admittiriam como um dever, mas contanto que ficasse bem claro... *que jamais se serviriam de taes armas contra o seu rei ou contra os seus irmãos...* Quem era o rei daquella gente? O de Espenha? De certo que não. “Era o seu rei”! Era o “rei” que no seu coração symbolisava toda a sua existencia moral! Era a patria que nunca morrera para aquelles homens! Era a grande familia da velha Lysia, era o culto dos avós, era a gloria dos heróes, era a sua fé immortal, a sua lingua, o seu sangue. Imagine-se a decepção com que o nobre e digno Orange teria ouvido aquellas palavras. E assim como ali, em Pernambuco, no meio das grandezas de Mauristad, devia ella sentir que servia em toda a parte onde, com o poder ou com a astucia de estrangeiros, se encontrasse a alma portuguesa.

Este facto de S. Paulo, porém, quer parecer-me ainda mais decisivo, pelo aspecto imprevisto que ali tomam as manifestações da sagrada velha fidelidade da raça. É sabido que a colonia espanhola em S. Paulo

era importantissima, não tanto pelo numero, mas principalmente pela qualidade das figuras. Havia ali espanhóes entrelaçados com as mais ricas e poderosas familias da capitania. O proprio Amador Bueno, filho de um espanhol, natural de Sevilha, e casado com senhora portuguesa, tinha na sua casa muitos castelhanos, e em grande parte dahi provinha o vasto prestigio e o indiscutivel imperio que exercia na terra paulista. Nada mais natural do que suppôr-se nesse homem uma ambição de mando, que se legitimava, não só pela sua posição, como principalmente pelas condições da colonia. Antes de tudo, a autoridade soberana sempre esteve muito longe. A capitania sempre se governou mais por si mesma do que pelos prepostos de el-rei. Os paulistas foram, em todos os tempos, muito independentes e muito ciosos da sua autonomia. Corria até na Europa que elles, no Brasil, constituiam uma “republica”, e republica poderosa, rica e de vasta influencia em todo o continente. Na época de que se trata, é preciso não desprezar ainda uma circumstancia que devia ter tornado muito forte esse sentimento de liberdade. Havia 60 annos que o rei que governava no Brasil, como em todas as outras possessões da monarchia, não é rei portugês. Se S. Paulo, ao cabo deste longo eclipse de sua vida sob a tutela de outra majestade, não é ainda um Estado livre, é porque a capitania

é tão senhora de si como se fosse soberana. Dahi para a conquista de uma perfeita separação politica e da plena entidade internacional, não ha mais que um passo. Pois bem, esse passo podia ser dado, então. Recebe-se inesperadamente, em S. Paulo, a noticia da restauração da corôa portuguesa. Nada se sabia quanto ás condições de exito que teria a revolução libertadora. O principe aclamado teria forças para fazer-se respeitado em todo o vasto dominio? A Espanha ficaria impassivel ante o movimento armado com que se lhe rebate ao que tem feito em mais de meio seculo pelo povo portuguez? Nada disso se sabe. Deante da incerteza do futuro, nada mais simples do que se effectuar o que já andava, por assim dizer, no espirito da terra. Fazer de S. Paulo, já autonomo como capitania, uma nação soberana, era o expediente mais natural e mais simples naquella conjunctura. E porque não se tornava effectivo esse expediente? Porque no fundo da alma paulista, muito mais forte que todas as illusões, que todas as seducções daquelle ideal, havia o sentimento da patria commum, da patria de todos os portugueses. São Paulo, só por si não era o Brasil. São Paulo era apenas a terra da familia, mas a patria de todos — paulistas, pernambucanos, paraenses, todos — é a grande patria, é o Brasil todo unido, com uma só alma, com um unico pensamento — que é o da raça, o da

religião, o da lingua — nexos moraes indestructiveis e que não ha ambições, interesses ou calculos que possam abalar.

Eis ahi porque não encontrou apoio no coração de Amador Bueno aquelle intento, com todos os ares de legitimo, de fazê-lo rei ou chefe, que seja, de um Estado que ficasse livre de tutela, que não fosse mais espanhol nem portuguez, e não tivesse mais metropole fóra da America. Se se tratasse de todo o Brasil, as coisas correriam de outro modo. Mas desprender-se da sua gente, separar-se das demais capitánias e ficar no meio da propria familia brasileira como estranho, como irmão emancipado, indifferente á submissão dos demais irmãos — isto é que não seria digno dos paulistas, e foi o que Amador Bueno se recusou peremptoriamente a fazer. O instincto da união sagrada esteve, naquelle momento como sempre, acima de tudo, e manifestou-se no grito com que revidou a ansia das acclamações — pela velha fidelidade ao nosso rei, que era o symbolo da existencia nacional restaurada e rediviva.

O INSTINCTO DA UNIÃO SAGRADA

Como esse facto da nossa historia, ha outros muitos de que resalta flagrante a consciencia da nossa solidariedade de povo frustando tudo que se pudesse fazer com sacrificio desse forte e vigoroso impulso,

que tem sido a nossa vida em quatro seculos de labor, de fé e de heroismo. Entre os movimentos mais característicos desta ordem, depois da nossa Independencia, estão, principalmente, o da *Confederação do Equador* e o da *Revolução Riograndense*. O primeiro é de uma eloquencia cabal pelas circunstancias excepçoes em que se deu. Sabe-se qual era a situação do país no momento em que Paes de Carvalho levantou em Pernambuco o brado da separação, apoiado logo pelas provincias que foram na historia satellites da gloriosa terra do padre João Ribeiro, uma das mais lidimas figuras do martirologio republicano. Acaba de dar-se a dissolução da Constituinte. Em todo o país lavraram queixas e suspeitas terriveis contra Pedro I. O heróe do Ypiranga havia perdido toda a popularidade absorvente de dois annos antes. Pareciam quebrados todos os laços de união entre as provincias; e só num sentido dir-se-ia que persistiam os velhos liames moraes da nacionalidade — no pensamento de resistir aos intentos do Imperador. Ainda hoje parece-nos inverosimil aquella facilidade com que o governo imperial conseguiu soffocar os protestos; e chega-se a não comprehender como é que não vingou aquelle plano de segmentação de norte a sul, favorecido por tantos elementos e posto em pratica num instante em que vinha como que correspondendo ás disposições geraes no animo publico.

Os que estudarem este facto nas suas origens, e principalmente no seu character historico e nas linhas do seu desdobramento, hão-de apanhar no fundo de tudo, como subsistindo para dar a solução que se teve, o mesmo espirito que tem regido toda a nossa historia, e que neste tempo em Pernambuco, melhor do que nunca, pareceu assumir o aspecto de uma nova modalidade da nossa consciencia nacional. Tem-se de crer que os velhos sentimentos em que se concretizou o instincto da raça trasladada para aqui passaram a converter-se num como escrupulo supersticioso da unidade moral que vive em nós e zomba de todo o intento de esphacelamento. E digam-nos os que melhor entenderem a nossa alma de povo se o que até hoje mantem o Brasil unido não é essa superstição do destino, que nos leva a não conceber patria e nação senão a nação inteira e a patria cohesa, unida, indivisivel. Como a *Confederação do Equador* póde considerar-se a *Guerra dos Farrapos*, que, em quasi dez annos, não pode matar, no animo daquella sub-raça quasi desnacionalizada das fronteiras, a semente que subsistia lá muito no fundo das populações desgarradas. Ora, como é possivel que o Imperio dêsse cabo daquelles gauchos sem contar com o que se guardava na alma brasileira dos riograndenses? Graça Aranha affirma que “a luta do Rio Grande do Sul para permanecer brasileiro, ven-

cendo o destino geographico, veiu attestar a força tradicional luso-brasileira, que encerra dentro do massiço do Brasil uma nação uniforme pela lingua e pelo espirito”. Tem ella razão em dizer ainda que “a unidade moral, politica e historica da nação é o effeito espiritual da unidade de raça, que é o principio creador do país”.

O REGIME FEDERATIVO

Aqui temos agora a ultima prova, a mais perfeita e cabal de que é o sentimento da nossa historia que tem conservado o Brasil integro, unido, solidario e indestruível na sua unidade nacional até hoje. Esta ultima prova foi a Republica que nos deu, e está dando cada vez com mais conhecimento da sua prudencia ou então cada vez mais confiante na força dos nexos psychologicos que nos prendem de norte a sul. O novo regime começou fazendo a federação. Essa fórma de instituição póde apresentar algumas vantagens actuaes, mas esses proveitos são, no entanto, mais illusorios que verdadeiros, porque o systema federativo cria pela sua propria natureza uma facilidade incontestavel ao desenvolvimento do espirito regionalista. Não satisfeita com a fórma federativa, a Republica tem feito e cultivado uma federação absurda pela desigualdade em que põe de facto as unidades federadas. Já não

falemos na face politica da questão: o lado economico é muito mais interessante. Ora, o thesouro federal recolhe impostos de todos os Estados, e depois applica como lhe parece o producto desses impostos pelo Estados que tem mais força. Isto de Estados que tem mais força politica é uma anomalia de tal ordem que não se sabe como explicá-la num regime a cuja natureza intrinseca todos estão de accôrdo em attribuir o maximo de equidade e de justiça que é possivel na ordem politica. Como é que se justifica esse absurdo de Estados mais fortes e Estados mais fracos pela sua representação, se a entidade "Estado" é uma só, e no scio ou na vida da federação nenhum póde valer mais do que outro? Se na esphera economica, ou no dominio administrativo, a incongruencia do regime ahi se denuncia, ainda na ordem politica vamos encontrar o que ha de mais especioso em instituições que miram corrigir as aberrações do governo monarchico. Pensar-se-á porventura que todos os Estados se governam por si proprios? De certo que Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia, até certo ponto, se póde admittir que façam a sua politica domestica e formem os seus governos. Os demais bem sabemos como vivem. Hão-de andar com o governo federal, como este entender, e segundo a sua orientação. Se se afastarem do programma, se não estiverem em boas rela-

ções com o governo central, pódem dizer adeus á sua “autonomia”, curiosa autonomia que vive enquanto a deixam viver. Mas os proprios grandes Estados teem de portar-se com muito juizo. Qual delles é capaz de viver sem accordo com o presidente da Republica? Ora, uma federação onde só ha um governo de facto, que é o federal, e um só poder “que póde”, que é o executivo federal — é o peor dos regimes concebiveis para o sentimento da união, pois este só deve apoiar-se na justiça, na liberdade e no respeito ás leis. Pois bem: ao cabo de 30 annos de regime dispersivo, desaggregador, o espirito nacional apparece tão forte como sempre. Não houve, até o presente, esforço que pudesse dissolver no Brasil os vigorosos nexos de sangue, da lingua, da religião. Desta arte, era de esperar ao menos que os directores da nossa politica não se esquecessem de que ahí é que está a nossa grandeza, já que não querem cultivar o nosso maior e mais valioso patrimonio historico.

JOSÉ BONIFACIO, GUARDA DA NAÇÃO

Foi com grande satisfação, repito que me associei a esta festa, e muito lhes agradeço a ventura de ter conhecido o torrão natal de um dos mais notaveis constructores da nacionalidade. José Bonifacio, que teve um papel saliente na formação politica do Brasil, repre-

sentou principalmente na evolução do povo brasileiro a idéia de uma patria unida, forte e indissolúvel. Fez-se elle o guarda sempre vigilante da nação brasileira. Nabuco, falando um dia no *Lincoln Republica Club*, de New York, acerca da influencia de Lincoln, lembrou que esse grande homem incorpora não só a grandeza da patria como o espirito da união nacional americana contra a idéia perigosa do separatismo local, e, o que mais é, incarna o direito e o dever dos paizes de combaterem a descentralização no seu seio. Ora, o mesmo se póde dizer de José Bonifacio, porque a sua acção foi centralizadora por excellencia, visando sempre estabelecer uma união mais solida entre as varias provincias, e da sua politica surgiu a nacionalidade brasileira, organizada num dos maiores imperios territoriaes. Sem elle, a unidade nacional não passaria de um mytho, o nosso systema constitucional seria fragil estructura da nação, a nossa nacionalidade teria se fraccionado em varias republicas. A José Bonifacio devemos o serviço inestimavel de haver fixado definitivamente o caracter da civilização brasileira. A maior herança que teve a Republica, do Imperio, foi sem duvida a que nos legou a centralização, que muitos julgaram exaggerada. Assim, se no seculo XVII, em virtude do resolutivo espirito de lealdade de Amañor Bueno, não tivemos na America Brasileira duas sobera-

nias, graças a José Bonifacio possuímos hoje uma pátria immensa, unida indissolúvelmente, e não um conjuncto de pequenas pátrias, hostis entre si, máo grado a raça, o passado e as tradições que lhes são communs. Os que imaginam o absurdo de um Brasil dividido em duas pátrias differentes, que seriam o Brasil e S. Paulo, ou o Brasil-Norte e o Brasil-Sul, enganam-se profundamente. Superficiaes e irriquietos, ignoram a lei de progressão nacional que preside ao desenvolvimento espirital do mundo brasileiro, em que tudo fala pela indestructibilidade da cohesão nacional, obra insigne da raça e orgulho da nossa gente, e, portanto, desconhecem os élos secretos que prendem paulistas, pernambucanos, maranhenses e gauchos. Filhos da mesma terra e ramos do mesmo tronco racial, temos sabido conservar integro esse immenso patrimonio territorial que nos transmittiram os nossos maiores, ao cabo de lutas prolongadas e de sacrificios de toda a especie, contra invasores terriveis que surgiam de todos os lados. Dahi acreditar firmemente na fidelidade paulista á politica do integralismo nacional, necessaria á grandeza indefinida da pátria brasileira, que nos apparece com a aureola da opulencia e da esperanza. São Paulo tem a consciencia clara do nosso papel na historia, e nunca commetteria o erro de attentar contra a brasilidade, que elle tanto concorreu para criar com o

seu patriotismo, a sua vitalidade e a sua intelligencia. São Paulo, que representa uma formidavel massa de energia, de riqueza e de força humana, irrompeu das montanhas de esmeraldas e de ouro do Brasil, como uma dadiua preciosa á raça que devia eternizar o espirito da nossa terra, a alma nacional. Portador daquella invencivel disciplina que venceu a natureza barbara e imponente, conservador das tradições e dotado de um dynamismo excepcional, São Paulo representa na Federação Brasileira um logar de destaque insubstituivel, ao mesmo tempo que constitue um dos mais poderosos bastiões da nacionalidade. O prestigio da grandeza paulista envaidece o vicentino, mas eleva o brasileiro, que, como elle, se sente filho da mesma grande e bella terra, e nesse mysticismo physico reside a garantia da progressão do sentimento nacional. Tenho, pois, como simples phantasia a idéia separatista no Brasil, absurdo criado por uma minoria insignificante, sem expressão politica ou social, divorciada do sentimento geral da nação, em berrante contraste com as tradições do nosso passado e com as aspirações do presente, e se me afigura até offensa aos melindres dos paulistas, brasileiros como os que mais o são, pelos altos exemplos de patriotismo que sempre deram nos momentos difficeis da patria. Tal receio de um movimento que biparta o país, repito, não possui fundamento

sério, e, passada esta hora de duvidas e terrores, veremos que nos une tudo quanto parece separar-nos. O Brasil, fiél á sua lei de constancia vital, continuará “ad multa seculae” — unido, forte e indissolúvel, porque tem em seu favor a unidade da raça, da lingua, da religião e da tradição. Vistes em que circumstancias felizes elle se conservou coheso em nossas mãos até o presente, graças a um espirito nacional muito precoce. Não só a physionomia physica do continente brasileiro, máo grado a sua diversidade, predestina o país a resistir a uma disparatada politica com tendencia a gerar differentes destinos geographicos, mas ainda a : nossa historia é um dos mais profundos testemunhos da victoria do espirito nacional contra a tendencia separatista. Além disso, como bem lembra um dos nossos publicistas mais esclarecidos, o fraccionismo, hoje, é impossivel, não só porque seja profundo o espirito nacional, como tambem porque estabeleceu na actualidade um processo de selecção para as nacionalidades, uma eugenia collectiva que facilita a absorpção dos fracos pelos fortes.

A DEFÊSA DA UNIDADE ETHNICA

Não é a illogica idéia separatista que nos deve impressionar: ella, para bem nosso, só existe na esteril imaginação

dos desoccupados mentaes. O que importa essencialmente a uma nação é escolher, crystalisar, apurar os elementos necessarios á unidade ethnica afim de assegurar a eurythmia da vida nacional. O problema mais interessante da civilização brasileira vem a ser, portanto, a fixação das linhas definitivas daquillo que constitue o “quadro nacional”. Não ha maior perigo para a personalidade brasileira que o trabalho solerte daquelles que se apoderam da terra pela accumulção de riqueza ou pela valorização do nosso sólo. Ha mister, pois, todos os resguardos para que o Brasil não se desnacionalize e não se desintegre do cósmos latino, porque a latiniidade é ainda o seu maior encanto, e possa realizar soberanamente o seu maravilhoso destino humano. Nesse sentido, ouçamos a voz do mestre, que nos deu a honra de sua presença nesta festa, quando, na “Esthetica da Vida”, mostrou o que este momento do Brasil reclama: — “Reforcemos o quadro da nação. Não permittamos que dentro delle reine a alma de outros povos e a nossa propria alma seja expulsa e exilada da terra que lhe creou a expressão ainda incerta, mas ardente e luminosa. Emquanto não tivermos, solidas, as fronteiras moraes da nação, emquanto o quadro que encerra a patria não fôr rijo e inquebrantavel, fechemos a porta á invasão, defendamos a fragil muralha, solidifiquemos a argamassa, e seja tudo impe-

netravel ao sentimento estrangeiro. A peor invasão é a que se infiltra no sentimento, a que transforma a alma, trasmuda a poesia secreta da sensibilidade, dá outro rythmo ao sonho, transfigura o pensamento. Há um destino geographico na terra brasileira, ha o impulso do progresso material para o qual o estrangeiro é util. Mas a alma de uma nação não está num pé de café. Cuidado, economistas, industriaes, negociantes, gentes traficantes, pelo vosso espirito de compromisso não sois os zeladores da nossa personalidade. E se nesse amalgama de sangue e corpos disparatados, nessa confusão de desejos e realidades, não formos os mais fortes, a terra, onde foi o nosso Brasil, será mais rica, mais prospera, espantará o mundo com os seus prodigios industriaes, porém, já não seremos nós. Tudo se romperá no curso do tempo. O futuro não entenderá mais o passado”. Tem o genio de Graça Aranha, como vêdes, o segredo de inspirar taes affirmações, e oxalá suas palavras energicas, que têm o perfume e o sabor capitoso do entusiasmo, dilatem o dominio das nossas precauções e dos nossos cuidados. O Brasil, que é o herdeiro e continuador do genio latino, no novo continente, quer ser eterno, e para a conquista dessa immortalidade é preciso que todas as forças espirituaes da nação harmonizem o homem brasileiro com a natureza americana. Sejam, pois, os nossos votos para

que o sentimento de unidade nacional, sempre persistente, tenaz e immorredouro através das vicissitudes da nossa historia, se torne cada vez mais forte, mais intenso, mais luminoso, e possamos realizar o poema da força, da belleza e da alegria, que será a America Brasileira de amanhã.

O LIBELLO NATIVISTA CONTRA OS PORTUGUESES

Ha, no seio desse nacionalismo artificial, apaixonado e aggressivo, que tanto nos vexa, um grande prurido de antipathias contra os portuguezes. Dir-se-ia que estamos ainda nos velhos tempos da colonia, quando resurgiam a todo instante, entre filhos da terra e portuguezes adventicios, certas rivalidades que o tempo afinal se incumbiu de desvanecer. Naquelle época era natural similhante competição, oriunda do espirito de dominio que o reinol não sabia disfarçar e com que os brasileiros se irritavam muito legitimamente. Hoje, porém, tentar, contra tudo o que é razão e bom senso, reaccender as antigas prevenções entre um e outro povo, é o que póde haver de mais injusto e clamoroso. Nem haveria nada mais absurdo do que assentar as bases desse pretenso nacionalismo num odio gratuito contra aquelles mesmos de que descendemos e que

foram incontestavelmente os fundadores da nacionalidade.

OS PORTUGUESES E A NOSSA ECONOMIA CIVIL

Vejamos quaes as razões em que se presume encontrar apoio para a guerra de morte que se quer declarar aos remanescentes da raça, cujo formoso e nobre sangue nos corre nas veias. A mais commum é a velha queixa, que se faz contra o portuguez, de haver este tomado conta de todos os trabalhos que entendem com as necessidades da nossa economia civil — commercio de varejo, pequenas industrias, artes mecanicas, serviços domesticos, etc. Note-se antes de tudo que é só no Rio de Janeiro, e em algumas outras capitães, que se encontra o portuguez exercendo quasi o monopolio desses empregos. Em todo o resto do país, o portuguez tem, como todos os demais immigrants europeus, a sua função regular e proficua em nossa economia interna: é lavrador, é industrial, é proprietario, é artezão, é banqueiro, é commerciante. E não consta que produza menos que outra qualquer das raças que nos procuram. Mas então, porque é que só na capital da Republica principalmente tem o portuguez a preeminencia que tanto irrita os que o combatem? É facil de ver. É porque aqui se encontra a nossa “aristocracia” official e

ociosa, composta de todos os fructos da burguezia, cheia de orgulho e de todas as superstições da posição, da classe, da familia. Essa burguezia florecente procura os titulos academicos, os empregos publicos, o *dolce far niente* da politica. Ninguem quer saber de trabalho, nem de mistér “desnobilitante”. E, neste caso, quem é que havia de tomar o encargo das funcções humildes se não os colonos que melhor se adaptam ao nosso meio, porque falam a mesma lingua e pertencem á mesma familia? E, *ultima ratio*, porque é que os nossos nacionaes não entram em competiçãõ com o portuguez? Este não é amparadõ de leis especiaes; não exerce influencia nos poderes publicos, porque não se envolve em politica, nem ao menos tem a vantagem de contar com a protecção de uma diplomacia poderosa; como é então que o portuguez “monopolizou” em nossa vida economica trabalhos ou serviços que ninguem quer exercer e que elle executa porque se sente apto para todas as actividades e encontra para isso todas as veredas abertas? Reduz-se, pois, a um perfeito ridiculo esse absurdo clamôr contra um povo que toma entre nós um logar desoccupado. Acabemos com essas estulticias. Muito mais prepondera em nossa economia, e até em nossa vida e em nossa politica, outra gente de que os novos nativistas não se querem aperceber. E não se apercebem, antes de

tudo, porque nunca se esquecem de que essa outra gente tem a guardá-la sempre uma poderosa razão, que continúa a ser ainda no mundo um grande motivo de condescendencia e até de sympathia: a razão da força.

OS ARTIGOS DO LIBELLO NATIVISTA

Objecta-se-nos que não é contra o trabalho do portuguez que se clama, e sim contra o “vicio luso”. O “vicio luso” consiste: 1.º, na união em que vivem aqui os colonos portuguezes, protegendo-se uns aos outros e continuando a amar a terra de Portugal; 2.º, na aversão, que querem a força inculcar como sendo o sentimento dominante entre os portuguezes, a tudo que é brasileiro; 3.º, no cuidado com que os portuguezes canalizam para Portugal as fortunas que arranjam no Brasil; e 4.º, nas mazelas que inquinam o elemento portuguez de uma inferioridade clamorosa como raça. Nem seria necessario examinar esses artigos de tão injusto libello: bastaria o seu enunciado para pôr flagrante toda a sua iniquidade. Querer-se-ia, porventura, que os portuguezes aqui se detestassem uns aos outros, para só amar a nova terra, esquecendo logo a patria, que é não só dos seus avós, mas sua propria? Seria então uma grande virtude de bom sangue essa de esquecer e menosprezar o seu país e a sua gente desde que encontre aqui mais fortuna do

que lá? Mas então, como é que se não increpa o mesmo "vicio" a outras raças que o ostentam a nossos olhos muito mais que o português? Quem se lembra de accusar o alemão por que ainda hoje tem o culto do kaiser? E do italiano então? Ainda não ha muito tempo, em um concurso para o magisterio, no mais importante dos nossos estabelecimentos officiaes de ensino secundario, um dos candidatos reclamou com ufania a sua qualidade de compatriota de Vergilio... E todo o mundo o ouviu sem grande espanto, e até rendendo ao corajoso filho de Mantua homenagens de admiração pela sua virtude de raça forte. É assim: o que nuns é excellente, é noutros odioso... O que no português é "vicio", no italiano é "virtude"... O segundo artigo do libello é de uma impiedade estupenda. Dizer que o português tem aversão ao Brasil é o que ha de mais insano e repellente em materia de calunnia. O elemento ethnico que avulta no caldeamento de sangues que se faz no Brasil é ainda o português. Que nos apontem uma familia brasileira, uma só, que não tenha entre os seus antepassados um patriarcha da velha Lysia. Que nos mostrem quantos portuguezes, entre os que se fizeram ricos aqui, preferiram ir formar familia em Portugal. Será possível que revele aversão pela terra que o hospeda o homem que forma aqui o seu convivio moral? que funda sociedades e "clubs"? que

mantém casas de educação, recolhimentos, hospitaes, beneficencias? Que nos venham dizer e provar que outros fazem ao menos outro tanto. O terceiro *item* da accusação é curioso como requinte de illogismo. Affirmam os nossos disparatados lusophobos que os portuguezes ganham aqui e remettem para Portugal os seus lucros. Antes de mais nada, a falsidade da increpação resalta de um simples relance sobre a maior das culpas que se costuma lançar á face da colonia. Todos os nativistas se queixam de que os portuguezes, além de haverem açambarcado o commercio de varejo, ainda monopolisaram as construcções urbanas. E é certo. Raro será nesta cidade o inquilino que não tenha senhorio portuguez. Quasi a totalidade das casas que se edificam no Districto Federal pertencem a portuguezes. Todo portuguez que prospera aqui cuida logo de fazer-se proprietario. Mas então: como é que dando assim applicação aos seus rendimentos, ainda o portuguez tem o que remetter para a Europa? E com que beneficios faz elle essas remessas quando é certo que póde collocar aqui mesmo os seus capitaes e com grandes vantagens? Admittamos, no entanto, para argumentar, que é verdadeira a arguição de que o portuguez ganha aqui mas remette os proveitos para lá... E as outras colonias

que é que fazem? E as grandes empresas inglesas, francesas e americanas que operam no país empregam aqui os seus lucros? Seria interessante uma estatística deste género: só assim veríamos quaes são os estrangeiros que pesam mais no nosso balanço economico. Basta ver o seguinte: enquanto o dinheiro português, proveniente de Portugal, aqui empregado em empresas industriaes, commerciaes, bancarias e outras, representa uma cifra insignificante, que pôde ser estimada, em menos de 100.000:000\$000, moeda brasileira, os capitaes ingleses invertidos no Brasil, principalmente em titulos da divida publica, attingem a cerca de 250.000.000 esterlinos; os franceses se elevam a perto de 3.500.000.000 francos, e os americanos a mais de 300.000.000 de dollars, ou sejam, tudo somado, ao cambio actual, approximadamente Rs. 12.840:000:000\$000, quantia esta que, a juro médio de 7 %^o, nos custa annualmente cerca de 90.000:000\$000. É assim, pois, como Portugal apparece sugando o nosso sangue, não precisando tambem muito esforço de intelligencia para verificar-se que a riqueza dos portuguezes residentes no nosso país é parte integrante da actividade nacional, que não sofre nenhum desfalque com as pequenas remessas periodicas de dinheiro para além-mar que regista a nossa estatística. Bem

haja o esforço lusitano no Brasil, e que a calumniada colonia continue a onerar a nossa economia como o faz presentemente.

A INFERIORIDADE DA RAÇA

Em ultimo logar vem a pedra fundamental, a da inferioridade da raça. . . Ora, a questão de raças superiores e raças inferiores, ha muito que já passou, e não seremos nós que iremos rebater o archaico absurdo. Agora, se se quer pensar e concluir com razão clara e gravidade, que se nos fale de raça mais ou menos efficiente. Aliás, mesmo sob este aspecto, para julgar com justiça uma raça é preciso pôr em equação os varios factores que entram na obra de todos os grupos humanos, taes como as circunstancias historicas, o *habitat*, etc. . . Mas, pondo de lado tudo isso que nos levaria muito longe, nada nos parece mais facil do que demonstrar que o portugûês não tem sido no mundo menos efficiente do que todas as outras gentes, nem as proclamadas como as mais fortes e constructoras. Foi o portugûês que nos seculos XV e XVI chamou para a historia e para o dominio humano mais de duas terças partes do globo. Qual é na Europa a nacionalidade que revelou mais coragem no desvendamento de mares desconhecidos? Qual foi o homem que assombrou o mundo com a gigantesca epopéa maritima, e perlus-

trou a terra como numa formidavel cavallaria do universo? Vindo do oceano, o portugês investiu as florestas da America. Dentre os colonizadores, qual foi o que levou com mais heroismo e com mais consciencia da sua função a obra de civilizar o pobre indigena americano? O inglês, no norte, espoliou, sacrificou, destruiu, levou a ferro e fogo o incola espantado e perdido, e o espanhol foi de uma impiedade e fereza repellentes, e deixou em todas as terras por onde entrou, como lendas sinistras do seu imperio, os Caonabos, as Anacoanas, os Montesumas e Guatimosins, os Atahualpas, os Lautaros e infinidade de outros martires. O portugês, entretanto, penetrou aqui conservando o seu equilibrio moral, e em parte alguma ficaram lembranças sacrilegas que o façam corar. Significa isso que a raça lusitana nada perde em cotejo com os demais povos que conquistaram a America. Será, por acaso, a obra do portugês, no Novo Mundo menos grandiosa que a dos outros? Que respondam os proprios arguidores, e nos digam se o Brasil é o país mais atrazado do continente.

O QUE DEVE O BRASIL AOS PORTUGUESES

Aos portugueses devemos, digamos sem euphemismos, a grandeza da terra, unida e identificada pelo sangue e pelo espirito da patria, e a opulencia da nacionalidade. Ten-

do conquistado esta porção oriental da America e só á custa do esforço, coragem e tenacidade, perseverança e trabalho constante, elles nos legaram, após tres seculos de sacrificios, um Brasil grande, forte, integro e prospero. Quaesquer que forem os seus erros e as suas faltas, que são muitos, é absurdo negar que, com o sangue generoso e heroico, elles nos transmittiram todas as qualidades primaciaes da gloriosa estirpe que deu Nun'Alvares, o Infante Henrique, Camões e Vieira. Chega, portanto, a ser vilania essa injustificavel postura dos falsos nacionalistas. É preciso que voltemos a nossa consciencia para a historia, e que façamos justiça aos nossos avós, aquelles de quem herdamos todos os impulsos e todos os predicados que nos tornaram aptos para realizar na America esta grande obra de renovação da raça latina. A grandeza da nossa nacionalidade tanto enaltece o patriotismo dos brasileiros como justifica o orgulho dos lusitanos e o sentimento do nosso remoto passado, com os seus heroismos, as suas gloriosas tradições, os seus sacrificios e as suas virtudes é indispensavel á continuidade da nossa historia e á permanencia da unidade nacional.

II — O FACTOR GEOGRAPHICO NA
POLITICA BRASILEIRA



O FACTOR GEOGRAPHICO NA POLITICA BRASILEIRA

NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO,
ACS 22 DE JUNHO DE 1921

Conferindo-me a Sociedade de Geographia a elevada distincção de receber-me no seu seio, não pretendeu recomendar serviços, porque não os apresento, nem galardoar meritos, porque os não posuo. Quiz ella apenas, estou certo, exprimir a sua estima pelo meu mofino labor mental, rico tão só de inquebrantavel confiança no futuro desimpedido deste immenso e privilegiado país, que do Amazonas ao Prata se estende ligado pelos nexos indissoluveis de uma mesma fé religiosa, de uma mesma lingua e de uma mesma tradição. Enobrecido e exaltado por honra tamanha, bem filha da generosidade, deu-me ainda assim o peso da responsabilidade de collaborar comvosco no cumprimento de um programma, que, com

ser benemerito e seductor pelo seu objecto, é arduo pela competencia que exige nos executores. Agora que vos agradeço a dadiva de vossa condescendencia, prometto-vos tratarei de merecê-la, transformando-a em estímulo aos meus esforços, ás minha ambições ou ás minhas audacias. Não vos illudaes, porém, acerca do quanto valho: escriptor de magras letras, homem de parco saber e pouco engenho, que suppre a sciencia pela consciencia, obreiro modesto da nobre cruzada pelo progresso politico e moral da patria, que deseja grande, forte e altiva, posso com o poeta dizer:

Só do labor geral me glorifico :

Por ser da minha terra é que sou nobre,

Por ser da minha gente é que sou rico.

A SOCIOGEOGRAPHIA

Ha certa ordem de estudos de sciencia social que parecem ainda novos no Brasil, e muito principalmente entre os estadistas e politicos, aquelles sem duvida a quem mais deviam interessar: são os que se referem ás connexões e relações em que se encontram os dois factores de toda cultura — o Homem e a Terra. No entanto, o conhecimento physico do país, nas linhas physiographicas dominantes e nos traços permanentes mais caracteristicos, dando-nos

a consciencia nitida de suas forças vivas, com ser imprescindivel para melhor comprehender-se o determinismo da vida do superogonismo, empresta a toda construcção politica sua belleza, determina-lhe o justo valor e fixa-lhe o ideal. A geographia de um povo resume positivamente a sua historia, prefigura e amplia os seus destinos com o rigorismo de uma formula mathematica e é o espelho que reflecte as energias psychologicas da nacionalidade. Assim, o verdadeiro progresso politico de um Estado presuppõe a adopção do criterio geographico por parte dos creadores de valores sociaes, e no inverso, quando não apparece concordancia entre a organização politica e a estructura natural, esse desequilibrio é fonte de erros funestos. Só para chegarmos a esta conclusão elucidativa, fôra opportuno assignalar o contraste, tão illustrativo quanto surpreendente, que offerece o nosso país, divorciado quasi absolutamente de sua geographia. Na vibração genesica dos rythmos da vida nacional deve haver um accôrdo, poderoso e espontaneo, entre o espirito territorial e a alma da raça, entre a Terra e o Homem. E é a geographia politica o interprete esclarecido dessa correspondencia harmoniosa, criadora da força inexpugnavel que protegerá a nossa finalidade contra as influencias estranhas, insidiosas e dissolventes, que solapam e desagregam o sentimento organico das collectivi-

dades, e revigorará, mediante a crystallização do principio federativo, a essencia nacional, o prestigio da unidade patria.

A doutrina, relativamente velha, da geographica politica, que é no dizer de Walter Tower, a cupola de todo o edificio da sciencia geographica, e, portanto, o campo mais fecundo aberto aos estudos sociaes, é a mais solida base da concepção do Estado moderno, que adquire cada vez mais um valor universal e perpetuo. Napoleão, que teve um subtil entendimento dos factores naturaes, numa das suas cartas, dataua de 11 de novembro de 1804, (*Corresp. II*, 59), affirmou que a politica dos Estados estava dentro da sua geographia, phrase esta que lembra um postulado do determinismo geographico, que, embóra se pretendesse negá-lo á escola historica, como natural reacção contra os abusos e o character absoluto de certos enunciados, encerra o sentido das modernas theorias de Ratzel e seus discipulos, que fundiram as duas tendencias antagonicas no conceito integral e tellurico da sociogeographia. Quem poderá, com effeito, contestar que nos caracteres phisicos de cada Estado, não se encontram as normas peculiares da sua politica? O espirito territorial, ou o sentido geographico, como chama Ratzel, que é a idéia força do pensamento moderno, não só apparece na ideologia contemporanea illuminando os historiadores, desde Michelet,

Lavisse até Ritter e Lejeune, os politicos, como Roosevelt, Clemenceau e os chefes do partido colonial francês, e os estadistas que aspiram conduzir a nação pela rota de um progresso solido e duradouro, como ainda vive e alimenta a alma dos povos. Tão funda e tão persistente é a acção desse espirito territorial, que por elle se explicam certas sobrevivencias politicas que não lograram apagar-se no decurso da historia e, ainda mais, d'elle infiltrou-se o proprio direito politico, a tal ponto que um tratadista concluiu que “Nação significa a materia donde as collectividades operam (Mellado: *Derecho Politico*, 169)”. O apparecimento, em 1900, da obra de Frederico Ratzel, *O mar como fonte da grandeza das nações*, impressionou tão profundamente a opinião publica alemã, fazendo-a apoiar a politica naval do imperador Guilherme, que é apontada como um dos antecedentes ideologicos da guerra européa (Moreno Lopez: *Frederico Ratzel*, 14). No hemicyclo de Versailles as coordenadas substituiram as espadas, e na apparatusa discussão dos problemas da paz influiu soberanamente o factor geographico, que conservou a mesma vehemencia da contenda diplomatica do *Congresso de Vienna*. A sorte das nações está inevitavelmente ligada á fatalidade geographica, e é por isso que não concebemos uma politica brasileira alheia de seu mappa, e, por conseguinte, esquecida da

sua preponderante funcção nacionalista: o caso de Tacna e Arica, para não sairmos do continente, é exemplo frisante, por que nelle, como lembra Malagrida (*El factor geogáfico en la politica sudamericana*, 177), se perpetúa o erro de Simon Bolivar ao criar a republica do seu nome contrariando os mais rudimentares postulados da sociogeographia. A geographia é hoje o fundamento da politica e a lei do progresso. O mundo evolve através dos tempos sob a influencia das normas inevitaveis da natureza. Herbertson está com a verdade quando proclama que muitos problemas relativos ao progresso humano e ao futuro dos povos não podem ser resolvidos sem a precisa determinação da influencia geographica. Dest'arte ao formular a nossa these da influencia do factor geographico na politica brasileira, preliminarmente affirmamos e serenamente concluimos que só pela obediencia aos principios da sociogeographia as nações asseguram, com a sua independencia, o seu desenvolvimento e a sua riqueza.

Antes de tudo, cumpre-nos indicar, por amor á clareza e obediencia ao methodo, o que se deve entender por "factor geographico" da sciencia politica. Não se chegou até o presente a um accôrdo neste sentido, e quasi todos os auctores estão longe de serem syntheticos e claros. A classificação de Walter Tower é tão complicada como confusa é a de

Frederico Ratzel, e inutil se nos afigura entrar no emaranhado em que se agruparam os differentes ramos da sciencia geographica, chrismados de *physiographia*, *geoplaneotologia*, *phytogeographia*, *zoogeographia*, *anthroprogeographia*, etc., e incongruencias de similhante inventiva. Renunciamos a examiná-las, inclusivé a de Ratzel, que, pretendendo reintegrar o elemento humano na geographia, estabeleceu a connexão entre os phenomenos physicos e os factos sociaes, não foi mais feliz. A concepção de Ratzel não tem nada de nova, porque, está visto, não se poderia comprehender uma sciencia excluindo o elemento humano. Não estudamos a terra pela terra, senão pelo homem, e para o homem. É o homem o objecto da geographia e não propriamente a terra. Só queremos saber da terra aquillo que interessa ao conhecimento do homem. Nada nos adeantou, pois, o “alto vôo do genio synthetico de Ratzel”. Não ha duvida que melhor, mais clara, mais logica do que estes auctores, ha toda a geographia organisada ha mais de um seculo. A unica novidade que se encontra compendiada nos tratados modernos é a innumeravel cópia de termos technicos para exprimir noções velhas. Vêem-nos elles com theoria do *espírito territorial*, *senso tellurico*, *sentido geographico*, *ambiente physico geographico*, etc., para nos inculcar o que todo mundo conhece por mesologia geral, influxo

ambiente ou mesologico, factores naturaes, natureza activa, acção physica, ou simplesmente *acção natural* ou *meio physico* ou mesmo *meio*. Buckle, ha mais de 60 ou 70 annos, fez muito mais do que Ritter, Ratzel e seus discipulos, embóra, força é reconhecer, tenhamos muita sciencia nova a accrescentar ao proprio historiador inglês. Na sua *Historia da Civilisação na Inglaterra*, começa elle, no segundo capitulo do primeiro volume, por examinar *as influencias exercidas pelas leis physicas sobre o character dos individuos e sobre a organização de sociedade*, e tudo expõe com tanta clareza e tão magistralmente que não deixa margem a controversias.

Ha quem condemne hoje, ou julgue absoleta, a escola historica, porque pretende fundar um “determinismo absurdo”, isto é, um systema ou concepção em que tudo se empresta á physiographia, admittindo um imperio absoluto do meio physico sobre o homem. Não é isso, porém, o que é classico entre os mestres da sciencia geographica, nem foi o que fez Buckle. Não é mais possivel uma sciencia geographica sem a associação dos dois factores — a Terra e o Homem. Esses termos são compensativos: isto é, um tem de supprir, ao menos até certo ponto, as

deficiencias do outro. Como diz um auctor nosso e dos nossos dias, Rocha Pombo, “é facil de ver que se no meio da mesma natureza se abandonassem tres individuos, cada um com o maximo de aptidões caracteristicas da respectiva raça mas sendo — um *inglês*, outro *syrio*, e o terceiro *chim*: é facil de imaginar que esses tres individuos não seguiriam o mesmo caminho, nem venceriam essa natureza do mesmo modo e com igual successo”. Sim: um determinismo absoluto, que não desse attenção ao outro factor, e attribuisse ao *meio* um império omnimodo e completo sobre o homem, teria de exigir no exemplo supposto uma perfeita igualdade de exito sobre a natureza figurada. Mas ali cairiamos no contrasenso. No mesmo meio, uma raça differente produzirá necessariamente differente resultado. E aqui nos perguntam então pela influencia do meio os que não querem associar os dois factores: seria preciso, porém, que a influencia do meio fosse capaz de annullar todo o esforço do homem. Imaginemos que se varressem da China todas as populações chinezas, e sobre aquelle vasto territorio deserto espalhassemos, em vez do 500 milhões de chinezes, 500 milhões de ingleses ou flamengos, ou de alemães... Pergunta-se: essas novas populações construiriam ali uma nova China ou uma Europa nova? É mais do que provavel que nem uma nem outra coisa. Pois se o in-

glês na America não reproduziu a Inglaterra, como havia de reproduzi-la na China? Também é evidente que não criaria uma outra China; isto é, não fundaria uma civilização que se pudesse comparar a dos chinezes. Tão certo é, que, sem contemplar os dous factores, não é legitima nenhuma inducção da terra e da raça.

A verdadeira sciencia geographica tem, portanto, de comprehender todos os ramos que ficam entre a geographia politica e a geographia mathematica: fóra disto, só ha assumptos de geographia, não sciencia geographica. É firmado sobre taes argumentos e principios que temos de construir a nossa theoria do *factor geographico*. Para encontrar o factor geographico em um dado país, precisamos definir o meio physico particular, que nos apresenta esse país; isto é, teremos de estudar-lhe a constituição geologica, a natureza do sólo, a propriedade e a capacidade de producção, o clima, e, em seguida, a flóra e a fauna, o aspecto geral com todas as particularidades e características. E depois, se quizermos ascender até as inducções de ordem social e politica — o homem, as suas origens, a sua vida, a sua historia toda, para sabermos o que deu a terra o que elle não tinha sufficientemente, e o que recebeu della o que lhe era escasso. Estamos, portanto, agora, habilitados a entrar no estudo concre-

to dos accidentes que constituem o nosso *factor geographico*.

O FACTOR GEOGRAPHICO BRASILEIRO

No seu monumental tratado *O Homem e a terra*, escreve Eliseu Reclus: "Territorio muito mais amplo que as peninsulas mediterraneas da Europa, o continente da America Meridional parece tambem destinado a fazer-se uma grande individualidade politica, e entre as causas desse acontecimento, a *unidade geographica* da região tem certamente importancia de primeira ordem. Haverá massa planetaria mais nitidamente desenhada, e mais simples nos seus traços? Em seu angulo no nordeste, uma pequena tira de terra o liga em apparencia ao continente do norte: mas para áquem do isthmo, uma dilatada planicie fluvial, frequentemente inundada (a do Atrato), constitue a verdadeira zona do contorno, mais difficil de atravessar que um braço de mar. É, pois, a America do Sul um mundo inteiramente singular, ao qual as terras do Panamá, do centro da America e do Mexico, igualmente povoados de nações espano-americanas, não se prendem ainda, quer commercial, quer politicamente, senão pela via maritima. A immensa extensão continental da Sul-America, com a alta e poderosa moldura dos Andes e suas prodigiosas bacias fluviaes misturando a larga coma de

rios e ribeiros affluentes, está ainda quasi vazia de habitantes comparativamente com a sua superficie; porém, por mais afastados que se encontrem uns dos outros os grupos ethnicos, sentem-se todos mais ou menos consciencientemente unidos pelos laços de origem; e, falem o portugûes ou o castelhano, todos, brasileiros, argentinos, chilenos, peruanos ou colombianos, se dizem com ufania Americanos do Sul quando em viagem no exterior. Já no tempo das guerras da independencia, as colonias insurgidas tinham tentado unir-se em um vasta confederação: mas os interesses eram ainda tão divergentes, e os meios de communição tão lentos e difficeis, que toda união politica devia ser puramente ficticia. Viu-se até, em cada republica distincta, os diversos centros da vida publica, de Carthagená a Buenos Aires, debaterem-se em guerras civis contra as praticas mortaes da centralização, legadas pelo governo da metropole. Mas quantas mudanças se tem operado depois desse tempo! A vida desses povos se aproxima pelas idéias, pelos costumes, nas duas vertentes dos Andes e nas bordas dos dous oceanos; os centros de vitalidade, tornados similares pelo desenvolvimento intellectual, se approximam pelo vapor: a grande patria sul-americana se torna mais estreita e mais intima de dia para dia. Se os interesses de classe e de poder pessoal e as ambições militares a isso não se oppuzessem ainda, a união já estaria

feita definitivamente. Ninguém duvida de que grandes successos, analogos aos que se produziram para a Grecia e a Italia, venham precipitar um dia a formação espontanea da Unidade Sul-Americana”. Tão fortes apparecem na America do Sul os elementos que constituem a physiographia geral, e tal character de uniformidade apresentam, ou pelo menos tão analogos os differentes meios ambientes nas varias zonas da vastidão continental — que a propria intelligencia visionaria do sabio não duvida afagar e nutrir com a autoridade da sciencia os sonhos de federação americana que têm vivido na alma de tantos utopistas. Realmente o que mais impressiona ao observador, e logo do mais rapido lance de vista, é essa physionomia igual da terra, espessa e uniforme, e só diferenciada em quasi toda a sua amplitude pelas variantes do clima.

Ora, se isso ocorre com toda a America do Sul, vejamos particularmente quanto ao Brasil o que é legitimo affirmar. Não é só a figura do continente que é coordenada com a do Brasil, portanto: ha de se ver que de toda a America do Sul é o nosso territorio o melhor caracterizado como natureza ou meio physico geral, e a tal ponto que poderiamos ser tomado como typo visto á luz da anthropogeographia sul-americana. De um exame rapido sobre o aspecto geral desta porção do continente, notaríamos logo que o nosso immenso territorio se confina, por um lado, a

leste, pelo Atlantico e de norte a sul, e, pelo outro, por essa região maravilhosa que em seu genero é unica em todo o globo — a cordilheira dos Andes, vasta massa de muralhas colossaes que nos separam daquelle outro mundo do Pacifico. Das Cordilheiras para o oriente, o sólo se vem deprimindo até o Atlantico, e nessa extensão, os accidentes de relevo, conquanto variados, se perdem na vastidão do massiço continental, como se tudo se fundisse na grandeza do conjuncto para fazer do nosso territorio uma superficie muito baixa comparada com a zona andina, e quasi, na sua totalidade, uma verdadeira formação sedimentaria, em virtude principalmente daquelle enorme systema de montanhas. Para comprehendê-lo, basta observar que as maiores elevações do sólo desta porção oriental do continente, não excedem a tres mil metros — menos de metade das altitudes culminantes daquella zona. Como nota Rocha Pombo, auctor que nos guiará nesta descripção do nosso mundo physico (*Historia do Brasil*, I, 280), isso não quer dizer que a secção que nos coube na America do Sul seja uniforme como uma planicie. Muito pelo contrario, exceptuada a bacia do Amazonas, e mais uma ou outra região para o sul, o que se vê é que o sólo aqui é notavelmente accidentado, conquanto os nossos systemas orographicos andem muito longe das grandiosas proporções e altitudes descommunaes que apresentam os

Andes. Em toda a parte e até na ampla bacia do noroeste, ha serranias consideraveis, muitas dellas de não pequena extensão e amplitude. Não teremos que citar mais do que a nossa longa cordilheira maritima, que nos guarnece o litoral desde o cabo S. Roque até o Rio Grande do Sul. Ora, o que se apanha de um largo relance, quanto ao aspecto geral, é esse immenso scenario, como preparado propositadamente para primeiro espantar o homem e dar-lhe uma grande sensação de majestade e grandeza. E esta, sim, deve ser a primeira e mais segura inducção a tirar da physionomia da natureza brasileira, do que ella tem de original, de suggestivo, de edificante, como elemento esthetico a actuar na alma do povo que tem de enfrentá-la.

Mas é cedo ainda para induzir. Completamos o quadro. Que venham outros dados accentuar os tons da figura. Vejamos o que nos fornece de particular a formação geologica do continente, e que entre na constituição dos nossos factores geographicos. Já ha alguns annos entendia um dos nossos americanistas que já podemos saber como é que este hemispherio emergiu dos mares silurianos e se foi tornando e integrando até a época presente. Pensa elle (e apoia-se nos mais eminentes homens de sciencia), que do oceano primitivo as primeiras que appareceram deste continente foram as terras do centro e da parte oriental. Os cimos da serra do Mar e da serra do Espi-

nhaço, assim como os da Parima, de certo não tinham a continuidade e extensão actuaes. Deviam ter surgido antes, e ficado por muito tempo, como grandes e até enormes ilhas, insuladas na immensidão. Só depois se levantaram os Andes, a formação orographica mais recente, talvez de todo o novo mundo. Os Andes se ergueram do fundo do velho oceano, por um cataclysmo, por algum phenomeno sismico extraordinario, e como para formar lá da parte do occidente onde ficaram os confins do mundo que nascia, o arcabouço da figura continental, que desde esse momento começou a desenhar-se. Comparativamente com as antigas grandes ilhas que lhe ficavam a léste, os Andes, ao que parece, eram naquella época muito mais altos. Depois se dá o sollevamento das ditas ilhas e das proprias terras submarinas que ficavam entre ellas e o formidavel contraforte de montanhas de leste. A emersão dos Andes foi sem duvida o phenomeno geognostico mais notavel e que mais influencia exerceu na integração da phisionomia continental. Basta verificar-se, por exemplo, que áquellas montanhas é que se attribuem certas singularidades da natureza da America oriental, como, entre outras muitas, a ausencia de vulcões e de terremotos, a mediocridade do nosso systema orographico, a grandeza excepcional e a abundancia de correntes fluviaes, a opulencia maravilhosa da nossa flora, etc. Como nota o auctor a que

tomamos de emprestimo estes dados, o grande Buckle, pretendendo explicar as civilizações do Mexico e do Perú, como factos subordinados exclusivamente á natureza daquelles paizes, cae em exaggero de principio que se não concilia com a sua lucida e profunda visão de sabio. É assim que, sem assignalar muitas outras ingenuidades que lhe escaparam ao espirito de systema, olha Buckle muito curioso (e para isso parece que não encontra explicação), que na vertente do Pacifico não haja grandes rios, e diz até que “as causas de facto tão notavel são desconhecidas”... Observa ainda, com certo ar de quem encara a particularidade como anomalia inexplicavel, que a parte oriental da America do Sul é mais quente do que as regiões elevadas do lado opposto: o que lhe parece uma inversão estranha do que se verifica relativamente á America do Norte, e, sobretudo, em todas as terras do hemispherio boreal, onde, em regra, as costas occidentaes são mais quentes que as de léste. Não precisava Buckle, para entender tudo isso, de mais que pôr os olhos, com veneração e espanto, lá na cyclopica trincheira do occidente americano. Só os Andes lhe explicariam. Quanto ao solevamento do nosso blóco continental, subsequente á emersão dos Andes, e das nossas ilhas, não ha um só cientista que o não reconheça. O professor Hartt, (*Journal of the American Society of New York*, III, 231), e depois delle o Dr.

Liais, na sua *Geologia, fauna e geographia botanica do Brasil*, era de opinião que no fim da idade secundaria ou durante a terciaria, houve um abaixamento em todo o nosso territorio, permittindo o deposito de camadas terciarias nas regiões que hoje constituem as planicies e chapadões das zonas centraes, e que depois houve um solevamento, fazendo as camadas alcançarem o nivel actual de 100 metros approximadamente. “Na ponta das Pedras Pretas (costa de Pernambuco), escreve o Dr. John Branner, (no *Bulletin of the Geological Society of America*), existem varios blocos de trachyte admiravelmente perfurados pelos ouriços marinhos: actualmente, porém, acham-se tão superiores ao nivel maximo do preamar que já não podem mais ser occupados pelos referidos animaes. É evidente que em época pouco afastada occorreu um solevamento de parte desta costa na altura de perto de dous metros”. Nos terrenos do alto São Francisco descobriu Clausen conchas marinhas de grande tamanho. Observa a proposito o Dr. Liáis que a presença de especie marinha em camadas horizontaes ali, e apesar da elevação de taes camadas sobre o nivel do mar, indica sem duvida que o continente, pelo menos uma grande extensão delle, deve ter soffrido mudança de nivel, e isso de maneira regular, como deve ter acontecido, por exemplo, em relação ás *savanas* argentinas. Houve durante o periodo actual, diz igual-

mente o Dr. Hartt, uma pequena elevação do continente, que deixou descoberto depósitos marinhos em muitos logares: e agora, em Victoria, Cabo Frio e Rio de Janeiro, se vêm as luras escavadas pelos ouriços do mar, a uma altura considerada acima do nivel maximo das aguas. O illustre geologo havia reconhecido que factos observados, “mostram que durante a época actual o rio Amazonas tem mudado o seu nivel, e concorda perfeitamente com as pesquisas que tenho feito na costa maritima para o sul”. Com a mudança operada, isto é, com a elevação do continente, as aguas do Amazonas baixaram no seu leito, deixando descobertas as planicies de alluvião, algumas das quaes ainda ficam alagadas durante as grandes cheias. Antigamente o rio tinha uma largura immensa, e innundava todas as terras baixas de Marajó e do Pará: era uma lagôa ou bahia semelhante á bahia de Hudson, diz o eminente scientista.

Desde o momento da emersão do nosso systema estereographico “entrava em nova phase a genese do continente”. As terras se interpunham em trechos de diversas ilhas que tinham apparecido, (producto não só do solevamento referido, como de erosão dos montes operada em grande escala pelas correntes alisias) e essas terras, todas de alluvião, cresceram rapidamente. Já que falamos nesses ventos normaes a que se dá o nome de

alisios ou alisares, convém que se abra logo novo parenthesis, para chamar a attenção sobre uma particularidade muito notavel da nossa estereogenia. Esses ventos — diz o eminente historiador inglês a que já nos referimos — soprando (regularmente, accrescentemos), sobre a costa da America do Sul e vindo de léste, atravessam o Atlantico, e chegam á terra carregados de vapores que accumulam durante essa passagem. Esses vapores, chegando e tocando a costa, são com intervallos periodicos, condensados em chuvas, e, como essas chuvas são impedidas de avançar para loeste por causa da cadeia gigantesca dos Andes, por cima da qual não podem passar, precipitam toda a sua humidade, e por isso é o país muitas vezes inundado de torrentes destruidoras. Essa erosão dos montes, exaggerada consideravelmente em toda a America oriental, é um dos phenomenos que mais concorrem para a singularidade, não só da nossa *facies* tellurica, mais ainda da nossa propria mesologia geral. “Ao lado da influencia exercida pela facil decomposição das rochas no Brasil, escreve o Dr. Liais, influencia sobre a rapida formação dos valles por desnudamento, temos a assignalar o papel que representa para dar ao solo o seu relevo geral, a differença de resistencia das diversas camadas a essa decomposição. É preciso fazer sentir sobretudo como dessa differença de resisten-

cia se devem attribuir ás fórmias tão trunca-
das e pittorescas que se observam na maior
parte das grandes cadeias de montanhas do
Brasil”. E resta dizer ainda que não é só na
zona litoranea que se assignala esse traba-
lho de devastamento pela acção das aguas:
no interior do país acontece o mesmo, e tal-
vez até quanto mais proximo ás cordilheiras
occidentaes o phenomeno se torne ainda
mais flagrante e de importancia mais consi-
derada. O padre Nicoláo Badariotti, no seu
trabalho *Exploração no norte de Matto Gros-
so*, referindo-se á serra das Araras (em Mat-
to Grosso), diz que na fralda da montanha,
que é inteiramente calcarea, se nota um cam-
po muito curioso. Por obra da acção erosiva
da atmosphaera desprendem-se do alto gros-
sos blocos massiços que se precipitam sobre
o campo subjacente. Estes blocos, poucos
consistentes, cedem á erosão das aguas, e
cavando-se em todos os sentidos, tomam as
fórmias mais extravagantes. Mas as terras de
formação alluvial que emprestaram relevo
ao nosso-massiço continental, ao passo que
cresciam, apertavam-se contra o baluarte dos
Andes, e cada vez mais estrangindo a por-
ção de oceano situada entre ellas e o referido
baluarte, e de cuja existencia, e cujo papel,
na configuração da America do Sul, resta-
ram vestigios irrecusaveis em todo o nosso
interior. E’ assim que as grandes bacias flu-
viaes do Amazonas e do Prata comprehen-

dem hoje a vastissima zona que já esteve coberta pelo vastissimo mediterraneo, e que se foi formando e consolidando á custa principalmente do desbastamento dos Andes. É provavel que a sciencia virá dizer-nos ainda quantos seculos estiveram as altas regiões da America occidental insuladas, pelo grande mar interior, destas paragens de leste, que representam a quasi totalidade do nosso territorio. Por enquanto, o que se pôde enunciar sem absurdo é que esse mar interior foi sendo expellido, não só por elevação do fundo submarino, como pelas enormes aludes de massas sedimentares das montanhas, até que foi substituida pelas redes hydrographicas do Paraguay — Paraná e do Amazonas — Tocantins. Chamamos toda a attenção para as peculiaridades, que vamos expondo, da nossa formação tellurica. É dahi que havemos de tirar uma idéia exacta e completa da nossa physiographia geral — elemento essencial do nosso factor geographico. Não vos esqueçaes: o que acabamos de indicar ácerca da genese do continente de modo algum se poderia considerar como ainda no dominio das méras hypotheses. A procedencia da emersão do nosso planalto central, já está scientificamente reconhecida. As investigações geologicas feitas até agora, informanos o eminente prof. Rocha Pombo, enquanto sob outros aspectos ainda incompletas, já são sufficientes para demonstrar que por

toda parte a base do sólo, como o nosso relevo orographico, são de formação primordial, e que apenas na porção relativamente superior das regiões proximas de montanhas se encontram as primeiras camadas paleozoicas, o que, evidentemente, assignala para este lado do novo hemispherio uma idade, no sentido geognostico, em contraste com a sua existencia historica. E isto ao mesmo tempo que fosseis de vertebrados, e principalmente peixes, descobertos nos flancos dos Andes, vêm por fóra de duvida que aquella parte do continente só muito mais tarde deve ter-se levantado das profundezas do mar siluriano.

*

É preciso agora que illustremos esse esboço geral com dados mais precisos acerca da nossa constituição geologica. Segundo precedentes pesquisas, todas as nossas formações telluricas tem por base (como diz o autor citado) camadas metamorphicas, correspondentes, na escala geologica, ás primeiras porções que surgiram do seio do oceano primitivo. As nossas montanhas são quasi todas, portanto, de formação laurenciana, raras aproximadas da época subsequente. Os nossos principaes systemas orographicos. — o da serra do Mar e o da do Espinhaço — filiam-se a este periodo, e são as terras mais antigas do continente. E é por isso mesmo

que nellas não se encontram fosseis. O systema Parima (que divide da do Orinoco a bacia do Amazonas) pertence igualmente a essa época primordial, e póde ser incorporada, pela idade e pela natureza, no nosso vasto massiço. As outras serras e planicies do Brasil já se vão subordinando ao periodo huroniano, mais moderno, mas ainda azoico. As regiões elevadas do sul de Minas, de Goyaz, de Matto Grosso, de São Paulo e do Paraná já são de formação archeana superior, segundo Wappoeus (*A geographia physica do Brasil*) e outros geologos. Por isso mesmo, em todas essas zonas, é notavel a abundancia dos minerios de ferro, e tão consideravel que as terras huronianas do Brasil são as mais ricas do mundo. E não só o ferro, mas outros mineraes caracterizam o vasto territorio indicado. Vêm, em seguida, as formações mais recentes, até as camadas terciarias, onde se encontram rastos fosseis de grandes mammiferos da época secundaria. E, á proporção que se baixa das serranias para os chapadões, verifica-se que a composição das camadas sedimentares vae mudando. As terras da baixa Amazonia, pela maior parte, são formadas de depositos que começaram, de baixo para cima, pelos sedimentos selurianos (assentes sobre bases metamorphicas), e vêm até os carboniferos e creotaceos, e em alguns pontos até os pliocenios (camadas superiores do terciario), e

cada qual com os seus fosseis caracteristicos. O mesmo quasi que se pôde dizer da vertente do Paraná, onde só ao norte predomina formações devonianas e carboníferas. Pelo que parece, são muito semelhantes, á luz da geologia, as duas grandes vertentes do Paraná e do Amazonas. As terras mais altas da bacia do São Francisco, muito parecidas com as da bacia divergente do Parnahyba, são (salvo as culminancias orographicas) de formação, quasi na totalidade, secundaria. Até entre as terras altas das duas bacias se encontram extractos de idade mais recente. Entre a cordilheira maritima e a costa a fita litoranea é totalmente sedimentaria. A decomposição das montanhas, operada com violencia pelos ventos e as chuvas, é que formou essa nesga de terra, mais ou menos larga em baixo, e fez recuar o oceano.

E' assim que toda nossa orographia pôde ser considerada como constituindo duas grandes cadeias — a maritima e a central, — e pelas montanhas da vertente norte do Amazonas. A cordilheira maritima começa, pelo sul, ao norte da lagôa dos Patos. A cerca de quarenta leguas dali começa a afastar-se da costa, atravessando Santa Catharina, de sul a norte, a 15 leguas approximadamente do mar. Do Paraná por diante até o Rio de Janeiro, avisinha-se mais ou menos da linha maritima, para, do Estado do Espirito Santo para cima até o Cabo de S. Roque, inter-

nar-se de novo. Em toda esta longa extensão, a serra do Mar se amplia ou se aperta irregularmente, e projecta em muitos pontos grande numero de contrafortes e ramaes, alguns consideraveis, como acontece no Rio Grande do Sul, em Santa Catharina, no Paraná, em S. Paulo, e dahi em diante cada vez mais desordenadamente se ramificando. Nas alturas do Rio de Janeiro, correspondentes no interior ao sul de Minas, as ramificações são mais vastas e irregulares, dividindo-se a cordilheira em duas linhas quasi parallelas — a do Mar propriamente dita e a da Mantiqueira. Desta, na altura de cerca de 20°, aparta-se para o norte da serra do Espinhaço, até quasi confundir-se em Sergipe com a serra do Mar. Esta serra do Espinhaço divide das do S. Francisco as aguas que banham o sul de Sergipe, a Bahia e o Espirito Santo. A cadeia Central, que o Dr. Derby chama Goyana e a que dão outros o nome de serra das Vertentes ou Occidental, é a mais extensa e complicada, a menos notavel pela altitude. Esta cadeia, que em muitos pontos morre nos immensos chapadões do interior, estende-se do extremo noroeste de Matto-Grosso (Serra dos Parecis), e segue na direcção do sueste (com alternativas para nordeste) até cerca de 18°, onde se aparta com a denominação de serra do Caiapós. Dahi prolonga-se para nordeste até o Maranhão.

Na physionomia geral do nosso massiço distinguem-se perfeitamente dois immensos planaltos: o primeiro abrangendo a maior parte dos Estados do Amazonas, Matto Grosso, norte de Goyás, do Pará, do Maranhão, do Piauhy e do Ceará. Este planalto é banhado dos grandes afluentes do Amazonas de uma e de outra margem; e augmenta de altitude confórme vae para os divisores das aguas da vertente (cadeia central e Parima). Em toda parte, são as terras de altitude desigual, formando ás vezes taboleiros que se superpõem, ou que se succedem, cortados de rios e de pequenos lagos. Quasi sempre, entre os taboleiros, separados uns dos outros por fortes e asperos escarpamentos, alargam-se espessos valles de exuberancia prodigiosa, principalmente nas visinhanças das bacias fluviaes. Por ahi se encontram as gigantescas florestas que fazem o assombro do visitante. O sertão é apenas interrompido de clareiras de campos mais ou menos vastos notavelmente na parte oriental (Maranhão e Piauhy). As florestas são mais admiraveis, pela espessura cerrada e pela opulencia da vegetação, nas zonas prallelas a correntes fluviaes. A pompa incomparavel da natureza americana é caracteristica sobretudo nos valles do Tocantins — Araguaya, onde a majestade das florestas não encontra nada igual no globo. Os auctores estrangeiros não se cançam de admirar a nossa natureza sci-

vosa e pujante. Denis, referindo-se ao Amazonas, ao Tocantins e a outros rios, escreve: “A natureza perpetua incessantemente suas magnificencias naquellas paragens: dir-se-ia, com effeito, que ella escolhera as margens daquelles immensos rios para ali ostentar uma pompa desconhecida em outros lugares”. O principe Maxamiliano de Wier, tratando do esplendor e da riqueza de nossas florestas virgens, confessa, que “seria bem difficil descrever semelhantes florestas pois a arte ficará sempre áquem da verdade para as desenhar”. O segundo planalto — o do sul — é menos amplo que o do norte, mas apresenta, como pequenas differenças, aspectos semelhantes. Em geral é mais elevado que o primeiro, e, quanto mais para o sul, melhor se divide em dois grandes chapadões separados pela depressão da bacia do Paraná. As zonas de terras baixas são a faixa maritima, e as duas grandes depressões do Amazonas e do Paraguay, Paraná e Uruguay.

Este quadro na sua physionomia geral ficaria ainda imperfeito para o fim que collimamos se lhe não enchessemos os claros com os dados da nossa potamographia maravilhosa. Já disse o grande sabio, que as montanhas e os rios, constituem toda a caracteristica de um país. E talvez ainda melhor que as montanhas, sejam os rios o grande expoente do meio tellurico. Já está muito

claro que a característica hydrographica do Brasil decorre quasi inteiramente da estrutura geologica do continente. Os nossos maiores rios pertencem a systemas fluviaes que comprehendem muitos paizes da America do Sul. Toda a nossa potamographia póde distribuir-se por tres secções: a da bacia do Amazonas, a do Prata e a das bacias secundarias que ficam fóra dessas duas primeiras. A do Amazonas — Tocantins é a mais ampla e opulenta vertente fluvial do mundo. Abrange uma zona de mais de 8 milhões de kilometros quadrados, da qual pertencem ao Brasil cerca de 5 milhões. O rio mar é francamente navegavel numa extensão de mais de 4 mil kilometros. Igual extensão de aguas navegaveis dá-se ao conjuncto dos seus grandes affluentes. Em Tabatinga, de onde começa a cordilheira por territorio brasileiro, a largura do rio é de cerca de 3 kilometros. As vezes se estreita, como acontece, por exemplo, junto á embocadura do Trombetas, e acima em outros pontos. Mas então as aguas se espalham por vastas redes de furos e canaes e numerosas lagunas mais ou menos proximas do leito do rio. Isto acontece principalmente na occasião das cheias, de novembro a março. Uma particularidade do Amazonas, em virtude da extensão enorme da sua vertente, é sem duvida a da alternativa das chuvas, que engrossam os tributarios do norte e os do sul. Na vertente dos

Andes e nas dos Chapadões centraes, o mês das chuvas é setembro. No planalto da Guayana começam ellas em março. Nesse intervallo de seis meses enchem os affluentes da direita e os da esquerda, alternativamente; e quando o Madeira, o Purús e o Xingú levam pouca agua, o Napo, o Içá e o Negro correm com muita, e vice-versa. Em consequencia, as enchentes do Amazonas têm de excepcional esta circumstancia de dependerem menos do degelo dos Andes que das chuvas periodicas nas regiões de onde vêm os diversos affluentes. Os affluentes do norte exercem sobre elle, no entanto, menos influencia no volume de agua que os do sul, especialmente o Madeira, com cuja enchente e vasante coincidem as do grande rio. Segundo o testemunho dos habitantes, a enchente do Amazonas dura 120 dias, havendo de 3 em 3 annos uma especialmente grande. Em varios sitios do rio, sobretudo nas vizinhanças da embocadura, a vasa que a corrente arrasta vaé fazendo accrescer visivelmente a terra. Similhante observação relaciona-se com a suspeita, que se gera em alguns espiritos, de que em geral em todos os continentes é um phenomeno que se vaé assinalando o da diminuição das aguas dos rios. Esta suspeita, é ainda o nosso illustre historiador que nos esclarece, anda em vespas de sair do dominio das meras hypotheses para assumir proporções de um grave

problema relativo á historia physica da terra, importa naturalmente em admitir, por effeito da erosão natural continua, uma lenta mas certa modificação de volume e de estructura das montanhas. Só assim se explicam os dois phenomenos — o recuo do mar, já verificado e produzido pela vasa fluvial, e a diminuição da massa de agua que se suspeita. Ora, o desbastamento das montanhas, além de ser operação sem a qual não se explicaria o phenomeno do accrescimento da terra pelo accumulo de vasa, sabemos que está hoje acceito por todos os homens de sciencia, e como resultante da acção erosiva dos diversos agentes meteorologicos — a chuva e o vento principalmente. Sendo assim, e passando-se no Amazonas com grande violencia esses phenomenos aos olhos do observador, póde imaginar-se como se virá ainda a modificar o solo na bacia amazonica. Mas sejam quaes forem as mudanças que se venham a operar ali, garante-se que serão de vantagem para a constituição de toda a physiographia daquelle trato de terra do Brasil. Na parte que pertence ao Brasil, comprehende a bacia do Prata as tres grandes secções formadas pelos rios Paraguay a oeste, Paraná no interior, e Uruguay ao sul. A bacia do Paraná é tambem uma das mais vastas do continente, e della pertence ao Brasil toda a porção superior. Da terceira secção da nossa potamographia geral, o maior

dos rios é o S. Francisco: atravessa Minas Geraes, de sudoeste para nordeste, separa depois Pernambuco da Bahia, e, em seguida, até a foz, Sergipe de Alagôas.

*

“Uma região como o Brasil, escreve Ferninad Denis (*Brésil*, 54), limitada pelos dous maiores rios da America Meridional, poderia ainda, não bastante, apresentar em sua vasta extensão logares onde a agricultura se tornasse impossivel pela ausencia de cursos d’agua interiores: isso acontece, sem duvida, relativamente a certos districtos, mas nesta terra privilegiada a configuração do sólo e a divisão das grandes bacias deixam ver um systema de rios interiores que não se encontra em país algum do mundo”. E, deslumbrado, diz que se se fizesse entre o Madeira e o Paraguay um canal de cerca de 1.100 metros, estaria aberta uma navegação interior ininterrupta entre a embocadura do Oceano e a do Rio da Prata. Mas, não é só pelo rio Madeira que se pôde eliminar a solução de continuidade entre a immensa bacia do Amazonas e a do Prata: é tambem pelo Tapajós e pelo Xingú. É ainda pelo Araguaya, cujas cabeceiras se encontram com as do Parauá. E’ com todo fundamento que o Dr. Odorico Rodrigues escreve algures estas nobres palavras: “As grandes transfor-

mações economicas, que de dia para dia se operam no mais vasto e fecundo dos valles do mundo, vão fazendo da prophesia da Humboldt a lenda de ouro da Amazonia. *É alli, — disse o sabio — que mais cedo ou mais tarde se ha de concentrar um dia a civilização do globo*".

A Amazonia, pelo seu portentoso systema fluvial, communica-se, através da Venezuela, com o mar das Antilhas; pela Bolivia, pelo Perú, pelo Equador e pela Colombia; seguindo o curso de numerosos affluentes do rio-mar, leva ao Pacifico; pelos grandes tributarios que lhe vão do sul, ganha as contravertentes do Prata; e por outros, como o Xingú e o Tocantins, alcança o S. Francisco, e por este abaixo conduz ao Atlantico; alcança o Paraná, e pelos affluentes deste chega até a cordilheira maritima, rasgando-a mesmo em alguns pontos, como se a propria costa oriental do Brasil não pudesse ficar fóra do ambito gigantesco daquelle mundo. Acham-se tão associadas e confundidas as cabeceiras do Madeira, do Tapajós e do Xingú com as cabeceiras do Paraguay e são sobremaneira indistinctas as respectivas vertentes vistas no seu conjuncto, que, não apenas nas cartas, mas principalmente apreciando de *visu* aquellas regiões, o visitante tem muitas vezes difficuldades em saber a que bacia pertence uma dada corrente. Subindo o Cuyabá até a ultima cabeceira, chega-se

afinal a um districto, acima de Rosario, onde, de encostas da mesma serra (a serra Azul), brotam as origens dos tres rios — o Paraguay, que vem para o sul, e o Xingú e o Tapajós, que vão para o norte. Ao descer de Diamantino, o rio Cuyabá passa pela Capital de Matto Grosso, até cujas immediações alcança a bacia do Tocantins — Araguaya. Todos os afluentes da margem esquerda do Araguaya contravertem com tributarios do Xingú, e as cabeceiras do rio das Mortes (afluentes do Araguaya), contravertem com as do Xingú a leste, e a loeste com as do S. Lourenço, tributario do Paraguay. Por sua vez estão de tal modo approximadas as tres bacias, do Tapajós, do Xingú e do Tocantins, que facilmente e por diversos pontos se poderia passar de uma parte para outra. O que se observa no centro de Matto Grosso, na zona cuyabana (prolongamento da cordilheira dos Parecis) tambem se dá mais para o sul, onde as nascentes do Taquary e de outros tributarios do Paraguay se encontram muito proximas das nascentes de muitos rios que confluem no Paraná. Os rios Pardo, Anhanduyguassú (confluentes), o Ivinheima e o Amambahy, por exemplo, têm as respectivas nascentes muito visinhas das cabeceiras, na mesma ordem, dos rios Taquary, Miranda, Rio Branco, Tepoty e Apa, tributarios do Paraguay. Por outro lado, mediante os seus afluentes, da

margem esquerda, alcança o Paraná, quasi o Atlantico; pois desses affluentes muitos defluem de contravertentes, tanto do Parahyba do Sul, como do S. Francisco e até do Tocantins. Os maiores tributarios orientaes do Paraná (como o Tiété, o Parapanema e o Iguassú), correm da serra do Mar, a poucas leguas do oceano. Todos esses rios eram nos tempos coloniaes caminhos para os sertões. O Tiété foi o primeiro, e durante largos annos: por elle desciam os bandeirantes até o Paraná, e por este até a embocadura do rio Pardo, subindo em seguida por este e pelo Anhanduyguassú, de cujas cabeceiras passavam facilmente para a do Miranda, e por este ganhando o Paraguay, S. Lourenço e o Cuyabá. Ao depois, em principios já do seculo XVIII, os bandeirantes preferiram a via Camapuan um pouco ao norte, subindo o rio Pardo até alcançar as cabeceiras do Taquary, pelo qual desciam ao Paraguay. O que se nota na zona cuyabana, verifica-se tambem entre a bacia do Paraná e as do Tocantins e de S. Francisco. É preciso ainda assignalar as relações em que, com o resto do continente, nos põe o rio Amazonas, além do que já se viu quanto ao rio da Prata. Pelos seus tributarios da margem esquerda, alcança, tanto as contravertentes dos rios que regam as Guyanas, a Venezuela, a Colombia e o Equador, como abre navegação continua para as tres republicas.

Pelos afluentes da margem direita, dilata o Amazonas, principalmente pelo Madeira, pelo Javary, pelo Ucayali, pelo Juruá e o Purús, a bacia até o Perú, abrangendo a propria zona das Cordilheiras em diversas regiões. Ha pontos, no curso do Maranhão, por exemplo, ou no curso superior do Putamayo, em que o Pacifico fica apenas a pouco mais de 50 leguas. Da propria republica do Chile, que é geographicamente o país sul-americano mais afastado do Brasil, o Mamoré nos aproxima, pois tem as suas extremas nascentes meridionaes em Potosi, departamento boliviano contiguo á provincia contestada de Tacna. Já em meados do seculo XVII, dizia Christovam de Acuña, tratando do *Novo descobrimento do grande rio do Amazonas*, que pelos dois caudalosos rios que confluem no Madeira (o Mamoré e o Brasil), segundo boas demarcações, com maior brevidade que por outra qualquer parte, se ha-de descobrir saída para os mais proximos rios da comarca de Potosi.

Eis ahi, nas suas linhas geraes, as gigantescoas proporções da nossa admiravel rêde fluvial interna, cujo dominio, póde-se dizer, abrange toda a America do Sul.

*

Vem agora a climatologia geral integrar os expoentes que temos delineado. Por não

alongar mais este discurso, prescindiremos de uma vista geral sobre os climas do Brasil, e entraremos logo na apreciação do modo como se caracterizam as diversas zonas sob este aspecto. Temos em primeiro lugar a zona maritima, abrangendo toda a immensa faixa do litoral, do cabo Orange ao extremo sul. Depois a zona continental, que comprehende todo o nosso territorio fóra da costa. Estudaremos esta ultima, distinguindo nella tres secções; a amazonica; a dos chapadões do interior, contada da vertente meridional do Amazonas até pouco abaixo do tropico; e a do sul, abrangendo os Estados de São Paulo, do Paraná, de Santa Catharina e do Rio Grande.

A primeira zona geral, a maritima, é a mais uniforme, principalmente se lhe levarmos em conta, na apreciação dos outros diversos coefficients do clima, a grande desigualdade de latitude que apresenta. As mais completas observações locais até agora feitas dão apenas de 3 a 4 grãos para as differenças de médias thermometricas entre o Rio Grande do Sul e o extremo norte. Ainda essas differenças em muitos pontos quasi que desaparecem sob a acção modificativa das continuas correntes atmosphericas que lavam toda a costa. Por isso mesmo, um dos nossos scientists (o dr. Morize), antes de estudar a distribuição das temperaturas, trata de fixar primeiro o regime dos ventos. Se-

ja como fôr, o que está averiguado, e de modo incontestavel, é que esta igualdade de clima em todo o nosso litoral é facto reconhecido. Outra particularidade notavel é a differença entre os extremos thermometricos, a qual se regista crescente de norte para sul, resultando dahi a maior regularidade de estações á proporção que se vae do sul para o norte. Em Pelotas, por exemplo, a temperatura maxima é de 37,5 e a minima de 0,5 abaixo de zero, dando, portanto uma oscillação de 37,10, enquanto no Pará a oscillação é apenas de 12°. Verifica-se ainda um outro phenomeno, que, á primeira vista, parece estranho: é o augmento da maxima thermometrica de norte para sul, até pelo menos uma certa latitude, e isto em todo o continente. Sabe-se que se sente, de janeiro a março, muito mais calor em Buenos Aires, do que em Belém, ou mesmo em Manáos. Tal phenomeno tem facil explicação. Em regra, é a latitude o primeiro factor do clima. Conquanto fundamental, não é, porém, o mais importante e decisivo, principalmente quando se encontra com outros factores. Poderia parecer seguro, por exemplo, considerar o verão muito mais rigoroso debaixo do equador do que para o sul do tropico e, no entanto, isto não seria exacto para todos os pontos do continente. Na zona sub-tropical, entre 20 e 50 grãos, geralmente, a maxima thermometrica é mais elevada á que apre-

sentam regiões equatoriaes. Attribute-se isso naturalmente, tanto á crescente densidade da atmospherá, como á acção prolongada do sol, sem duvida mais sensível fóra da faixa equatorial.

É muito mais accidentada que a marítima a zona do interior, e é forçoso subdividi-la nas tres sub-zonas que ficaram indicadas. A secção amazonica ou a equatorial, comprehende toda a parte do país cuja temperatura média annual se eleva acima de 25 grãos, e póde limitar-se no parallelo 15. Abrange, portanto, as regiões interiores dos Estados do Pará, do Maranhão, até o norte da Bahia, e todo o territorio do Amazonas, de Goyaz e de Matto Grosso. A região mais bem caracterizada desta zona é a bacia amazonica, se bem que ainda mesmo ali não seria possível applicar uma média geral a todos os pontos da vasta vertente, pois a temperatura e outros característicos do clima são muito differentes nas paragens elevadas e nas terras baixas. No seu aspecto geral, o clima ali é quente, mas não abrazador, como se tem acreditado. Com a sua autoridade indiscutível, diz o dr. Hartt, a proposito: "Depois do que por mim mesmo tenho observado nesta provincia, posso assegurar que a idéia geral dos embarços que se oppõem á fixação do colono europeu no Amazonas tem sido muito exaggerada. Suppõem muitos, escreve o Dr. Maury. (*O Amazonas e a cos-*

la sul-americana do Atlantico), que, por estar esta região dentro dos tropicos, tem clima analogo ao dos demais paizes tropicaes, como a India, por exemplo; mas, por certas particularidades que já expuz (chuvas brandas todos os mezes, virações continuas, rari- dade de tufões, etc.), e ainda por não haver monções, ou causas outras que produzam abramamento por seccas ou inundações por chuvas torrenciacs e prolongadas, verifica- se que ha tanta similhaça entre os climas da India e do Amazonas, como entre os de Roma e de Boston, por exemplo. E assim como commetteria um grave erro quem jul- gasse identicos os climas de Boston e de Ro- ma por se acharem estas cidades na mesma latitude, em igual erro incorreria quem con- siderasse análogo ao da India o clima da região amazonica por serem ambos paizes intertropicaes”. Já o Padre Christovam de Acuña havia escripto em 1641: “O clima do rio Amazonas, e de todas as provincias cir- cunvisinhas, é temperado, de sorte que nem ha calor que enfade, nem frio que fadigue, nem variedade que seja molesta”. . . . O mes- mo Dr. Hartt confessa que nunca sentiu no Amazonas tanto calor como nos Estados Unidos. “Tenho andado, diz elle, alguns me- zes exposto todos os dias ao sol, e sem mais protecção que a de um gorro. Mesmo nos campos estereis do Ereré e Monte Alegre te- nho andado dias e dias inteiros seguidos ex-

posto ao sol sem soffrer o incommodo de um dia do nosso verão". Como vimos, include-se nesta zona a parte interior dos Estados do norte da Bahia. O que torna algum tanto differentes estas ultimas da região amazonica não é propriamente a temperatura, mas o gráo hygrometrico da atmospherá. O norte de Goyaz e de Matto Grosso quasi que se caracteriza como a região amazonica. O que é preciso nunca perder de vista quando se trata de determinar o clima desta vasta zona, é que é sempre necessario, mais que ao da distancia do equador, dar attenção aos coefficientes da altitude, das chuvas e dos ventos.

A segunda secção do interior (de accôrdo com Wappaeus: *Geographia physica do Brasil*), comprehende a parte do país onde a média geral thermometrica fica entre 30 a 25 gráos. É mais ou menos delimitada pelos parallellos 15 e 22. E é facil de ver, como observa o Dr. Cruls, que esta discriminação, por parallellos geographicos, não é precisa, pois, as linhas isothermicas não conservam através do continente uma fórmula regular. Abrange a secção parte da Bahia, de Goyaz, de Matto Grosso, de S. Paulo, e os Estados de Minas, de Espirito Santo e de Rio de Janeiro. Apresenta esta divisão o caracter de um clima continental, e, em regra, as estações são em toda ella melhor accentuadas. Compara o Dr. Morize o clima desta secção

com o das regiões mais quentes do sul da Europa, e com o das do norte da Africa.

INDUCÇÕES SOCIOGEOGRAPHICAS

Parece que nada mais é necessario. Do que ahí fica, sob a autoridade dos mais reputados auctores, e valendo-nos, repetimos, da lição de Rocha Pombo, conclue-se que está perfeitamete indicado, nas suas linhas geraes, o nosso factor geographico com todas as variantes. Vejamos agora as inducções que se pódem tirar para a nossa orientação politica. A primeira impressão de natureza sociologica é a que nos vem, não sómente da unidade territorial do Brasil, mas das circumstancias que revestem assignaladamente esses phenomenos. A linha maritima do Atlantico, a nossa estructura orographica, e a existencia das duas grandes bacias fluviaes, principalmente a do Amazonas, estabelecem uma particularidade de que decorre fortemente a vinculação politica de todo o territorio. Tem-se querido inferir da variedade de zonas e da differença de culturas, que não se pódem dellas separar, uma força e acção capazes de estabelecer diversidade de regime e até de organização social para as varias regiões. Mas isso seria, não só exaggerar a influencia dos factores economicos na constituição da raça ou do character do povo brasileiro, mas ainda excluir os ele-

mentos mais ponderosos dessa formação. Não são as culturas diferentes, nem os varios regimes economicos que hão-de instituir um senso territorial diverso, quando essas condições têm de ceder á força de vinculos muito mais poderosos. E esses laços são no Brasil os que já indicamos, resultantes de outros factores mais fortes e geraes que asseguram a nossa unidade territorial. O que tem de provir dessa diversidade de zonas de cultura e influir nas tendencias do nosso character, é, sim, a necessidade de varios nucleos de administração, e nunca de organizações diferentes na esphera politica. Basta vêr que em toda a extensão do Brasil, desde os tempos coloniaes até hoje, o que se observa é uma perfeita harmonia e até claras apparencias de igualdade no character dos brasileiros de todas as regiões, principalmente naquella onde é mais completo o dominio da raça. Quem viaja pelo nosso litoral, desde o extremo sul ao extremo norte, sente que está sempre no mesmo país, ouvindo a mesma lingua, apreciando o mesmo espirito geral, vendo os mesmos costumes, tendo, em summa, a impressão de que o povo é sempre o mesmo, a despeito de peculiaridades que não chegam a ser sentidas no meio da sensação do conjuncto. E, no entanto, em cada Estado, quasi que se poderia dizer em cada porto, não o regime economico, mas os elementos da economia geral são outros.

Por mais diversos que sejam, porém, a diferença que apresentam perde-se inteiramente no aspecto uniforme da vida collectiva, e tão bem que estar no Pará ou em Maranhão é o mesmo que estar no Rio de Janeiro, S. Paulo ou em Porto Alegre.

É facilimo tirar dahi as mais seguras induções sociogeographicas. O Brasil tem de ser politicamente uma só nação, formando um bloco politico tão solido como o nosso massiço continental. Isto é preciso que não percam de vista os nossos dirigentes. É necessario, como uma fatalidade da natureza, que se constitua um forte e vasto aparelho politico central a que se prendam todas as regiões diversificadas pelo serviço administrativo como pelas condições mesologicas. Esta necessidade sente-se ainda melhor sob a Republica. Dir-se-ia que o regime imperial tinha isto de excellente: era um grande centro de poder politico a autoridade do imperante. Em uma democracia, é muito mais difficil harmonizar com a autoridade suprema a contingencia e temporaciedade das magistraturas; e por isso mesmo em uma federação é indispensavel que tudo contribua para dar ao poder central proeminencia e solidez tão inabalavel, que a variedade dos differentes nucleos de acção administrativa nada possa contra elle. Da generalidade dos nossos factores geographicos decorre, pois, que no Brasil é mais natural, e mais sabio

portanto, uma confederação propriamente do que as instituições federativas que estamos ensaiando a trinta annos e que já tanto escarmento nos têm custado e cuja fallencia não é preciso ter alta visão para ver que é inevitavel. O Brasil é *um* no seu territorio, e *um* tem de ser o seu poder politico, o seu *imperium*, como o entendem os alemães até na sua republica. Nas democracias, os laços federativos tendem sempre, pela propria natureza dos principios que regem a união, a afrouxar-se, até desapparecerem; ou então, esses laços, por intervenção de circunstancias que não raro tambem podem sobreviver, vão-se apertando até que se extinguam as condições federativas. É um erro de origem e de natureza a que se expõem todas as *federações*: ou caem na dissolução e no desmembramento; ou desandam para a unidade politica fundada na astucia ou na força. A historia está cheia de exemplos.

A nossa federação, portanto, é um artificio. Todos os males que sentimos no regime disso proveem. E esses damnos, por mais que se disfarcem, hão-de crescer fatalmente, em um ou em outro sentido, conforme o que apontamos. Ha muita gente que se consola attribuindo-os ao periodo de ensaio em que ainda estamos, ensaio, aliás, que dura por tres decennios. Isso, porém, é uma perfeita illusão. Todos os inconvenientes hão-de augmentar, até um desfecho que é fatal, por-

que defluem da natureza das instituições. Outros acreditam que, só porque parece ter passado a phase aguda da experiencia, entra na sua integração definitiva o regime. É completo engano, é um erro. Os prejuizos da fórmula federativa avultarão na medida mesma em que der ella a apparencia de implantação e funcionamento seguros. Procure-se saber direito se em todas as situações estaduaes que parecem hoje consolidadas não ha consciencias dyscolas da consciencia dominante... Que nos apontem um Estado do Brasil, ao menos um que seja, onde não haja vencidos humilhados e desilludidos de tal regime, e vencedores ufanos e arrogantes... Por que? Porque essa fórmula politica não corresponde aos nossos factores geographicos: é uma infracção flagrante a todas as inducções sociogeographicas do nosso *habitat*.

Dentro desse erro original das instituições andam os nossos homens publicos. Em regra, desconhecendo a sciencia politica exactamente naquillo que ella tem de proprio na sua larga esphera, vivem elles mais dos arranjos pessoaes no meio de todas as contingencias dessa artificialidade de regime, do que das injuncções que lhes veem do meio, e que só uma forte visão é capaz de perceber, sentir e realizar. Não fosse isso, e já teriamos assentado mais sabiamente, em harmonia com as características do territo-

rio, os fundamentos da nossa grandeza economica e da nossa futura excellencia politica. Inutil dizer que tudo depende da estrutura dos nossos apparatus de economia interna, no Brasil tão visiveis e de estabelecimento tão facil, que se impõem á intelligencia dos homens. É bastante saber-se que, em um seculo de vida emancipada, ainda não fizemos entrar na formação da nossa riqueza os grandes factores naturaes do oceano e das formidaveis bacias fluviaes do interior. E se tal ainda não realizamos quanto mais a contemplação desses elementos pelo nosso espirito constructor, pelas nossas faculdades de ordenação e de esforço operoso.

No Brasil, o problema da circulação interna, por exemplo, que é o fundamento da nossa existencia, e justamente aquelle cuja solução mais temos descurado. Chega até ser doloroso um confronto (feita a equação das épocas), do que fizemos depois de 1822, com o que se executou durante o periodo colonial. Nos tempos da colonia, a viação terrestre, fluvial e maritima, com serem infinitamente mais morosas, mais difficeis, eram muito mais amplas do que hoje! Para os fins do seculo XVIII, póde-se dizer que a vitalidade do nosso commercio dependia mais das industrias criadas no litoral, que da produção que do interior chegava aos nossos entrepostos maritimos pelo Amazonas, S. Francisco e pelos proprios caminhos terrestres,

que canalizavam dos sertões para a costa os productos da terra. Pois bem. Hoje, temos ainda Matto Grosso, Goyaz, o proprio oeste de Minas, e grande numero de Estados maritimos, como segregados do mundo!

Mas a nossa desidia, a nossa imprudencia ou a falta de alcance dos nossos homens por este problema da circulação geral chega a ser phantastica. E, no entanto, nem é só o bom entendimento dos nossos factores geographicos, que devia orientar a nossa politica: bastava o exemplo da sabedoria de estranhos. Como se sabe, a nossa physionomia geographica é muito differente da dos Estados Unidos. Lá, no continente do norte, o Missisipe é a grande bacia central que facilitou o aparelhamento destinado a completar a maravilhosa rêde de circulação interna. Correndo de norte a sul e dividindo o territorio em duas porções quasi iguaes, o grande rio só por si constitue, nesse sentido, um eixo de viação franca em todo o interior. Comprehenderam os americanos que precisavam de completar esse vasto systema natural pela viação ferrea. Constituiram logo, antes de tudo, a transcontinental New York — S. Francisco; pois sentiram que só assim, ligando ao mesmo tempo os dois oceanos, faziam entrar na economia geral aquelle valioso factor da grande bacia fluvial do Missisipe. "... Não mais nos maravilhará, escreve Euclides da Cunha (*A margem da historia*, 241), que os

Estados Unidos hajam exaggerado em tanta maneira as rêdes dos seus caminhos de ferro, articulando-as ás seis estradas, tão ao parecer excessivas, entre o Atlantico e o Pacifico, que possam hoje, desdobrando-as, enrolar oito vezes, uma cintura de aço em torno da terra, no equador, graças ao estiramento espantoso de 382.000 kilometros de duplos trilhos. É que lhes não basta — a exemplo da Russia com o precario e tardo transiberiano, ou da Inglaterra, com a linha unica, transcontinental, do Canadá — ligar, livremente, um littoral a outro, para o só transporte de passageiros e de cargas. Torna-se-lhes urgente deslocar para o Pacifico o melhor das energias nacionaes, nascentes nos mais distantes ramos do país. As vagas povoadoras que durante meio seculo se desencadearam para o “Far-West”, atrairam tambem áquelle rumo as tendencias mas energicas de toda a nacionalidade, impossibilitando-a de estacar nos littoraes do Oregon e da California. A mesma força viva accumulada na marcha impelle-o, agora, para o grande oceano”. O admiravel progresso da União do Norte começou a assombrar o mundo desde esse momento. Hoje contam os Estados Unidos com outras ilhas através do continente. E assim, combinando com intelligencia e tino os dois systemas — o da viação fluvial e maritima e o das estradas de ferro, fizeram os americanos do Norte do seu país a zona do globo onde mais facilmente se agitam todas

as actividades, onde o commercio se faz mais expedito, e onde o esforço industrial não encontra mais nenhum obice, pois ali não ha uma nesga de sólo fóra da circulação geral.

Na America do Sul, a caracteristica geographica é muito differente; e traçado muito diverso, no entanto, não é o que demanda o problema da nossa circulação interna. Aqui, o que a geographia está indicando claro á nossa politica, é que precisamos tambem de supprir pela arte e a sciencia o muito que a natureza nos dá. A primeira necessidade que deviamos ter apanhado de relance é tirar da incommunicabilidade a vasta linha do litoral. A proximidade em que se encontram as duas amplas bacias do interior, de nada, ou pelo menos de muito pouco, ha-de servir-nos, enquanto estiverem separadas da nossa costa oriental. Em vez de dirigir, no entanto, as nossas vias-ferreas rumo do occidente, começamos constituindo estradas parallelas á faixa maritima, como se a viação pudesse concorrer com a navegação. Que nos digam se S. Paulo tem lucrado tanto com as vantagens da Central como com a estrada de Santos, que poz a facil alcance de um vasto entreposto grande parte do interior do Estado. Começamos assim errando, e a errar continuamos. Em todo o norte é o que se vê — o mesmo vicio de ficar pelas visinhanças do oceano, em vez de investir, por linhas mestras, para o interior. Da Bahia a Sergipe; de Sergipe a São

Francisco; de Alagôas a Pernambuco; da Parahyba a Natal... Quando o certo é que uma ou duas linhas geraes para o interior teriam aproveitado muito mais a todos os Estados do norte do que estradas parciaes. Euclydes da Cunha, (*A margem da historia*, 182), mostrou que o nosso mal comprehendido, illogico, absurdo, systema ferroviario concorre poderosamente para diminuir um predomínio que a propria ordem physica em começo propicia ou favorece, e isto porque “se obriga aos parallellos mais garrados do bom senso, e jaz por longo tempo tolhido, esparso em traçados indecisos, ou vacillantes, a pulsar o antagonismo da terra”. Ao Brasil immenso e espesso, falta penetrabilidade, diz elle. “Não idealisemos. Entre os coeficientes de reduções do nosso progresso avulta um, a condição geographica, que toda gente conhece. O Brasil é compacto. Falta-lhe penetrabilidade. Falta-lhe esse articulado fundo das costas, essa differenciação do espaço que em todos os tempos e logares da Grecia antiga á Inglaterra de hoje e ao Japão, reage vigorosamente sobre as civilizações locais”.

Tudo, em summa, no nosso *habitat*, nos está indicando que a nossa grandeza economica depende apenas de associarmos, por um systema de viação em que entrem os nossos rios, a navegação costeira e os grandes caminhos para o sertão. É o que decorre dos nossos elementos de riqueza, das particularida-

des da nossa rêde potamographica, e da propria configuração do nosso solo. No dia em que á nossa politica não forem estranhas as inducções que se pôdem tirar da nossa physiographia geral, o Brasil será a primeira nação do continente. Invadindo decisivamente o *hinterland*, é claro que a nossa propria característica nacional ha-de fixar-se melhor e definitivamente. Sob a influencia dos coefficientes sociogeographicos que se reservam no interior, nada mais natural do que uma sensivel modificação da nossa propria indole de povo. Até agora, o brasileiro, o legitimo representante da raça, é o homem do litoral. Espirito aberto, expansivo, intelligente e operoso, mas inconstante, facil nas idéias, vario e quasi voluvel; sem sentimentos ponderosos, mas irriquieto e ansioso — o homem da faixa maritima deve tudo isso a um contacto mais intimo com o mundo. É um europeu desfigurado, contrafeito. Precisa muito de um contrapeso moral que lhe traga o equilibrio de novo typo historico, pois é isso o que tem de ser na America o aryano retransplantado, a attenuar, pelo menos, em cada secção, as taras da sua psychologia, quer dizer, a força e o peso dos seus factores hereditarios. Esse contrapeso é sem duvida o sertão que nos dará. No interior constituir-se-á uma gente que não será mais a população da marinha: ha-de ter mais de tudo o que os ambientes imprimem na alma das gerações. Ha-de fazer-se por ali

qualquer coisa que corresponda aos homens que já conhecemos das vastidões continentaes — homens de mais vida interior, mais affeitos a vencer a natureza, mais prudentes, mais ativos e mais rudes, porém, dessa rudeza que é a unica virtude capaz de levar a existencia com veneração, com carinho e com valor heroico. E então far-se-á o equilibrio.

A FORMULA DO DESTINO BRASILEIRO

A formula geral do destino brasileiro giza-se com a singeleza expressiva de um aphorismo euclideo: RUMO AOS SERTÕES.

Nesta phase historica do mundo, talvez a mais grave de toda a nossa existencia de nação, a que envolve o principio de nacionalidade em sombras mais densas, já pelo contraste dos novos idéaes economicos e libertarios perante a velha ordem de coisas, já pelo conflicto de interesses e aspirações, que o direito positivo ainda não logrou harmonizar, a nossa missão consiste em integrar a possante base physica da nacionalidade brasileira. Os sertões são o nosso dever, constituem o objecto do verdadeiro patriotismo, incarnam a razão de ser do Brasil, porque, além de serem os capitulos mais palpitantes da nossa historia e o nosso romance, representam incontestavelmente o fundamento natural da grande patria. Além, muito longe daquellas

alvas praias arenosas, existe um mundo, ignoto mas cheio de excellencias, e uma outra gente, não polida, mas sobremaneira varonil, inculta, mas generosa, necessaria esta e imprecindivel aquelle á realidade brasileira, máo grado o protesto dessa turba incolor, mofina e inutil de funcionarios, bachareis e plunitivos que enxameia nas ruas asphaladas da cidade, e que, afinal, nem ao menos conhece a geographia physica do país, como ignora ainda a propria historia dos seus antepassados. Dizia Euclýdes da Cunha, lastimando que ainda hoje procurassemos nas velhas paginas de Saint Hilaré... noticias do Brasil, que nos alheiamos desta terra. "Creamos a extravagancia de um exilio subjectivo, que della nos afasta, enquanto vagueamos como somnambulos pelo seio desconhecido. Dahi em grande parte os desfallecimentos da nossa actividade e do nosso espirito. O verdadeiro Brasil nos aterra; trocamos-lo de bom grado pela civilização mirrada que nos acotovella na rua do Ouvidor; sabemos dos sertões pouco mais além da sua etymologia rebarbativa, *desertus*; e, a exemplo dos cartographos medievos, ao idealizarem a Africa portentosa, podiamos escrever em alguns trechos dos nossos mappas a nossa ignorancia e o nosso espanto: *hic abent liones*... É que a nossa historia natural anda balbuciada em seis ou sete linguas estrangeiras, e nossa geographia é um livro inédito". O mesmo grito de indigna-

ção soltou Affonso Arinos, (*Notas do dia*, 138), como bom brasileiro que era, vivendo do sertão e pelo sertão, no mesmo dia em que clarins militares e bandeiras despregadas annunciavam o doloroso epilogo da formidavel, sombria e mysteriosa tragedia de *Canudos*, que se immortalizou na prosa bronzea de Euclides da Cunha. "Venceu, como devia vencer, a força que representa a civilização... mas ficou o ensinamento. Até aqui, só eram brasileiros os habitantes das grandes cidades cosmopolitas do littoral; até aqui, toda attenção dos governos e grande parte dos recursos dos cofres publicos eram empregados na immigração ou no tolo intuito de querer arremedar instituições ou costumes exóticos. O Brasil Central era ignorado: se nos sertões existe uma população, della, nada conhece, della não cura o governo; e eis que ella surge, numa estranha e tragica manifestação de energia, affirmando sua existencia e lavrando com o sangue um vehementissimo protesto contra o desprezo ou o olvidio a que fôra relegada. E essa força, que assim appareceu, ha de ser encorporada á nossa nacionalidade e ha de entrar esta como perpetua affirmação da mesma nacionalidade. Ella, ha de, assimilada pela civilisação, assegurar nossa independencia, impondo-nos ao respeito das nações estrangeiras." Ao revelar o cyclo do nosso desenvolvimento historico, o genial sociologo dos *Contrastes e Confrontos*, traçou

a nossa directriz, não já apenas pelo associar a nossa concepção politica á estructura physica do país, completando-a com os elementos que fornece a geologia, senão também esclarecendo a genese de certos phenomenos obscuros e descobrindo nas linhas physionomicas da terra a expressão eloquente das energias da raça. Retomando o conceito do mestre, o discipulo, também brilhante historiador e sertanista, sublinha e aviva que “a civilização brasileira tem de se inclinar decisivamente para o centro do territorio, resguardando-se do littoral corrompido e ameaçado de desnacionalizar-se, despido das reacções sufficientes da originalidade do sertão, para o contra-chóque das correntes commerciaes e invasoras”, de certos paizes estrangeiros, e, indicando ao brasileiro o caminho das terras centraes, Alberto Rangel (*Rumos e Perspectivas*, 40), no seu estylo vigoroso e suggestivo proclama: “Os sertões são o cerne, a polpa, a carne, as serenas substancias da nacionalidade. Plainos opimos, mas indomados ainda a tanto sangue, a tanta vida, inscreveram elles na fronte do Brasil os caracteristicos de sua grandeza providencial e organica, representados em alguma coisa que ha de sobrar aos erros dos governos, ás traições e confusões dos partidos, e á fallencia dos programmas religiosos ou economicos, sendo o soberbo dote e o patrimonio inalienavel da Patria, a abun-

dancia e a immensidade do seu coração territorial — os sertões brasileiros”.

Olhemos por alguns instantes o feito gigantesco de Rondon, em que se ostenta a paixão de outra epopéa não menos empolgante, e mais ardente. Integralmente brasileira, renovo energico das antigas bandeiras paulistas, marcando o começo de uma era mais laboriosa e mais brilhante, a *Rondonia* dos soberbos planaltos e das altas serras, dos enormes chapadões e dos infindaveis rios, das cachoeiras atordoantes e das florestas paradiziacas, debuxa a vaga, longinqua e fascinante America Brasileira, desfraldando o pendão auriverde sobre o gentio domado, engrandecido pela riqueza economica e redimido pela cultura moral. Toda ella é um rythmo de alvorada e de redempção, um poema desdobrado pela energia, um canto pacifico de heroismo, um hymno de fé invicta á terra natal, uma epopéa em que o eminente patricio conjurou o labor fecundo á defesa das nossas origens e á garantia dos nossos destinos. Não ha obra mais eloquente, como exemplo para o Brasil, nem mais impressionadora, como gloria do nome americano, do que a fundação perduravel de Rondon, o genio da raça que relumbra, flammeja, esplende em clarões de allegoria. Vendo nos verdes horizontes do ignoto geographico estender-se o mundo brasilico, não estamos longe de acreditar que do flanco inexgotavel desta terra

maravilhosa, mas adormecida, vae sair a nacionalidade mais ampliada para o trabalho, mais abroquelada na sua hegemonia, mais vibrante de belleza e de gloria, mais engrandecida para a eternidade, como da profundeza insondavel da noite, uma por uma, nascem esplendorosamente as estrellas.

Não olvidemos: a lei necessaria para a finalidade da Patria é crescer e, para augmentar as nossas forças creadoras, ha mistér deslocar-nos do ocio ou da somnolencia entorpecedora em que vivemos e difundir até os confins agrestes, em todas as direcções da rosa dos ventos, a nossa influencia politica, a nossa cultura e a nossa espiritualidade, integrando definitivamente a consciencia nacional na grandiosa synthese geographica.

Façamos uma Patria maior dentro da propria casa.

Defendamos as nossas reservas moraes.

Firmemos os bastiões da nacionalidade.

INTERNAR-SE OU DESAPARECER — tal é o signo fatal da nossa historia.

Só então seremos na realidade um povo, e, gravitando do torpor que nos deforma e diminue para a energia multiplice e a vida fecunda, o Brasil opulento, onde ha seiva para tudo, se converterá na terra de *Chanaan*, envolvida em uma névoa luminosa pelo genio do poeta, e cujo seio, no dizer d'elle, se abrirá a todos como um farto e tepido agazalho.

III — POLITICA DE REALIZAÇÕES
POSITIVAS

POLITICA DE REALIZAÇÕES POSITIVAS

Nesta altura do nosso esforço e do nosso trabalho, o que o Brasil precisa é orientar-se para uma politica de realizações positivas, praticas e fecundas, — uma politica de criação e de construcção, que organize as forças espirituaes e as forças materiaes da nação; e, para esta obra de consolidação nacional, ha mistér que se faça appello aos homens de boa vontade e de saber pragmatico.

O Brasil tem tudo: só não tem homens de Estado — é o que se ouve por ahi continuamente, e nas proprias rodas politicas. Ha talvez na sentença algum exaggero de justiça. Não nos faltam homens propriamente . De certo que não se poderia dizer que sejam muitos os que tenham o talento e a visão, a capacidade de trabalho é o sentimento do destino, que devem ser os do-

tes principaes do verdadeiro estadista. Incontestavelmente, porém, não é absoluta a nossa inopia de typos de similhante ordem. Soubesse a nação escolher os mais dignos da função de dirigir, e haveria de apparecer figuras que saberiam honrar e servir o país. O que, muito mais do que homens de Estado, nos escassêa é uma coisa, sem a qual não é possível a formação de caracteres para as altas magistraturas da Republica: falta-nos ambiente politico propicio ao advento dos vultos mais dignos. Enquanto só houver empreiteiros de situações, camarilhas e conluios que só se occupem de explorar as posições politicas e as vantagens que estas facilitam, não será de esperar que surjam individualidades capazes de encarar com firmeza e segurança os destinos do país. Salvo se surgir um grupo de homens de intelligencia esclarecida e de vontade inquebrantavel que se disponha a rever a Constituição e salvar-nos do *in-pace* angustioso em que nos collocou seu regime, implantado, de subito, no nosso meio ainda inculto e explorado pelas ambições dos corrilhos politicos. É bastante ver que entre os oito presidentes que a Republica tem tido ainda nenhum subiu ao Cattete levando um grande plano de governo: todos elles têm-se resignado a viver prudentemente a sua vida de concertos com as exigencias das politicas regionaes e dos grupos de amigos que os sustentaram. É um exemplo frisante, porque é

actual, o do Presidente Epitacio Pessôa, que bem sabe quanto lhe vai custando a velleidade, que teve nos primeiros dias, de sair da regra geral. S. Ex. está vivendo como bloqueado, e numa tal atmospheria de tormentas que não sabe como ha de chegar a salvamento! No entanto, não ha quem não veja e não sinta como o Brasil precisa de conjurar os males dessa dolorosa situação que lhe criaram os profissionaes da politica. Até os menos versados em estudos sociaes, e os mais indifferentes a coisas de historia, comprehendem que nos achamos num dos momentos mais graves da nossa vida de nação. Principalmente depois da guerra, quando todos os povos procuram abrir caminhos novos para o futuro, é inconcebivel como os nossos politicos se mostram tão inconscientes dos tempos e tão distrahidos, nas suas disputas de campanario, sem se compenetrarem do nosso papel historico, ao menos para ver agora, no horizonte aberto a todos os países, a unica politica que desde muito deviamos ter seguido. Para isso, nem seria necessario mais nada do que não perder de vista o que o país têm feito, independentemente, póde dizer-se, da acção directora ou simplesmente estimulativa dos seus governos. Um quadro synthetico dos phenomenos mais caracteristicos da actividade brasileira devia estar sempre diante dos nossos homens publicos, para que elles reflectissem um pouco e se convencessem de

que é forçoso encarar com consciencia o dia de amanhã.

O Brasil é um país cuja superficie excede a oito milhões e meio de kilometros quadrados, e conta uma população que se calcula superior a trinta milhões de almas. Daquella immensa superficie apenas cerca de 7.000.000 de hectares estão sendo cultivados, attingindo a 4.350.000:000\$000 o valor annual da producção. Podendo possuir os maiores rebanhos do mundo, o nosso país se contenta em ganhar annualmente tão só 60.000:000\$000 com a industria pastoril. O valor medio annual da nossa exportação não excede de 2.000.000:000\$000. Dispomos de 8 artigos de producção de valor exportado acima de cincoenta mil contos e de valor oscilante entre vinte e quarenta mil contos contamos sete generos de exportação. Tal é o indice da nossa potencialidade commercial, que como se vê, precisa ser augmentada, e, principalmente, superar a nossa capacidade de importação, afim de evitar-se o *deficit* da nossa balança internacional, tão ruinoso á economia do país. Importar é signal de riqueza, mas exportar muito e mais é indice de força expansionista e de poder. Quanto ao nosso surto industrial, registaram-se em 1919, entre grandes e pequenas, 3.475 manufacturas e fabricas, dando uma producção do valor de 1.600.000:000\$000. Seria preciso explicar, no entanto, que, em sua totalidade,

a produção fabril está por pouco inteiramente limitada a zonas marítimas. As indústrias do interior sentem-se asphyxiadas por falta de transporte fácil e de preço baixo.

A maior anomalia brasileira é, porém, a que indica a nossa carta ferro-viaria: um país pouco menor em extensão do que toda a Europa conta apenas 28.555 kilometros de linhas ferreas em trafego, e estas ainda assim, sem condições técnicas e desorganizadas. Deste total, o sul tem mais de 20.000 kilometros para 1.468.000 kilometros quadrados, enquanto o norte e o centro possuem 8.000 kilometros para 7.097.000 kilometros quadrados, conforme os dados da estatística de 1919. Relativamente ao desenvolvimento da construção, a contar de 1855, quando se estabeleceu a primeira linha ferrea, tem sido muito lento. E quer-se saber a importancia da verba com que no orçamento para 1920 foi contemplado o serviço de construção de viação ferrea? É incrível, mas é verdade: foi apenas de 2.462 contos! Inutil insistir sobre o assumpto. O Brasil não póde permanecer com o seu defektuosissimo aparelhamento economico, com uma rêde ferro-viaria insignificante, com portos insufficientes, com uma marinha mercante reduzida e anarchizada, com uma navegação fluvial primitiva. Necessitamos offerer ao nosso vasto territorio vias de comunicação que sejam verdadeiros roteiros

commerciaes. O futuro do país está ligado ao augmento de nossa producção agricola, que, se precisa transformar os seus methodos de cultura e ser dotada de instituições de credito, depende tambem, e principalmente, do transporte rapido e de tarifas baixas. Não seremos grandes senão pelo valor do nosso trabalho. Mediante a organização scientifica da nossa producção, pelo rendimento intensivo de nossa agricultura e pelo aperfeiçoamento incessante de nossos processos industriaes, é que conquistaremos a nossa emancipação economica. E, para isto, é preciso ainda transporte.

A historia demonstra, com uma logica inflexivel, a relação que existe entre o poder politico de um país e a sua capacidade de producção. Já de outra feita, procurámos inculcar ao criterio e ponderação dos nossos homens de governo uma série de questões e de medidas, sem cuja solução immediata não será possivel evitar a grande crise que nos ameaça, e sem o concurso de cujos coefficients não poderá mais orientar-se nenhuma politica dentro da Republica. Dentre essas sugestões e problemas não destacaremos agora senão aquelles com que é forçoso e urgente enfrentar o momento em que se encontra o Brasil, e que hão-de constituir os principios fundamentaes, não de um programma de partidos, mas da propria vida da nação: são as medidas que entendem com o desenvolvi-

mento geral da nossa economia interna. Para termos idéa nitida e perfeita da natureza de taes medidas, não precisamos de mais nada senão de não esquecer jámais que o Brasil é o terceiro Estado do mundo em extensão territorial; que esse territorio se estende de norte a sul, enchendo toda a zona equatorial do sul e occupando notavel porção da zona temperada. Quer isso antes de tudo dizer que temos terras em todos os climas, aptas, portanto, a receber povos de todas as regiões do globo. O nosso immenso territorio está livre, pelo menos até agora, desses phenomenos scismicos que em quasi todos os demais paizes, principalmente da America occidental, trazem as populações sob a imminencia de constantes terrores. Além disso, numa abundancia que parece concorrer com as proporções da terra, temos em nosso subsolo uma somma tão grande de elementos mine-raes de primeira ordem, como carvão de pedra e ferro, que bem se poderia considerar esta região do planeta como sufficiente para supprir com as suas reservas o mundo inteiro. Basta ver que os nossos depositos de carvão, no sul do país, são calculados em 21.200.000.000 de toneladas, enquanto a nossa producção annual não attinge a 400.000 toneladas, e que as nossas reservas visiveis de ferro são estimadas em 5.000.000.000 toneladas, quando a nossa producção annual é ainda insignificante, representando a impor-

tação desses dois productos um desfalque annual na nossa economia de cerca de 150.000:000\$000. O carvão e o ferro são os agentes indispensaveis do trabalho e do progresso economico, e a guerra nos deixou sobre este assumpto uma lição que se revestiu de character tragico. Se são excepcionalmente abundantes as nossas minas de ferro e de carvão, estupendo é o nosso activo em potencial hydraulico. No nosso solo possuímos innumeradas cocheiras, saltos, quédas e corredeiras, sendo o Brasil, ainda sob este aspecto, uma natureza unica talvez em todo o globo. Ainda não foram devidamente estudadas as nossas fontes de hulha branca, mas segundo calculos autorizados, a força hydraulica a facil alcance do país é estimada em mais de 50.000.000 de H. P., para uma producção actual de energia electrica de cerca de 800.000 H. P.

Levemos, emfim, á conta de nossa riqueza potencial a capacidade do nosso solo em todas as zonas, e reconheceremos que neste país é a propria terra, com o seu esplendor e as suas opulencias, que está marcando o rumo que o homem tem de seguir. Tudo aqui nos está dizendo, realmente, que todo o nosso trabalho e esforço tem de consistir em completar pelo concurso da intelligencia a enormidade do factor passivo. Precisamos, repetimos, antes de tudo, de constituir o nosso aparelhamento economico

suplementar, construindo estradas de ferro e de rodagem e portos em todas as grandes zonas maritimas ao menos, estabelecendo a navegação fluvial, e organizando, com recursos proprios, o longo curso externo. Só assim alargaremos a nossa exportação, e em bases solidas integraremos a nossa actividade commercial. Até hoje temos sido um país agricola governado por bachareis e soldados, por grammaticos e poetas, que não têm idéia alguma do que seja a consciencia segura de reger povos e encaminhá-los aos seus destinos. Enquanto não tirarmos proveito dos nossos recursos naturaes, seremos — espantados da nossa fortuna: — um país pobre; pois é pobre o povo que se mostra incapaz de converter em valores economicos a variedade e abundancia das suas riquezas em potencia.

As lições da grande guerra são eloquentes e inexoraveis. O que as armas fazem não se incorpora em nosso patrimonio moral e historico senão pelos horizontes novos que abrem para as nações. É a actividade, o esforço e a intelligencia na atmospheria da paz que hão-de tirar da guerra os dolorosos proveitos que lograremos della. Ao lado da defêsa militar, portanto, é necessario que cuidemos da defêsa economica, sem o que aquella será incompleta, imperfeita, sem eficiencia.

IV — GRAÇA ARANHA, MESTRE DA
VIDA

A CONCEPÇÃO ESTHETICA DO UNIVERSO

Graça Aranha é um caso singularissimo na nossa historia literaria e talvez uma excepção brilhante nos annaes de todo o continente. Desde suas rudes origens a hoje, a literatura nacional, que se opulento com a subtil espiritualidade de Machado de Assis, a portentosa visão sociologica de Euclýdes da Cunha e o luminoso pantheismo de Alberto de Oliveira, expoentes maximos da brasilidade, não possui um outro escriptor ornado de dons intellectuaes tão complexos, tão poderosos e tão seductores. Philosopho intrepido e de claro entendimento, moralista delicado, que muito cedo se desembaraçou da mystica christã, mestre da vida e sobretudo poeta, a sua mentalidade é de tal maneira privilegiada, que transcendeu os limites ordinarios do saber e da experiencia brasilica e se incorporou pela sua ideação e pela sua fórma na cultura européa, com os mesmos direitos e prerogativas com que Gøthe e Shelley, Nietzsche e Ibsen, Tolstoi e

D'Annunzio se impuzeram á admiração do mundo. Firmando novos valores philosophicos, revelando vastas concepções metaphysicas e rasgando perspectivas historicas, a obra de Graça Aranha ostenta o divino accento das melodias eternas, em que a sua potencia- lidade inventiva, com sinceridade e arrojada galhardia, com delicadeza e colorido, emerge, relumbra, esplende com irresistivel finalidade para o supremo fastigio do ideal. Se *Chanaan*, que preludiava as maravilhas actuaes e lhe assegurou o primado literario, já nos deixára inquietos pelo illustrativo contraste com as modernas tendencias da nossa literatura, a *Esthetica da Vida*, que lhe dá agora o principado philosophico, torna-o intellectualmente um problema cada vez mais desesperador. Ante o seu novo livro, synthese da esthetica e summa do pensamento, sentimos que esta incomparavel figura não cessou de crescer para a eternidade e, portanto, para maior gloria do nome brasileiro e orgulho da raça latina: é que Graça Aranha pertence á familia desses sêres a que uma invencivel força interior predestina a crear. A *Esthetica da Vida* é, com effeito, um livro excepcional, e sel-o-hia na literatura de qualquer país do mundo, ainda no mais admiravel pelo fulgor das realizações. Intelligencia lucida, inquiridora e universal, psychologo agudo, logico vigoroso e clarividente, trabalhando mais com a arte que com os systemas,

imaginação ardente e sensual, mas que attin-
gio e desfructa esse estado de soberana sere-
nidade que dá a absoluto posse de si
mesmo, a sua larga visão intellectual abran-
ge toda a philosophia antiga, na sua multi-
plicidade e no seu esplendor, e o movimento
geral das idéias e dos sentimentos do nosso
cyclo. Alliando á força das affirmações a
graça ou a originalidade do conceito e a for-
musura da palavra, explana, interpreta ou
examina as doutrinas fundamentaes do uni-
verso e da belleza, pensando por si mesmo e
acrescentando do proprio cabedal os thesou-
ros do saber humano. Amante fervoroso e
terno da vida, tendo escapado do pessimis-
mo ou do scepticissimo pela comprehensão
esthetica do mundo indecifrável, e illumina-
do pela cultura mediterranea, a alegria está
na raiz de todas as suas idéias. Assim é que
Esthetica da Vida é um livro de essencia su-
perior, e offusea pelo luzimento das verdades
que nunca se crystalizaram no espirito dos
sabios. Pela primeira vez, entre nós, um es-
criptor se apresenta com o poder de encerrar
o pensamento da nacionalidade numa syno-
pse palpitante de realidade e consegue, de-
pois de surprehender os segredos impercepti-
veis das coisas e decifrar os hieroglyphos
mentaes da nossa inconsciencia originaria,
traçar-lhe o roteiro do futuro destino. Ne-
nhum pensador, por mais alto e fulgurante,
gosa como Graça Aranha este assinalado pri-

vilegio de nos ter revelado os sentimentos de que só possuíamos uma imperfeita noção e de ter dado ás nossas confusas aspirações uma fôrma viva. Através da *Esthetica da Vida*, palpita latente nossa inquietação melancolica, que vem de abysmos remotos, se transmuta em alegria sã a nossa tristêza, nossa consciencia collectiva de povo adquire fóros de dignidade e nossa febril actividade interior reluz na tranquillã energia do querer. Nella se espe-lham claramente as características do nosso ser, como raça e como individuo, e vemos o desenvolvimento da nossa propria ideologia. Destinada a produzir a mais fecunda influencia, apresenta-se como um documento unico para servir á historia dos anseios, das metamorphóses, dos estados d'alma brasileira nestes vinte ultimos anno. Á Graça Aranha somos ainda agradecidos por nos ter formula-do uma philosophia, uma disciplina e um ideal de accôrdo com o nosso espirito ethni-co. Por isso, mais do que um letrado ou um ideologo que se discute, é o educador da nos-sa sensibilidade, o nosso professor de ener-gia, o nosso mestre da vida. Artista e visio-nario, vendo em chóque no nosso continente a cultura européa, para aqui transplantada pelos conquistadores, com a resistencia da natureza tropical e dos elementos barbaros, violentos e impulsivos que emergiram do ambiente pela mistura com raças inferiores, não podia fugir á essa missão salvadora de

guia dos nossos destinos e das nossas possibilidades.

§

Não é possível resumir no exíguo espaço de um simples ensaio o pensamento philosophico de Graça Aranha, tanto mais quanto, a par de uma extraordinaria riqueza de idéias e sentimentos, enxameiam em cada pagina de seu livro theorias, conceitos e factos, numa profusão que a intelligencia soube ordenar e coordenar, mas que nos deixa maravilhados e attonitos sem animo para explaná-los. No entanto, tentaremos, certamente sacrificando-lhe o melhor de sua força persuasiva e de seu encanto, fixar em largos traços a feição geral da *Esthetica da Vida*, philosophia de um grande poeta, cuja lingua, admiravel pela simplicidade classica, maravilhosa plasticidade e voluptuosa harmonia, é a prosa, e que se esboçára já na sua peregrina formosura em *Chanaan*, romance que é quasi uma epopéa philosophica, no dizer de Lebégue, e em *Malazarte*, symbolo lyrico da aventura do espirito que se dissolve no extase. Antes de tudo, é preciso assignalar que Graça Aranha não é um letrado preocupado apenas de belleza e de arte, senão um poeta ao mesmo tempo philosopho e esthéta, que procura definitivamente pôr em accôrdo o individuo com a realidade; e esta é a verdadeira grandeza e a real significação da obra.

Dotado de raras qualidades de saber e de intuição, anima-o e guia-o um profundo amor do bello na natureza e na vida. Este sentimento ardente e invencível, que trouxe para a philosophia, porém, nelle manifesta-se de modo absolutamente novo e singular, intimo e consubstancial, e transforma-se em força creadora. Antes d'elle, nem Stendhal, para quem a belleza é uma seductora promessa de felicidade, nem Keats, que ensinou que a *thing of beauty is a joy for ever*, nem Ruskin, que encadeou a belleza num conceito pragmatico, pretendendo demonstrar que o bello devia consistir não em perceber mas em sentir Deus em todas as coisas, nem Nietzsche, o creador da belleza tragica do *amor fati*, nem mesmo o grande Gœthe, que restituiu ao mundo a belleza revestida de attributos mais verdadeiros, augustos e esplendidos, antes d'elle ninguem tivera a nobre inspiração de encontrar a formula suprema do ideal humano. Ninguem amou jámais como elle a vida com tanto enlevo e desvelo, ninguem a adorou com mais intensidade, ninguem a cantou com exaltação alegre, sensual e quasi mystica. Spinoza e Gœthe renascem, renovados, nesta alma apaixonada, neste seductor da intelligencia, neste philosopho da magia universal, cujo ideal se nos assemelha ser o de um D. Juan eternamente joven, continuamente bello e perpetuamente seductor. Assim é que a sua philosophia celebra no rythmo melodioso de uma

prosa incomparavel o espectaculo da unidade cosmica e a sua doutrina esthetica, que nos ensina transformar em sensações de arte todas as emoções de melancolia, de tristeza, de prazer ou de dôr, é uma garantia de fraternidade entre os homens e as energias universaes, permittindo o advento de uma sensibilidade harmoniosa e penetrada de razão.

§

Graça Aranha estabeleceu de maneira nova o problema metaphysico do ser e do universo. Do ser começa elle affirmando axiomáticamente: "o ser é o ser". É evidente que este ultimo ser, no espirito do philosopho, é o ser em si, o *noumeno* dos gregos, isto é, o ideal e incognoscivel, que só se revela pelos *phenomenos*. Estes são as propriedades da coisa em si, e só por estes attributos, que passam a ser *phenomenos* quando incidem sob a nossa observação, é que podemos conhecer a coisa em si. Fiel á sua concepção pantheista dos enigmas do Universo e da Consciencia, Graça Aranha proclama e demonstra que, para o espirito humano, só ha realidade no que é *phenomeno*: fóra dahi, o Universo tumultuoso é pura idealidade, ficção, e nem a substancia, nem a vontade, nem o inconsciente, nem as idéias são o principio causal da existencia. Segue-se, portanto, que a demonstração de um principio causal da existencia, qualquer que seja, é impossivel,

porque o conhecimento do *noumeno* não está a nosso alcance, e, se o fosse, o dualismo da força ou energia actuando sobre a materia subsistiria como fatalidade incorregivel da nossa comprehensão. “O Universo é porque é”. A sua causa primeira está fóra do circulo de investigação da sciencia. O mais que é possivel, é entendê-lo como realidade subjectiva, ou ideal, como função esthetica do espirito. Ainda assim, o melhor é sentir, porque comprehender é uma dualidade que nos separa do Universo. Deste modo, reconhece-se que fóra da consciencia, ou da idéia, o Universo não existe: ha sim a unidade infinita do Todo, facto transcendente que se impõe ao espirito. Ao mesmo tempo, o sentimento metaphysico, que só por elle e para elle o Universo se realiza, é o grande mysterio da consciencia humana. Como se formou essa consciencia? O philosopho, com clareza e muita vantagem sobre Salomon Reinach, encastellado na sua concepção dos escrupulos, ou William James, que pretende attribuir a origem, o desenvolvimento e o progresso da religião á uma certa experiencia, que, adquirida por um ou mais individuos, se torna por fim um facto de sociabilidade, lança luz nova sobre esse formidavel problema. O principio em que funda a explicação da consciencia metaphysica, que não é phenomeno transcendental, fóra das leis naturaes, mas um “modo da substancia universal, é a “hypothese do terror

inicial” na formação do espirito humano. Ora, o homem, expõe elle, herdou dos ancestraes o medo, que marca a tragica e tremenda separação do individuo do Todo. Sob a forte impressão dos grandes phenomenos da natureza, a luz do sol, o trovão, o fogo, o terramoto, a maré, etc., o homem sentio o mysterio e, incapaz de entender scientificamente essas manifestações do cosmos, caio fatalmente no mysticismo originario, isto é, interpretou esses phenomenos por uma ideologia rudimentar, incerta e vaga. A vida passa a ser a dolorosa, infatigavel e multipla expressão do sentimento da não conformidade com o cosmos: começa então o cyclo da tragedia da consciencia. Esse terror inicial permanece no espirito humano e transmite-se-lhe aos descendentes pela hereditariedade psychologica, e até no homem civilisado, em cujo espirito a cultura intellectual tem combatido o medo, este sobrexiste como traço psychologico dos antepassados, e por elle se dá uma regressão ao estado psychico primitivo. “O terror cosmico é o principio de toda a vida reflexa. A consciencia desse terror crea o sentimento do Universo, de um Todo infinito. A dualidade, eu e o mundo, e a interpretação das forças ignoradas da natureza passam a ser a cogitação incessante do espirito humano. O sentimento da unidade do cosmos é essencial á consciencia antes da sua revelação metaphysica pelo medo ou

pela dôr. O espirito tende sempre a voltar a essa unidade, que permanece como o estado profundo e intimo da sua vida inconsciente. O sentimento do Infinito, a indeterminação dos seres, a fusão destes naquelle sentimento, dominam a consciencia. E o espirito mysticamente realiza esse sentimento ideal da unidade cosmica nas manifestações transcendentes da sua actividade”. Então só pela religião, pela philosophia ou pela arte, e ainda pelo amor, o homem triumphará do terror, e pelas sensações vagas e mysticas operará a integração no seio do cosmos, quebrando-se a perturbadora dualidade do espirito e da materia.

§

“A religião é uma melancolia”. Graça Aranha explana a origem de todas as mythologias e de todos os cultos, dizendo: “O homem, diante do espectaculo infatigavel da vida e da morte, do apparecimento e desaparecimento das cousas, sente-se triste, o pavor invade-lhe o espirito, e dessa melancolia nasce a ancia de attribuir um destino a si mesmo e ao Universo, de ligar os effeitos ás causas e dominar o mysterio. Assim, a religião desponta na alma assombrada do homem primitivo e permanece na raiz do espirito humano, d’onde a cultura difficilmente a extirpará”. Além de ser uma função psychica do terror, o sentimento religioso

está ligado intensamente á aspiração a unidade do Todo infinito, que é o surto irreprimível e secreto do espirito humano. O homem é, com effeito, a superstição em si mesma, e a superstição é filha do terror, da fatalidade ou do destino, e, enquanto houver a seductora mas dolorosa magia do mysterio, que a religião official não explica nem resolve, ha-de o terror dominar a consciencia humana. Aquelle que comprehende o Universo como uma dualidade de alma e corpo, de espirito e de materia, que vê toda a natureza universal terminada no seu proprio ser ou que não percebe o mysterio ou ignora o supremo segredo da Unidade infinita do Todo, limitando o seu conhecimento da existencia aos factos positivos da materia, vive na perpetua dôr, diz Graça Aranha. O homem só se libertará do cháos em que afundou na sua primeira idade pela cultura philosophica ou pela disciplina esthetica, que extinguirá na consciencia todas as angustiosas superstições do terror, oppondo á esta triste philosophia dualista a radiante concepção monista, a unica capaz de suscitar a verdadeira postura diante da vida. Deus, a fatalidade ou o destino será para elle a grande illusão até que a philosophia ou a arte o não sarar da macula dos tempos e dos vestigios que nelle deixaram a vida e o espectáculo do universo. Só o philosopho é livre e feliz, porque não tem Deus, idéia que nem

é real nem util, e é até nociva. Além de libertar-se da illusão primaria, o terror do cosmos, tem ainda a alegria da sua ansia incontida de realizar a completa identificação com o universo e de chegar á paz que a fé não pode dar em presença de todas as contingencias das coisas, á vista desse character de *utinam* universal em que se encontra a natureza. A arte, porém, mais do que a philosophia, é que dá ao homem a suprema bemaventurança. Ver e sentir o universo como obra de arte, e, simultaneamente como espectador e actor do drama, gozá-lo com suprema voluptia artistica, eis o que é a vida. “Na tragica situação do homem no Universo, o sentimento no seu espirito é o da unidade infinita do Todo. Pela comprehensão, pela intelligencia, o homem chega ao conhecimento exacto das partes em que se fragmenta e se compõe o Universo. Mas o espirito humano vae além dos limites da sciencia e da comprehensão, sente que o Universo é essencialmente um todo infinito apparentemente fraccionado. O sentimento dessa unidade, quando se realiza pelos contactos sensiveis com a natureza, pelos sentidos corporaes, transportando as sensações até á altura de emoções vagas, indefinidas do Todo, constitue a essencia da arte. Esse senso esthetico é inherente ao homem, como o senso religioso, com o qual se assemelha, sendo que a arte reside na emoção do Uni-

verso que provem dos contactos do homem com a natureza e é transmittida pelos sentidos, produzindo-se em fórmãs, côres, sons, sabores e tactos, e a emoção religiosa é abstracta e independente dessas expressões sensíveis". Na sua lucida comprehensão do mundo, injustificavel racionalmente e só intelligivel como belleza, e na sua fina percepção esthetica da vida, Graça Aranha, cuja logica é sem defeitos, polarisou o ideal humano na libertação do soffrimento, que nos vem do terror cosmico, e na realização da unidade universal.

§

A glorificação da vida e do amor da vida, eis, pois, o fundamento da sua esthetica, que é a creadora da festa magnifica, da aventura incomparavel, do jogo maravilhoso da unidade infinita do universo. A genialidade synthetica de Graça Aranha, tendo aprendido de Spinoza e de Gœthe o facto da identificação da natureza e do homem, desde logo o seu instincto artistico, pelas condições especiaes de sua cultura e de seu temperamento, vio na unidade de todos as manifestações do Universo uma concepção que lhe permite acceitar a vida sem por isso crêr na existencia de uma causa final. A vida é bôa, não porque tende para tal ou qual fim, mas em si mesma, porque cresce, augmenta e esplende com o universo, palpitando na reali-

zação gloriosa da acção e do combate. A idéia monista transfigurou-se a ponto de tornar a visão da tragedia universal inexaurível fonte de gozo esthetico, e a philosophia do poeta celebra com os tons do mais bello lyrisimo este facto da mais feliz explicação do ser e do universo, problema que tanto tortura a humanidade pensante. A doutrina de Graça Aranha não tem character utilitario ou ethnico — é um amoralismo esthetico, que proclama a alegria da identidade do espirito humano com o universo, a felicidade suprema da existencia. O seu ponto de partida é o pantheismo de Spinoza, modificado pela psychologia particular da raça, e o shopenhaurismo, visto sob um angulo philosophico inedito, e, sem duvida, exerceram tambme forte influencia sobre o seu pensamento o idealismo de Berkeley, o irracionalismo de Hume e o amoralismo de Nietzsche, havendo entre estes philosophos e o pensador brasileiro apenas uma relação de affinidade e não uma identidade de raciocinio. Nenhum desses autores adoptaria integralmente a concepção esthetica do Universo formulada com uma precisão e uma logica admiraveis por Graça Aranha, cuja originalidade consiste em ter traduzido a realidade transcendente do mundo, dando ao monismo o esplendor da alegria e da vida sempre renovada. Berkeley nega em absoluto a materia e, supprimindo o mundo exterior, acredita tão só nas

idéias, que procedem, segundo elle, do espirito de Deus. Hume, affirmando igualmente a não existencia da materia, mas sustentando serem as idéias innatas méras illusões geraes, o seu illogismo teve por fim necessidade de reconhecer que no bem geral reside a felicidade do individuo. Por sua vez, Nietzsche, que adoptou num momento, quando estabeleceu as *Origens da Tragedia*, que foi a sua primeira transvaluação de todos os valores, o principio da visão artistica do universo, acabou subordinando-o ao imperativo da vontade de poder, ao ascetismo heroico, á theoria do super-homem, á ethnica amoralista, e entende a arte como um méro estimulante da vida. Quanto ao pessimismo de Schopenhauer, que conduz ao nirvana e transforma a contemplação esthetica num meio de libertação, é um erro, porque proclama o aniquilamento pela morte, sem se transformar em outras expressões da materia e sem a communicabilidade com a natureza, de que é um simples aspecto illusorio, e mantem no espirito a perpetua dôr da nossa separação do Todo infinito. A concepção monista do nirvana, conquanto conceba a alma individual permanente e immutavel, como o principio que mantem a separação entre os individuos, como a hypothese do renascimento ou o eterno retorno ás mesmas fórmulas e ás mesmas existencias, impede a libertação espiritual e perpetua a

dôr. “O Nirvana surge nessas terríveis angustias do espirito, que busca a libertação da propria existencia, como a feliz concepção da unidade final e absoluta do Universo. Mas esse termo ultimo a que se póde chegar em plena vida, e não pela morte, é o fim de todo o desejo. Para o mystico do Nirvana toda a actividade é uma expressão de dôr, a propria contemplação do Universo, a meditação, o pensamento, o gozo transcendente da vida suprema do Todo são fórmãs da permanencia individual, que nos afastam da beatitude, em que se extinguem para sempre o prazer e o soffrimento. A essa attitude passiva e incompativel com a propria natureza, que é ella mesma a perpetua acção, opporemos o conceito da unidade universal realizada pela propria consciencia, que nos dá a miragem sublime da inconsciencia infinita. Para se attingir ao Nirvana, o buddhismo fixa uma lei moral. Para extinguir a dôr é necessario a piedade, a compaixão que se torna sympathia universal, solidariedade entre todos os seres do universo e responsabilidade de cada um com a natureza inteira. O buddhismo se accentúa mais como religião do que como philosophia”. De todos é Spinoza, não obstante o character eudemonista da *Ethica*, que melhor explicaria ou justificaria os postulados da *Esthetica da Vida*, e é elle o mestre que occupa por ventura o primeiro e mais distincto lugar na sua mente

e no seu coração. O seu pantheismo, porém, poderia ser uma apparencia do conceito supremo do Universo, que é a base da *Esthetica da Viãa*, mas elle acaba no dualismo separador da materia universal e do nosso eu quando estabelece uma ethica em que o inconsciente é substituido pelo consciente, pela vontade do bem, como uma necessidade á conservação do ser, a razão primeira da existencia. Segundo a *Ethica*, toda a coisa em si se esforça em perseverar no seu ser e todo o esforço de um ser para se conservar é o primeiro e unico fundamento da virtude, doutrina esta que se oppõe á philosophia buddhista, que estabelece a ethica çontraria da dissolução do individuo no Todo infinito. Graça Aranha reconhece que Spinoza se approximou mais do que qualquer outro da concepção essencial da unidade infinita dos seres, quando affirmou que o homem é uma infima parte da natureza. No entanto, conclue, esse conceito da parte e do Todo no pensamento spinozeano ainda é uma idéia de separação, e, portanto, çontraria á concepção esthetica da vida em que o universo surge como o perpetuo "fieri" de fórmias infinitas e incessantes e a vida do ser individual exprime a inconsciencia e a magia do Todo. "Esse principio de unidade fundamental da materia universal exige como corollario o conceito da mutação infinita dos seres, em que se fracciona aparentemente o Todo. O

erro que proclama a permanencia immutavel de cada ser no proprio ser, aniquillando-se totalmente pela morte sem se transformar em outras expressões da materia e sem a communicabilidade da Natureza, de que é um simples aspecto illusorio, mantem no nosso espirito a perpetua dôr da nossa separação do Todo infinito. Ao passo que no conceito do Universo, como unidade infrangivel de toda a natureza, a vida dos seres seria a da perpetua alegria pela eliminacão do terror metaphysico”. Spinoza, como se sabe, admite o duplo postulado da unidade do mundo e da identidade da substancia e de Deus, e aspira, como o estoico, á sabedoria e á felicidade pelo reino da razão, enquanto Graça Aranha, prestigioso empresario metaphysico, e só elle, emancipa a vida de toda consideracão eudemonista, ethica ou ascetica, e faz da arte o espelho do espectaculo da unidade universal, dando-nos uma postura impassivel em face da vida e da morte. “Não se póde attingir a suprema fusão no universo, quando todos os conceitos relativos do bem, do util, do bello, emfim tudo o que é individual persistir no nosso espirito”. Livre, absolutamente livre ante o espectaculo do universo, em lugar de concluir, como Schopenhauer, na negacão do querer viver, elle celebra como o grego dionysiano a belleza e a grandeza da vida, a vontade que quer eternamente a vida, trans-

mudando tudo em sensações, e proclama que o conceito esthetico do universo é a base da perfeição. A mediocridade, certamente, não comprehenderá o sentimento profundo de sua subtil coordenação.

§

A philosophia como visão artistica é factor de energia, porque regeita a passividade do Nirvana e proclama que só pela actividade o individuo, unidade infrangivel da natureza, pôde fundir-se esplendidamente no Todo infinito: a vida do homem seria a da perpetua alegria pela eliminação do terror metaphysico. “Deante do Universo, o homem, inspirado pelo puro pessimismo negativo, dirá: a vida é uma illusão, uma serie de imagens de uma realidade jámais attingida e jámais positiva. Só a morte é positiva, ella é a entrada, o accesso do ser no absoluto inconsciente do Universo, o fim da illusão instantanea da consciencia, que apparece como uma luz fugitiva na infinita indifferença da materia... Para aquelle, porém, que, possuido do sentimento espectacular do Universo, affirma que não ha um destino moral, nem politico, nem religioso, um finalismo de qualquer ordem do perfeito jogo das forças da natureza, ha o sentimento profundo de que o Universo se representa como um espectáculo, em que só ha fórmulas, que se succedem, multiplicam, morrem, re-

vivem, numa metamorphose infatigavel e deslumbrante. Desse spectaculo universal, somos uma apparição phantastica e passageira e, na inconsciencia da representação da vida se fórma, se abre um intervalo, quando uma dessas apparições instantaneas do mundo phenomenal, que somos nós, póde conceber a magia do universo. É a maravilha da consciencia, o espelho divino do Universo, que reluz por entre as trévas profundas do inconsciente absoluto e infinito e inquebrantavel silencio dos outros seres.” Desse conceito transcendental do universo, encarado como perpetuo “fieri” de fórmulas infinitas e incessantes, origina-se uma ethica para o homem, em cuja consciencia se reflecte o mysterio fascinador da vida esthetica. O philosopho, verdadeiro D. Juan da metaphysica, que exalta sua paixão de belleza pela evocação das perspectivas serenas ou sombrias da vida e contempla o mundo *sub specie formae*, estabelece para o homem tres grandes disciplinas em que se baseia a ethica desta esthetica da Vida: a resignação á fatalidade cosmica, a incorporação á terra e a ligação com os outros homens. “A grande fatalidade do espirito humano foi ter percebido o spectaculo universal. Mas, que essa divina alucinação inspire o sentimento da esthetica da vida. Façamos de todas as nossas sensações, sensações de arte. E’ a grande transformação de todos os

valores da existencia. Não só a fôrma, a côr, o som, mas tambem a alegria e a dôr, e todas as emoções da vida sejam comprehendidas como expressões do Universo. Sejam para nós puras emoções estheticas, illuções do espectaculo mysterioso e divino, que nos empolguem, nos arrebatem, nos confundam na unidade essencial de todas as coisas, cujo silencio auguste e terrivel perturbamos um instante pela consciencia que se abriu, como um relampago, nas trévas do acaso. A cultura ha de se inspirar nesse conceito e ha de abandonar todos os outros que fazem da vida um debate moral. E será a libertação. Passaremos a ter a consciencia de que somos uma força entre as forças universaes, e assim entramos na vida eterna, na vida da natureza, realizando com esta a communhão absoluta e mysteriosa, que é o termo final da dolorosa separação do nosso eu do Todo infinito". Adquirido o sentimento da universalidade do proprio ser, o homem deve exercer a sua actividade espiritual no sentido da sua incorporação á Terra, que é o segundo mandamento da esthetica da Vida, assim resumido, por Graça Aranha: "Nascido da Terra, o homem ficou para sempre ligado a ella. Todo o seu organismo é uma expressão do meio physico, de que se originou. Nada no corpo humano que não seja uma inmorredoura reminiscencia de sua formação terrena. O seu sangue bate

ainda o rythmo das quentes marés dos primeiros oceanos, em que se germinou a vida animal. A historia da Terra se gravou no nosso organismo e nós a resumimos. Parecendo ser um prolongamento do meio physico de que proviemos, somos apenas uma recapitulação. Tudo em nós é a Terra vevificadora e magnifica... Filho da Terra, o homem dá-lhe a alma. Elle é a intelligencia, a força subtil e immortal que lhe crea uma personalidade e a paz divina. A nossa historia moral se passou intimamente com ella. Do seu mysterio vieram os phantasmas, os deuses da nossa alma primitiva e de sempre... Do seu inconsciente nasceu o nosso consciente. Ora, por essa suprema indentificação, devemos fazer da terra o centro espiritual da nossa actividade. O seu culto é um exercicio de amor que reconhece que o homem e a Terra são um só. Façamos dessa comprehensão uma expressão esthetica do nosso espirito e será uma victoria sobre o terror. O maior repouso da natureza humana é a sua identificação com a natureza universal". Ser um com o Universo é o segundo grande mandamento da vida, e o conhecimento que leva a esse repouso é o maior dos conhecimentos. A terceira e ultima categoria em que o homem deve exercer a sua actividade espiritual, que é a ligação com os outros homens, não é mandamento inspirado pela piedade, pela sympathia ou qual-

quer razão de ordem religiosa, como no christianismo ou no buddhismo, é a deducção logica da propria concepção philosophica da unidade do Universo. . . “A aspiração fundamental do espirito humano, a sua essencia, é a sua fusão no Universo. Não ha nada individual ou particular, tudo é universal e o proprio pensamento é função dessa universalidade. Ora, essa communhão é essencial entre os seres em que se fraccionou a illusão do Universo, elle não póde deixar de inspirar a sociedade dos homens, isto é, de todos os seres que percebem na sua consciencia a grande inconveniencia metaphysica do Todo, a idealidade do Tempo, o fluxo e o refluxo aparente da vida e da morte. E nessa solidariedade profunda as causas de separação entre os homens, futil distincção para aquelles que vivem na tragica amargura das separações, que é a nossa distincção individual do Todo infinito, seriam extinctas separações creadas pelo Terror, mesquinhos odios humanos, que só servem para augmentar a immensa tristeza dos nossos espiritos. A concepção esthetica do Universo, dando ao homem a luminosa comprehensão da sua unidade com o Todo infinito eliminaria o Terror da vida humana, basearia a sociabilidade na Alegria, que, segundo percebeu Spinoza, é o bem supremo. E a alegria é a perfeição do espirito humano, só se póde realizar em sua plenitude pela interpretação

do Universo como um magnifico espectáculo e nós mesmos como puros, simples e fugazes elementos estheticos da indefinivel vida Universal". Dest'arte, a concepção esthetica do Universo, pela sua essencia é estranha a toda idéia do bem e do mal, porque nessa perfeita unidade com o Todo, em que o homem se abysma para cessar enfim a tragedia fundamental do espirito, não se prosegue nenhum fim e tudo é illusão, apparencia. Assim tambem a idéia de belleza, a belleza objectiva, é indefinivel e incerta, e o seu subjectivismo infinitamente variavel. "A belleza é um perpetuo equivoco entre os homem". Se o conceito do bello é abstracto, ou se a belleza em si não existe, resta-nos, diz Graça Aranha, a aspiração, o desejo de que tudo seja bello, e nesse fremito é que reside o segredo da arte, que é a transformação do universo numa esthetica pura. A arte, pois, está desassociada da idéia de utilidade, como é estranha ao proprio conceito de belleza, attribuida como fim supremo da actividade artistica, porque ella nos dá em sensações o sentimento vago da unidade infinita do Universo. "A interpretação esthetica do Universo, função intima do espirito humano, não obedeceu a nenhum plano da natureza e nem a um principio de utilidade social. Antes da sociedade humana está o espirito do homem com as suas forças mysticas, independentes e desinteressadas. A natureza não

tem um fim moral e religioso ou philosophico. A sua inconsciencia é absoluta, e a illusão de sua vontade ficticia está na magia do seu proprio espectáculo, perpetuamente seductor. Reflectir esse espectáculo universal, transmittir a illusão dessa realidade, que se illude a si mesma, não deixar fóra do prisma nenhum insignificante e mysterioso personagem da existencia total, é o milagre da arte.” O espirito humano, levado pela arte ao sentimento vago da unidade cosmica, sente-se um com o Todo infinito e torna-se o creador do Universo. “O creador não é o que prescreve o bem e o mal, mas o que faz do Universo o seu espectáculo. A função por excellencia do espirito humano é a da criação. Viver é crear, e nesse poder de crear o homem chega a crear um creador para si e para todas as causas. A transformação da realidade em uma criação propria á cada intelligencia é uma fatalidade. . . A obra de arte é a criação que representa a vida, mas a interpretação da obra de arte é outra criação. O sentimento que a obra de arte produz em nós, é uma criação rival da criação artistica. Cada homem é um artista tosco, primitivo ou sublime, porque cada homem representa, interpreta, produz imagens, que são fórmulas, côres ou harmonias intimas, profundas, a musica secreta da alma. O instante da criação ou da emoção artistica é como o de uma magia que viesse ao espirito pelo ador-

mecimento das sensações da resistencia individual para nos levar á fusão infinita no Universo. O individual do nosso ser se torna universal pela arte. A natureza exerce desse modo a sua função esthetica, porque, como a obra d'arte, ella suggere sentimentos e não se limita á simples expressão deste". A arte é inseparavel do homem, que póde deixar de ser um animal religioso mas não cessará nunca de ser o animal artista, porque na contemplação e interpretação do mundo elle se revela essencialmente e sempre artista. A propria imagem que faz de si mesmo é ainda uma obra de arte, como é tambem uma obra de arte o meio em que vive, move e se desenvolve, seja o templo, a casa ou a cidade. O sentimento do espectáculo infinito do universo, que é a função magica do inconsciente, reflexo e projecção do sentimento subjectivo, estende-se a actividade toda do homem, que é uma perpetua e integral criação artistica. "A consciencia deve-se apoderar da magia, que o inconsciente creou no espirito humano, e fazer de todas as suas sensações, sensações de arte. Que a luz, a côr, a fórmula, o som, mas tambem as sensações moraes da alegria e da dôr, e todas as emoções, sejam incorporadas ás forças do Universo, sejam para nós emoções estheticas, criações, phantasias, illusões, mas espectáculo mysterioso e divino que nos domine e enleve, e nos confunda na Unidade essencial da vida. Esse sentimento es-

theticamente intenso e profundo, unindo todas as cousas, volatisando todos os soffrimentos da alma, nos arrebatará da nossa misera contingencia, nos dará a sensação do infinito, nos livrará de toda aquella tristeza em que morre o espirito humano." Tal é a suprema esthetica da vida que nos libertará das trévas do soffrimento em que o homem se abysma e se perde, transformando, pela nossa participação na profunda harmonia total e pela realização da unidade infinita do ser, a existencia em perpetua alegria.

§

O pensamento philosophico de Graça Aranha, que transmudou todos os valores da existencia, evoca em nossa mente um palacio maravilhoso de linhas puras e proporções harmoniosas, dentro do qual pontificasse um Merlino iniciado nos problemas intrincados da consciencia e nos segredos do Universo. Graça Aranha, mestre da vida, renovou os fundamentos da metaphysica e por ella a concepção que, de Spinoza a Haecel, formamos do universo encarado com um encadeamento implacavel de phenomenos cuja essencia nos será sempre interdicto penetrar. A sua philosophia, que possui o cunho da originalidade, e está em correspondencia com o seu temperamento e com a sua arte, não nos libertou apenas da oppressão que a fatalidade de um dualismo inexoravel faz pesar sobre o mundo,

mas ainda nos emancipou da brutalidade de um materialismo estreito, mesquinho, sem perspectivas, e de um pessissimo dissolvente, rasgando as miragens enganadoras que a especulação philosophica havia tecido para prender e perder a alma humana, e a sua ethica tem como idéia motora o principio da feliz illusão susceptivel de dramatisar, estylisar e dar fórma esthetica á existencia. Tendo, graças aos dons incomparaveis da sua intelligencia creadora, entrado em communhão com as realidades visiveis e imperceptiveis, reintegrou a metaphysica nos seus direitos seculares de que o idealismo e o materialismo a haviam despojado para melhor commodidade da dialectica e a assentou sobre um novo conhecimento do universo, que, restituindo á vida toda a sua belleza e reintegrando o homem no cosmos, pelo conhecimento de si mesmo, promette á humanidade possibilidades de progresso indefinido, superiores a toda previsão e impossiveis num mundo baseado na consciencia moral. Tal philosophia, pois, que nos communica ao coração um incoersivel anseio para destinos melhores é a doutrina da libertação do espirito, da redempção da natureza e da acção creadora, e que exercerá cedo ou tarde profunda influencia não só sobre o pensamento e as aspirações contemporaneas, mais ainda sobre a vida publica e a vida privada de cada um.

A METAPHYSICA BRASILEIRA

A Graça Aranha devemos o primeiro esboço do que elle preferio chamar “metaphysica brasileira”. A metaphysica brasileira é o conjuncto de elementos, complexos e silenciosos, alguns basicamente permanentes ou variaveis, muitos delles innatos ou adquiridos, uns fataes e outros livres, que caracterizam o genio nacional, e determinados gradualmente pela raça, com as variantes introduzidas pelos diversos cruzamentos, pelo meio physico, com as differentes modificações operadas no sentido de torná-lo mais apropriado á vida, pelo estado social, pela religião, pela continuidade historica. Na sua lenta evolução creadora, cada povo acaba por adquirir ou formar o temperamento proprio sob o imperio destes factores, occorrendo que, se esta invisivel influencia se manifesta em tudo, nos actos e nos pensamentos, se revela principalmente na imaginação, no seu ideal, cuja fórmula mais genuina é a arte.

Facil, é, pois, descobrir as tendencias, o sentimento central, a indole, o caracter emfim de um povo: o que é difficil e quasi impossivel é penetrar a psychologia ethnica de uma raça ou de um certo nucleo ethnico. "Ninguem pôde explicar a alma das raças, escreve Graça Aranha, pois tudo é mysterioso e incerto, na psychologia das collectividades. Mas, ainda assim, pôde-se perceber que em cada povo ha um traço caracteristico que, embóra enigmatico, é persistente, vem do passado e será o mesmo no futuro, através das peregrinações do sangue e do espirito. O povo romano, apesar de tudo que absorveu e assimilou, apesar da sua avassaladora expansão no mundo, não perdeu jámais aquella expressão primitiva do egoismo, que permanece como o segredo da sua civilização. No povo inglez o traço caracteristico é a energia, que de individual se tornou collectiva, a energia de Robinson Crusoe que, pertinaz e indomavel, fez a conquista da terra. O traço definitivo da civilização franceza é a intelligencia, que determina a razão, a ordem, a clareza e o gosto. Na Italia seria o sensualismo, do qual nasceram a exaltação artistica, a politica realista, a Renascença e o Estado. A Allemanha é possuida desse entranhado espirito metaphysico que se manifesta no pensamento, na abstracção e até na disciplina. As almas extaticas de Santa Thereza e de Don Quichote, a ingenuidade de Sancho Pansa são expressões

da fé transfigurada e mortal, em que se consumio a Hespanha”. No Brasil a questão é mais grave, escabrosa e arida, embóra não insolúvel.

§

O facto dominante no desenvolvimento historico dos povos, segundo a lição de Gobineau e de Lapouge, é a mentalidade das raças que os compõem. A evolução social é determinada, não pelo meio, mas principalmente, senão exclusivamente, pela vontade de poder e de dominio entre as differentes raças que constituem o aggregado social, e que divergem entre si pela sua biologia e pela sua cultura. A raça fixa o valor dos povos como dos individuos, é a alma, a genialidade, a individualidade da nação, é a raiz e a seiva da historia, e, portanto, é a causa do progresso ou da morte das sociedades, porque ella dá ao homem nobre a vontade, a unidade e a superioridade. O merito da these de Gobineau, fecunda em suggestões e ensinamentos de toda ordem, consiste em ter estabelecido o pathos psycho-ethnico da raça, sem o qual não se explicariam as acções humanas. Mostrando que nella está o elemento primordial da vida dos povos e das sociedades, revelou ainda que em certas misturas ethnicas a raça perde, com a pureza, os caracteres proprios, a hierarchia psychica, o valor, e que o cháos ethnico, num dado momento,

acarreta, pela desassociação dos elementos constitutivos de um povo, a decadencia ou a degenerescencia sem remissão. Se a raça, que é o elemento fixo, forte e eterno, é o essencial na historia, em politica e em sociologia, é ella que nos permite penetrar o genio ou a cultura das nações, as suas creanças, os seus cultos, as suas instituições e as suas doutrinas. A ethnologia, ou a noção gobiniana da raça, nada tem que ver com as conclusões simplistas e pueris da anthropologia, que tem tanta importancia quanto a chamada psychologia experimental: a psychologia ethnica não se vale dos materiaes da anthropologia scientifica para as suas syntheses e inducções, porque, como diz Renan, a historia humana não se reduz a uma simples questão de zoologia. O valor ethnico não se traduz sómente pelos assignalamentos exteriores ou physicos dos povos e dos individuos, mas tambem e sobretudo pelos traços psychologicos. Não se reconhece o germano ou o latino pela fórma craneana, pela côr dos cabellos e pela physionomia, senão pelos attributos intellectuaes, pelas suas aptidões moraes, ou, melhor ainda, pela sua concepção do universo e da vida. Existe, um *instincto ethnico*, a que o nosso Nabuco chamou *inconsciente ethnico*. O homem traz em si, em estado virtual, uma verdadeira consciencia ethnica que, ainda quando rude ou inculta, lhe esclarece sobre os predicados do seu sangue, do mesmo modo

que a sua consciencia moral lhe instrue acerca do merito dos seus actos. Ouvimos sempre a voz imperiosa e occulta da nossa hereditariedade, e, á semilhança do demonio de Socrates, o genio da raça não cessa de velar sobre nós. Á consciencia ancestral devemos a nossa philosophia, a nossa concepção do mundo, a nossa cultura, o nosso progresso, a nossa vida, e os nossos actos são productos da nossa vontade, do nosso sangue, da nossa carne. A *virtú* de que fala Machiavel, é a energia aryaná de Gobineau. Tudo o que ha de grande, de nobre e de fecundo num povo pertence ao genio ethnico. O pensamento, emfim, que é função do cerebro, vem a ser o criterio infallivel da raça.

§

A analyse do desenvolvimento da nossa formação ethnica tem de ser feita pelo estudo da influencia de cada um dos seus componentes principaes. Não somos, nós outros brasileiros, uma nacionalidade com base ethnologicamente definitiva e pura. A nação brasileira, que se encontra no meio das vicissitudes do eterno fluxo e refluxo das migrações, é producto historico da fusão gradual de tres radicaes ethnics distinctos, e não resultado de obscuros instinctos primitivos, mas é tambem obra do esforço e da vontade da raça branca, nucleo essencial e base primeira em torno da qual se aggruparam os materiaes

multicores que trouxeram os outros povos, e dahi o segredo da quasi perfeita unidade moral da nossa gente, que se caracteriza fortemente pela idealidade aryana e pelo contraste emotivo das duas outras raças, por mais estranha que esta affirmação pareça. A nossa cohesão politica, presidida pela acção imponderavel da unidade da raça, gerou a nossa unidade moral. Com effeito, nas nossas veias, em circumstancias excepcionaes e excellentes condições de tempo, os globulos aristocraticos do celta-ibero se avolumam, se espraiam, correm ao lado de uma quantidade miniscula do sangue ardente do africano e das particulas de carne agreste do gentio indomavel. Neste sentido, é muito subtil a observação de um dos nossos mais lucidos espiritos, quando affirma que é um erro psychologico considerarmos-nos uma mistura do portugûes, do indio e do africano. Não somos uma mistura, nem muito menos representativos de nenhuma das tres raças, mas uma synthese ethnica, que se operou logo annos depois da conquista, quando os europeus que se encontravam no país se ligaram amorosamente com a gente bronzeada da terra, gerando uma raça indomita e audaciosa, dotada de uma energia heroica e de uma resistencia formidavel, que, enquanto o portugûes se deixava ficar no litoral, fascinado pelo oceano e cheio de nostalgia pela metropole, penetrava no sertão bravio que abriu o roteiro para o Brasil im-

menso e de destinos sem limites. No seu pensar, este é o typo basico da raça brasileira, ao qual a ancestralidade européa transmittio sem duvida a capacidade civilisadora, o ardor patriotico e a altivez da estirpe. O mameluco, resultante do cruzamento do luso com a aborigene, sentindo-se senhor da terra onde a qualidade de legitimo typo nacional nasceu, creou a patria. Ao typo ethnico já formado, veio juntar-se o negro, deturpando-lhe bastante as linhas caracteristicas, mas sem conseguir alterar-lhe a essencia, destinada a ser a physionomia fundamental da nacionalidade. Ao mameluco está reservado um lugar distincto em nossa ethnologia, visto ser um typo de fusão, que se tornou preponderante no caldeamento geral. No entanto, a esse mesmo não se poderia emprestar um character definitivo, neste momento da nossa evolução biopsychologica, porque é transitorio. Tambem a iniciativa de integrar em qualquer um dos typos fundamentaes as origens da nossa nacionalidade não pôde absolutamente conciliar-se com a realidade. Somos, portanto, até certo ponto, uma raça mestiça, mas o facto dessa mestiçagem, phenomeno biologico cujo determinismo podemos facilmente apreciar, não constitue motivo de vergonha nem de inferioridade, porque, em primeiro lugar não ha raças completamente puras, á excepção dos semitas, e, depois, misturadas foram e ainda

o são na actualidade todas as raças que mais contribuíram para o esplendor da civilização e da cultura occidentaes. O Brasil é uma vasta nebulosa ethnica, organizada lentamente num processo embryogenico que dura ha quatro seculos, e antes da mistura racial haver attingido o seu estado de synthese definitiva para dar a raça brasileira, condensada e diferenciada numa individualidade magnifica, os elementos inferiores lançados na grande retorta do cruzamento pela seiva barbara das duas raças subalternas, terão sido necessariamente absorvidas pelas influencias europeas ou eliminados pela selecção social e economica se não se deixarem assimilar pelo nucleo racial preponderante. Não ha como negar que os caracteres physicos, mentaes e sociaes do typo nacional terão por fim de ser determinados pela consciencia, pela sensibilidade e pela intelligencia do homem branco, a cuja ascendencia dominadora não poderão fugir as minorias ethnicas. O nosso dynamismo, portanto, obedece aos rythmos creados pelo instincto da raça mais apta, mais forte, mais energica, que poderá sem prejuizo ou damno incorporar a vitalidade apaixonada e a capacidade emotiva das raças inferiores, e a formula da nossa evolução ethnica é esta: enquanto as duas raças, amarela e negra, se reduzem sempre, a branca augmenta progressivamente.

§

Ora, Graça Aranha, no estudo da ethnologia moral brasileira, rastreando as nossas peculiaridades e idiosyncrasias raciaes, penetrou-se da evidencia de que a questão ethnica domina todos os outros problemas da nossa historia e que a raça ou a mistura de raças que fórma a nação, é a chave com que se explica o encadeiamento logico dos destinos do povo, quer dizer, que o desenvolvimento do povo brasileiro é a evolução das raças que o constituem. O homem se agita dentro do meio physico e a raça o conduz. Tudo está no sangue. A lingua, a religião, a lei, os interesses, a geographia e as necessidades militares não bastam para crear uma nação, se a esses valores nominaes e ficticios não juntar-se a influencia silenciosa da raça. A consciencia ancestral, a raça, é que forma a alma nacional, que, como affirma Renan, tendo raiz no passado, incarna no presente a vontade dos individuos em affirmar e proteger o indivisivel legado de esforços, sacrificios e devotamentos communs que recebeu dos antepassados, e que é a base, repetimos, sobre a qual se funda a idéia de patria. A nação, como o homem, pois, não se improvisa, é o resultado de uma série de realizações historicas gravitando para um mesmo fim, e não formada pela figuração do solo, pelo sentimento religioso ou pela identidade de lingua.

Assim, o passado é tudo na formação do povo brasileiro, que se tornou logo no começo do seculo XVII um nucleo nacional resistente e será por muito tempo uma individualidade historica, graças principalmente ao segredo da unidade da raça, flamma de renovações e de audacias imprevisas. Não será o nosso caso uma excepção á lei geral.

§

A differenciação de caracter que se pretende estabelecer entre litoraneos e sertanejos, entre nortistas e sulistas, é superficial, e quem observar attentamente a alma popular ha-de sentir que, em toda parte deste vasto territorio, vive o mesmo povo, um só povo, tendo as mesmas idéias de patria, as mesmas aspirações de grandeza futura e as mesmas esperanças de destino. Nada é mais curioso que o estudo dos phenomenos psycho-physiologicos de formação da nacionalidade pelo caldeamento progressivo de diversos elementos raciaes e dos factores psycho-sociologicos de adaptação dessas variedades humanas no meio physico, social e moral, com o intuito de definir o genio do nosso povo e o espirito da sua civilização. O processo evolutivo em nós, operando-se não de modo arbitrario, incoherente ou ao acaso, mas consciente e determinadamente, realiza-se apenas limitado pelas condições excepçionaes do meio physi-

co em que se desenvolve, e as manifestações que revelam mais fortemente a physionomia brasileira originam-se menos do particularismo da natureza que das influencias ancestraes. Na mysteriosa circulação de seiva no nosso sangue e no nosso espirito, recebemos de cada ramo ethnico de que nos alimentamos uma vitalidade proporcional á força que trabalha o grande tronco e o individuo, acompanhando o eu nacional nas suas transformações, gradúa pela delle a intensidade de energia que recebe. Necessariamente, o sangue das raças inferiores, trazendo na transfusão os mais diversos atavismos e as mais contradictorias aptidões, cria no seio do grupo ethnico em formação certos antagonismos seculares que a vida em commum, a identidade de costumes, de habitos, de aspirações e de leis e o uso da mesma lingua farão desaparecer para que a unidade nacional se realize integral e harmonica dentro dos limites geographicos fixados. Ahi está porque, sem contrariar a doutrina bio-psychologica que faz da raça o factor mais importante da historia, a composição ethnica de um povo adquire ainda um valor sociologico incontrastavel, convindo assignalar que os efeitos sociaes differem necessariamente conforme a qualidade e na proporção dos elementos ethnicos absorvidos. No Brasil, o que mais deve impressionar não é só a natureza, mas a possibilidade de uma vasta confusão

dos elementos ethnicos, a anarchia ethnica, porque a actual complexidade oriunda das três raças fundamentaes, com o predominio da influencia do branco, é força directora do progresso ou do desenvolvimento social do povo. Superfluo é mostrar o que ha de exagerado no fatalismo geographico, apregoado por aquelles que tudo emprestam á reacção do meio physico e insistir sobre a exacção da influencia dos factores psycho-sociologicos, cuja importancia é cada vez mais attestada pelos acontecimentos da historia. Todo povo é antes de tudo um conjuncto de individuos que se encaram como uma nação e, obra espiritual daquelles que a cream incessantemente, o genio nacional é fructo da consciencia e da vontade, que procedem do facto ethnico. Por effeito das influencias sociaes (hereditariedade, educação, imitação, adaptação ao meio, etc.), a generalisação dos traços do character gera a uniformidade, a unidade nacional, e o typo moral torna-se rico de elementos differenciaes determinados. Quanto a nós brasileiros, a fusão ethnica ainda não se completou, mas só apparentemente apresentamos uma diversidade de typos: podemos ser mais differenciados pela natureza, mas somos, positivamente, mais unidos socialmente, moralmente, ethnicamente. Todo o problema fundamental da nacionalidade brasileira, em todas as suas manifestações vitaes, está dentro desta formula.

§

Ora, Graça Aranha, com a sua analyse penetrante e rara perspicacia, procurou discernir no nosso complexo ethnico os mysteriosos componentes do nosso temperamento generoso e sensual, melancolico e voluvel, e extremamente imaginoso, traçando as grandes linhas da metaphysica brasileira. Denunciando as nossas taras e singularidades, começa elle por affirmar, depois de algumas generalidades, que no Brasil o traço caracteristico collectivo é a imaginação, cujas raizes longinquoas se acham na alma das raças differentes, que se encontram no prodigio da natureza tropical. Antes de tudo, explica que essa imaginação não é a faculdade de idealizar, a creação da vida pela expressão esthetica ou o predominio do pensamento: “é antes a illusão que vem da representação do Universo, o estado de magia, em que a realidade se esvae e se transforma em imagem”. Explanando as origens dessa peculiaridade caracteristica do nosso espirito, diz que cada uma das raças que immigraram aqui nos trouxe a sua melancolia. “Cada homem carregou no seu espirito o terror dos varios deuses, a angustia das lembranças do passado perdido para sempre, e se encheu da indefinivel inquietação na terra extranha”, fonte turva de poesia e religião, por onde aspiramos a posse do Infinito, para logo

nos perdermos no nirvana da inacção e do sonho. Indo ao mais intimo do recesso do problema, o mestre assignala o valor das varias contribuições ethnicas que entraram aqui na formação da raça historica. O brasileiro, com effeito, tem na sua psychologia, como no seu sangue, todas as influencias, umas contradictorias, outras homogeneas e harmoniosas das raças que lhe entraram na estrutura do character, como na compleição physica. Examinar cada um desses sangues, que se caldearam aqui, de certo que não seria tarefa para algumas paginas apenas; mas Graça Aranha, a largos traços magistraes, os inculca de relance, mostrando o respectivo co-efficiente quanto o valor de cada um. Assim, mostra como o portuguez, que é de todos os povos latinos o mais indefinivel, saindo de uma acanhada condição de recluso naquelle canto da peninsula, cedeu á tentação do mar, e reducou a alma no oceano. A alma lusitana, humilde e bisonha, ligada estreitamente ás coisas e á terra, oscilla incertamente entre um intenso sentimento realista, que não teve força de crear uma sensibilidade nova, e a miragem, a melancolia que lhe transmittiu o oceano. "O mar lhes foi uma terrivel tentação. Por elle attingiram ao maximo de energia nacional e por elle se perderam para sempre... Espalharam-se pelo mundo, tiveram fama e gloria, e soldados broncos e marinheiros rudes em dia se partiram das suas

praias, não mais tornaram, desappareceram no infinito dos mares... E nos olhos doces e tristes das mulheres portuguezas vê-se ainda a saudade das caravellas..." Depois, indica como o espirito rudimentar e informe do negro, desplantado da sua miseria, para auxiliar a vencer a natureza aspera e inquietadora, veio ficar aqui como em estado de perpetua infantilidade e de eterno espanto diante do mysterio. Finalmente, da raça indigena da terra americana, diz que transmittiu aos descendentes aquelle pavor que está no inicio das relações do homem e do universo.

§

Graça Aranha explica com lucidez o processo metaphysico do terror, que gera na consciencia a illusão representativa das coisas e povôa de phantasmas o espaço entre o espirito humano e a natureza. A natureza no Brasil, diz elle, é uma prodigiosa magia, uma eterna feiticeira, que mantem as almas em perpetuo deslumbramento e em permanente extase, e o homem, aqui, vive separado da natureza, é um perpetuo exilado que enlanguece numa singular nostalgia e ainda não conseguiu entrar em intima communhão com a terra onde habita, e a sua imaginação, ardente e desordenada, sobrecarregada pela hereditariedade dos elementos psychicos das raças selvagens formadoras da nação e oppri-

mida pelo esmagador espectáculo do ambiente tropical, cria uma florescencia de mythos, deuses e lendas, formando um objectivismo mythologico intrincado, extravagante, mysterioso. A historia social do Brasil é a historia dessa imaginação, que gerou e alimentou durante quasi tres seculos a obra do devassamento e a chimera do ouro, e é a fonte do nosso exaltado patriotismo, que, transmittido ás gerações, persiste e dirige a faculdade motora da nossa actividade, produzindo doces illusões mas cauzando erros fataes. Ha alguma coisa de tragico nesse mysticismo physico da grandeza da terra. Por uma singularidade do nosso sentimento, esse proprio sólo que o brasileiro combate, martirisa e procura dominar, enleva-o e envaidece-o. Sente-se elle o homem de um territorio vastissimo, bello e deslumbrante, em que tudo é superior a tudo dos outros países, e imagina então que á tão maravilhoso pedaço do mundo está reservado um esplendido destino. Essa miragem, a illusão da grandeza nacional, que o torna desejososo de alargar ainda mais a immensidade da terra brasileira, transmuda-se em amarga decepção quando a intelligencia esclarecida percebe o grande logro, que o encheu de desmedido orgulho.

§

Depois de estudar a fatalidade no temperamento da raça para a exaltação, affir-

ma Graça Aranha que o homem precisa libertar a sua consciencia, perturbada pelos factores barbaros das raças e do meio, e mostra quaes os trabalhos, os mandamentos moraes, que deve realizar para attingir á victoria espiritual, que é a sua volta á unidade essencial do cosmos, a suprema razão do espirito humano. Logo que se sente separado do todo universal, tragedia fundamental da alma que no Brasil se agrava pela discorreção insuperavel entre o meio physico e o homem e pela existencia de uma ideologia selvagem, o homem brasileiro procurará vencer a natureza, que o apavora e o esmaga, a metaphysica que lhe vem dessa natureza e da alma das raças barbaras geradoras do seu espirito, e a intelligencia, que é a faculdade de comprehender a intima e infrangivel unidade do Universo de que somos parte ephemera e immaginaria, e que no Brasil é estranhamente perturbada. A actividade do homem brasileiro, cujo fim será a libertação do terror, que assombra e separa, que impede a serenidade da sua vida esthetica, deve-se aplicar principalmente á realização da intima fuzão com a vida total nos tres aspectos em que ella se apresenta, e, para attingir a esta unidade absoluta, fundir-se splendidamente no Todo Infinito, tem que submeter-se a uma robusta disciplina esthetica da sua vida espiritual. As três grandes disciplinas em que se firma a ethica desta esthetica da vida, que

são as três grandes categorias da actividade humana, são, como já vimos, a resignação á fatalidade do universo, a incorporação á terra e a ligação á sociedade. Tal é o sentido profundo desta cultura esthetica. Ella libertará o nosso espirito do terror do mundo phisico e transformará a nossa vida, incorporando-nos á natureza, porque por ella tudo será comprehendido, dominado, e o universo se torna accessivel ao espirito, até então vago e assombrado. "Pela disciplina da cultura esthetica se realizará a união indissolúvel do homem brasileiro e da natureza tropical, a hypothese mystica do espirito e da materia no Universo, que formará a alma e o corpo de um só deus, total e infinito". No começo foi o terror, no fim será a libertação, eis, segundo Graça Aranha, a equação do primordial problema da intelligencia brasileira, cuja gravidade não póde deixar de nos impressionar profundamente nesta hora em que o espirito nacional irrompe outra vez na historia do mundo, como força creadora, retemperada no fogo e no sangue de batalhas cruentas.

NACIONALISMO BRASILEIRO

O livro excepcional que é a *Ethetica da Vida* tem para nós ainda o merito de surgir, por uma dessas singulares coincidencias que o rythmo mysterioso da vida prepara, no momento em que o Brasil tanto precisa de que se lhe illumine o roteiro. Nesta hora de esplendida renovação politica dos povos latinos e em que a nossa nacionalidade se apercebe de que andava tacteante e inadvertida no seu caminho, necessitamos que nos falem aquelles que nos pódem aclarar as veredas, tornando-nos conscientes da nossa missão historica e senhores dos nossos destinos. Ahi temos, a nascer e vacillante, um novo espirito nacional, fundado na consciencia da nossa vida e do nosso papel de continuadores do genio greco-latino em terras americanas, cujas transformações devemos auxiliar, afim de que não se disvirtue a sua essencia, e o livro de Graça Aranha é a biblia desse nacionalismo nascente, ao

mesmo tempo que é uma vibrante profissão de fé da néo-latinidade, victoriosa da cultura e da civilização germanicas. Nas paginas da *Esthetica da Vida*, com todos os fulgores da sua intelligencia, estuda elle as origens, as vicissitudes e os fundamentos historicos do nosso sentimento nacional, esclarece, de uma luz nova, phenomenos até hoje obscuros do nosso problema ethnogenico, discute as nossas questões politicas e estheticas, explica toda a nossa evolução philosophica, literaria e artistica, ao mesmo tempo que revela, analisa e commenta o nosso espirito metaphysico. Diante do maravilhoso spectaculo das forças que recompõem ou renovam as nações nesta curva da historia, o que seu espirito distingue nitidamente é uma combinação espontanea do individualismo transcendente e do espirito de nacionalidade, e não um jogo contradictorio, em que o individuo, o homem sem patria, se oppõe á nação, quebrando-se os antigos moldes do espirito humano. A idéia victoriosa desta luta em que o mundo se empenha, será a incorporação definitiva do individuo á nação, por mais ousada que seja qualquer affirmação neste instante turvo e incerto. O ideal de humanidade se alarga, certamente, mas tambem o principio de nacionalidade se avigora com mais paixão, e os dois principios estão longe de ser antagonicos. “A idéa da patria, diz elle, está na raiz do espirito humano. E a tenacidade mara-

vilhosa com que na guerra todos os homens acabam de defende-la, é uma affirmação da sua presença permanente na idealidade humana e do seu glorioso rejuvenescimento. A nação é o quadro inquebrantavel do individuo. O *eu* individual se completa no *eu* nacional. No encadeiamento dos seres do mesmo passado collectivo, que continúa a marcha no tempo sem fim, è que está o doce mysterio da vida humana. A Nação é o meu proprio *eu* no que ella tem de eterno, de profundo, de remoto e de forte, porque ella resume e exprime os sentimentos de almas, como a minha, que formam um todo immortal..." A guerra despertou em nós a consciencia do espirito nacional. "Assim como a victoria do terceiro estado na Revolução Franceza não entrou o espirito da nacionalidade, continua elle, do mesmo modo o advento do quarto estado não quebrará as espheras nacionaes e dentro dellas se realizarão as transformações da sociedade: nessa accomodação das idéas absolutas á realidade inelutavel está a formula do pragmatismo politico indispensavel á vida humana, de cuja infinita complexidade a ordem é o precipitado essencial."

§

Faz Graça Aranha do nacionalismo uma doutrina plastica, flexivel, colorida e viva, cheia do fervor que deve inaugurar o mun-

do moderno, e não uma philosophia que nos enerva, esteril, secca. Tendo naturalmente as suas raizes no principio biológico de individualisação progressiva dos grupos ethnicos, segundo o qual as nacionalidades, determinadas as suas fronteiras moraes, devem assegurar igualmente de modo definitivo os limites geographicos do territorio que occupam, ella não sómente exprime o sentimento profundo, os sonhos e as energias da nação, mas ainda vibra na luminosa alegria do genio latino e encarna em formulas admiraveis a idéia da universal belleza humana. A philosophia intellectualista que deve dirigir a personalidade e a energia brasileira é aquella que os não desintegre do cosmos latino. Lusitano pela ascendencia e latino pelo espirito, elle sente a gloria da raça na antiguidade dos seus troncos: “O nosso encanto estaria em ser uma nação americana com espiritualidade latina”. Numa pagina fulgurante de belleza e esplendente de sabedoria serena, que precisa ser transcripta integralmente, traça Graça Aranha a imagem do Brasil, dizendo: “Sendo portuguez o Brasil não deixará de ser uma nação americana. A originalidade do Brasil é ser o continuador de Portugal, o herdeiro da espiritualidade latina no mundo americano. O privilegio do Brasil é o de fundir duas nações: a que vem do passado no sangue portuguez, e a que recebe do ardente meio physico em que se desenvolve

essa transplantação da alma latina. Essas duas forças não se excluem, e enquanto a sua fusão se realiza suavemente e a impulsão americana move sem violencia as idéas e a sensibilidade portugueza, uma vida ardente inflamma o immenso país. A terra brasileira eleva-se numa ascensão espiritual. Sente-se em cada pensamento a inspiração de um grande destino. A energia crea a miragem, que por sua vez se torna o inspirador da vontade. O Brasil vive o poema da aspiração. A sua alma illumina-se á idéa de que a patria deve ser forte e majestosa, como a natureza onde elle se fixou. Na equivalencia do mundo moral e do mundo physico, no esforço de adaptar a nação á natureza e de a edificar nas mesmas vastas dimensões desta, acha-se a cellula primordial de toda a idealidade brasileira, herdeira de Portugal. Concentram-se as energias nesse plano de uma grande nação. Para o realisar, todas as forças espirituaes se applicam na denominação do mundo material. Conquista-se de novo a terra. Uma força indomavel leva as gentes da beira do mar aos sertões do interior. Nas florestas do Matto Grosso, nas chapadas do Goyaz, nos rios do Amazonas, repete-se o cyclo dos descobrimentos. É a volta dos bandeirantes. Uma alegria physica transforma a antiga melancolia originada do deslumbramento e do perfido quebranto dos tropicos. O entusiasmo harmonisa o homem com a

natureza. Uma mesma energia anima a força consciente e a inconsciente. Os homens são enfim os filhos da terra, desta terra ideal, que se lhes mostra, na sua predestinação, immortal. Os constructores da patria a cream a imagem da natureza. Deste sentimento de unidade indissolúvel do homem e da terra surge a reacção contra os povos perturbadores, que tentam separar as almas e alterar a combinação secular da espiritualidade brasileira. Libertando-se dessa impureza, o Brasil se affirma como o continuador do genio portuguez, no mundo americano, e dá á alma antiga mais enthusiasmo, mais vigor, á America mais claridade na sua intelligencia com o Universo". Graça Aranha nasceu para revelar os segredos que a fada Melusina encastellou na alma de sua gente.

§

Defensor no nosso meio da influencia espiritual da raça que possui o monopolio da força, da belleza e da intelligencia, não poderia ter concebido uma doutrina que destruísse esse poderoso estimulante de energia vital. Feita de perfeito equilibrio e de soberana harmonia, gravitando para a unidade esthetica do universo, é florida e frondosa como a arvore immensa e verde da vida. Da latinidade ao sonho de uma patria maior, grande em poder e em idealidade, evoluiu

na sua metaphysica através da concepção pantheistica. Diz elle: “Desde o victorioso dominio portuguez, o destino do Brasil se fixou para sempre e continuou a espiritualidade do mundo americano. Pela sua gigantesca extensão, pela sua população dominante, pela cohesão nacional, pela fidelidade á cultura classica, que lhe foi sempre um traço caracteristico, o Brasil póde realizar soberanamente o seu maravilhoso destino humano. Portador do amavel esforço daquella disciplina que venceu a natureza, conservador dessas tradições fecundas, o Brasil os torna mais activos, mais energicos, imprimindo-lhes o rythmo accelerado da America”. Estudando o phenomeno da influencia americana no scenario brasileiro, sentiu que ha nesse fermento uma tendencia para modificar o conceito qualitativo da civilização, que é a materia prima geradora do espirito latino. Tal desvio da energia brasileira, que significaria ruptura da imponente tradição européa, que creou um corpo de leis, uma poesia e uma arte incomparaveis, e a alteração do rythmo do nosso dyanismo moral, com base na cultura mediterranea, seria um erro funesto: “O mais interessante problema da civilização brasileira seria saber até que ponto as fôrmas européas dos nossos espiritos resistem ao mecanismo americano, e como a vibração deste se adapta ás tradições da nossa cultura. Dessa fusão dos dois espiritos, lati-

no e americano, resultaram algumas soluções de que o Brasil tem o segredo. Na ordem moral, em paralelo com a independencia do espirito, a ausencia do preconceito, a persistencia do humanismo e a claridade do idealismo classico. Na ordem social, o principio da igualdade, como base do direito publico, e a subordinação do poder administrativo á justiça. Na ordem material, o sentimento do progresso indefinido, justificado pela victoria do homem contra as resistencias formidaveis do mundo physico, a conciliação da produção intensa indispensavel ás novas sociedades, com a qualidade que é o signal da perfeição das civilizações tradicionaes, a incorporação da natureza á arte na realização da cidade do sonho, da luz, da côr e da phantasia, sublime morada do extase". Necessario é, portanto, reagir contra esse pragmatismo que procura lançar o Brasil no extremo da opposição á cultura latina, porque é esta que nos dará a unidade, o equilibrio e a harmonia do homem brasileiro, livre e integral, suplantando todo o intellectualismo, depois de ter sido elle paradoxalmente classico, movido pelo humanismo e pela imaginação literaria. "Ha uma philosophia de acção pratica, que dirige a energia brasileira, para os trabalhos physicos da posse da terra e para a accumulção da riqueza. Nesse sentido o Brasil se americanisa e se desintegra do cosmos latino. Não ha maior perigo para a personalidade bra-

sileira do que essa trajectoria animal da vida. O nosso encanto estaria em ser uma nação americana com espiritualidade latina. O excesso de cultura seria um grande bem para um país que só pela sciencia pôde valorisar a sua natureza. Este momento do Brasil reclama o maximo de instrucção e de sciencia, que liberte os homens da barbaria humana e da servidão européa. Os possuidores de tão profundas, mas adormecidas riquezas, devem disputar pela intelligencia a verdadeira propriedade e o livre goso dessas infinitas forças de acção material. O néo-pragmatismo brasileiro seria o propulsor do nacionalismo, se a sua base fosse a cultura scientifica. O grande fim da vida é conhecer. O pragmatismo pôde no Brasil fazer do conhecimento a alavanca do dominio e da posse da natureza.”

§

Graça Aranha quer que se realize no Brasil o sonho radioso das civilizações mediterraneas. A despeito de todos os nossos males e de todos os nossos defeitos, sente palpar vagamente no fundo do nosso espirito um ideal, um grande destino. O problema inicial consiste na dupla conquista da perfeição da intelligencia e da harmonia social na organização politica dos homens sobre uma nova base da disciplina hierarchica dos valores intellectuaes e moraes. Para tornar

uma realidade esse ideal de belleza e essa aspiração de ordem, é preciso operar-se a aliança das forças subtis e requintadas, que criam a espiritualidade e renovam a vida humana, com as energias robustas, que operam as transformações economicas das patrias. Sem a synthese desses dois elementos, gravitando em volta da alma mediterranea, nunca poderemos attingir o fastigio da perfeição nos dominios da cultura, abrindo ao espirito humano novos horizontes e enchendo o mundo de outras harmonias, e jámais coordenaremos as forças sociaes para resistir á pressão dos elementos contrarios e evitar o chãos ethnico. Tudo faz crer, porém, que o Brasil conseguirá um dia realizar a aspiração de belleza e de autoridade que nasceu do pensamento harmonioso dos legisladores gregos e que Graça Aranha esboçou nas linhas soberbas de sua obra vasta e grandiosa. Analyzando todos os aspectos e as multiplas e alheias influencias que formam a elaboração social da brasilidade, o mestre começa por nos aconselhar resistamos ás incursões intellectuaes e moraes e ás correntes estranhas que procuram infiltrar-se na alma brasileira, desvirtuando-lhe o feitio original e destruindo-lhe a energia creadora. "Não permittamos que dentro do quadro nacional reine a alma de outros povos e a nossa propria alma seja expulsa e exilada da terra que lhe creou a expressão ainda incerta, mas ardente e lu-

minosa. Enquanto não tivermos solidas as fronteiras moraes da nação, enquanto o quadro que encerra a patria não fôr rijo e inquebrantavel, fechemos á porta á invasão, defendamos a fragil muralha, solidifiquemos a argamassa, e seja tudo impenetravel ao sentimento estrangeiro. A peor invasão é a que se infiltra no sentimento, a que transforma a alma, transmuda a poesia secreta da sensibilidade, dá outro rythmo ao sonho, transfigura o pensamento." Ha mister os maximos resguardos para que se não altere a eurythmia que deve presidir á nossa lenta e não ultimada formação ethnica. Tudo que vier destruir ou alterar os nossos originaes attributos raciaes e os traços definidores da nossa personalidade deve ser repellido com firmeza. O desenvolvimento do progresso material para o qual o estrangeiro é util, trará, escreve elle, sem duvida, riqueza, opulencia e prosperidade e espantará o mundo com os seus prodigios industriaes. Se, porém, nesse torvelinho de desejosos e idéias, nesse tumulto de raças e de sentimentalidades, de aspirações e de culturas diversas, nessa amalgama de forças e corpos disparatados, não formos os mais fortes e não zelarmos a nossa personalidade, tão complexa, feita de traços ainda vacillantes ou rarescentes, já não seremos nós mesmos. A nossa tradição se romperia no curso do tempo, despedaçados seriam os nexos da unidade moral e cairiamos fatal-

mente no horror do cháos ethnico, absurdo e illogico. No Brasil, a unidade moral, politica e historica da nação, como bem lembra Graça Aranha, é o effeito espiritual da unidade de raça, que é o principio creador da nacionalidade. A lei de constancia vital da patria brasileira se define pelo espirito de progressão desse esplendido movimento de cohesão nacional mantido dentro do possante e immenso massiço pela preponderante hereditariiedade psychologica da raça latina. Desde que o país cesse de desenvolver a personalidade dentro do quadro nacional ou perca o *contrôle* do sentimento evolutivo ou se divorcie da sua lei espiritual, tudo estará perdido, e não seriamos mais senhores dos nossos destinos.

§

Herdeiros da raça latina, temos que evolver dentro da grande tradição ethnica a que nos ligam historicamente ainda vinculos sagrados, gerando um typo novo, differenciado, europeu de sangue e de alma, que aos caracteres inconfundiveis de raça allie as virtualidades ganhas ao tempo e ao meio americano. Desde seculos, existe na nossa chimica ethnica e na nossa historia uma luta incessante entre o espirito latino e o instincto de outras raças, aquelle brilhante e vivo, disciplinador e organisador, sabio e prudente, com o culto da individualidade livre e sobe-

rana, nucleo de forças impereciveis e de belezas inesgotaveis, e este destruidor das energias creadoras e inimigo das claridades mentaes, forças tenebrosas de desintegração nacional, um representado pelas gentes que vieram das civilizações mediterraneas (lusitanos, espanhóes e italianos), e outro pelos indios e pelos negros, actuando estes na superficie e aquellas trabalhando mais fundamentalmente na nossa "psyché". Aos dois elementos inferiores, veiu juntar-se modernamente em certa latitude territorial um elemento historico muito mais poderoso e mais sério, porque, no seu insidioso movimento expansionista, pretende pela astucia submeter-nos e escravisar-nos aos seus principios ferreos de dura submissão e de absoluta vassalagem ao Estado. A historia do Brasil mostra eloquentemente que a alma brasileira, que lutou já no seculo XVII contra o elemento flamengo, expellindo-o da terra depois de uma peleja heroica, que durou quasi três decennios, saberá impedir o exito dos germãos que se affirmam entre nós por meio de processos de infiltração lenta e subterranea. Os pernambucanos foram no começo vencidos pelos poderosos batávios. Olinda e Recife, aquella depois de destruida, são submettidas e se cobrem de monumentos, palacios, jardins e estradas flamengas, e o hollandês estende a outras provincias a séde da sua administração, sem nunca ter logrado medrassem as

suas raizes. O genio da raça, grave, profundo e mystico, resistiu em silencio. Refugiados nas florestas, onde eram protegidos pelas divindades latinas, que com elles povoavam os bosques, os rios e as fontes, os pernambucanos acabaram por triumphar, graças á sua força interior invencivel. Á similhança de Vercingétorix, que se sacrificou a Cezar para salvar seus companheiros, entregando-se á morte, os heróes brasileiros da guerra hollandêsa tudo preferiram sacrificar, riquezas e vidas, a submetter-se ao guante ferreo de uma raça estranha. Luiz Barbalho e André Vidal de Negreiros, estes defensores energicos da latinitude na America ainda barbara, nunca reconheceram, sob o dominio hollandês, a autoridade de Nassau, e quando o governo batávio espalhou pelo territorio conquistado templos protestantes e abriu synagogas o nosso protesto se fez clamor contra este attentado aos nossos sentimentos e ás nossas tradições catholicas, salvaguardando-se assim as prerogativas da igreja latina. O principe de Bagnuolo, que auxiliou a expulsão das forças de Van Schkoppe da Bahia, era italiano; o destemido Rojas y Borja, o duque de Lerma, era castelhano; e francês era Michel Giberton, o heróe do Porto Calvo, forças latinas que augmentavam o protesto da terra contra os propositos de dominio do colosso neerlandês. Á voz de renderem-se os defensores do forte de Rio Formoso, que repetiram o feito das

Thermopylas, respondem que o brasileiro morre, mas não se rende, e preferem a luta até a morte. Na marcha triumphal de Barbalho, do Porto dos Touros á Bahia, através de três capitánias dominadas pelo inimigo, a floresta brasileira emoldurava no seculo XVII uma rapsodia dos bosques sagrados da *Illiada*. O mestre de campo Francisco Rebello, o nosso Cid, “resoluto em servir á temeridade por não falar á obediencia”, sacrifica-se em Amoreiras, “mostrando que não poupava a vida quem não temia a morte”, e “como sabia morrer... quem contava as victorias pelas occasiões”. A cavallaria andante dos sertões apparece então como um novo ideal brasileiro, do qual irradia o impulso generoso que fez a epopéa da reconquista. Ao granito batávio o brasileiro oppoz o aço flexivel da alma latina, que, apenas adormecida na sua angustia, desperta, revive, relumbra cheia de entusiasmo e de fé invicta para a victoria. Devemos considerar os feitos dos Guararapes como um triumpho do espirito latino contra o genio batávio, pelo qual sempre a alma brasileira teve grande repulsa. O genio latino, que estende suas azas protectoras sobre a nossa historia e é para o nosso povo o mestre necessario, reluziu no punho vencedor dos nossos heróes, com a mesma força e a mesma graça com que se manifesta no nosso espirito, na nossa tradição, nos nossos costumes e nas nossas deleitações, e, falando pela

lingua das espadas nús e refulgentes de gloria, assignalou á nacionalidade futura o rumo a trilhar. Nunca, no continente novo, a philosophia caracteristica dos latinos, o estoicisimo, a abnegação e a indifferença sublime na dôr e perante a morte viveram tão nobremente como no curso da guerra hollandesa.

§

No desenvolvimento do ideal brasileiro, o genio latino ou o valor bio-psychologico da *elite* ethnica representou sempre o papel de um fermento fecundador, de um estimulante de vida melhor, e é elle que explica a nossa evolução sexual e esthetica, e nos levará á unidade phylogenetica da raça. Dest'arte, esse movimento néo-latino, que se affirma tão luminosamente pela voz de Graça Aranha, não deve ser considerado como simples theoria de historia ou mera fantasia de arte, mas encarado como um principio de renovação psychica e de synthese nacional. Nosso dever é conservar essa fonte de belleza, de fé ardente da vida sempre renovada e de vontade heroica, que é a latinidade, e onde sempre saciamos a nossa sêde de perfeição. A verdadeira cultura brasileira, não é superfluo que repitamos, é a regeneração da collectividade pela harmonia philosophica do mundo, pelo conceito dyonisiano da vida, pelo genio da raça latina, pela sabedoria mediterranea.

Ao cosmopolitismo dissolvente, que este é o maior perigo, devemos oppor o culto inflexivel do patriotismo brasileiro, como nucleo radiante da visão generosa de um vasto imperio; ao sentimentalismo morbido e indefinido, producto da mestiçagem, resistiremos com uma radiosa concepção do universo, inspiradora de uma ardente actividade; contra os excessos e ás indecisões vagas do realismo brutal e grosseiro da democracia, que creou o homem mediocre, desnaturou os valores nobres e classicos que se encontravam no começo e no meio da nossa historia, offereceremos a noção forte da individualidade, tal qual a formou a civilização mediterranea e se perpetuou no mundo através de tantas vicissitudes; e ao pensamento e á emotividade romantica, destruidores da vontade e da intelligencia, opporemos a disciplina de uma esthetica da vida espiritual. O mais interessante é que ao problema nacional, não obstante desenvolver-se nos limites geographicos da patria, deu Graça Aranha uma solução humana, ligando-o á metaphysica universal. Ora, o esforço das nações, como dos individuos, em sua dispersão apparente, tende para a unidade redemptora, a universalidade. Ellas estão igualmente sujeitas aos principios de harmonia e de belleza que regulam o equilibrio da vida espiritual ou humana. Os povos como os homens, não podem permanecer insulados, e devem sair do seu proprio *eu*, preen-

chendo o vacuo que existe entre cada nação, para, vencendo as opposições e movidos por uma lei de necessidade inexoravel, se fundirem no grande Todo universal. Graça Aranha, emfim, póde dizer como o poeta de *La Multiple Splendeur*:

Mons pays tout entier vit et pense en mon corps;
 Il absorbe ma force en sa force profonde
 Pour que je sente mieux á travers lui le monde
 Et célèbre la terre avec un chant plus fort.

§

Nestas alturas do esforço da nossa formação intellectual e da nossa historia, os nossos ideaes de cultura e o nosso nacionalismo se exaltam apenas imprecisos, confusos, desordenados e ás vezes contradictorios, e suas imperfeições nos acorrentam a fórmulas barbaras, egoisticas e ferozes do passado. Ahi temos, pois, um grande mestre, um guia seguro, um precursor cuja voz é digna de ser ouvida e capaz de levantar com o seu ansioso clamor a alma da patria, porque ninguem revelou com mais clarividencia o sentimento do presente e o presentimento do nosso futuro e disse com mais sinceridade o que era necessario communicar sobre o manifesto destino de uma patria unida e forte, cohesa e sadia, livre e previdente, confiante na sua genialidade ethnica e vivendo da propria luz da intelligencia. Verdade é que, por seus ins-

tinctos, suas theorias e suas convicções philosophicas, Graça Aranha se acha em flagrante opposição com as tendencias dominantes no meio brasileiro, trabalhado ainda pelas forças tenebrosas do atavismo e da animalidade, e onde o seu idealismo não encontra os seus symbolos e a vida as suas creações ideaes. Só no dia, portanto, em que lograr ser comprehendida a *Esthetica da Vida*, esse canto triumphal de alegria, de esperança e de sabedoria serena, exercerá reparadora influencia em toda a nossa orientação politica, social, moral e philosophica e promoverá a renovação da nossa mentalidade, installando era nova no desenvolvimento da idealidade brasileira. Não vacillamos em affirmar, desafiando o sorriso dos incredulos, que Graça Aranha operará na esphera da nossa vida politica, na actividade das nossas letras e no dominio das nossas idéias, um milagre só comparavel ao que Houston-Stewart Chamberlain produziu em 1899 com os *Fundamentos do Seculo XIX*, que se tornou a biblia do mysticismo racial e a summa do pensamento germanico. Maxima pontencialidade da intelligencia brasileira e a mais alta expressão da nossa capacidade idealista, Graça Aranha é o espirito da raça que refulge em sua esplendida floração, ostentando os attributos inviolaveis da criação maravilhosa, da harmonia divina e da graça immaculada, e a *Esthetica da Vida*, em que com fulgôres de

magia e em rythmos de alvorada celebra os mysterios do drama cosmico e da intelligencia, conta os segredos subtis e imperceptiveis da tremenda realidade da vida e relata os pròdigios da belleza creadora, é um dos livros mais profundos, mais formosos e mais sinceros que já produziu a nossa literatura. A raça latina creou o Brasil, e como recompensa pelo glorioso esforço damos-lhe Graça Aranha, o philosopho-poeta que elevou tão alto a nossa razão de ser e de existir, dadiva que accitou, acaricia e estima como dom precioso.

V — LEÕES DO NORTE

LEÕES DO NORTE

NO CENTRO PERNAMBUCANO, DO RIO DE JANEIRO, AOS
17 DE SETEMBRO DE 1921

Pernambuco, que é no Brasil a terra classica do heroismo e da galanteria, entrou como factor poderosissimo na formação da nossa nacionalidade, e tem, mais do que qualquer outro povo, logar assignado nos fastos historicos da America Brasileira. Nenhum existiu, com effeito, na antiguidade da nossa terra, a quem a natureza, a sociabilidade, a educação, a vantagem physica da raça e as qualidades espirituaes da familia estampassem na frente, como á gente pernambucana, o sello dos predestinados. Por um privilegio singular, que viemos a perder nos tempos modernos, só em Pernambuco o homem brasileiro alcançou a maior dignidade civica, revelou-se mais gallhardamente dotado para a vida e mostrou-se superiormente

capaz para as lutas epicas. Dahi, sem duvida, terem os pernambucanos recebido, no seculo XIX, a denominação de “Leões do Norte”, com o duplo sentido de força e de elegancia.

Ardente, viril, intrepida, orgulhosa, aquella gente do feudo olindense satisfazia, na ordem harmonica dos factos, á finalidade historica. Ali, naquelle nucleo aristocratico fundado pelo genio colonizador de Duarte Coelho, neto de uma grande valido do infante D. Pedro, duque de Coimbra, estadista austero, que na India se distinguiu pela sua intelligencia, pela sua honradez e pela sua prudencia, soldado insigne, que combateu ás ordens de Vasco da Gama, de D. Francisco de Almeida e de Affonso de Albuquerque, o terrivel, a quem acompanhou na tomada de Malaca, e de cujas pelepas com os chinezes nos dá immorredouro testemunho João de Barros, e embaixador na França e no Sião, despertou, creceu e prosperou o espirito nacional, com energia e com graça. Antes da invasão hollandesa e durante o sumptuoso governo do principe Mauricio de Nassau, Pernambuco tocára o fastigio das magnificencias e das liberalidades. O genio latino, opulentado com as virtudes originaes pelo sol da America, esplende em todos os seus costumes e instituições pela floração das individualidades fortes, mas, sem o sacrificio da unidade moral da cidade, manifesta-se com firmeza

pelo horror á servidão politica, freme, palpita, relumbra na alegria de viver e de crear esplendorosamente.

Alliando á coragem a distincção de maneiras, garbosos e prodigos, ativos e cortezãos, trajando para o combate vestidura luxuosa, á similhaça daquelles cavalleiros do medio évo, que saiam ás cruentissimas pelegas ostentando cótas brasonadas e elegantes atavios, os pernambucanos eram, dentre todos os brasileiros, os homens mais perfeitos, como expressão de belleza physica e de belleza moral, porque em si substanciavam os attributos superiores e idealistas da raça. Gente de esclarecida estirpe e grande sangue, apparentada com reis e viso-reis, principes e grãodukes, que possue o seu nobiliario e hialdica, habituada ao mando e affeita ao fausto, amando as louçainhas do espirito e as mundanas deleitações, em contacto sempre com os fócios europeus da civilização e da cultura, attestam os chronistas que as mais custosas preciosidades, as baixellas de prata primorosamente cinzeladas, os vasos de fino lavor, as formosas tapeçarias, as sumptuosas vestiduras, feitas de rendas, brocados de oiro e sedas, — coisas que só os principes ostentavam, resplandeciam no antigo senhorio dos Coelhos e dos Albuquerque, muitos destes thesouros tendo chegado até nós como irrefragaveis testemunhos da opulencia, da grandeza e do bom gosto pernambucano. Se o so-

lar de Duarte Coelho de Albuquerque, os morgados do Cabo, de Sibiró ou de Itamaracá (este com numerosa gente rica e dez engenhos de assucar), a casa do fidalgo gibelino Felipe Cavalcanti, que transfundiu na sociedade de Olinda o espirito maravilhoso e requintado de Florença, e os engenhos do Monteiro e de Megaó, como as residencias senhoriaes dos Mouras, dos Barbalhos, dos Mellos e de tantos outros, não exhibiam a architectura dos castellos feudaes do Rheno ou dos palacios elegantes dos principes de Toscana, encastellavam em seu interior a pompa das grandes propriedades solarengas da Europa, cada senhor despendendo vultuosos cabedaes com o custeio dos seus mestres de armas e de suas capellas, com o luxo dos seus adereços e da sua criadagem, com a ostentação da sua mesa e com o trato das suas cavallariças. Diz um chronista que, quando os hollandeses tomaram a sua capitania, Duarte Coelho "veiu a ella tão esplendidamente tratado e com tão grande comitiva que, entre criados e familiares, sustentava 300 homens". Naquelle solo abençoado, donde extraiu o país a sua seiva heroica, vinham filhar as tradições de galanteria, de luxo e de conforto das civilizações antigas, graças ao frequente commercio e á dilatada correspondencia com Lisboã, Ruão, Veneza, Florença e outros povos, e para ali convergiam as idéias, os sentimentos e as aspirações da Europa culta, magnifica e

esplendida, afim de que, aquecidos pelo fogo virgem dos tropicos, gerassem uma civilização e uma cultura originaes na variedade, na harmonia e na riqueza de suas fórmãs. Dahi ter sido aquelle florentissimo territorio, onde vivia e se formava o espirito nacional ao contacto de elementos ethnicos de primeira ordem, como o berço de quasi todas as idéias avançadas na philosophia, na literatura e principalmente na politica, e que se incorporam mais tarde na civilização brasileira, e talvez possamos affirmar, com segurança, que não ha uma só das nossas grandes conquistas sociaes ou moraes que não tenha suas raizes na historia pernambucana. A civilização e a cultura brasileiras madrugaram em Pernambuco, e esta preexcellencia ou o predominio que elle exerceu, desde quando o resto do Brasil, na sua maior parte, era ainda inculto e despolido, até á sociedade brilhante dos primeiros annos do Segundo Imperio, tem a sua personificação em alguns typos, como, por exemplo, para citarmos de passada, Mathias de Albuquerque, Jorge de Albuquerque, Duarte de Albuquerque Coelho, D. Paulo de Moura, D. Francisco de Souza, Felipe Bandeira de Mello, o Marquez de Recife, o Conde de Bôa Vista, o Visconde de Albuquerque, Maciel Monteiro e Joaquim Nabuco, exemplares tão acabados de heróes ou de homens gentis, que se diriam productos da requintada civilização franceza ou italiana.

Ainda ha dias, o grande escriptor português Carlos Malheiro Dias, numa conferencia realisada no Gabinete Portuguez de Leitura, rebatendo, com coragem e brilho sem par, um conceito injurioso a respeito das nossas origens, destacava dentre os pernambucanos a figura heraldica de Jorge de Albuquerque como modelo dos nossos maiores: "Consubstanciação dessa éra bellica, modelo e patrono do heroismo e primeiro da dynastia dos cavalleiros e dos heróes brasileiros, apparece-nos na historia tumultuosa do Brasil, no seculo XVI, por entre o tinido das armas, o trovão da artilharia, o lume encardido dos incendios, o estrondo das batalhas, o sibilo das flechas, a figura varonil, armada de ponto em branco, do heróe da não *Santo Antonio* e da batalha de Alcacer-Kibir, do filho do nobre donatario de Pernambuco: Jorge de Albuquerque Coelho. Neste heróe brasileiro se condensam as radiosas virtudes da raça lusitana, como synthese brilhante de todas as capacidades idealistas que ella transmittiu ao novo, forte, e generoso povo que creou. Jorge de Albuquerque surge-nos no epilogo do seculo do descobrimento e da conquista como a testemunha convocada perante a posteridade para depôr no tribunal da Historia. O destino quiz que esse primeiro cavalleiro nascido no Brasil fosse um complexo de virtudes varonis e que a sua existencia, como a dos heróes predestinados, se adornasse de su-

blimes acções. Em Pernambuco, internado nas florestas, sustenta uma campanha de cinco annos dormindo debaixo das arvores, como Siegfried, abraçado á espada e com o elmo por travesseiro, e na Historia-Tragico-Marítima é, pela defesa intrepida da não *Santo Antonio*, um dos mais formosos heróes. E como se fôra pouco, o destino cavalheiresco que preside á sua carreira épica, reserva-lhe um lugar de honra na grande batalha em que crepitou, luziu e se dissolveu numa catastrophe grandiosa, tocada da luz das tragedias, a bravura lusitana da epopéa. É elle quem, no âmago da peleja, em Alcacer-Kibir, cede o cavallo a D. Sebastião, para que o rei se salve. O "Capitão de Deus" quer, porém, morrer devagar, e o cavalleiro brasileiro acompanha-o no sublime delirio e cáe, vertendo sangue por sete feridas, no campo funesto de Alcacer. Jorge de Albuquerque é a alma portuguesa transfundida na raça de que foi o precursor heroico, patrono de todos os bravos soldados que até hoje têm combatido pela honra e pela integridade do Brasil; e o seu vulto marcial, envergando o armaz de combate, ostentando as cicatrizes das campanhas da America e da Africa, está de guarda, como numa eterna vigilia de armas, á tradição fidalga e guerreira do primeiro seculo da historia brasileira."

Ha mister, porém, tratando-se de Pernambuco, assignalar ainda que naquelle am-

biente amavel de fidalgos, cavalleiros e letrados, Olinda como Sparta, com a qual posue tantos pontos de contacto e de referencia (estou daqui vendo o sorriso de incredulidade dos parvos e ignorantes das nossas origens), ensinava ao adolescente, com a arte heraldica da gineta e da estardiota, o difficil manejo das armas e as leis da guerra, para que se fizesse lidador ou bom capitão. Sob o impulso das austeras tradições lusitanas e dos costumes florentinos, que lhes ensinavam os Cavalcantis, os Acciolis, os Lins, a educação dos pernambucanos propunha-se principalmente a adextrar os cidadãos da republica para as lutas da patria ou para honrar a cidade sua natal. Por isso, as justas, os torneios, as cannas e outros jogos medievaes, celebrados com o fulgor, o luxo e o enthusiasmo que se emprestam ás festas nacionaes e em que tomavam parte briosos mancebos da nobreza da terra, perante a fina flôr da sociedade, não afloravam apenas em porfias coloridas pela moda, com o simples pretexto de ostentar a graça, a correcção e a fôrmosura dos corpos endurecidos pela disciplina dos movimentos e exhibir a galhardia dos gestos, mas eram, sem duvida, verdadeiras escolas de civismo, destinadas á cultura dos heróes ou á selecção dos fortes.

Na personalidade do pernambucano daquella época espelhavam-se, portanto, o cidadão, o lidador e o heróe, e o culto da belleza

physica alliada ao amor da patria era uma paixão inherente ao sentir e ao viver da antiguidade pernambucana. Ahi temos a explicação do milagre porque a intelligencia e os musculos pernambucanos, agil aquella como lamina de Toledo e rijos estes como marmore, expulsaram os flamengos de S. Salvador, venceram os valorosos soldados de La Ravardière, no Maranhão, e triumpharam nos Guararapes, sem esquecer os seus feitos em Alcazer-Kibir, nos campos rasos das Flandres e em terras de Espanha, em que assombraram velhos guerreiros. Em summa, a nossa raça pelejou fulgidamente, vencendo com louros, ou morrendo com gloria, porque viveu no tracto daquellas virtudes que fazem a patria grande, forte e veneranda.

ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS E A EPO- PÉA DA RECONQUISTA

Ainda se discute este ponto importante da nossa historia colonial: a quem cabe a preeminencia de acção na guerra contra os hollandeses em Pernambuco? Suppomos que a duvida é oriunda apenas do facto de se haver dado o commando superior dos revolucionarios a João Fernandes Vieira. Foi, com effeito, Fernando Vieira o chefe das forças pernambucanas que em 1645 se insurgiram contra os intrusos, e não descansaram senão dez annos depois, quando os expelliram da terra. Tal circumstancia, no entanto, não foi mais que um accidente da revolução, e que se explica perfeitamente sem dar a João Fernandes Vieira mais que uma honra, que diz mais da abnegação dos insurrectos que o elegeram, que das virtudes e dos creditos de que a escolha parecia dar testemunho. João Fernandes Vieira, que biographos mercenarios cognominaram o *Castrioto Lusitano*, era uma figura notavel em Pernambuco, pelo

prestigio da sua opulencia. Essa riqueza fizera elle na provincia e a tornára consideravel no tempo do dominio flamengo. Sabe-se que elle foi do numero dos portuguezes que acceitaram o facto consummado da conquista, e ficaram vivendo sob a autoridade dos usurpadores, procurando tirar da sua submissão os proveitos que fossem possiveis. Para elle, como para os demais que adheriram, a nova situação creada pelas armas flamengas era até muito mais favoravel a negocios que a antiga. Antes da invasão, tudo o que se fazia em Pernambuco dependia da approvação da côrte, e depois de installado o governo hollandês, todas as transacções e traficancias se fazem sem dependencia de mais ninguem, e com a vantagem de se tratar directa e immediatamente com o poder que distribue os beneficios e recompensas. Por sua parte, os hollandeses acolhiam muito bem os moradores da terra, interessados em ser-lhes agradaveis e chamá-los a bom entendimento e concordia com os novos senhores.

Principalmente depois da vinda de Mauricio de Nassau, a cordialidade que se fez entre moradores e os intrusos chegou a tomar o character de um congraçamento que a muitos teria sem duvida parecido definitivo. Não ignoramos o nome de varios portuguezes de mais valimento e consideração na provincia que se approximaram do conde, conviveram com elle, e se fizeram seus amigos. Entre

estes estava João Fernandes Vieira, que chegou a fazer-se pessoa familiar no palacio do governador. Ali passava os dias, jantava e discreteava como hospede illustre daquella côrte luxuosa, amavel e cordial que o principe installára. João Fernandes Vieira não seria de certo dos homens de mais espirito entre os cortezãos, más era seguramente dos mais atilados, espertos e arditos. Desde que se achavam conciliados assim, moradores da terra pernambucana com os seus novos dominadores, comprehendeu Vieira que cada um dos esbulhados devia resarcir-se do esbulho, accetando da liberalidade de Nassau o mais que este lhe quizesse dar. Tem-se noticia de que João Fernandes Vieira não foi dos menos aquinhoados: muitos contractos rendosos e excellentes concessões desfrutou elle no Recife, e, se não falha a memoria, chegou a contractar até a reescravidão de muitos africanos que os hollandeses, ao entrarem no Recife, haviam proclamado libertos, para prejudicar os antigos senhores. Foi assim que Vieira augmentou os seus cabedaes e o seu prestigio na provincia. E foi graças á sua posição que os chefes insurgentes o elegeram para o commando das forças e no momento em que estas já estavam congregadas e em vespas de entrar em operações. Só, portanto, a essa circumstancia de ser um homem rico e considerado na provincia, ainda entre os proprios hollandeses, é que se attribue o

papel que teve no movimento. Dahi, porém, a julgá-lo personagem de acção mais decisiva no rompimento e em seguida na luta e na victoria contra os conquistadores vae uma distancia enorme. Não foi elle positivamente quem preparou a insurreição, mas André Vidal de Negreiros, o grande parahybano, cuja gloria nenhuma outra figura da guerra da reconquista poderia empanar. É este a verdadeira alma da revolução contra os hollandeses. Desde muito, desde pelo menos 1640, que elle e outros nobres filhos da terra preparavam a restauração. Inilludivelmente entre os dignos pernambucanos nunca morrera aquella esperança de restaurar a liberdade de Pernambuco. Só a presença do conde de Nassau tinha conseguido conter por algum tempo aquelle forte, altivo e indomavel espirito de patria que a usurpação não pode matar. Basta ver que na Bahia, como num exilio do coração, viviam muitas dessas figuras que se nutriam do culto da terra, certas de que um dia haveriam de volver aos lares, desaffrontados do estrangeiro.

A restauração de Portugal, ao mesmo tempo que vem exaltar o sentimento dos colonos, faz renascer o pensamento de resgatar a provincia subjugada naquellas almas e a idéia de reconquista surge com uma força de expansão que nada mais poderia reprimir. Logo, em 1642, começaram os nossos patriocios a entrar em concertos para execução da-

quella obra. Andavam os agentes dos conspiradores afanosos por todas as capitánias. Entre os chefes, era André Vidal de Negreiros o que revelava mais coragem, mais fé e mais prestigio, e que tinha ao seu lado todos aquelles heróes, como Camarão e Henrique Dias, que desde 1830 não haviam deposto as armas e viviam em campanha, occultos, sem nunca dissolver as suas indomitas legiões, á espera do primeiro signal de acção. O que retarda até meados de 1645 o rompimento da insurreição é principalmente a duvida em que se estava quanto á postura que a côrte portuguesa tomaria ante o conflicto que se vae travar. Vivia D. João IV, inspirado pela perfidia do *Papel Forte*, a tratar com as Provincias Unidas, como seu alliado diante de um inimigo commum, que era a Espanha. Tudo fazia por viver bem com os hollandeses, acariciando-os, dando-lhes as maiores demonstrações de amizade, de accordo com os conselhos do desastrado roupeta. Como se portaria o restaurador da soberania nacional entre aquelles amigos da ultima hora e os subditos americanos contra elle rebellados? Era o primeiro problema para os pernambucanos, e quem vae resolvê-lo é André Vidal de Negreiros. Parte este para Lisboa, no intento de verificar pessoalmente como seriam tratados pela metropole os pernambucanos que tomassem armas contra os flamengos. “Na côrte, diz um dos nossos auctores, entendeu-se

Vidal com o governo, e ficou perfeitamente instruído de tudo em relação aos sentimentos da côrte. Nada alcançou de positivo quanto ao que poderiam os patricios esperar da acção official; e como isso para os colonos já era questão secundaria, satisfez-se Vidal apenas com a certeza de que o movimento da restauração de modo algum seria mal visto em Lisboa; e que antes havia de ser secretamente apoiado e favorecido, quanto possível, pelo governo da metropole”.

Em Maio de 1642, partia o bravo Vidal de Negreiros de volta para o Brasil. Veiu em companhia do novo Governador Geral Antonio Telles da Silva, politico habil, intelligente e experimentado, que se tornou um dos sustentáculos da causa reaccionaria, durante os primeiros annos. Chegou Telles da Silva á Bahia, por fins de Agosto do mesmo anno. Durante a viagem naturalmente se entenderam Vidal e a superior autoridade da colonia. O emprehendimento estava decidido. Logo depois foi o mestre de campo Vidal de Negreiros enviado pelo governador a Pernambuco, sob o pretexto de tratar com o conde de Nassau ácerca de negocios relativos á insidiosa occupação de Angola, por forças da Hollanda, com infracção das treguas ajustadas entre os dois governos. Essa missão de Vidal bem se vê que era ficticia. O verdadeiro fim da viagem era communicar aos chefes republicanos os resultados da ida á

Europa. Com muita prudencia e tino, sem despertar a minima suspeita, deu Vidal conta aos amigos de tudo quanto vira e ouvira na côrte, e dos labios do proprio rei. Como prova de que “a insurreição seria para todos uma causa verdadeiramente nacional, indicou-lhes até a vinda do novo governador”, de tudo prevenido e bem orientado, e com recommendações especiaes ácerca da phase em que ia entrar a colonia. Para convencê-los de que havia combinado tudo, assegurou-lhes que o levante começaria pelo norte, como de facto começou, no Maranhão. Isso deixa em evidencia toda a obra que se devia ao infatigavel espirito de Vidal de Negreiros. Affirmamos com toda segurança que em Recife se entendeu Vidal particularmente com João Fernandes Vieira e que elle, com a sua abnegação e o seu fervor patriotico, foi quem se lembrou de elegê-lo como chefe, por ser um homem muito rico e considerado na capitania. Foi Vieira, já desilludido dos hollandeses, quem cedeu aos appellos e solicitações do intrepido mestre de campo, figura realmente representativa dos sentimentos da terra. Sem Vidal de Negreiros, o argentario ilhéu, bronco e vaidoso, teria cuidado de tirar ainda dos intrusos as vantagens que estes ainda podiam assegurar-lhe. E até, quanto mais para o fim do seu dominio, mais fecundas seriam as explorações para quem não ignoraria que os melhores negocios são os que se fazem na

hora da liquidação. Sem a intervenção energica de André Vidal de Negreiros é mais do que provavel que não só João Vieira como outros homens de nomeada e de prestigio não se haveriam acordado de quinze annos de modorra ou de renunciamento, para aquelle surto de altivez. Sem o grande parahybano póde-se, em summa, affirmar que a revolução não se fazia, pelo menos. naquelle momento.

Demais, os successos subsequentes são de eloquencia irrecusavel. Em 1644 levantam-se os maranhenses, e tocam da terra sagrada os usurpadores. Esse facto coincide com a retirada do conde de Nassau. Parecia indicar-se o instante propicio para os pernambucanos. O heroismo dos maranhenses teve larga repercussão em todas as capitancias subjuggadas; mas parecia ter-se em toda parte caido num como espasmo com a saída do Principe. Nassau, prodigo e politico esclarecido, impressionára profundamente o animo dos vencidos, e a sua figura hieratica ficára ainda em todas as almas, como sombra que não desapareceu á visão, mas permanece apenas por algum tempo. Basta ver como foram ruidosas, tocantes, as despedidas que se fizeram ao descendente de Guilherme, o Taciturno, que muitos não hesitariam em sagrar como seu rei se elle quizesse desprender-se da Hollanda. Tão excepçionaes eram as condições em que se vivia na America que parte da po-

pulação de Pernambuco ficou em luto com a ausencia de Mauricio! No entanto, era preciso desfazer semelhante estado de espirito, e reerguer da syncope imprevista o sentimento da terra. Toma então André Vidal de Negreiros a resolução arrojada de ir outra vez a Pernambuco e á Parahyba levar elle proprio o grito de despertar e a senha dos conjurados. Era, mais do que nunca, uma empreza arriscada, porque os flamengos não só já estavam alarmados com os successos do Maranhão, como sentem em torno de si prenuncios da tempestade que vem. Depois, o Conselho de Recife já não possui o prestigio que lhe dera Nassau. Os homens que o compõem não têm escrupulos que os cohibiam de tratar a gente como vencida e espoliada. Sentem-se senão repellidos, pelo menos desdenhados, e não hesitariam em dar aos desdenhosos o troco da mesma moeda, ou em moeda talvez mais valiosa.

André Vidal de Negreiros não se deixou esmorecer de taes temores. Saiu da Bahia em navio seu, carregado de mercadorias de todo genero, e até de armas de guerra. O pretexto desta nova excursão era quasi futil: "visitar a familia na Parahyba, e despedir-se dos amigos e parentes antes de partir para um governo, que mal se lhe promettera em Lisboa, dizem que por bocca do proprio D. João IV, mas... para depois que os intrusos fossem expulsos — o governo da capitania do

Maranhão". Parece que os hollandeses já desconfiavam de que alguma coisa se andava tramando, porque não permittiram que Vidal vendesse no Recife mais que alguma mercadoria commum. Quanto ás armas e munições de guerra, fizeram-lhe ver que só poderiam ser vendidas ao proprio Conselho. Por não incorrer em suspeitas, teve Negreiros de vender mesmo uma parte daquellas provisões. Com isso, no entanto, não impediram que o astuto capitão encontrasse meios e artes de passar alguns artigos bellicos aos amigos e conjurados. Passou-lhes armas, e deu-lhes o aviso do rompimento já deliberado nos conciliabulos da Bahia, onde estavam preparados, e á espera da primeira ordem, os fieis da grande causa. Do Recife seguiu Vidal por terra até Parahyba, tendo visitado a fortaleza do Cabedelo, a pretexto de cumprimentar o respectivo commandante, e lá entendeu-se com os chefes que já estavam prevenidos. Provavelmente teria ali, como em Recife, conseguido introduzir clandestinamente algumas armas. Tendo concertado tudo com os amigos das duas capitancias, voltou Vidal para a Bahia, e de caminho deixou ainda em ponto escuso da costa, nas immedições da Barra Grande, o restante das provisões que tinha ainda a bordo.

Vem depois o plano da sublevação, cujo rompimento estava imminente. Foi Vidal que concebeu e foi elle proprio que o poz em pra-

tica, com uma habilidade, finura e confiança de quem conhece os segredos mais subtis do officio. Combinara elle com os amigos de Pernambuco que se procuraria antes de tudo dar aos hollandeses motivos para reclamarem do Governador Geral providencias contra pernambucanos indisciplinados. Para isso far-se-ia partir do sul alguma gente com que os flamengos se alarmassem. E quando elles, assustados, clamassem para a Bahia, dar-se-ia então a invasão formal pela fronteira do sul, sob o pretexto de se ir ao encalço dos amotinados. Foi justamente o que se fez, executando-se com precisão, ponto por ponto, o que se havia concertado. Sentindo-se em perigo, mandaram os hollandeses ainda uma vez á Bahia um dos membros da Conselho, a formular grandes queixas contra os pernambucanos. Entre as providencias que o Conselho pedia ao Governador Geral, estava a *ordem de obrigar* os guerrilheiros, que já infestavam o sertão de Pernambuco, a se recolherem para a Bahia. Referiam-se de certo os conselheiros aos legionarios de Camarão e Henrique Dias, que muito de proposito haviam entrado em Pernambuco, segundo o plano de Vidal. É essa gente que os flamengos pedem ao Governador Telles da Silva que faça recolher, sendo necessario *até pela força*. É exactamente por esse pedido que se esperava na Bahia. Telles da Silva, perfeitamente entendido com Vidal, aproveitou-se da

quelle ensejo, que os proprios intrusos lhe offerciam, de soccorrer os independentes já em campanha, sem parecer que contravinha a tregua (ajustada entre os governos de Haya e de Lisboa), *antes affectando muita solitudine em attender a reclamações tão instantes do governo amigo...* Assegurou, portanto, o Governador Geral aos emissarios do Conselho que immediatamente faria partir para o interior de Pernambuco *forças encarregadas de reprimir a rebellião e de prender*, tanto o Camarão e Henrique Dias, *como o proprio Fernandes Vieira*, que se dava por chefe dos rebellados. Mal haviam os emissarios do Conselho deixado a Bahia, preparou-se para partir immediatamente a expedição de soccorro, composta de varios regimentos de linha sob o commando de Vidal de Negreiros e de Martim Soares Moreno (é a expedição *que vae prender Vieira*). Embarcadas numa esquadilha, iam essas forças por fins de Julho de 1645 desembarcar no porto de Tamandaré. Fizeram logo os dois mestres de campo espalhar por aquelles districtos uma proclamação, na qual declaravam que *a pedido do Supremo Conselho* ali vinham *para chamar á ordem os rebeldes da campanha*. Como tudo estava combinado por Vidal e seus prepostos com os moradores, toda a gente daquellas redondezas, á voz dos dois chefes, se insurgiu. Marcham para a campanha os mestres de campo, e, em vez de o prender, encontram

os motivos mais legítimos, de justiça e humanidade, para confraternizar com os rebeldes de Vieira, já victoriosos nas Tabocas.

Tudo isso fôra tramado sabiamente por André Vidal de Negreiros e Telles da Silva. Tendo rompido assim, estava assegurada a causa dos pernambucanos e de tal maneira que a unica coisa que se admira é que os hollandeses tivessem resistido tantos annos. Dali em diante, continúa André Vidal a dirigir os destinos da guerra. Vieira commanda as tropas: Vidal dirige a causa. Não teve mais o heróe parahybano, que naquelle momento incarnou o espirito da terra, um só instante de descanso. A sua actividade multiplica-se: o seu esforço a tudo vence; a sua coragem transfunde-se na alma de todos; e a sua fé invicta na victoria é a lei suprema nos acampamentos. E, no dia do triumpho, elle foi o primeiro a entrar na patria reconquistada. Já aureolado como saíra das duas cruentas batalhas dos Guararapes, é elle que, em companhia de Antonio Dias Cardoso, na noite de 21 de Janeiro de 1654, põe pé na ilha de Santo Antonio, e vae medir-se com van Schkoppe, diante da formidavel fortaleza das Cinco Pontas. O discipulo dilecto de Luiz Barbalho completára assim a obra que, antes de tudo, era filha do seu coração de brasileiro, pois fôra o seu patriotismo que a creára e o seu heroismo que a fizera gloriosa.



ENIGMA HISTORICO

É muito conhecido o caso ocorrido na Varzea de Pernambuco, entre João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti de Albuquerque, e que ia pondo em risco o movimento restaurador que se iniciava. Haviam os chefes pernambucanos celebrado, em Maio de 1645, a formosa *reunião dos dezasete*, na qual se deliberou, e assentou sob juramento, a insurreição contra os hollandeses, tendo sido eleitos chefes dos patriotas João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti de Albuquerque, seu locotenente. Não se sabe positivamente se havia entre os dois caudilhos algum motivo de ressentimento anterior que pudesse explicar a desintelligencia que os separou antes do primeiro encontro com o inimigo. Achavam-se as forças libertadoras no Engenho de Covas, a espera de reforços que deviam chegar do sul. Ahi passaram muitos dias em com-

pleta inactividade, parecendo que alguns capitães se impacientaram, e até começaram a augurar mal do inicio de uma empresa que exigia antes de tudo decisão. Assim entendiam os chefes descontentes, á frente dos quaes estava Antonio Cavalcanti, e “a tal ponto chegaram as duvidas, tanto se discutiu e altercou”, azedando-se os animos, “que esteve imminente uma verdadeira conflagração no acampamento”. Quem salvou a causa naquelle instante, “atalhando de prompto com habilismo ardil, um desfecho que seria fatal”, graças á prudencia e magnanimidade, foi Antonio Dias Cardoso. “Quando viu este que o perigo se tornava inevitavel”, achando-se já o chefe supremo e o seu ajudante na posição de saccarem da espada, teve Cardoso a “feliz retentiva de que estava o inimigo á vista e mandou incontinentemente, em grande afan de guerra, tocar a rebate”. De effeito seguro foi o expediente: “logo se poz o exercito em ordem de batalha, e Vieira e outros chefes percorrem as linhas em fórma, exhortando toda a gente a combater; e quando se viu que o rebate era falso, já os chefes em conflicto volviam á reconciliação e á concordia. Pelo menos naquelle momento, todos voltaram á antiga unidade de vistas”. É de crêr, no entanto, que isso fosse mais apparente que real. Alguns dias depois ocorre a batalha do monte das Tabocas, e aquella primeira victoria das armas pernami-

bucanas concorreu para dar áquelle congratamento ares de perfeita sinceridade. No entanto, acabavam de chegar ao Grajaú, quando se teve aviso de que os hallandeses estavam pondo em situação muito angustiosa as populações de Goyana; e resolveu-se immediatamente mandar alguns soccorros para o norte, a proteger aquelles districtos. Dizem os chronistas na sua quasi unanimidade que foi o proprio Antonio Cavalcanti que se offereceu para commandar aquelles destacamentos de soccorro. Foi elle, com effeito, o commandante dos 150 homens que seguiram para Goyana; e fala-se que o intuito de Cavalcanti, destacando-se, como o de Vieira dando-lhe um encargo, não foi outro senão separarem-se os dois mais conspicuos chefes da revolução. Os amigos de Fernandes Vieira accusam a Antonio Cavalcanti de haver até tentado qualquer coisa contra a vida de Vieira. O que é certo, porém, é que aquelle não chegou a alcançar a Goyana, porque falleceu em Iguassú poucos dias depois de sua entrada ali, tendo ficado a sua morte envolvida em certo mysterio. O caso é sobremaneira interessante, e ficou até o presente sem solução pela escassez quasi absoluta de dados historicos. Como é, porém, um facto de excepcional importancia da nossa historia, procuraremos supprir a ausencia de documentos directos, applicando, ás informações vagas

que possuímos, os processos mais seguros da investigação scientifica e os methodos da logica inductiva, na tentativa, senão de resolver o problema, ao menos de elucidar.

Antes de tudo, destaquemos em rapido perfil a figura de cada um dos chefes em dissidio: só isto já lançará grande luz neste curioso incidente da guerra. João Fernandes Vieira é muito mais conhecido que o seu rival. Foi o primeiro chefe da revolução, e teve amigos e panegiristas que lhe celebraram os feitos, dando-lhe vulto ao nome, e a tal ponto que fizeram d'elle o primeiro dos heróes da gloriosa campanha. Sabe-se que Vieira era portuguez, nascido na ilha da Madeira. Em 1624, ainda menino, veio para o Brasil, ficando em Pernambuco. Quando os hollandeses invadiram a capitania, teria João Vieira cerca de 17 annos e diz o mais entusiasta de seus biographos, Fr. Raphael de Jesus, que apesar da tenra idade foi um dos vinte companheiros de Antonio Lima, na fortaleza de S. Jorge, facto este aliás muito contestado. Póde ser que os poucos annos não fossem nelle incompativeis com o verdadeiro valor militar, e que em cerca de seis de residencia em Pernambuco já estivesse amando tanto a terra que não hesitasse em consagrar-lhe á defêsa a vida ainda florente. Tudo nos autoriza a considerar, tanto a sua vinda para o Brasil quanto esse heroismo precoce tão exaltado, como nada mais que

simples gesto da sua indole aventureosa. Ninguém ignora, com effeito, que taes surtos de altivez e galhardia logo arrefeceram no animo do mancebo, para dar-lhe, em troca das estulticies, o siso e assentamento do homem grave, e o tino para lidas menos brilhantes, mas tambem menos arriscadas e de mais proveitos. Desde a scena de S. Jorge não apparece mais Vieira nas chronicas das guerras. Surge, no entanto, a figura em pleno Recife hollandês, muito mettido com os intrusos e até por estes tido em grande estima. É assim que se fez homem de negocios, teve muitas emprezas, contratou com o Grande Conselho flamengo varios serviços rendosos, não sendo o menos remunerativo o da péga de escravos fugidos. Até o anno do rompimento insurrecional vivia no Recife como grande senhor, considerado até intimo de todos os governadores, e particularmente do Conde de Nassau. Foi assim que Vieira se constituiu dos maiores proprietarios da terra e grande potentado. É tambem sabido que tinha, no momento de declarar-se a insurreição, certos compromissos com o Governo flamengo. Sabe-se mais que era violento e irritadiço, quasi impulsivo, que tinha orgulho desmedido e vaidades de creança, e que era de um egoismo que chegava a ser absurdo. Resta notar que nunca morreu nelle o preconceito da raça: era o que no tempo se chamaria — um português irreductivel. Por

fim tinha entre os reinões em Pernambuco os seus sequazes mais fiéis. Quanto á Antonio Cavalcanti de Albuquerque era filho de Olin-da e pertencia á primeira nobreza da terra, e pela sua vasta parentela e pelos seus cabe-daes, tanto como pelo seu character, era dos homens mais considerados da capitania, sendo figura conspicua entre os maiores chefes pernambucanos. O seu nome, no entanto, só apparece na celebre reunião do engenho de Luiz Bezerra, em S. Lourenço da Matta, em 13 de Junho de 1645. Não consta que convivesse com os hollandêses em Recife. Cuidando dos seus engenhos na Varzea, andava arredio, em silencioso e contido protesto contra a intrusão, até o dia em que delibrou, com os da sua familia, reconquistar a liberdade e redimir a patria humilhada. Parece que no momento de planear a reacção armada contra os hollandeses estava elle de harmonia com João Fernandes Vieira, tanto assim que esteve presente á reunião do engenho Bezerra, juntamente com o potentado, que em seguida se fez seu inimigo.

A nosso ver, tudo está indicando que o incidente de Covas fôra provocado por Vieira, ansioso de destacar-se de um homem que pela sua riqueza, pela sua familia, pelo seu prestigio pessoal e sobretudo pela austeridade de seus costumes, havia de fazer-lhe sombra. Até certo ponto esta suspeita se confirma por factos subsequentes. Assim que se

trata de expedir soccorros para o norte, é o proprio Cavalcanti o primeiro a disputar a honra desse commando. Affirmam os chronistas unanimes tal facto, mas não asseguram que Vieira de bom grado concordasse com a resolução de Cavalcanti. Sem duvida, é mais provavel até que o afastamento de Cavalcanti em taes condições não lhe fosse mais agradavel que a presença do capitão no acampamento. Trazendo-o perto de si poderia Vieira vigiá-lo melhor, e neutralizar-lhe as manobras. Longe de suas vistas e num commando importante, seria mais facil a Cavalcanti crescer de força e de presumpção para posturas mais livres, de indisciplina e desplante. A isto junte-se a circumstancia da morte inesperada, quasi subita de Cavalcanti, morte cercada de mysterio, e até hoje insufficientemente explicada: e diga-se-nos se não é licito presumir que o grande pernambucano foi victima da nobreza pessoal e da alta estima em que era tido em Pernambuco. Fernandes Gama, que passa por ser de grande actividade entre os auctores modernos, que se occuparam da guerra, refere que Vieira, logo que foi eleito chefe, revelou desmedida ambição, e que “o modo como se portava com aquelles mesmos que o tinham elevado, e que pelas circumstancias se haviam submettido ás suas ordens, creava descontentes, chegando a induzir necessidade de mudar de chefe”. Assegura até que

“alguns descontentes, querendo salvar o animo dos soldados, começaram por pintar o general como um vaidoso e impostor, que não tinha em vista senão a sua ambição pessoal; um insensato que necessariamente se ia perder e sacrificar os que os seguiam; e que, portanto, cumpria escolher entre os pernambucanos natos e legitimos patriotas, um chefe digno que os dirigisse com o preciso tino, prudencia e sinceridade. Estas praticas como é natural, produziram o seu effeito, lançando a sinzania entre os chefes e as tropas insurgentes”. O auctor do *Vale-roso Lucideno*, como outros chronistas portugêses, attribue á traição a favor dos flamengos o que *não passou de uma pura questão de mando*. E acrescenta: “Sobre este alboroto teve o governador João Fernandes Vieira palavras mui pesadas com Antonio Cavalcanti e com Bernardino de Carvalho, e com outros dos mais graves da terra, e estiveram em risco de virem a espada”. Segundo o escriba já citado, impressionou-se Vieira com taes alaridos e atoadas que poderiam mesmo comprometter-lhe a autoridade; e cuidou de neutralizar semelhantes manobras, e até, como lhe pareceu não difficil, tirar dellas proprias algumas vantagens. Com a sua astucia e affectada serenidade, fez publicar uma ordem do dia, annunciando que ia passar revista ás tropas. Postas estas em fórma, saiu Viei-

ra, ostentando perfeita confiança nos seus commandados, e foi correndo todas as fileiras, com a cabeça descoberta e a espada na mão. Não seria de estranhar que se aproveitasse daquelle solemne momento para cair impiedoso sobre os autores das queixas e vociferações. Em vez disso, porém, começou agradecendo aos companheiros de causa a sua dedicação, e os signaes que davam de fervor na defêsa da liberdade e honra da patria. Em seguida, disse, com firmeza e entono, que se entre tantos homens valentes que se lhe haviam ligado, algum se achasse já arrependido de se haver exposto aos perigos da guerra santa que se vae fazer, estava prompto para o licenciar, certo de que com os fieis que lhe ficassem teria meios sufficientes para quebrar o jugo da tyrania, e restituir á soberania de Portugal as provincias que por tão longo tempo lhe andavam usurpadas. Gritos de enthusiasmo lhe abafaram as ultimas palavras, e aclamações estrondosas surgiram de todas as linhas. Os descontentes emmudeceram, como vencidos e vexados. Quasi coincide com esta scena a chegada de novos patriotas de Moribeca; e o exercito insurrecto, engrossando assim pelo numero depois de incendiado pela primeira estrondosa victoria, pareceu todo coheso em torno do chefe. Não era preciso que fosse este o mais digno; bastava que

fosse, como realmente mostrou que era, o mais astuto.

Tem-se debatido muito uma certa versão que tenta explicar o desaccôrdo dos dois chefes como intuito, por parte de Cavalcanti, de burlar a insurreição, insinuando-se que o patriota pernambucano, de conluio com os intrusos, se envolvera no movimento para trair os companheiros. Esta infâmia é obra de um sacrilego chronista sobretudo; mas é aleive que não vingou, tão nobre e impoluta é a figura de Antonio Cavalcanti. Vejamos como se ella originou. Escreve a pag. 184 o já referido auctor do *Valeroso Lucideno*: “Neste tempo (nos primeiros dias da insurreição), em que o governador das armas se deteve em Pojuca, veio ao Recife um mulato de Antonio Cavalcanti, e disse aos do Supremo Conselho que se lhe dessem gente de guerra bastante, elle lhes entregaria nas mãos a João Fernandes Vieira, e trouxe aos do Conselho uma carta de Antonio Cavalcanti, com a qual elles muito se alegraram; e ao diante se dirá o que a carta continha”. A pag. 193, referindo-se ao caso, diz: “Ao padre Frei Manoel do Salvador, enviado ao Recife para se entender com os hollandêses, van Bullestrate, presidente do Supremo Conselho, disse-lhe: — “Não cuide João Fernandes Vieira que todos os que andam em sua companhia são seus amigos e lhe guardam fidelidade; pois que lá com elles andam

tambem amigos nossos particulares, que no-lo hão de entregar nas mãos, vivo ou morto”. Ao que, replicando-lhe o padre “que não podia ser que português algum cometesse tal alevosia, salvo se fosse algum herege”, — o dito João Bullestrate metteu a mão na algibeira e tirou uma carta escripta por Antonio Cavalcanti, e metteu-a nas mãos do padre para que a lesse; a qual, com equivalentes palavras dizia em um capitulo desta maneira: “Vossas senhorias não recebam paixão (sic), nem se inquietem; porquanto a cabeça principal, uma mulher que gosou o titulo de mãe dos doze patriarchas filhos de Jacob, pelo qual se viu Joseph adorado no Egypto, em comprimento do sonho de que se havia de ver adorado do Sol e da Lua, e de onze estrellas: esta dará em terra com a estatua de Nobucodonosor; e quando ella não fôr bastante, não faltará outro caminho mais facil e secreto; e caída a cabeça, logo todo o corpo se desfará em pó e cinza”. E então commenta o auctor do *Valeroso Lucideno*: “Bem conhece Frei Manoel do Salvador que esta mulher de que falava a carta foi Balla, a qual, na Santa Escriptura foi chamada mãe commum dos doze ptriarchas, e que debaixo deste rebuço se promettia aos hollandêses que uma bala de espingarda, ou de arcabuz, tiraria a vida a João Fernandes Vieira, ou o matariam com peçonha, e que logo toda a conjuração se acabaria; respon-

deu, porém, aos do Conselho que não entendia aquelle enigma, nem lhe importava saber o que significava. Tomou-lhe das mãos a carta o conselheiro Bullestrate dizendo: — “Está bem, está bem, não leia Vossa Reverencia mais por diante”. Despediu-se Frei Manoel Calado, e cuidou de deixar immediatamente o Recife. Ora, a invenção de Frei Calado está transparente demais. Não se comprehenderia, de facto, que os do Conselho fossem tão levianos que chegassem a inutilizar o concurso que lhe offerencia Antonio Cavalcanti, fazendo com que no acampamento pernambucano se viesse a saber da traição antes que esta produzisse o seu fructo... Se realmente tivessem pelo seu partido um chefe como Cavalcanti, é mais do que evidente que todo o interesse estaria em não denunciá-lo aos companheiros que deviam ser traídos, e não de certo em compromettê-lo e dar ensejo a que os rebellados se acautelassem burlando a insidia. Não seria, pois, similhante carta que servisse de base a um libello contra o chefe pernambucano. Está-se sentindo claro que tal carta nunca existiu; e se, com effeito, se mostrou a Fr. Salvador algum papel com as palavras enigmaticas que deixamos transcriptas, não póde ser mais do que forjado no Recife, e só para que a balela fosse produzir effeito entre os insurrectos. Mas Frei Calado é de uma incrível coragem no intento

de fazer passar como traidor o emulo de Vieira. Veja-se a insistencia com que elle procura falsear a verdade, apresentando Cavalcanti como um entrave no meio dos patriotas. “Tanto que João Fernandes Vieira chegou á casa do Covas, escreve elle, e ali se alojou com a gente que o seguia, começou Antonio Cavalcanti (com ser um dos ajuramentados na empreza da liberdade), com outros de sua facção a alborotar o povo, dizendo-lhe que o inimigo os vinha seguindo com dois exercitos para os tomar em meio (da campanha?), e que sem duvida haviam de ser todos degolados”, e que se quizessem pelear não teriam recursos de guerra, e que se quizessem retirar, nem isso poderiam fazer sem destroço completo; e, finalmente assegurava a todos que a idéa de Vieira era recolher-se á Bahia, levando consigo os moradores de Pernambuco, sem duvida com o proposito de os entregar em caminho aos hollandêses... Que sendo assim, o melhor era que todos voltassem para as suas casas *certos de que os senhores do Supremo Conselho a todos garantiria...*” Insinúa até o frade chronista que do acampamento se dava diariamente aviso de tudo para o Recife... “Estando assim todos ou quasi toda a nossa gente amotinada na Casa do Covas, chegaram-se, para a parte de João Fernandes Vieira, Cosme Passos, seu genro Manuel Cavalcanti, irmão de Antonio Cavalcanti, o

qual avança a impiedade do frade! — não se falava com elle *por ver sua pouca fé e lealdade para com seu Rei e sua patria*” e muitos outros capitães. E sendo que até então (até sahir do Covas o exercito), sempre se acompanhava com Antonio Cavalcanti; todavia agora, por motivo de certos avisos que tinha de pessoas fidedignas, de que *elle o queria matar pelo melhor braço que pudesse; e sendo certo que se havia comprado peçonha em certa parte para lhe darem...* etc.”... — Tratando da expedição que Cavalcanti levou para o norte, escreve o temeroso chronista: “E com as petições que lhe faziam (os moradores de Goyana e Vieira), tratou o governador da liberdade de lhes enviar soccorros, o que sabido por Antonio Cavalcanti, metteu empenhos para que o mandassem a commandar esses soccorros”. Nada mais legitimo e mais natural: desde que estava em divergencia com o chefe supremo, a simples prudencia o aconselhava a preferir uma commissão em que pudesse servir a causa sem constrangimentos pesoaes. Mas o frade maligno explica assim o caso: “...Como havia novas certas de que a gente da Bahia tinha chegado por mar a Tamandaré, a saber, os dois mestres de campo, André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, com os seus dois terços de infantaria, para os ajudar; e que João Fernandes Vieira se preparava para os receber

ao caminho; como Antonio Cavalcanti *havia sido uma das principaes cabeças da conspiração da empreza da liberdade, e depois de ajuramentado havia prevaricado e tornado o pé airás; e posta a empreza na contingencia de não conseguir effeito, não quiz (Albuquerque) apparecer na primeira estancia diante de gente da Bahia, porque os soldados não lhe deitassem alguns remoques pesados; do que se originou muito desgosto; e esta foi a causa por onde procurou nos seus meios que João Fernandes Vieira o mandasse por cabeça do soccorro que teve de mandar para amparar os moradores de Goiana e Parahyba...*” E acrescenta o frade: “E o governador João Fernandes Vieira lh’o concedeu facilmente *por se ver livre de uma carga tão pesada*, como não trazê-lo em sua companhia; porque, como viu, tão claros indícios de que por maioria o queriam (?) matar, ora com uma bala, ora com peçonha (*o que tambem podia ser mentira*), quiz o Governador, com o apartar de si, ficar livre de suspeitas tão pesadas”. Deixa o chronista ahi muita coisa que não se entende bem. Por exemplo: que maioria é essa que o queria matar a bala ou por veneno? E quem é esse que se queria matar? De que suspeitas pesadas se quiz Vieira livrar afastando de si Antonio Cavalcanti: suspeitas de que Vieira é quem queria matar a Cavalcanti ou de que é Cavalcanti que visava a Vieira? Pro-

vavelmente a *maioria* que planeava matar é a gente de Vieira; e este, por grandeza de alma, é quem afastou o rival, para que este não fosse sacrificado. Foi seguramente isto o que o chronista quiz dizer. Em seguida engrola Fr. Calado uma historia de casamento de filhos de Cavalcanti com filhos de Beranger, aos quaes dotou generosamente, com o que *se reconciliaram Vieira e Cavalcanti*, conquanto taes casamentos não se realizaram *até hora presente*, diz o homem. Ora, pelo que foi transcripto do *Lucideno*, reconhece-se que Fr. Calado é o testemunho que menos fé merece entre todos os que depõem neste processo. É tão palpavel a sua parcialidade que se chega a aproveitar as suas palavras contra Cavalcanti mas como valendo para defêsa deste que para accusação. É o unico chronista, ainda assim, que se atreve a desfigurar tanto a verdade.

Basta ver que o proprio Fr. Raphael de Jesus é muito mais grave e discreto que o irmão collega. Tem-se razão para considerar-se essa obra como escripta por encommenda do proprio Vieira. Se não, veja-se. É Vieira quem offerece a obra ao *principe*, que veio a ser depois D. Pedro II, e nestes termos: “Ao *sol* que lhes preside, devem os astros todo o ser de seu luzimento; A. V. alteza que nos governa, se hão de attribuir todos os progressos de seus vassallos. Com esta divida, *offereço a seus reaes pés a*

memoria do que em seu serviço obrou minha possibilidade, para que se restituam os effeitos a quem se devem os influxos..." O auctor da obra offerece-a, não ao principe, mas ao glorificado, a quem diz: "Tudo quanto contem este livro, em seu principal assumpto, são obras de vossa senhoria, por filhas, ou de seu braço, ou de seu conselho, ou de sua disposição". Levou este o seu desejo de agradar ao louvado que chegou a submeter a obra ao juizo do proprio Vieira, receando que lhe faltasse alguma coisa. "Basta a dissemelhança duma côr — dizia, para destruir o parecer d'uma imagem; e porque nesta não falta o menor accidente, o remetto ao exame de vossa senhoria, para que com sua emenda, ou com sua approvação fique a certeza sem duvida, e se leia esta historia sem escrupulo, certo o leitor de que vê o que Vossa Senhoria é na verdadeira representação do que tem sido". Parece, portanto que todo o cuidado deste auctor foi posto em dar-nos um heróe comparevel aos Alexandres e Cesares, que são poucos na historia do mundo. Pois bem: Fr. Raphael de Jesus não tem uma palavra a tudo quanto aquelle outro refere a Cavalcanti...

Pesando bem o valor dos documentos, e confrontando as testemunhas, temos que reduzir o incidente do engenho de Covas ás suas verdadeiras proporções e dá-lo como pura manifestação daquelle espirito que se vinha

fortalecendo desde os primeiros dias da colônia, a antipathia dos filhos da terra pelos portuguezes. Não ha duvida alguma que Cavalcanti, grande senhor de Pernambuco, poderoso pela opulencia e pela familia, homem de profundo siso, discreto, grave, austero, tendo em grande conta a sua condição de fidalgo, não poderia ver com bons olhos um simples negociista como Vieira alçado de um momento para outro a altura de chefe supremo da causa, que era natural estivesse mais no coração dos filhos da terra que nos calculos de um adventicio que até ali se tornára conhecido pelo seu instincto aventureiro. Se, com effeito, Vieira se quiz descartar de seu rival dando-lhe uma commissão de tanta importancia, commetteu uma inepecia de tal quilate que a historia não tem o direito de receber sem censura. Inepecia, sim, pois que sabia (segundo o testemunho de Fr. Calado e dos outros), que Cavalcanti queria trair a revolução. Mas então, entrega-se o commando de 150 homens e guarda de uma zona tão importante, a um homem de cuja lealdade se desconfia, e que se tem já como arrependido de haver jurado á grande causa o seu apoio? Pensamos que é um acto de simples verdade historica e de justiça posthuma, a reabilitação desta nobre figura. Cavalcanti ficou relegado para um canto da chronica como ficaram uns tantos outros até dos maiores heroes da guerra. Conquanto tivesse desappa-

recido quasi na occasião do rompimento, merecia-lhe ao menos o que se lhe devem de coragem e estimulo no instante da decisão. Mas se outros que foram até o fim da campanha tiveram de ceder tudo ao chefe portuguez, já não se admira que Antonio Cavalcanti se sumisse na voragem do esquecimento, na sua propria terra, onde a sua familia era muito poderosa. O que se tem o direito de estranhar, porém, é que ao menos aquelle *pleuris* que o fulminou em Iguassú não chegasse até hoje a ser decifrado.

A EPOPÉA DA RECONQUISTA

Na terra pernambucana a natureza se revê no sorriso dos heróes. Toda a sua historia é uma floração exuberante de figuras homericas. As nossas lutas foram combates de titans, em que até o proprio Attilas seria desafiado, e vencido, por aquelle povo que, perdido num recanto da larga costa atlantica e desajudado do mundo, só contava com a força inexpugnavel dos peitos e com a fé invicta no destino. A guerra hollandêsa, peleja cruenta, sombria e terrivel, que se accendeu com violencia, durou quasi três decennios e se desencadeou numa finalidade irresistivel, é sem duvida a nossa epopéa nacional, porque nenhuma é mais rica de prodigio e de fatalidade. Travada em condições desfavoraveis para os nossos, contra um inimigo poderoso, armado de todos os recursos e dotado de excellentes qualidades guerreiras, tem ella, com effeito, alguma coisa de sobrehumano, e é profundamente tragico o

desenrolar dos varios episodios que perpetuaram a fama dos lidadores pernambucanos. Sem exaggero, podemos dizer que aquelles momentos, com serem a época mais luminosa da historia do heroismo brasileiro, somente são comparaveis aos tempos em que os gregos affrontaram os deuses do Olympio.

Nos dias ominosos da invasão batávia, os heróes se multiplicavam na Sparta americana com uma constancia assombrosa, como se cada lutador fosse tocado da graça divina. Desde os primeiros dias da resistencia até á reconquista, a alma pernambucana, indomavel e invencivel, arde, inflamma-se e desdobra-se numa série de batalhas ferocissimas, recontros terriveis e pelepas emocionantes de sacrificio. Foi, incontestavelmente, a phase mais epica da nossa historia a da gloriosa resistencia opposta aos usurpadores pelo heroismo dos pernambucanos, e cuja influencia se projectou dali por diante em toda a nossa vida de povo. Houve invasões antes e depois de 1630, mas nenhuma, nem a de Villegaignon, este mystico da espada, nem a do gentil-homem soldado La Ravardière, nem a do infeliz Du Clerc, se compara á acommettida dos hollandeses, que representavam uma emprêsa rica e forte, amplamente estimulada e favorecida pela novel republica, que saía para ao mundo ansiosa de poderio e de gloria. Traziam elles o proposito de arrebatam a nossa terra á força de ar-

mas, e por isso mesmo vieram com todo o aparato de um grande empreendimento militar, conduzindo exercitos bem municiados, generaes destemidos e experientes, numerosos navios armados e innumeradas reservas de toda ordem. Entraram como num assalto de abutres, e seguros do seu poder. Depois de vinte e quatro annos de luta titanica, fixaram-se naquella vasta zona do nosso territorio, desde Sergipe até o Maranhão, de nada tendo valido o movimento de repulsa por parte de um povo abandonado de seu rei.

Durante 15 annos durou o *Brasil Hollandês*, e, neste periodo de tempo, dir-se-ia que se nublára para sempre o animo pernambucano. A alma da terra, porém, não tinha morrido: recolhera-se apenas na sua angustia, para sair mais tarde da vigilia, como um leão que acorda espantado da tormenta, e destruir o jugo sacrilego. Então vemos ascender de novo a flamma do heroismo pernambucano no peito de Antonio Cavalcanti, Felipe Bandeira de Mello, D. João de Souza, Martim Soares Moreno, Antonio Bezerra, João de Rego Barro, Borges Uchôa, Francisco Faria, Beranger de Andrade, Antonio Silva, Felipe Camarão e Henrique Dias, sendo de justiça assignalar que foi um parahybano, André Vidai de Negreiros, o organisador do movimento, o chefe espiritual da insurreição, a garantia da victoria,

por influencia de quem se deu a João Fernandes Vieira o commando dos exercitos. Naquelle momento, aquelle punhado de bravos era a incarnação viva da patria e representava o espirito, o valor e a grandeza da raça. Os pernambucanos levaram a cabo, só com a fé illuminada e a coragem esplendorosa, a maior, a mais longa e a mais tragica campanha empenhada neste lado da America. Desde a defêsa do Rio Formoso, onde vinte titans affrontaram 500 inimigos, insensíveis ao terror das armas e ao furor dos assaltantes, e só cedendo a praça quando não havia senão um, mas tombado, que foi Pedro de Albuquerque, até as duas batalhas decisivas dos montes Guararapes, onde se póde dizer ficou anniquilado o poder hollandês, tudo fizeram elles sem a protecção da metropole e até lutando muitas vezes contra designios da propria côrte portugueza. Houve um instante em que os intrusos chegaram a festejar a decretação de medidas tomadas em Lisboa contra os subditos rebeldes a D. João IV. Os hollandeses, com effeito, atreveram-se até a mandar que no acampamento pernambucano de Henrique Dias e Felippe Camarão se espalhassem copias de uma carta régia ordenando aos pernambucanos que depuzessem as armas e se retirassem da campanha. No dia seguinte, o heróe negro fazia lançar entre os flamengos em festas um revide áquelle acinte, expresso

nestes termos: "Senhores hollandeses: O Camarão não está presente, mas eu por elle vos respondo. Sabei que esta é patria delle e minha patria, e que só depois que vos tivemos expellido do Recife para sempre é que deporemos as nossas armas. Quanto aos castigos que nos vierem do nosso rei, hão de vir depois, e os soffreremos com gloria..." Nestas palavras, sobrias mas eloquentes, estava a medida dos impulsos com que se levaria até o fim a causa sagrada.

A epopéa da reconquista foi, pois, obra quasi exclusiva do esforço, da constancia admiravel, da abnegação e do patriotismo dos pernambucanos: foram os discipulos de Barbalho que expulsaram os intrusos. Depois da victoria dos Guararapes, que o pincel de Victor Meirelles immortalizou na téla famosa, o Brasil, que até então fôra colonia, passou a ser patria para aquella gente que o salvára com o proprio sangue. O Brasil brasileiro despertou na ponta das espadas que ditaram a capitulação da campina de Taborda e renderam o Recife. Até aquelle momento era uma simples possessão e dali em diante ficou sendo uma nacionalidade, que não cessou de crescer, em força, em belleza e em luzimento, para maior gloria da gente pernambucana e para orgulho do nome brasileiro, e cuja seiva heroica e pujante creará novos ideaes, outros heróes e epopéas mais ardentes.

VI — LA FRANCE ETERNELLE

LA FRANCE ÉTERNELLE

AU BANQUET OFFERT À PAUL FORT, LE 22 JUILLET 1922

Monsieur Paul Fort:

Je ne me trouve ici que par excès de complaisance de ceux de nos amis qui ont pris l'initiative de la manifestation de ce soir, et je vous avoue que j'ai accepté avec joie ma lourde tâche d'exprimer devant Son Excellence Mr. l'Ambassadeur Conty, qui représente son pays avec tant d'autorité et tant d'intelligence, le Général Gamelin, le professeur d'art napoléonien de nos futurs chefs d'armée, et une si brillante phalange d'écrivains, poètes, publicistes et d'hommes de société, les sympathies que nous éprouvons pour votre art et l'admiration que nous inspire votre France.

LE GÉNIE LATIN

Vous êtes venus nous apporter l'éclat de votre nom et la douceur de votre ami-

tié. Merci. Nous sommes heureux de votre présence chez nous: vous nous donnez à sentir vivantes, dans notre compagnie, la grâce incomparable et la splendeur de la très belle Ile-de-France, foyer éternel de lumière et de beauté, pays de la raison claire et des pensées nobles — terre resplendissante de la latinité. Qu'elle est belle cette âme de France!... Nous voyons en vous, dans ce moment, l'affirmation même de ce génie latin, qui a conquis une grande partie du monde, qu'il domine et dominera encore pour bien des siècles. Fièrre, chevaleresque, vaillante et généreuse, la France nous est chère. Si vous êtes "*heureux d'être français*", nous aimons cette France, grande et immortelle, et nous l'admirons par la forte vitalité de sa pensée, par la foi qu'elle a dans le triomphe définitif de la liberté humaine, par ses nobles traditions historiques et par son esprit, fait de poésie et d'harmonieux progrès. Nous l'adorons encore, plus que jamais, pour avoir lutté si durement, au prix de pertes effroyables et d'héroïques résistances, jour et nuit, pendant des mois et des mois, dans la boue et dans la neige, sous un ouragan ininterrompu de mitraille, pour sauver notre civilisation commune, en opposant la résolution épique du "*on ne passe pas*" aux élans barbares. Il n'y a pas de miracle plus grand dans toute l'histoire. Oui, ce qu'elle a défendu, avec l'intégrité de son

sol, c'est "notre culture à nous, celle qui, venue d'Athènes à Rome, rayonnante d'une grâce immortelle sur les ruines de la Grèce, victorieuse de ses vainqueurs, portée par eux dans l'univers sous les ailes de l'aigle romaine, sortie par la Renaissance du long sommeil du moyen âge, éternelle leçon de conscience et de beauté, institutrice de mesure et d'harmonie, reine des intelligences et de la raison, aboutit, par la philosophie du dix-huitième siècle à la Déclaration des Droits de l'homme et du citoyen", comme l'a si bien dit Mr. Pichon. Français et brésiliens, vous et nous, nous avons avec les mêmes origines ethniques, le même idéal. Fils de la même race qui a su garder, à travers les âges et les épreuves les plus pénibles, sa grandeur, ses efforts, ses qualités affectives et ses vertus caractéristiques, nous éprouvons une fierté légitime de cette culture, qui, toujours vivante, perpétuellement renouvelée, aura certainement d'autres harmonies à créer au cours de notre histoire. En effet, dans l'admiration de la Rome antique, dans l'étude de son langage, de ses arts et de ses mœurs, dans la vénération de sa philosophie religieuse et surtout dans le respect de son droit, furent éduqués nos ancêtres. En sorte, que, selon la remarque de Paul Adam, la culture brésilienne fut comme la votre une culture purement méditerranéenne, dictée par les enseignements de

l'Acropole et du Forum, par l'équité de Solon et par la clémence d'Auguste, par le stoïcisme de Socrate et par la fraternité de Jésus. Les forces latines en quatre siècles ont pu répandre sur le nouveau monde découvert par Cabral l'esprit méditerranéen avec toute sa divine puissance de création. Et je voudrais bien montrer comment, par le culte des conceptions gréco-romaines et des traditions méditerranéennes, peu à peu, nous avons créé une patrie au cœur noble et pur, également éprise de liberté, de justice et de progrès pacifique. Voilà pourquoi nous aimons le beau pays de France, et avec bonne raison et orgueil à la fois, nous le considérons comme une des patries de notre imagination, notre foyer. Qu'il est admirable le génie latin!...

LE TESTAMENT D'ADAM

Un jour on écrira l'histoire de cette amitié qui nous unit depuis des années, bien que nous sépare l'immensité de l'Atlantique, et on montrera la signification de nos rapports intellectuels. Il y a longtemps que l'influence française se fait sentir sur notre pays. Aventuriers, gentilshommes, chevaliers de Malte, calvinistes, pères capucins, sœurs de charité, soldats de l'Empire, émigrés de la Restauration, artistes, poètes, financiers et commerçants, ont trouvé tou-

jours chez nous un accueil fraternel. On n'ingnore pas que le Brésil fut une des premières regions du Nouveau monde que fréquentèrent vos compatriotes au XVI siècle. Quelques historiens croient même, basés sur une vague tradition dieppoise, que non seulement aucun européen ne les aurait précédés dans la direction de la côte americaine, mais encore le jeune capitaine français Jean Cousin, précurseur immédiat de Colombo, muni des instructions du savant hydrographe Descaliers, son compatriote, aurait découvert, en 1484, l'embouchure d'un grand fleuve qu'il nomma *Maragnon*, et que plus tard fut appelé *Amazones*. "La meilleure preuve de la probabilité du voyage de Cousin, écrit Gaffarel, c'est le grand nombre des expéditions maritimes entreprises par les dieppois et les normands dès les premières années du XVI^e siècle, dans la direction du Brésil. Ces expéditions son fréquentes et régulières. Elles dénotent de la part de ceux qui s'y risquaient une connaissance réelle du pays où ils s'engageaient. Cousin avait tracé la voie: ses compatriotes la suivirent avec ardeur. De 1488 à 1555, c'est-à-dire depuis l'expédition de Cousin jusqu'à la tentative de colonisation ordonnée par le amiral de Coligny, les voyages des français au Brésil se succédèrent tantôt heureux, tantôt marqués de dramatiques péripéties". Il n'existe pas cependant, aucune preuve authentique, au-

cun document officiel de ce voyage du hardi marin — problème géographique qui restera peut-être insoluble, et, bien réellement, c'est au navigateur génois qu'il faut en reporter l'honneur d'avoir augmenté si démesurément le domaine de l'humanité, comme à Cabral appartient sans doute la gloire de la découverte de la Terre de Santa Cruz. La priorité de Jean Cousin est un fragile paradoxe, et je ne le cite pas qu'à titre de curiosité historique, mais, après 1500, fut, en effet, considérable le nombre d'expéditions clandestines au Brésil faites par des capitaines français, des normands et des bretons. En 1503, lorsque le vaillante capitaine Paulmier de Gonneville, parti de Honfleur avec ses compagnons Jean l'Anglois et Pierre de Carpentier, sur l'*Espoir*, débarqua pour la première fois au Brésil et pour la seconde sur le continent américain, il remarqua, non sans étonnement, que les indigènes ne paraissaient nullement surpris de sa présence et qu'ils connaissaient l'usage de divers outils européens: écrit Gonneville dans sa relation de voyage, que n'est pas improbable que c'étaient des français qui avaient ouvert des relations avec les sauvages brésiliens. Rien non plus, il est vrai, ne prouve le contraire. Après Jean Cousin et Paulmier de Gonneville, et pendant les premières années du XVI^e siècle, les deux Anglo, illustres armateurs dieppois, organisèrent en

quelque sorte un service régulier entre la France et le Brésil, et pendant leur longue carrière ne cessèrent de disputer aux portugais la domination des riches contrées du Brésil. Ils avaient, dès 1504, sous leurs ordres une véritable flotte marchande, quatre navires au moins, et à leur service les meilleurs capitaines de l'époque, quelques uns portugais, qui trafiquaient en même temps sur divers points de la côte brésilienne. De tous les capitaines au service d'Ango, la chronique a conservé seulement le nom de Jean Parmentier, mathématicien e excellent marin, "gran capitano del mare francese", qui a écrit une relation de voyage au Brésil, et à qui Ramusio a rendu pleine et entière justice. Ce Jean Parmentier écrivait alors: "si le roi François premier voulait tant soit peu lâcher la bride aux négociants français, en moins de quatre ou cinq ans ceux-ci lui auraient conquis l'amitié et assuré l'obéissance des peuples de ces nouvelles terres, et cela sans autres armes que la persuasion et les bons procédés". Dit-il encore que, "dans ce court espace de temps, les français auraient pénétré plus avant dans l'intérieur de ce pays que n'ont fait les portugais en cinquante ans et probablement les habitants en chasseraient ces derniers comme leurs ennemis mortels". Intelligents et résolus, tous les deux élèves de Derceliers, "aussi rompus à la pratique des mers que pénétrés

des principes de la nouvelle école d'hydrographie", ils ont fait dès 1526 une grosse fortune grâce aux fructueuses expéditions à la côte du Brésil et au bon accueil qu'ils y ont trouvé toujours. Le premier Ango devint un des plus grands propriétaires du royaume. Il se fit bâtir une magnifique maison, un curieux palais de bois, que le cardinal Barberine, lorsqu'il le visita en 1647, déclara que jamais il n'avait vu de maison aussi bien ornée. Les meubles les plus précieux de France, les tableaux italiens et les curiosités du Brésil étaient réunis côte à côte. Les singes et les papegais courraient sur les toits, et de temps à autre se montrait quelque indien "au coutume étrange", ramené par les capitaines d'Ango. On recevait une fastueuse hospitalité dans ce palais, une sorte de musée, toujours renouvelé des produits les plus exotiques. La maison d'Ango devint bientôt célèbre. Le roi François I et la cour admirèrent sans réserve la magnificence déployée par le Médicis dieppois, qui avait amassé tant de richesse par son commerce avec le Brésil. De tous les trésors d'Ango, c'est la vaiselle ciselée qui excita surtout l'étonnement du roi. François I lui a donné le commandement du château de Dieppe et lui conférait des lettres de noblesse. Ango, sieur de la Rivière, a vu resplendir alors l'apogée de sa fortune. Il équipa de véritables flottes qui portaient sur toutes les mers

son drapeau et sa réputation. Á maintes reprises il prêta au roi de l'argent et même de vaisseaux, surtout quand il s'agit d'empêcher les anglais de se fortifier à Boulogne :

Qui françays estoit roy et sur mer et sur terre,
Pour faire veoir á l'orgueil d'Angleterre
La grande flotte expresse mise en mer,
Ce fut luy, luy seul qui fist armer

comme l'atteste ce quatrain composé par un poète contemporain, un certain du Puy de l'Assomption. Avec Jean Ango, le second de sa dynastie qui continua les traditions et la profession paternelle, les voyages entre les deux pays devinrent plus nombreux encore, et les articles de provenance brésilienne figurèrent régulièrement sur les marchés français. Grâce à sa féconde impulsion, le commerce français prit à cette époque un essor prodigieux : "Á Dieppe, à Honfleur, à Rouen, et dans cette nouvelle cité que la protection de François I allait bientôt tirer de son obscurité pour en faire le port le plus florissant de la Manche, au Havre, écrit Gaffarel, à qui je prends toutes ces notes sur les Ango, se formèrent des compagnies de négociants, et bientôt de tous les ports français de l'Océan, partirent dans la direction du Brésil de véritables flottes marchandes". Encore, durant le XVI^e siècle, Riffault, un amateur de Dieppe, vint trafiquer à l'île de Maranhão. Á chaque port de notre côte on trouve la trace

de vos compatriotes : à Rio de Janeiro, à Cabo Frio, à S. Salvador, à Sergipe, à Ilhéos, à l'embouchure du S. Francisco, qu'on l'appelait *Porto dos Francezes*, à Itamaracá, etc. Le nom de Jean Duplessis, par exemple, est associé à si gracieuse légende de *Paraguassú* : on enregistre la tradition que le capitain français l'aurait emportée, avec son époux, en Europe, à la cour de Henri II. Bien autrement authentique est le voyage de Guillaume de Moner, commandant du navire *Catherine de Wateville*, qui, en 1554, a délivré Hans Staden, qui était prisonnier des indiens. Que d'aventuriers, conduits par la chimère de la richesse ou par la recherche du rare, prétendirent recommencer dans ces terres inconnues les merveilleuses aventures des *Conquistadores* espagnols qui s'enrichissaient sur la rive opposée!... De ces et d'autres divers temoignages il résulte que, malgré l'hostilité des portugais, les relations entre la France et le Brésil pendant tout le XVI^e siècle furent plus fréquentes et devinrent presque régulières, au point que le gouvernement français a cherché enfin à détourner cette activité à son profit, en fondant un établissement sérieux au Brésil et en assurant à ses compatriotes, négociants et armateurs, la protection de ses canons et de ses vaisseaux. Henri II n'avait pas oublié les paroles du roi son père, au sujet de l'Amérique, quand le pape Alexandre VI, par une

bulle célèbre, du 14 mai 1494, a partagé le continent nouveau entre les deux couronnes de Portugal et d'Espagne. Le roi François I, qui manifesta évidemment l'intention de participer à la conquête du nouvel hémisphère, demanda bien un jour qu'on lui montrât l'article du testament d'Adam, qui partageait le Nouveau Monde entre ses bons cousins l'Empereur Charles-Quint et le roi de Portugal, en l'excluant de la succession. Sollicité d'ailleurs par les armateurs de Dieppe et par quelques aventuriers, et sans plus se soucier du *Traité de Tordesilhas* ou de la défense pontificale, qui interdisait à tout autre peuple, non seulement de s'établir, mais encore d'entreprendre un voyage dans les terres concédées aux deux couronnes privilégiées sans en demander l'autorisation à l'une ou à l'autre, le monarque français envoya ou favorisa coup sur coup plusieurs expéditions au Brésil.

LE BRÉSIL FRANÇAIS

Ainsi, le Brésil, ou du moins Rio de Janeiro d'abord, sous Henri II, et Maranhão ensuite, sous Louis XIII, faillit devenir français. L'histoire du "Brésil Français", a un air romanesque, mais de ce romanesque qui inspire les âmes des aventuriers et des conquérants. En effet, ce roman commença avec Villegaignon, se développa

sous le règne et avec l'aide de Catherine de Médicis, s'enfla en un désir de folle aventure avec La Ravardière et s'acheva avec Du Clerc et Du Gay Trouin. Nicolas Durand, sieur de Villegaignon, chevalier de Malte, neveu du fameux Villiers de l'Isle-Adam, le grand-maître de l'ordre de Rhodes, vice-amiral de Bretagne, après avoir rempli l'Europe et l'Afrique du bruit de ses exploits guerriers, et notamment conduit, en 1548, par un hardi coup de main la jeune reine d'Ecosse Marie Stuart en France pour qu'elle épousât le Dauphin, vint fonder dans la baie de Rio de Janeiro en 1555 un établissement modèle, qui devait servir d'asile aux luthériens ou calvinistes persécutés. "Une France jeune et forte surgirait par delà les mers, tandis que calme et paisible, la vieille France serait pour jamais délivrée des persécutions qui la déshonoraient, à l'abri des guerres civiles qui menaçaient de l'ensanguanter", disait-il avec une éloquence persuasive à Coligny, qui avait adopté ses projets à la fois grandioses et séduisants. Villegaignon, tour à tour soldat vaillant, marin habile, ingénieur et diplomate, historien et controversiste, érudit et philologue, un des personnages les plus étranges du XVI^e siècle, mélange de grandeur et de bizarrerie, eut l'art infini d'intéresser à sa cause non pas seulement Coligny, qui avait obtenu le consentement du roi de France, Montmorency

et les seigneurs de son parti, mais encore le Cardinal de Lorraine, le frère du duc de Guise, et chef de parti contraire. Il s'adressa en même temps directement à Calvin, qui avait été son condisciple à l'Université de Paris, et lui communiqua ses projets. Soutenu de la sorte par des personnalités si éminentes, mais d'idées si opposées, et encore avec la faveur d'Henri II, il ne pouvait que réussir. Le 10 novembre 1555, il débarqua à Rio de Janeiro, où il s'établit. Il entra alors en relations amicales avec les indigènes, ennemis des portugais, et permit le mariage des français avec les indiennes, en défendant sous des peines sévères, dit Weiss, tout commerce illicite. Quelques mois après, arrivèrent, dans une nouvelle expédition composée de trois navires et commandée par Boisle-Comte, les renforts et les provisions qu'il avait demandés à Coligny. À bord de ces navires, expédiés aux frais de la couronne, venaient encore six enfants destinés à apprendre la langue des naturels, cinq jeunes femmes avec une matrone, que excitèrent surtout l'admiration des tamoyos, plusieurs nobles aventuriers, et deux ministres protestants, accompagnés de Jean de Lery, à qui l'on doit une excellente relation de cette expédition, et que est le premier livre français sur le Brésil. Ils arrivèrent, en mars 1557, au fort Coligny, construit sur une île de la baie de Guanabara. Fondée la colonie, bientôt sous le cli-

mat tropical les disputes, les dissentiments de tout genre, les hostilités déclarées, le départ dès 1558 de plusieurs huguenots genevois, avec les pasteurs Richier et Guillaume Chartier, et le supplice de quatre d'entre eux pour crime d'hérésie, suscitèrent des difficultés et firent enfin avorter l'entreprise. La même année du départ des calvinistes, le fort tomba aux mains des portugais et le vice-roi de la *France Antarctique*, "fol et perdu du cerveau", dit un témoin oculaire, laissant à sa place son neveu le capitaine Bois-le-Comte, soldat médiocre et administrateur imprevoyant, retourne définitivement en France pour y soutennir des contraverses religieuses et chercher de nouvelles aventures: le départ de Villegaignon fut presque une défection. En 1560, les français et leurs alliés, les tamoyos, durent se soumettre à Mem de Sá, sans pouvoir même rentrer en Europe, car les portugais les avaient massacrés presque tous. Il ne reste de cette singulière aventure de la *France Antarctique* que le souvenir du nom de Villegaignon donné à la petite île fortifiée de la baie de Guanabara, et les mémoires de Jean de Léry et de André Thevet, auteur de *Singularitez de la France Antarctique*, et le premier qui apporta le tabac en France. Sans doute, si Villegaignon ne s'était brouillé avec ses compagnons, Rio de Janeiro, décoré par Thevet avec le pompeux titre de *Henryville*, serait devenu la capitale

d'une colonie française. Notre grand historien Varnhagen n'a pas hésité à écrire à ce propos: "Le Brésil serait aujourd'hui une nation indépendante qui devrait son origine à des colons français". Quelques années plus tard, en 1612, Daniel de la Touche, sieur de La Ravardière, voyageur et habile capitaine français, adepte, lui aussi, de la religion réformée, dont plusieurs voyages avaient déjà éclairé l'expérience, devait fonder un nouvel établissement à l'embouchure du Maranhão, séduit par la beauté de cette contrée, qu'il explora vers 1609. Il se lia d'intérêt avec François de Razilly, sieur de Sancy, baron de Molle et de Gros bois, et tous les deux sont nommés par la reine régente Marie de Médicis lieutenants généraux du roi très chrétien dans les Indes Occidentales et terres du Brésil. En outre, l'expédition comprenait plusieurs gentilshommes et une mission de pères capucins, composée de Claude d'Abbeville, Ives d'Evreux, Martin de Nantes et Arsène de Paris, qui ont raconté cette tentative d'établissement français: la relation de d'Evreux, *Suite de l'histoire des choses mémorables advenues au Maragnon és années 1613 et 1614*, parue à Paris en 1615, est un livre très rare, et on ne connaît guère que l'exemplaire de la Bibliothèque Nationale de Paris. La Ravardière et de Razilly reçurent toutefois de leur souveraine un pavillon aux armes de France sur un fond célest avec

l'exergue *Tanti dux foemina facti*, et ayant pour divise un vaisseau où la reine était représentée au gouvernail, et son fils à la proue, tenant une branche d'olivier qu'il avai reçue de sa main. L'expédition arriva, dans les premiers jours de l'année 1613, à l'île du Maragnon, où l'on s'ouuccupa de bâtir immédiatement un village qui reçut le nom de Saint Louis, et qui, au bout de quelques mois, fut défendu par quatre forts. La Ravardière, secondé par les religieux, y appela les indiens tupynambás, et chargea de Razilly de conduire en France six jeunes gens choisis parmi ces indigènes, dont l'arrivée et le baptême, qui eut lieu en grande pompe à Paris, furent un veritable évènement. Resté dans l'île pour hâter la colonisation, La Ravardière entrepit bientôt après avoir visité les régions voisines, Pará et Amazonas. Attaqué par les brésiliens, il dut négocier la paix avec les adversaires, auxquels il fut forcé d'abandonner enfin l'établissement qu'il avait fait construire, et qu'il eût conservé si le gouvernement français, au quel il avait demandé des secours, ne l'avait pas abandonné à ses seules ressources. Il fut un très brave compatriote à moi, appelé Jeronymo de Albuquerque, qui a gagné avec la conquête le prénom de Maranhão, qui a empêché de faire de la *France Equinoxiale* une réalité. Lui seul, avec une expédition organisée à Pernambuco, a pu reprendre la ci-

tadelle de nom bien français de Saint Louis, fondée en l'honneur de Louis XIII, aux braves soldats des seigneurs de La Ravardière et de Razilly. Cet épisode, raconté déjà par notre illustre historien et diplomate Oliveira Lima dans une série de conférences faites à Paris, est un des plus intéressants qu'enregistre notre histoire coloniale grâce à l'esprit chevaleresque des héros. Le commandant brésilien Jeronymo de Albuquerque fit accorder une sépulture digne aux morts français et, de son côté, La Ravardière envoya le chirurgien de Lastre avec mission de panser de préférence les blessés brésiliens, car, écrivit ce praticien: *La France ne sera jamais sans courtoisie*. Les chroniqueurs affirment que français et brésiliens, dans les régions lointaines où régnait la barbarie, sans oublier leur qualité d'adversaires, ont joué un vrai duel d'ambalités dans lequel chacun cherchait à vaincre par la politesse. Il n'est pas sans intérêt de signaler après les horreurs de la lutte dont nous sortons à peine, que, il y a plus de trois siècles, la guerre à l'Amérique n'abolissait pas toute civilisation. *La France Equinoxiale* n'eut donc qu'une durée éphémère, mais de cette aventure nous retenons trois choses, qui sont le courage, l'esprit d'initiative et la courtoisie des capitaines françaises et de nos compariotes. Malgré la ruine des établissements français, la persécution des portugais et l'indifférence

du gouvernement de France, les côtes brési-
liennes jusqu'à la fin du XVI^e siècle furent
toujours fréquentées par les français, et le
commerce clandestin avec les indiens avait
une grande vitalité. Il suffit de constater que
vers 1584 vos compatriotes s'établissent de
nouveau à Itamaracá; en 1580, le 18 mai,
trois navires français sont surpris dans la
baie de Rio de Janeiro; et en avril 1588 on
signalait à Bahia sept vaisseaux français.
Les Schetz, négociants qui rivalisaient avec
la maison des Fugger, les banquiers alle-
mands de Charles V, possédèrent à Saint
Paul des plantations et un moulin à sucre.
C'est vrai que le pavillon français ne servit
qu'à couvrir de déplorables expéditions ou
à cacher d'actes isolés de piraterie, dont
l'énumération serait longue et monotone,
mais les français ne se découragent avec les
désastres répétés et les pertes vultueuses.
Quelques années plus tard, en 1709 et 1711,
sous Louis XIV, deux intrépides capitaines
ont tenté par la dernière fois la conquête de
Rio de Janeiro: la déplorable expédition de
Du Clerc et l'aventure fortunée de Du Gay
Trouin n'ont été que des conséquences indi-
rectes de la guerre de Succession de la cour-
ronne d'Espagne. L'histoire de ces aventures
dépasse les limites d'un discours, et je n'en
parle ici que pour prouver par des nom-
breux exemples la continuité de nos rela-

tions avec la France, attestée par beaucoup d'autres faits, quelques uns tragiques.

LE «BÉGUIN» DE CATHERINE DE MÉDICIS

C'est monotone, je le répète, l'énumération de ces petits faits isolés, mais du moins ils nous permettront de constater que les prétentions de la France d'autrefois, d'ailleurs parfaitement excusables, sur le pays de l'or et des diamants n'ont pas empêché cette profonde sympathie que nous avons pour la France d'aujourd'hui, vaillante, aimable et charmante, calme et forte. Certes, la diplomatie rusée de Catherine de Médicis n'a pas pu réaliser la conquête de notre territoire, mais nous sommes donnés à la France sans réserves, jusqu'à la passion. Il paraît que l'altière florentine, impérieuse et avide, avait un certain *béguin* (laissez passer le mot), pour le Brésil. On sait aujourd'hui qu'une combinaison politique entre le Prieur du Crato, petit-fils bâtard de D. Jean III, de Portugal, et Catherine de Médicis, promettait le Brésil à la France — traité que est resté toujours lettre morte, car D. Antonio fut battu malgré l'appui de la cour de France, et ne put reconnaître les services de ses alliés. Vous serez sûrement surpris d'appendre qu'en octobre 1550, cinq années avant la singulière aventure du chevalier de Villegaignon, on célébrait en la ville de Rouen

une très originale fête brésilienne en honneur de Henri II et Catherine de Médicis, alors dans l'enivrement des premières années de leur royauté. Tous les détails nous sont fournis par un curieux opuscule anonyme intitulé: *La Déduction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiques theatres dressés, et exhibés par les citoiens de Rouen ville metropolitaine du pays de Normandie, à la sacre Maierté du Tres christian Roy de France second leur Souverain Seigneur, et à Tresillustre dame, ma Dame Katharine de Médicis, la Royne son espouze, lors de leur triumphant ioyeux et nouvel advenement en icelle ville, qui fut es iours de mercredy et ieudy premier et secôd iours d'octobre, mil cinq cens cinquants*", imprimé à Rouen, "chez Robert le Hoy Robert et Jehan dictz du Gord tenantz leur boutique au portail des librairies, 1551". Grâce à ce petit livre, depuis longtemps introuvable, et dont l'érudit historien Ferdinand Denis, un des bons amis du Brésil, qu'il a visité dans sa jeunesse, a eu l'idée de donner une analyse étendue, avec de remarquables commentaires et accompagnée d'une curieuse estampe, qui est sans doute le premier monument iconographique sur notre pays, dans une brochure publiée en 1850 sous le titre de *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1850*, nous savons que la partie vraiment originale des fêtes et des cérémonies reali-

sées dans la vieille capitale normande qui intéressa le plus vivement la Cour de France, fût la reproduction de quelques scènes de la vie sauvage du Brésil, représentées par des indiens qui se trouvaient de visite en France. Afin de rendre l'illusion plus complète on improvisa une forêt brésilienne et on édifia une sorte de village indien avec de maisons faites de troncs d'arbres, couvertes de réseaux et feuillants et entourées de palissades, qui dut ressembler aux villages exotiques, et, comme les fruits, les aras bleus et rouges, les perroquets loquaces, les sagouins du pays ne manquaient pas à Rouen, il ne fut pas difficile de rendre l'imitation aussi complète que possible. L'écrivain anonyme raconte alors que cinquante tabajaras, "enchantés de se retrouver au milieu d'un paysage qui leur rappelait le pays natale et fiers d'attirer sur eux l'attention des plus grands seigneurs d'un puissant royaume", se prêtèrent de jouer naturel leurs guerres et leurs danses. Ainsi, établis sur une place ombragée, non seulement se livrèrent à des combats simulés, lutant avec l'arc et la massue, et à des divers jeux guerriers, mais encore ils tiraient des flèches contre les oiseaux poursuivaient les singes, se balançaient dans les hamacs, feignaient le trafic du bois de Brésil (ibirapitanga), etc. À la troupe indigène, "fraichement apportée" du pays", l'on avait adjoint 250 matelots normands qui,

“ayant fréquenté le pays, parlaient autant bien le langage et exprimaient si naysvement les gestes et façon de faire des sauvages, comme s'ils fussent natifz du mesme pays”. Ils poussèrent même si loin l'exactitude de la couleur locale qu'ils adoptèrent le costume primitif des tabajaras, et se montrèrent “sans aucunement couvrir la partie que la nature commande” devant Catherine de Médicis et ses jeunes dames d'honneur. Non seulement les magistrats de Rouen que avaient organisé la fête, “gens doctes et bien suffisants perssonaiges”, n'y virent aucun mal, mais encore la Cour toute entière y montre “face joyeuse et riante”. La reine témoigna même à diverses reprises toute sa satisfaction, car “le second jour, comme on renouveloit le spectacle, Katherine de Médicis, passant en sa pompe et magnificence par dessus la chaussée, ne le sut faire sans prendre délectation aux iolys esbatements et schyomachie des sauvages”, dit la chronique rouennaise qui décrit avec tant de complaisance la splendeur des bizarres costumes. Ce qu'il y a de certain, c'est que les plus grands personnages et les plus honorables dames de la cour, assistèrent à cette fête. Sans compter les chefs militaires, comme la *Déduction de la somptueuse entrée* l'amiral de France Coligny, le nonce du pape, les ambassadeurs d'Espagne, d'Allemagne, de Venise, d'Angleterre, de Portugal,

et d'autres nations étrangères, les archevêques, évêques et prélats de France, les cardinaux de Ferrare, de Bourbon, de Guise, de Chatillon, de Vandosme, de Sombrierre, de Lisieux, les ducs de Montmorency, pair et connétable de France, de Guise, d'Anguian (*sic*), d'Aumalle, de Montpennier, de Nemour, de Langueville, "Loys, monsieur le frère du roy", le Prince de la Roche-sur-Yon et autres que accompagnaient Henri II. Les dames les plus éminentes, énumérées à la suite de la reine, sont Marguerite de France, "fille de Roy, soeur unique de Roy et digne d'avoir pour epoux un roi de pareille générosité", Diane de Poitiers, duchesse de Valentionis et maîtresse du roi (cette beauté merveilleuse divinisée par des grands artistes de la Renaissance, comme Cellini et Jean Goujon, qu'ont mis sur sa tête délicate un nimbe d'or, célébrée par Brantôme et adorée par Clément Marot), la duchesse d'Estouteville, *Mademoiselle la bâtarde* (et tout le monde sait que s'agit de Diane de France, duchesse de Montmorency et d'Angoulême, prétendue fille de Diane de Poitiers et de Henri II), et autres dames d'honneur. La "fête brésilienne de Rouen" eut un grand retentissement, et à la ville normande, ville essentiellement littéraire, s'est longtemps perpetué le souvenir du séjour des brésiliens par la dénomination de *Ile du Brésil* imposée à l'hotel de la rue Malpalu n. 17, que

se distinguaient encore par des précieux bas-reliefs, sculptés sur bois et peints, qui attestaient l'ancienneté de ses relations avec le pays lointain de l'Amérique. A propos de l'hôtel de la rue Malpalu, dont je viens de parler, ou peut examiner encore aujourd'hui dans l'église de Saint-Jacques de Dieppe, qui envoyait de si fréquentes expéditions au Brésil, des curieux bas-reliefs représentant des figures indigènes coiffées et ceintes de grandes plumes et ayant, comme accessoires, des fouilles de palmiers, un arc et un carquois plein de flèches, lesquels ont été reproduits par Vitet dans son *Histoire de la Ville de Dieppe* (II, 119) : l'artiste anonyme qui a représenté en bois les peuples du Brésil avec lesquels sa ville natale était alors en relations, semble avoir voulu consacrer la vieille gloire des prodigieux navigateurs dieppois. Peut-être ne sera-t-il pas sans intérêt de rappeler que nos indiens, "tous nus, mais vêtus d'innocence", ont impressionné très vivement aux plus grands esprits de l'époque. Montaigne, par exemple, a consacré des pages très intéressantes à la description de la vie sauvage dont il fit l'apologie (*Essai*, I, § XXX). Séduit pour la suggestion des moeurs indigènes, ce précurseur de deux siècles de Jean-Jacques, dans son étrange et naïve défense, au nom de la philosophie et de la morale, a crû voir, comme le remarque ingénieusement Ferdinand Denis, un dédain

raisonnée de nos mœurs là où il n'y avait qu'enfance de la vie sociale, et il eut la gloire de restituer à l'esprit humain son impérisable dignité. L'illustre philosophe pensait donc que les sauvages brésiliens devaient conserver leurs mœurs et leurs usages à l'abri de tout contact étranger, sinon ils s'exposaient à les corrompre et préparaient leur propre ruine. "Je trouve, écrivait-il, qu'il n'y a rien de barbare et de sauvage en cette nation, sinon que chacun appelle barbarie ce qui n'est pas de son usage: en ceux-là son vives et vigoureuses les vraies et plus utiles et plus naturelles vertus et propriétés". Denis rappelle encore que le refrain d'une chanson brésilienne plein de grâce sauvage, transmise par un compagnon du vice-roi de la *France Antarctique*, a inspiré à l'auteur des *Essais* quelques réflexions sur le génie primitif et sur la poésie indépendante de toutes les règles, et après s'être enthousiasmé pour l'esprit libre et la simplicité primitive des peuples indigènes, il finit par les citer comme le modèle d'une société naturelle et sage. "Tout cela ne va pas trop mal, s'écrie-t-il en concluant, mais quoy, ils ne portent point de hauts-de-chaus-ses." Aussi Ronsard, le plus illustre des poètes de la *Pléiade*, s'imaginait que les hommes ne s'étaient jamais autant rapprochés de la perfection que lorsqu'ils vivaient dans ce qu'on a appelé l'âge d'or. D'après lui, et se-

lon le jugement de la plupart des poètes, les brésiliens étaient encore dans cette heureuse période de bonheur et d'innocence. Et il reprochait à Villegaignon de leur enlever leurs illusions innocentes en les initiant aux séductions et aux corruptions de la civilisation dans une poésie très émouvante (*Les Poèmes*, liv. II, IV), qui commençait avec ces vers :

Docte Villegaignon, tu fais une grande faute
De vouloir rendre fine une gent si peu caute,
Comme ton Amérique, où le peuple inconnu,
Erre innocemment tout farouche et tou nu,
D'abits tout aussi nu qu'il est nu de malice,
Qui ne cognoit les noms de vertu ny de vice,

et terminait :

Vivez, heureuse gent, sans peine et sans souci:
Vivez ioyusement, ie voudrais vivre ainsi.

Ainsi donc, Montaigne et Ronsard, qui ne croiaient à la nécessité de fusionner les deux races française et indienne, sont comme les précurseurs de cette expression littéraire qui chez nous s'appelle *l'indianisme*. Il est curieux de signaler que Catherine de Médicis figure encore dans notre plus célèbre et plus ancienne légende historique. Voici le résumé de cette légende qui a inspiré à un poète brésilien, le moine Santa Ritta Durão, le poème épique *Caramurú*, traduit en français par Eugène de Montglave en 1829: Le

portugais Diogo Alvarez Correa fut jeté par un naufrage sur les rives de San Salvador, près de Bahia, où, grâce à ses armes et à ses munitions, il réussit à inspirer un si grand respect aux sauvages qu'ils le surnommèrent *Caramurú*, ou l'homme qui lance le feu, et ils le choisirent comme chef de tribu. La fille d'un des principaux chefs indigènes, la belle princesse *Paraguassú*, s'éprit pour lui d'une violente passion et vecut avec lui. Après quelques années, Correa, prétendant regagner son pays, se jeta à la nage en direction d'un navire français qui se trouvait dans le port afin d'y trouver un asile, en même temps que *Paraguassú*, voyant s'éloigner celui sans le quel elle ne pouvait plus vivre, se jeta elle aussi à la mer et est reçu par Duplessis, le commandant du navire, qui touche sa fidélité. Conduits tous deux à l'Europe, l'ingrat amant et la dévouée maîtresse, et présentés à la cour de France, Catherine de Médicis et Henri II, qui reçurent ces voyageurs avec un plaisir secret, car l'Europe entière retentissait alors du bruit des découvertes merveilleuses faites dans les deux Indes par les espagnols et les portugais, environant ces hôtes de toute la pompe royale, auraient imposé à la jeune indienne avec solennité son nom de Catherine et à quelque temps après l'auraient définitivement mariée à celui qu'elle avait choisi, la reine lui servant de marraine et le roi de parrain. Revenus au Brésil, après avoir atti-

ré surtout la curieuse attention des courtisans français, étonnés de voir la fille d'un chef sauvage au milieu de la cour la plus polie de l'Europe, les époux acquirent une sorte de pouvoir souverain sur les tribus indigènes, grâce encore à la protection du gouvernement portugais, et ils moururent tous deux dans un âge fort avancée, laissant des nombreux descendants qui vivent encore au Brésil, où ils occupent un rang honorable. Telle est la légende, d'ailleurs très gracieuse, et qui est restée populaire au Brésil, mais qui résiste difficilement aux exigences de la critique historique, malgré que le voyage de Duplessis soit un fait à l'abri de toute contestation. Ferdinand Denis raconte que il y bien des années, il s'est assis sous l'arbre à l'ombre duquel Caramurú se refugia lorsqu'il fit retentir les rivages de S. Salvador du tonnerre de son arme à feu et qu'il a lui l'épithète de Paraguassú dans la petite église de la Graça, le plus ancien edifice à Bahia, où elle répose; mais en dépit des investigations faites par des autorités irrécusables, rien ne peut prouver le voyage des deux époux à la cour de Henri II, car il est impossible de lui assigner une date précise et de le confirmer par des témoignages contemporains. Enfin, si le voyage de *Paraguassú* en France n'est authentique, les héros de cette histoire d'amour ont vécu et la poésie populaire assure à la belle indienne l'immortalité. "N'est pas, demande un de vos

compatriotes que l'a divulguée, comme le touchant symbole de la jeune Amérique qui se donnait naïvement et de tout son cœur à l'ancien monde, dont elle reconnaissait la supériorité?" Malgré toutes les inductions et les hypothèses que l'on pourra formuler au sujet du récit que je viens de reproduire, n'en restera pas moins le "béguin" de Catherine de Médicis pour le Brésil, séduite par nos mœurs curieux et notre décor tropical: elle, cette femme étrange, voulait sans doute répéter l'histoire de la belle au bois dormant... à un indien de nos vertes forêts.

LA FASCINATION FRANÇAISE

Je ne signale ces petites histoires qu'à titre d'information. Il y aurait trop d'injustice à attribuer à la France la responsabilité originelle de toutes ces aventures, dont quelques unes nous flattent cependant. D'autre part, nous devons beaucoup à son esprit, et même à son sang. En 1637, le brave capitaine Michel Giberton, qui était un soldat vaillant et distingué, expérimenté officier d'artillerie venu de la guerre des Flandres, a défendu, à côté des pernambucains, l'intégrité de notre territoire contre les hollandais, dans une lutte qui est notre épopée nationale. Vers 1659, Portugal avait à la cour de Louis XV, en pleine lutte civile, comme agent diplomatique, chargé de la solution de quelques ques-

tions politiques très sérieuses, dans l'absence de l'ambassadeur Souza Coutinho, le docteur Feliciano Dourado, brésilien, né à Parahyba, qui, on sait, a impressionné par son intelligence, par sa politesse et par sa sagacité pénétrante, et a conquis les sympathies du célèbre cardinal Mazzarin et d'autres personnages très importants. L'œuvre de la Révolution produisit, chez nous, le changement de nos idées politiques, de nos aspirations sociales, de nos mœurs. Notre *Inconfidencia* est fille de l'Encyclopédie et Tiradentes fut supplicié en 1792 pour proclamer à Minas Geraes les principes de la Révolution de 1789. A la fin du dix-huitième siècle, le docteur Manuel de Arruda Camara, célèbre botaniste brésilien, naturel de Parahyba, et surtout un ardent apôtre des idées réformatrices et émancipatrices, qui s'allumainet un peu partout, fréquentait l'Université de Montpellier. Imbu des nouvelles doctrines philosophiques ou politiques, qu'il interpréta selon le critérium de ses croyances et de son idéal, il rétourne à son pays où il forma une société secrète, l'*Areópago de Itambé*, calquée sur les principes de la franco-maçonnerie, et y reunit une élite qu'il initia aux mystères de la liberté future. Arruda Camara donna un objectif brésilien aux travaux révolutionnaires dont il était l'inspirateur : la conspiration de 1801 et la révolution de 1817 procèdent directement de ses enseignements. À la même époque, un de nos

poètes, célébrant les pressentiments de notre indépendance prochaine, s'écriait: "Il faut que le Brésil prenne la France pour marraine". Aussi les révolutionnaires de 1817, à Pernambuco, qui avaient des relations avec la franco-maçonnerie, ont concerté une conspiration avec Joseph Bonaparte et d'autres exilés aux Etats Unis pour l'évasion de l'Empereur de Sainte Hélène, en échange de l'appui décisif de Napoléon à la republique, qu'ils prétendaient fonder et qui est une manifestation non équivoque de notre esprit nationaliste. (J'ai raconté déjà comment toute cette histoire s'est passée). Vous voyez que l'influence française, d'essence supérieure, remonte à l'origine de notre émancipation et de notre indépendance. Elle est plus que liée à l'histoire du Brésil puisqu'elle en est l'assise fondamentale. Elle est innée dans le tréfonds de la race. C'est à Voltaire, à Diderot, à D'Alembert et à bien d'autres encyclopédistes que nous devons, en effet, la conquête des principes philosophiques qui ont élargi notre destinée. Il ne faut pas oublier que notre E'cole des Beaux Arts a été fondée par des artistes français, comme Joachim Lebreton, membre de l'Institut de France, J. B. Debret, les frères Nicolas et Auguste Taunay, Grandjean de Montigny, Marc et Zepherin Ferrez et Simon Pradier, venus au Brésil en mission spéciale, engagés par le roi D. Jean VI. Nos parcs et nos jardins du *Campo de Sant'Anna*, de la

Quinta da Bòa Vista et du *Passeio Publico* furent tracés et exécutés pour un de vos compatriotes, le fameux architecte Glaziou. Vos universités, sont fréquentées par nous depuis 1823. Maciel Monteiro, chevalier, poète, orateur politique et diplomate accompli, un homme sensible à la beauté de l'art et de la nature comme à la beauté de la femme, fut ses études à l'Université de Paris, de 1823 à 1829, où étudièrent encore les *Suassunas*, grands seigneurs de Pernambuco. Sans doute, ses yeux de jeune homme avaient eu la claire vision du grand monde de Paris,

Le pays du beau monde et des galanteries,

qui réunissait les formes les plus accomplies du bon vieux temps. Il fut, à l'exemple du Duc de Morny, le galant de notre Second Empire, le *cortegiano*, et il a résumé de la manière la plus remarquable le nonchalant dilettantisme, l'ambition ardente et l'insouciance frivole du dandysme parisien, les traditions galantes de l'ancien régime et le romantisme français. Le Second Empire accueillit les congrégations, qui, aux environs 1840, créèrent des écoles pour l'éducation et l'instruction des deux sexes qui reçurent ainsi dès l'enfance une empreinte française. Simultanément dans le domaine des sciences exactes des éminents français réalisent des découvertes et des investigations au Brésil. Alcide d'Orbigny, char-

gé de mission par le Musée de Paris, comme avant 1808, au XVIII^e siècle, La Condamine, qui avait visité l'intérieur du Brésil et descendu l'Amazone, déjà exploré par Orellana e Teixeira, parcourt le Brésil du nord au sud, et ses observations, qui s'étendaient aussi bien à la paléontologie, qu'à l'archéologie, à la géologie et à l'histoire proprement dite, furent rassemblées dans un ouvrage sous le titre de *Voyage en Amérique du Sud*. Après d'Orbigny, sont venus Saint-Hilaire, Denis, F. de Castelnau, Dumont d'Urville, le baron de Bougainville, Du Petit Theouars, l'amiral Roussin, Gorceix, l'ingénieur qui crée la première école des mines au Brésil, Réclus et plusieurs autres qui se livrent à d'importants études géographiques, géologiques et minéralogiques, qui nous ont permis de connaître mieux notre pays et d'apprécier les innombrables ressources de notre immense territoire. Je ne dois pas oublier que, parmi ceux de vos compatriotes qui visitèrent le Brésil, au XVI^e siècle, deux méritent une mention spéciale : Jean Affonse de Saintonge, né près de la ville de Cognac, et Guillaume de Testu. Le premier a donné, en effet, la première description scientifique de la région brésilienne, dans sa *Cosmographie*. Son livre fut composé en 1545, et publié quelques années plus tard sous le titre *Les voyages aventureux du capitaine Jan Alfonse sainttongeois*, qui constitue une sorte d'encyclopédie maritime du

XVI^o siècle. Ramusio a remarqué la précision des détails et l'exactitude des observations. Le second que fut un des plus fameux pilotes de son temps, "renommé pilote et singulier navigateur", comme le qualifie André Thevet, que fuit à plusieurs reprises son compagnon de voyage, a dressé la première carte géographique digne de ce nom: il a publié son *Portulan* en 1555 et il l'a dédié à l'amiral Coligny. Depuis le commencement du XIX^o siècle notre état social, politique, littéraire et artistique évolue sous l'influence de la civilisation française. Notre culture en quelque sorte est un reflet de cette lumière merveilleuse qui nous vient de Lutèce, et, à propos, je vous rappelle que Victor Hugo, le grand ami de notre Pedro II, a écrit aux brésiliens, au moment de la mort de son ami Ribeyrolles, un proscrit du 2 décembre qui s'était réfugié chez nous: "Vous avez dissait-il, le double avantage d'une terre viègre et d'une race antique. Un grand passé historique vous attache au continent civilisateur. Vous réunissez la lumière de l'Europe au soleil de l'Amérique". La nobiliarchie brésilienne nous prouve que beaucoup de nos familles ostentent les noms nobles de Calmon, Du Pin, Beaurepaire, Rohan, Taunay, Colbert, Mallet, et les descendants de Felippe Cavalcanti, gentilhomme de Florence qui a fondé à Pernambuco la famille brésilienne de son prénom, ont raison lorsqu'ils affirment leur parenté avec la maison royale de

France, car les Cavalcanti florentis sont liés à Catherine de Médicis et à Marie de Médicis, reines de France, par le mariage de Genebra Cavalcanti avec Lorenzo de Médicis, non le fameux *Pensieroso* de Michel Ange, mais le neveu de Cosme, appelé le *père de la patrie* : voilà comment la fleur de lys héraldique fleurit dans notre noblesse. Maurice Barrès raconte qu'un jour, à la Société des Gens de Lettres, on discutait pour savoir quel était à l'étranger le pays où la France a le plus de ces amis inconnus qui sont l'appui et la fierté d'un écrivain, et tous se mirent d'accord pour reconnaître que c'est du Brésil que les écrivains français reçoivent les témoignages les plus fréquents et les plus précieux. Nous demandons à la France, avec les progrès de sa science et de ses institutions juridiques, ses doctrines philosophiques, ses prédilections littéraires, ses idées esthétiques, ses chansons, et le concours de ses capitaux, qui nous ont fourni déjà trois milliards et cinq cent millions de francs. Si la philosophie d'Auguste Comte, dont la religion de l'humanité a ici un temple, règle la conduite actuelle de quelques uns de nos hommes d'Etat et politiques, les brésiliennes vont à Paris choisir leurs robes, les aigrettes et les parfums. Notre mobilier et nos tapisséries sont copiés sur vos grandes modèles, et notre faïence vient de Sèvres ou de Limoges. Voilà des années qu'il en va ainsi. La fascination française ne cesse pas de

raffiner nos sentiments et nos goûts. Nous vibrons jusqu'au bout de notre être au mouvement des idées en France: Paris et la France sont notre cerveau et notre cœur. Enfin, nous pourrions dire comme le poète Ruben Darío, que notre épouse est de notre pays, mais notre maîtresse est de Paris: *Mi esposa es de mi tierra, mi querida de Paris.*

LA MYSTERIEUSE PRÉDESTINATION

Il y a quelque chose de bien mystérieux au fond de notre âme qui nous prédestine à aimer la France. Lorsque le Brésil déclara la guerre à l'Allemagne, notre Président, interprétant le sentiment populaire, salua la France comme la suprême représentant du génie latin. C'est le Brésil d'ailleurs qui le premier a protesté contre la violation de la Belgique, et vous connaissez l'histoire: après la protestation contre l'iniquité, bientôt après, l'élite intellectuelle et le peuple se levaient pour manifester leurs préférences, et ensuite la déclaration de la guerre, à côté des Alliés, pour défendre la gloire de la race et la sécurité de la civilisation latine. La guerre a raffermi le prestige français dans le monde. J'insiste trop sur les raisons de ces sympathies dont nous sentons fiers. Ainsi, après cette fraternité d'armes, il ne faut pas seulement de constater la force de cette affinité intellectuelle, alimentée journalière-

ment par les apports de la pensée et de l'action. Il faut encore, à l'heure présente, que d'influences étrangères sont en lutte avec notre esprit national, nous préoccuper d'une union plus intime, plus durable, plus féconde, et surtout développer nos relations économiques et nos intérêts financiers; c'est sur le marché de l'Amérique Latine que se jouera la rude bataille de la concurrence commerciale. "Certes, disait le baron d'Anthouard, l'éclat du foyer français est toujours aussi vif, son attraction toujours aussi puissante et nous conservons notre principal moyen d'influence; mais ce n'est pas le seul et d'autres pour être moins importants ne doivent être pas négligés: l'utilité du français aux yeux des brésiliens conservera d'autant plus de valeur que notre activité économique se développera au Brésil, que nos industriels et nos financiers coopéreront directement à la mise en valeur du pays". D'ailleurs, je suis sûr que l'influence française ne cessera jamais d'exercer son ascendant sur nous, car nous sommes fortement attachés à nos origines latines et nous en tirons honneur comme d'un titre de noblesse dont nous sommes fiers. Héritiers des qualités de la vieille race, nous prétendons les retremper au contact de la nature vierge et, dans l'avenir, d'être dans le continent américain la représentation la plus vivante de la grandeur, de l'opulence et de la force latine. La France nous fascine: vers elle une force

irrésistible nous attire et nous y voyons aussi la marque de nos destinées.

LE POÈTE GAULOIS

Nous sommes doublement heureux, donc, je vous le répète, Mr. Paul Fort, d'être rassemblés aujourd'hui au tour de vous. Poète gaulois, né remois, et messenger de l'esprit français à travers ces pays tropicaux, ce décor merveilleux où le sang latin se renouvelle pour l'épanouissement de nouvelles beautés et où vit une élite qui croit à l'avenir de la latinité, nous sommes aussi reconnaissants à la France qui nous offre son "prince des poètes". Je n'ai point à retracer votre belle vie littéraire. Vous êtes, en vérité, admirable par votre art, par votre sensibilité pénétrante et exquise, par votre âme pleine de bonté et de tendresse, par l'originalité de votre poésie. Vous n'êtes pas seulement "le monsieur qui écrit des vers en prose". Vous avez trouvé un style nouveau, une technique spéciale, une métrique personnelle, un langage propre, un procédé intermédiaire entre la prose et le vers, "pouvant passer, au gré de l'émotion, de la prose au vers et du vers à la prose", très naturellement. "Qui trouvera la forme propre à tout exprimer!" S'écriait Olavo Bilac. Ainsi, vous êtes le parfait exemple de la définition de Banville quand il dit que — *le vers est la parole humaine, rythmée*

de façon à être chantée. En même temps, vous avez créé une poésie nouvelle, nodoyante et diverse, à la fois auguste et familière, pathétique et pittoresque, profonde et ironique, sensuelle et ingénue, douloureuse et tendre. Votre œuvre est immense et d'une variété étonnante, et cependant vous n'avez pas encore atteint à ces limites extrêmes où l'artiste cesse de grandir pour l'éternité. Il y a là une abondance d'idées, d'images, de rythmes, de cadences qui impressionnent très vivement. Fontaine jaillissant, on peut dire que vous êtes en perpétuelle exaltation lyrique et que votre inspiration cherche la polyphonie. Aussi bien, il faut reconnaître que, à mesure que nous pénétrons le sens intime de votre génie particulier, vous montrez cet équilibre majestueux, fait de lucide harmonie et de sagesse tranquille, qu'est par excellence le don merveilleux de l'art méditerranéen. Vous savez très bien que le génie latin c'est la clarté, la proportion, l'ordre, et vous connaissez le clair et divin parler de France. Comme l'a dit Henry Spiess, le critique suisse si subtil, vous êtes trop essentiellement français d'inspiration et d'intuition pour méconnaître ou pour abandonner la tradition rythmique de votre race. D'ailleurs, vous vous êtes appliqué à votre art avec la sévère probité des grandes âmes. Maître de l'expression littéraire et novateur intrépide, lyrique et sentimental, vous êtes de la grande famille française qui, de

Ronsard à Gautier, à Verlaine et à de Régnier, se continue sans interruption. Enfin, je ne sais pas un autre poète en qui se reflète plus purement l'Ile-de-France. On retrouve dans vos *Ballades Françaises* son ciel d'un bleu légèrement clair, sa luminosité transparente et égale, ses doux couchers de soleil, ses montagnes et ses forêts, ses vignes, ses jardins harmonieux et parfumés, ses terrasses fleuries, ses vieilles provinces et ses châteaux, ses étoiles, son calme, et son âme, aimable et mélancolique, légère, ironique, ardente et généreuse, toujours amoureuse d'action et éprise de justice, pleine de grâce et de souplesse. Ce n'est pas en vain que vous avez qualifié vos 27 tomes sous le titre général de ballades françaises. Tout en vous est français: le sentiment, les idées et les rythmes de vos poèmes. Si vous aimez la France avec ses antiques légendes et son air gaulois, la vieille France de Charlemagne et de Henri II, la France de Villon et de Louis XI, *curieux homme*, la France spirituelle de Voltaire, Molière et Racine et la France grave de Pascal, la France de Napoléon et de Hugo, c'est la France actuelle, sans doute, que vous aimez en sa belle humeur et en son charme, en ses élans et en ses intimités. Et écoutez:

Ah! quelle fraîcheur, quelle gaité!

La France court les bols et court sous les pommiers.

Hé! Dieu! quelle souplesse et quelle agilité!

La France court les alrs et court les pigeonniers.

Quelle fougue de voir quel désir de monter!

La France court le Ciel, est-ce un paradisiaire?...
Quelle joie de sonder l'abîme et d'exister!
De tout l'esprit du Monde elle est seule hantée.
Quelle âme, quel amour, quel feu, quelle clarté!
La France court l'espace et court l'éternité!

Vous êtes naturellement, spontanément, absolument poète : et voilà votre force, votre secret. Vous même, vous avez dit : "Poète, je suis uniquement poète. Autrement dit rêveur, créateur conscient. Autrement dit surtout, dieu rêvant. Et l'un des plus créant, rêvant de la planète". Voici encore une autre confession : "Je ferai vibrer toutes les lyres. L'âme humaine est ma religion. L'or se mêle en mes réflexions, au sang, aux roses et à Shakespeare." Des critiques illustres ont étudié, aussi profondément qu'il se pouvait, votre œuvre, et nul de nous n'ignore que l'auteur de *Paris Sentimental* et du *Roman de Louis XI* est "tellement personnel que l'on ne peut voir que lui-même en lui", et que vous avez le *démon familier de la terre de France*. Pierre Louys a défini votre succès en disant que "votre art est né sous la triple protection des divinités qui président à la naissance des manuscrits, car il a d'abord le don de l'émotion sincère, qui est aussi le don de vie et sans lesquelles autres ne sont rien ; ensuite le don du style, qui assure la durée de l'œuvre par une matière impérissable ; enfin, le don du charme". Pour Romain Rolland : "Pas de poète aussi lumineux, aussi purement français que Paul Fort, qui sera demain classi-

que.” Le terrible Laurent Tailhade, qui était un bon poète et un grand érudit, en parlant de vous, a écrit: “Tel un page de Shakespeare, tel un jongleur du roi René, il ne paraît avoir d’autre souci que de répéter à son tour la chanson du printemps, les hymnes de la jeunesse éternelle.” Paul Adam, écrivain qui honore la race et la culture françaises, qualifie votre tempérament littéraire en très peu de mots: “Paul Fort renouveau toute la poésie: il évoque une féerie splendidement incomparable des idées et des rythmes”. D’après Bataille, à côté de la *Légende des Siècles*, vous avez écrit la chanson des siècles. “Porte lyre exalté... il est Ariel, Orphée ou Pan: annoncez à l’univers la résurrection de Pan” — a crié Marlow. Enfin, l’admirable Mitral vous a appelé la *Cigale du Nord*.

LA BALLADE VENGERESSE

En résumé, vous, “un poète célèbre sans vous en apercevoir”, vous êtes devenu une voix essentiellement gauloise. Au fond, par le sentiment, par la couleur, par le goût et le parfum de votre terre de Reims, vous êtes la plus éloquente illustration de la théorie de Barrès sur la terre et la tradition. Voyez vos derniers poèmes, et surtout vos *bulletins lyriques de la guerre*, que Anatole France voudrait voir gravés sur des tablettes de bronze, si profondément empreints, en leur flo-

raison rude et splendide, de l'âme héroïque de la France, pleins de force lyrique et frissonnants de beauté tragique. On y trouve des accents âpres, terribles et épiques: Homère et Hugo renaissent dans la flamme de votre chant. En vérité, on peut dire que vous êtes le poète qui a su exprimer avec plénitude toute la douleur, toute l'espérance, toute la sublimité de votre race devant l'envahisseur, ce qui a fait Mauclair revendiquer énergiquement pour vous le droit de se dire poète national. Que l'on lise, par exemple, cette ballade à *La Cathédrale de Reims* où vous évoquez le martyr de la basilique de Saint Remy et de Charlemagne, de Clovis et de Jeanne d'Arc, — la plus latine de toutes les églises. Vous êtes doux au même temps que terrible, débordant de tendresse pour l'église de votre enfance et de haine pour ce *monstrueux général baron von Platemberg*. Jamais au ciel de la poésie française n'a monté un cri si douloureux, si ardent de colère, si fulminant comme la justice vengeresse. Elle, votre ballade, éclate comme le châtement; elle fustige les brutaux envahisseurs comme le fouet de l'opprobe: elle brûle comme le feu. En pleurant Reims, victime de la férocité prussienne, suppliciée dans sa terre, dans ses vignes miraculeuses, dans ses pierres sacrées, dans ses monuments séculaires, vous la montrez telle que l'éternité la révèle. Réglée théâtralement la première offensive contre le cœur de la

France, avec le *Nach Paris!* comme mot d'ordre, les allemands avaient des raisons historiques et esthétiques, plus que militaires, pour détruire d'abord la richesse universellement célèbre de ce vin mousseux de la Champagne, bu sur tous les points de la terre "où les civilisés se veulent en joie courtoise, en gaieté polie, en fête élégante à *l'exemple des français*", et qui lui seul offre le plaisir aux maîtres, aux raffinés, aux sybarites, "comme si mille autres vignes n'avaient jamais pu, depuis les origines, suggérer aux différents élites le goût de la liesse et de la vision du bonheur", et ensuite anéantir le symbole le plus expressif de la grandeur artistique, historique et religieuse de la race pour empêcher ce pouvoir éternel de résurrection que possède l'art. "Centre de la façade de Nord de la cathédrale (c'est Paul Adam qui écrit), le Beau Dieu, que semblait un Phédon enseignant la philosophie platonicienne et qui attestait Jesus comme un concept de la Méditerranée, fut decapité, amputé d'une main. Ses draperies sont arrachées. Ainsi le Wotham baltique a voulu tuer le génie de la Méditerranée, si manifeste dans cette image taillée par des artistes conscients de notre aieule spirituelle, la Grèce de Solon, de Socrate, de Périclès. Le Beau Dieu n'est plus. Un signe principal a disparu de l'étroite filiation entre notre église latine et la mentalité antique. Faust a frappé Hélène". Paul Adam, l'écrivain de paroles si

fortes et de pensées si nobles, brûlant de la flamme du génie, nous donne toute la philosophie du massacre de Reims dans ces lignes écrites à son lit de mort. Vous avez composé une ballade qu'est une couronne de meilleur or et des gemmes les plus précieuses de la tendresse humaine pour la cathédrale symbolique, qui vivra tant que l'honneur fleurira au cœur des latins, et elle, la ballade vengeresse, se fera entendre aux générations, car en elle la France salue l'écho de son âme blessée. Il est inutile de rappeler les heures tristes du long martyr de votre pays, dont les ruines et les douleurs passent à toute l'heure devant nos yeux; qu'il nous suffise d'évoquer les gestes sublimes, les spectacles miraculeux de la souffrance créatrice et les gloires de notre France très chérie.

O sacer et maxime vatum labor omnia fato
Eripis...

Et, revenant à la noble pensée qui nous a réunis ce soir, envoyons donc, mes amis, un salut fraternel à la France auguste et immortelle, source féconde d'héroïsme et de grâce, et buvons au poète qui, avec une voix si vibrante et si suggestive, a chanté sa beauté, ses joies et ses angoisses, fils de cette Reims glorieuse, véritable cœur de la race enfin victorieuse des sanglantes ténèbres de la *Kultur*.

Gloire à notre France éternelle!

VII — HISTORIA MILITAR DO
BRASIL

UM JOVEN PROFESSOR DE PATRIOTISMO

O capitão Genserico de Vasconcellos é uma das mais brilhantes intelligencias e das mais nobres figuras do nosso Exercito. Joven, muito moço ainda, é dotado de uma vasta cultura historica, e de uma competencia technica admiravel na sua idade. Militar emerito, publicista sabedor e engenhoso, é um dos nossos officiaes de terra que se tem consagrado com mais ardor ao estudo dos nossos complexos problemas da defêsa nacional e do engrandecimento da nacionalidade. Addido militar em Buenos Aires, não se limitou ao desempenho da sua missão diplomatica. Ao deixar a legação brasileira, publicou logo a *Argentina Militar e Naval*, obra do mais alto valor e de uma flagrante actualidade, na qual procurou chamar a attenção do nosso governo para a inferioridade dos nossos elementos de defêsa, e principalmente para a nossa quasi disidia em questões desta ordem, enquanto a Republica Argenti-

na aperfeiçoava cada vez mais o seu apparelhamento militar. Já antes havia publicado alguns trabalhos sobre assumptos de technica militar, taes como: *A questão do tiro rapido e o material que nos convem*, *A fabricação do cartuchame Mauser* e *Os intermediarios elasticos*, além de outras que se seguiram áquella primeira. Mas incontestavelmente a sua grande obra vae ser a *Historia Militar do Brasil*, da qual acaba de sair do prélo o primeiro volume e em que se revela já o capitão Genserico de Vasconcellos o grande historiador brasileiro, principalmente o abalisado educador da sua classe. *A Historia Militar do Brasil* é um trabalho notavel sob varios aspectos e que definitivamente conquista para o auctor um logar eminente entre os nossos professores de energia, e em geral um posto de primeiro plano entre os maiores intellectuaes da actual geração. Basta um rapido relance sobre as paginas deste livro para sentir-se quanto se póde esperar da capacidade de um homem de talento alliado a uma surprehendente, e talvez unica entre nós, capacidade de esforço e de trabalho.

A *Historia Militar do Brasil* é composta das onze conferencia que o auctor realizou nas Escolas de Estado Maior e de Aperfeiçoamento de Officiaes. Precede á materia deste primeiro volume, que se occupa da guerra contra Rosas, uma introducção acêrca da influencia do factor militar na organização da nacio-

nalidade. Nesta parte, que abrange toda a primeira conferencia, dividida por paragrafos, dá-nos o auctor uma bellissima synthese da nossa historia desde os primordios até o advento da Republica. Ahi revela elle uma vasta erudição especial da materia, e corrige muitos enganos e erros que ainda hoje se encontram nos nossos historiadores. É o primeiro desses erros, o da casualidade do descobrimento, tão insistentemente admittida por todos os auctores de livros didacticos. Citando Duarte Pacheco, Pero Caminha, o mestre João e outras autoridades, liquida o eminente escriptor de uma vez o ponto, para affirmar categorico e formal que o descobrimento do Brasil “foi obra meditada”. Destruiu ainda a famosa lenda de tormentas que tivessem desviado da rota a esquadra de Cabral.

Proseguindo com segurança e senhor dos seus assumptos, expõe syntheticamente as primeiras explorações, e a fundação das primeiras feitorias, como S. Vicente, Piratininga e Pernambuco; o inicio da colonização com as capitánias; a criação do Governo Geral, com que se “assentou a unidade nacional ha 471 annos”; a fundação de S. Salvador por D. Thomé de Souza, com o qual “começaram a florescer as primeiras instituições que vão substituir, com o seu desenvolvimento e progresso, o arbitrio dos capitães-móres”. . . Merecem-lhe naturalmente particular attenção os lineamentos da ordem militar, citando entre

outros von Martius, um dos nossos maiores historiadores e que reconheceu a grande importância que a organização militar teve nos destinos do Brasil com a criação das milícias. Não esqueceu um parographo especial sobre a defêsa das costas, para entrar em seguida na phase das aggressões que soffremos: a dos francezes com Villegaignon, na Bahia do Rio, em 1555, e depois no Maranhão; a dos hollandeses, na Bahia em 1624 e em 1630 em Pernambuco. Além dessas invasões com intuito de conquista, refere as investidas de piratas que tivemos de repellir, desde fins do seculo XVI até principios do seculo XVIII. Tratando da mais importante dessas incursões — a dos batávios em Pernambuco, assignala, com elevação de idéias e com um senso philosophico da historia até agora novo entre os nossos estudiosos, como surgiu naquelle momento, representando uma grande força, o sentimento nacional. “Congraçam-se, diz elle, a raça conquistadora e as sub-raças que haviam surgido das ligações dos primitivos povoados: o branco, o indio e o negro”. Apontando os grandes vultos daquella epopéa, o general portugês Barreto de Menezes, os brancos Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros, o indio Camarão e o negro Henrique Dias, “heróes da cruzada da libertação”, conclúe: “As duas grandes victorias dos Guararapes têm, por epilogo, a rendição da Campina do Taborda, em 26 de Janeiro de 1654. Estava sal-

va a unidade brasileira, pelo esforço dos proprios brasileiros e de suas milicias improvisadas". Sente-se que ahi está um processo novo de estudar os nossos fastos e de entender a historia.

Em seguida, vem a epopéa das bandeiras. Começa este § mostrando como a escravidão, "tanto vermelha como negra, foi incontestavelmente um factor preponderante em nosso povoamento e no desenvolvimento da nossa riqueza, impondo-se aos colonizadores como uma fatalidade irremovivel." Explica como do "cruzamento do branco, do advento macho, com as indias escravizadas, surgiu o *mameluco*, que vae inscrever em nossa historia a epopéa das bandeiras". Depois de indicar a origem da propria palavra *bandeira*, decorrente dos primeiros "bandos" que partiam para o interior, define muito claro o que foram taes expedições, que tinham por fim "a escravização do indio", como estimulo "a sêde do ouro, o espirito de aventura, o mysterio que se escondia atraz do sertão desconhecido, as lendas do El-Dourado". . .

Segue o estudo das nossas fronteiras. Aponta como o tratado de Santo Ildefonso, negociado em 1777, "tirou-nos a Colonia do Sacramento e os Sete Povos das Missões". Termina este parographo com uma nota curiosa, digna da attenção dos nossos homens publicos principalmente. É esta: "*Sabemos hoje onde termina a nossa casa, e onde começa a*

dos outros. Não creio, porém, que o mappa da America do Sul esteja definitivamente desenhado. Ha terras que outros povos consideram irredentas. Ha poucos dias recebi do Paraguay o manual de geographia do paiz adoptado nas suas escolas primarias. Lá estava, para a intelligencia dos olhos e do coração da infancia paraguaya, a grande mancha verde das terras que nós conseguimos, depois da guerra, que o governo paraguayo reconhecesse nossas (pois, de facto e de direito nossas eram), com a seguinte legenda: TERRAS TOMADAS PELO BRASIL”. Muito é para meditar esta imprevista revelação, pois vem de um povo com o qual o Brasil foi sempre de uma perfeita magnanimidade. Póde dar-se o acaso de, por exemplo, os nossos amigos argentinos se lembrarem qualquer dia de nos dizer que o territorio de Missões... tambem lhes foi tomado...

Vêm depois os paragraphos que se inscrevem: *A familia real portuguesa no Brasil* (com uma concisa exposição de toda a obra do periodo joanino); *A independencia*; *O primeiro imperio*; *O segundo imperio*; e *Synthese final*. O paragrapho relativo ao segundo imperio é de uma importancia indiscutivel. Começa pela regencia, estudando os grandes factos que enchem essa phase decisiva da nacionalidade, entre os quaes a revolução federalista que teve inicio a 10 de Setembro de 1835 no Rio Grande. Para caracterizar esse periodo

regencial, escreve Genserico de Vasconcellos com a precisão e segurança de um mestre provector: “A regencia viera da revolução de 7 de Abril. Com Feijó foi um notavel governo. Dominando as revoltas e motins, reformando a Constituição, trazendo o Exercito novamente ao caminho da disciplina, ella evitou a proclamação prematura da Republica, impediu o retrocesso da restauração, salvou a unidade do Brasil e preparou, com muita habilidade, o caminho do segundo reinado”. É durante o segundo reinado que se distingue e avulta na historia a funcção politica do Exercito. “Ao lado do throno, diz o joven e já conspicio historiador, apparece então a grande figura do glorioso soldado Luiz Alves de Lima e Silva, que, de serviço em serviço, de successo em successo, ascendeu a todos os postos militares e da nobreza. Morreu marechal e o unico duque nascido no Brasil”. E analysa a obra do incomparavel cidadão soldado, em cuja figura se juntaram, numa fulguração admiravel, as virtudes civicas do estadista e o valor inexcedivel do homem de guerra. Bastaria citar os estadios do largo remigio da aguia em perto de 40 annos da nossa historia: Maranhão, S. Paulo, Minas, Rio Grande, Uruguay, Argentina, Paraguay, para assignalar o vulto gigantesco deste, que é o maior, que é como o patriarcha dos nossos heróes. Conclúe a introduccção com uma synthese final, em que o auctor escreve ufano: “Não quiz iniciar o es-

tudo das duas campanhas que constituem o programma da Escola, sem percorrer convosco, dentro dos limites de uma só conferencia, a nossa bella historia. Desejei assim revelar, em toda a sua grandeza, a influencia do factor militar na organisação da nacionalidade, desde os primeiros annos do descobrimento... Em toda a nossa historia o Exercito cumpriu o seu dever. Outras obrigações agora nos são impostas. Na ordem interna, com o serviço militar e obrigatorio, o exercito é uma escolta de reeducação dos nossos humildes patricios do interior; é uma escola de energia e abnegação, de civismo e patriotismo; é o guarda das nossas instituições; é o elemento de nacionalisação dos filhos dos adventos; é a força de cohesão, que manterá, uno e indivisivel, o Brasil grandioso, dissociado por factores varios: differença de clima, difficuldade de communicações, antagonismos economicos, sub-raças oriundas de correntes immigratorias de gentes de lingua, religião, mentalidade e influencia ancestraes discordantes. O grande conflicto europeu envolveu-nos em suas malhas terriveis. Entrámos, assim, no concerto da politica mundial. Todos os esforços humanos, para regular a vida de relação entre os povos, na base do direito e da justiça, fracassaram. A força é e será a unica sancção do direito. Continente, vivemos isolado. Somos nós e os outros. Com os outros luctámos, no decorrer de toda a nos-

sa historia, para definir os confins da nossa Terra. Ha centenas de milhares de kilometros quadrados de terra irredentas. Precisamos conservar o patrimonio dos nossos antepassados. Nossa vida continental e extra-continental, exige cautelas. A nação armada, o dominio do mar no continente e a nossa independencia industrial, e economica devem ser os rumos da nossa politica, cuja projecção na ordem internacional se orienta especialmente pelos eixos do statu-quo sul-americano e da egualdade de todas as soberanias. O mais, depende de nós. É o estudo e é a preparação, é o aproveitamento das licções e da experiencia da ultima guerra, que vão sendo ministradas pelos nossos mestres. Só assim seremos dignos do passado; só assim transmitiremos aos nossos filhos a herança dos soldados que nos precederam, que tanto ajudaram a defender e a organizar a “ditosa Patria”. Ahi temos, pois, incontestavelmente, um consciencioso e grande cultor do nosso passado, e com todas as qualidades para fazer-se o maior e mais autorizado dos nossos historia-dores militares.

Não seria possivel, numa rapida resenha, dar a summula de todo o corpo da obra, onde o eminente escriptor põe num relevo mais impressivo ainda os seus excellentes dotes de mestre consummado. Procuraremos, portanto, dar, em simples diagonaes, uma idéia deste vasto quadro que se abre á nossa contempla-

ção, como um painel onde não ha uma linha, uma côr, uma mancha que não entre admiravelmente no desenho magistral da figura projectada a nossos olhos. Na segunda conferencia trata o capitão Genseric Vasconcellos de expôr as causas da guerra de 1851-1852 contra Rosas. Não se limita a dar-nos as causas do momento: penetra fundo nos tempos coloniaes, para ferir as origens remotas e os antecedentes mais directos da guerra, até chegar ao sinistro e lugubre *heróe del desierto*... Depois de esboçar a vivos traços a negra silhueta de Rosas, escreveu: "O projecto favorito de Rosas, segundo o Barão do Rio Branco, era o que ainda hoje affagam todos os politicos argentinos: absorver o Estado Oriental do Uruguai e a Republica do Paraguai, reconstruindo o antigo vice-reinado do Prata. A politica internacional do Brasil, creada pelo partido conservador e principalmente pelo illustre ministro Paulino de Souza, consistia, então, como ainda hoje, em manter a independencia dos dois estados ameaçados pela ambição argentina". E vem a seguir o historico critico da guerra no Uruguay. Na terceira conferencia desenvolve os assumptos criticados na anterior e dá o plano da guerra, as allianças, a organização militar dos belligerantes, as armas, os serviços, o combate: completando-se tudo com o registo de documentos em appendices. Na quarta trata particularmente de cada um dos exercitos que

entraram na campanha. No capitulo em que trata do exercito imperial, assignala outros factos intercorrentes da nossa historia. Esta parte é naturalmente a mais extensa, e só termina com a quinta conferencia. É uma noticia completa de toda a organização do Imperio naquella época, acompanhada de estatisticas e annexos que a illustram. Na sexta e setima conferencias occupa-se da guerra do Uruguay e da victoria contra Oribe. E nas quatro ultimas, dá conta da guerra contra Rosas, até o final, na batalha de Caseros, onde o Imperio teve acção decisiva na destruição da nefanda tyrannia do dictador. Genseric de Vasconcellos terminou a sua nobre tarefa com estas palavras: "Cheguei ao fim de minha primeira jornada — o estudo da campanha de 1851-1852, que me comprometti realizar no final do curso do 1920. A guerra do Paraguay filia-se á mesma causa geral e remota, e será assumpto do curso de 1921, se eu permanecer na cathedra que foi offerecida. O Imperio não resolveu todas as difficuldades, consequentes á nossa arrojada expansão para o Sul e para o Oéste. Deixou-as, porém, estudadas e encaminhadas. Coube a gloria de resolvê-las ao immortal Barão do Rio Branco, o victorioso de Amapá e das Missões. O espirito de partido, a reforma do mechanismo governamental, e a substituição dos governantes nos primeiros tempos da Republica, tiveram a consequencia natural e lo-

gica de cortar, em nossa politica exterior, o fio da tradição. Rio Branco é a resurreição dessa mesma tradição. É o filho do conselheiro José Maria da Silva Paranhos, daquelle grande sabedor, notavel estadista e habillissimo diplomata, que navegou com o Brasil, através dos escolhos do Prata, victoriosamente. A obra da Republica, desde que ella, com Rio Branco, reatou a nossa continuidade historica, emendando 89 com o Imperio, que se não havia desligado de Portugal e das bandeiras, terminou com o traçado dos limites da nossa casa, vastissima morada de quasi nove milhões de ilometros quadrados. O Brasil integrou-se na America, pela porta da Republica. Que aspiramos nós? A paz. Que nos cumpre fazer? Defender o Brasil e a paz na America. Não allumiaremos o facho da guerra do Continente. Nenhuma causa obriga-nos a procurar, nesse cataclysmo da Humanidade, a resolução de um problema nacional. Tudo o que aspiravamos, obtivemos. Podemos estender fraternalmente as mãos para todos os paizes do mundo espanhol que nos cercam, e dizer: Irmãos! Trabalharemos, pacificamente, pelo progresso, bem estar e cultura da America. Attenderão os outros ao nosso appello? É provavel que sim. As guerras são regidas, todavia, por leis fataes que desconhecemos. Os homens, mesmo os que parecem dirigir os actos preliminares dessas grandes crises e provações por que passam as

nações, são fantoches escravizados a designios superiores e imperceptíveis que de antemão não descobrimos. Daí, por conseguinte, a conclusão logica: O Brasil, alimentando o idéal da fraternidade sul-americana, imposto naturalmente pelo final de sua expansão, na phase actual de sua Historia, precisa precaver-se apenas até ao limite da segurança de suas fronteiras e do seu desenvolvimento interno. A Missão do Exercito e da Marinha, resume-se, pois, em manter a inviolabilidade e a segurança das nossas definitivas fronteiras, e em argamassar a nacionalidade dentro da sua tradição e da sua continuidade historica.”

O que é de notar ainda neste trabalho, a par da orientação historica, da força do estylo e da firmeza dos conceitos, é a profusão dos documentos em que o auctor assenta os seus juizos. Sem contar a documentação que vai juntando a cada conferencia, entendeu que devia accrescentar á obra uma secção complementar de *Annexos*, comprehendendo cerca de 200 paginas. Esses documentos são na maioria originaes, novos para os nossos historiadores, e da maior importancia para a construcção daquelle periodo historico, que até agora estava por fazer, e que é talvez o mais significativo em toda a politica externa do Imperio.

Não é possivel, repetimos, dar num simples esboço de estudo o alcance e apreciação da

materia que se contem no primeiro tomo da *Historia Militar do Brasil*, tanto mais que o livro é tão rico de factos, idéias e observações, que, ainda abreviadissima a sua resenha, nos levaria muito longe. O que ali deixamos, no entanto, quer parecer-nos que é o bastante para inculcar as proporções e a excellencia da obra com que o illustre capitão Genserico de Vasconcellos acaba de dotar a nossa litteratura historica, fazendo tão alta honra á sua classe. Não ha elogios a que não tenha direito por este inestimavel serviço ao Brasil. Os nossos fastos militares encontraram, afinal, o seu historiador, porque a *Historia Militar do Brasil* não é o livro de um sabedor ou informador vulgar, senão a obra de um espirito e de um sociologo, obra grave, imparcial e próba, obra de sciencia e consciencia, e cuja principal qualidade é, sem duvida, a intelligencia penetrante, subtil e completa dos homens, das coisas e dos acontecimentos.

Talento de escól, technico perfeito e conhecedor do pensamento determinante da nossa evolução politica, Genserico de Vasconcellos, apresenta-se ainda como um dos nossos mais applaudidos professores de energia e de patriotismo. Neste forte movimento de renovação do espirito nacional, na actual transformação historica dos nossos valores, tem sido elle um dos paladinos do principio vital de que só pela força as nações asseguram a sua independencia, o seu progresso e

a sua riqueza, e cuja ethica é contraria ás idéias dissolventes e insidiosas do pacifismo, que gera a decrepitude e trás sempre a ruina moral das nações. O povo em cujo espirito não apparecem qualidades marciaes ou virtudes guerreiras está destinado irremediavelmente á degradação, á humilhante subalternidade, á morte. As tendencias pacifistas ou os habitos prolongados da paz, com o seu horror da luta e o seu temor da morte, debilitam os organismos sociaes, disvirilizam os povos, dissolvem as almas. O pacifismo é uma illusão perigosa. A idéia da guerra impera sobre o mundo, e a guerra é até necessaria, porque é o instrumento de selecção historica dos povos inconscientes, incapazes, indolentes, envenenados pelo sedentarismo ou entorpecidos pela modorra secular do pacifismo. Genserico de Vasconcellos é daquelles patriotas esclarecidos que contribuiram para que se criasse a consciencia do nosso manifesto destino de potencia mundial com a hegemonia politica no continente sul-americano.

O Brasil entrou no periodo mais grave da sua historia. Nação de trinta milhões de habitantes e um dos mais vastos territorios do mundo, representando um valor economico de primeira ordem, e, por isso mesmo, disputado pelas expansões commerciaes de outras nações, não podemos ficar á parte neste remodelamento do universo e, ao con-

trario, devemos conquistar o lugar que nos cabe na terra. Dest'arte, a realidade brasileira traduz o profundo sentimento do perigo, que, formando-se para além das fronteiras e determinado por evidentes impulsos de forte antagonismo nacional, ameaça o desenvolvimento das nossas livres instituições e tentará impedir o exito dos nossos profundos desejos. Temos de resolver o nosso problema nacional, que é alargar a nossa influencia moral, ampliar as nossas fronteiras economicas e completar a nossa formação ethnica, dentro do quadro de forças da nossa nacionalidade e pela vigilia permanente das armas. Para a triumphante affirmação do espirito nacional que surge, com força e belleza, precisamos antes de tudo organizar a nossa defêsa nacional, que trará, com o culto da força, a idéa de sacrificio, a educação da vontade, o enthusiasmo e a reflorescencia physica da raça, a victoria das nossas aspirações, das nossas immensas possibilidades e dos nossos propositos. A guerra nos libertou afinal da illusão de uma fraternidade impossivel, em que se debatiam esterilmente os povos inexperientes e desavisados, e a nossa politica, retemperada no fogo dos combates, impulsionará o Brasil para a consecução dos seus supremos designios, nada o retendo na irreprinivel carreira para a sua brilhante finalidade. No nosso continente, quando outros Estados projectam tambem re-

alizer integralmente aspirações de potencia mundial, e o seu crescente poder militar cada vez mais se torna ameaçador, com um serviço efficiente de espionagem e um corpo de adestrados aviadores que trenam sobre as nossas fronteiras, a nossa politica internacional dever ser a da nação, e esta é a de uma esplendida independencia, apoiada numa efficiente combinação de forças que lhe garanta a completa liberdade de acção e lhe colloque a coberto de qualquer affronta de países eternamente agitados por tolas velleidades e revoltas estereis. Além do mais, o equilibrio politico do Rio da Prata não existe, e as republicas platinas encontram-se na mesma situação dos países balkanicos antes da guerra européa. Genserico de Vasconcellos é, pois, um dos magnificos interpretes desse nacionalismo que se integra na tradição militar do país, que é um dos factores mais poderosos da unidade abstracta da patria, se inspira no sentimento de nossa capacidade para decidir do futuro da nossa seivosa nacionalidade e se affirma pela prodigiosa energia da raça que rompeu as linhas imaginarias do tratado de Tordesilhas, fixando os limites actuaes da nação, e um dia corrigirá as suas fronteiras de accôrdo com os principios da sociogeographia.



VIII — O BRASIL E O RIO DA
PRATA

AMIGOS URSOS

Foi sempre muito singular a situação do Brasil na America do Sul, relativamente a outros povos do continente. Desde os tempos coloniaes se teve o Brasil como dyscolo do convivio americano. Quando, em qualquer das republicas de origem espanhola, se fala em raça latina, já se sabe que os néo-castelhanos excluem os brasileiros... Ainda, por meados do ultimo seculo, era tão generalizado esse preconceito que, no momento em que rompeu a guerra contra Lopez, em toda a Europa se acreditou que as demais republicas tomariam abertamente partido pelo Paraguay. O certo é que algumas velleidades de intervenção só se evitaram porque se viu que ao lado do Brasil contra o impulsivo e cruel tyrano dos guaranys se puzeram tambem dois povos *legitimamente latino-americanos*... É bem de crêr que se não fosse a alliança dos dois Es-

tados platinos com o Brasil, algumas nações do Pacifico, pelo seu sentimento de raça, teriam feito causa commum com os nossos inimigos... Tanto podiam os equivocos contra o Brasil! Tanto podiam, e tanto podem ainda, infelizmente, porque, é inegavel que continuamos a inspirar antipathias e desconfianças aos vizinhos do sul e do léste.

Até 1889, attribuia-se toda essa animosidade ao Imperio. Dizia-se que a disparidade de instituições é que dava origem a tal sentimento contra nós. É evidente que ia nisso grande injustiça ao Imperio. Este nunca teve sequer idéia de se fazer maior ou mais poderoso á custa do territorio e da prosperidade dos povos vizinhos. Pelo contrario, a acção que exerceu, sobretudo no Prata, foi sempre em beneficio desses povos. O Imperio foi de uma abnegação sem limites com todos. A historia ali está, e nem é preciso recordar. Até no Paraguay andou o Imperio abnegadamente, sacrificando os seus filhos, o seu socego e os seus interesses só para impedir que a maldade e a vesania de um homem perturbassem a vida e o destino de tres nações tão dignas de viver. Pois, apesar disso, o que lucramos com a destruição da tyrannia de Lopez foi a ogeriza, que parece converter-se em odio, exactamente dos povos cuja existencia salvamos. Salvamos, sim, é o termo proprio, porque se não fosse a esquadra imperial em Riachuelo,

quem poderia affirmar-nos que a Argentina e o Uruguay fossem hoje nações soberanas, ou pelo menos que fossem hoje o que são? Lucramos, pois, da guerra de Lopez, a ingratição dos nossos amaveis vizinhos.

Diziamos que tudo se attribuia ao Imperio como grandeza, como prestigio, como esplendor e aurea que as republicas não têm, ou pelo menos, não tinham nos tempos idos. E agora então? E depois de 1889, que somos tambem republica, e entramos no convivio das gloriosas democracias latino-americanas, como é que se ha-de explicar a singularissima situação em que se encontra actualmente o Brasil? A que deveremos essa antipathia, essa má vontade, esse antagonismo e essas prevenções — tudo isso que não morreu com as grandezas imperiaes, e que as novas instituições não conseguiram sequer attenuar ou diminuir contra nós na alma dos “nossos co-irmãos” da America? Querem, por exemplo, mais provas de lealdade e boa vizinhança que as que tem dado a Republica do Brasil a todos os povos com que tem fronteira comnosco? É espantoso!

Ainda mais nos assombra a ingenuidade de tanta gente que ainda duvida de que os proprios povos platinos sejam nossos inimigos. Não falemos desses que se presumem “nossos rivaes historicos”, os argentinos... como se contra elles continuassemos a disputar a posse da Cisplatina ou de Martin Gar-

cia... ou como se elles se abalançassem a pretender a reconquista das Missões... (Não sabemos, portanto, onde se descobriu essa rivalidade sem objecto...) Não falemos tambem no Paraguay, pelo qual nunca nos cançamos de fazer o mais que podemos, mas no fundo de cuja alma anda alguma coisa como se fosse a sombra do nosso máo destino.

O povo que está chegado ao nosso coração é o povo uruguayo. É como se fossemos com elle a mesma gente: ou melhor — é esse povo como se fosse nosso filho! Pois bem: em relação aos proprios uruguayos, em nossa santa ingenuidade, e pelos caprichos do nosso sentimentalismo, nós criamos uma illusão que talvez algum dia nos amargue: a doce illusão, contra a lenda e contra a propria historia, de que este povo é nosso amigo. Se os argentinos nos odeiam e se os paraguayos e os bolivianos nos detestam — os uruguayos igualmente nutrem contra nós os mesmos sentimentos, menos ostensivos, mais disfarçados é certo, mais nem por isso menos profundos e instinctivos. O proprio esforço de Rio Branco, expressando os nossos impulsos fraternaes e a nossa generosidade, foram em Montevideo interpretados, não como benemerencia, equidade e sympathia, mas como reparação e como justiça devida...

As provas de que os uruguayos não têm

por nós sentimentos sequer de pura cordialidade podemos colhê-las em grande numero de documentos — nos testemunhos dos seus politicos, dos seus diplomatas, dos seus educacionistas, dos seus homens de lettras, dos seus historiadores. Ha alguns annos publicou-se no Uruguay uma obra com pretensões a trabalho historico, mas que não é menos que uma série de diatribes contra nós: é o livro do sr. Luis Alberto de Herrera, intitulado *La diplomacia oriental en el Paraguay*. (Montevideo, A. Barreiro y Ramos, 1908, 2 vols.). Não ha uma pagina desse livro onde não se encontre uma falsidade ou uma perfidia contra os nossos homens. Segundo esse auctor, que é um politico apaixonado em seu país, e hoje diplomata, todos os males soffridos pelas republicas platinas são obra só do Imperio, quer dizer do Brasil, porque já sabemos agora que não era a monarchia que nos insulava no continente. Herrera é auctor de um outro livro, *La Tierra Charrua*, que é um libello contra o Brasil. É pena só que ao sr. Herrera não tocasse sorte igual á daquelle seu compatriota Carrera, que depois de imprecar tanto contra os brasileiros, foi refugiar-se no Paraguay e receber do proprio Lopez, a quem serviu contra nós, o premio que os seus crimes mereciam...

Vamos, no entanto, á fonte limpa, que é a bibliographia didactica, para mostrar como nos estimam, e como são comnosco jus-

tos e cordiaes os nossos “irmãos” de aquém-Prata. Como se comprehende, é, neste caso, o livro que se põe nas mãos da mocidade o mais seguro depoimento, porque é pelo livro que se inocula na alma das novas gerações o veneno que as ha-de alevantar no futuro. Percorremos então algumas das obras escolares com que no Estado Oriental se prepararam os nossos amigos de amanhã, e vejamos se ha razão para que nos venham elles melhores que os de hoje.

Na *Geographia* do professor Pedro Martin (“adaptada al programma de ingreso”), a pag. 101, lê-se o seguinte: “El territorio brasileño presenta tres grandes regiones: 1.^a, la llanura del Amazonas...; 2.^a, la meseta del sudoeste...; 3.^a, el litoral, *donde reina casi constantemente la fiebre amarilla*”... A febre amarela, que foi para nós um flagello quasi tão grande como os *pronunciamientos* nas terras do heróe Artigas, *ainda reina quasi constantemente em todo o nosso littoral*... Nos compendios de historia então é que a “velha amizade” assume proporções de verdadeiras demonstrações de justiça, verdade e carinho...

No *Curso de Historia Patria*, livro segundo (tambem “adoptado al programma de ingreso”), lê-se, a proposito do cêrco de Paysandú, este phantastico trecho: “El dia 31 de diciembre, Lucas Perez separa 31 hombres de los que tenia en las trincheras, y se-

ñalándoles un batallón que le hacia muchas bajas en sus filas: “Estos hombres nos hacen mucho mal, les dice a aquellos bravos; es preciso desalojarlos de allí. La polvora es poca, e debemos economizarla; vamos a sacarlos a punta de lanza.” Y con un arrojo temerario empuñaran la espada, acometem a lanza y bayoneta, y *introducen el panico entre los Brasileños, que casi todos huyen saltando las paredes, y dando la espalda a un puñado de valientes...*” Brasileiros fuyendo a um punhado de valentes! Mas onde seria que aprendeu este homem a imaginar estas coisas...

No *Ensayo de Historia Patria* (“adaptada a los programas de maestros y de la Universidad de Montevideo”), encontra-se o que se segue. A pag. 458: “San Salvador estaba guarnecido por una fuerza de 800 hombres. El combate fué corto; los Brasileños fueron *completamente derrotados*; uno quedó muerto en el campo de acción; siete se pasáron a las filas de los patriotas sayendo prisionero un oficial; y los demás huyeron. La pequeña legión libertadora eram 33 uruguayos), *los perseguió hasta siete* (siete ó sietecentas mil?), leguas del lugar del encuentro.” Estamos aprendendo a historia... do nosso leal amigo Sr. Martin, mestre de grande topete. A pag. 459: “Del Monzon seguieron los patriotas hacia el Paso del Rey, donde tomáron prisionero al coronel brasi-

lero *Borbas con su columna de 300 hombres.*" Pobre coronel *Borbas*, que o valente historiador nos mette pela nossa historia, até hoje desaparecida dessa grande honra. Então um chefe *brasileiro*, com 300 homens também *brasileiros*, vai assim, lá nas campinas do Uruguay, deixando-se apanhar por alguns patriotas? A pag. 461 vem esta: "Desde Canelones Lavalleja destacó hacia Maldonado a Leonardo de Oliveira, para reunir los voluntarios de aquella zona, y dejando en Canelones a Simón del Pino, marchó sobre Montevideo con *unos 100 hombres solamente*. De este modo, después de apoderar-se *sin resistencia* de Soriano, San José y Canelones, *ahuyentando e tomando prisioneras a cuantas fuerzas brasileras tratáron de oponerles, los 33 escalan* Cerrito de la Victoria, donde enarbolan su bandera y *ponen sitio a la plaza de Montevideo.*" Com que então Lavalleja, tendo deixado Canelones, apoderouse da *mesma Canelones*, espantou quantos brasileiros encontrava, e invencível *como el dios Marte*, vai *com 33 hombres* (caramba!) sitiá Montevideo... Mas que ansia de persuadir ás pobres creanças do Estado Oriental que são covardes os soldados que tanto serviço têm prestado á terra dos paiz! Um pouco adiante, a pag. 472: "La fuerza brasilerá marchaba en dos columnas; la que formaba la vanguardia la componian (isto nem parece redação para escolares...), 300 lan-

ceros dirigidos por le coronel Jardim; la otra, a una distancia de media legua, se componia de 500 dragones mandados por el coronel Mena Barreto. En esta disposición marchaban hasta que la vanguardia, conservando su orden de columna, vino a éstrelar-se con la *pequeña linea del general Rivera*, quién dió la orden de carga sable en mano. *Los brasileros sorprendidos, sin hacer ninguna classe de resitencia, DIERON LA ESPALDA Y SE DEJARO ACUCHILLAR MANIFESTANDO UN TERROR PANICO.*” A pag. 492: “*Fué tal la derrota de los brasileros que solo escapáron unos quedando los demás prisioneros e tendidos en el campo.*” Não diz quantos foram os prisioneiros e os mortos; mas a julgar pelo numero de poucos que escaparam, não podiam ter sido ali aprisionados menos de 400.000, e outros tantos foram sem duvida os mortos. Quer isto dizer que o Estado Oriental não tinha espaço para as sepulturas, quanto mais prisões para os vencidos brasileiros! Que pensará este homem que é a historia? A pag. 497 escreve o mesmo *historiador* amigo: “...las dos primeras divisiones se apoderan del pueblo de San Borja, *mientras el general Rivera pone en fuga al GRUESO DEL EJERCITO BRASILERO, encabezado por el general Alencastro.*” *En fuga!*... Sempre em fuga! Sempre dando *la espalda!*... Mas tem graça este nosso amigo, nas espanholadas mais espanholas que as legitimas de Espanha! Ve-

jam esta tirada estupefaciente, a pag. 457: "*Tan solo 33 hombres formaban aquella falange redentora, y su patria era dominada por cerca de 2.000 soldados brasileiros.*" Caramba! ainda agora a gente tem vontade de tremer quando ouve falar naquelles 33 *hombres*... "En tan apurada situacion — escreve o homem — (naturalmente se refere á situações dos 33 *hombres* diante dos 2.000 *brasileiros*...) Rivera resuelve llevarles un vigoroso ataque antes que se den cuenta de sus pocas fuerzas, y cayendo sobre ellos como un rayo, los bate *completamente*...". "...Los brasileiros, diz adiante (pag. 457), dieron las suyas a vivo Gerego, el cual despreciáron los mios, y carabina a la espalda y sable en mano, *encontráron, arroláron y sabléaron, perseguindolos más de dos leguas, hasta ponerlos en fuga y dispersión más completa.*" Tem graça, não ha duvida, este *valiente* amigo do Brasil. Naturalmente, elle aprendeu a inventar estas coisas lendo historias da Carochinha. Mas para dar provas de si não era preciso tanto. A repetição, a insistencia chega até a borrar-lhe a pintura. O que é certo, entretanto, é que os nossos bons amigos do Uruguay mandam os filhos a escolas onde os mestres de certo têm pela cartilha deste ineffavel Sr. Martin. E ahi é que está o caso.

Mas vejamos outras. Ha no Brasil muita gente que não crê em maldade, e que até

censura a intolerancia dos que descrêm dos nossos bons e sempre amaveis vizinhos. Convém, por isso, que a essa gente simples do Brasil tiremos todas as duvidas. Nas *Glorias Uruguayas*, de Carlos Maeso, segunda edição, pagina 51, vem narrada a seguinte façanha que todos os uruguayos sabem de cór: "...en esa disposicion, 1.500 *soldados brasileiros, con 4 piezas de artilleria*, salieron de Montevidéo con el objecto de descubrir la fuerza de los patriotas. *Durante hora y media estos (en numero de 60) mantuvieron un fuego nutrido de guerrilla con el ejercito brasileiro; y al fin, desconfiando este que fuera mayor el numero de combatentes con quienes tenia que luchar pués no pudo descubrir el total, SE RETIRÓ A MONTEVIDÉO. Pocos paises* — commenta o contador da historia — *registram en las paginas de su historia un hecho como este, en el cual 60 hombres hacen retirar 1.500 después de un combate de hora y media, llevandoles luego una carga victoriosa, y concluen por encerrar en una plaza almenada un ejercito veterano de 5.000 soldados. La fantasia más exaltada del poeta no crearia cuadros más epicos de increíble temeridad y DESPRECIO AL ENEMIGO, como los que ofrecieron en la vida real esos 60 heroes legendarios...*" É realmente o caso de exclamar com o homem: *temeridad!* Onde seria que foi elle buscar esta coisa? Diz que a fantasia mais exaltada

de um poeta não poderia crear *cuadros más epicos*... Não ha duvida: a *fantasia de un poeta* de certo que não é capaz de tanto; mas a *fantasia absurda* de um *historiador uruguayo*, amigo do Brasil, é capaz, pelo que se vê, de muito mais. Na mesma obra, a pags. 56 e 58, lê-se: "... y en cuanto la primera columna se aproximó, dió la voz de "a la carga", cayendo sobre ella impetuosamente. La *caballeria brasilera se desbandó completamente*, y en seguida cargó Rivera a la segunda columna compuesta de 500 hombres y *los dispersó*. Las fuerzas brasileras *fueron acuchilladas y deshechas espantosamente*. Apenas salieron 100 hombres ilesos, *que abandonáron desesperadamente el campo*." E logo: "... Los restos del enemigo, formando un total de 300 hombres, *huyeron presurosamente*." Têm-se a impressão de que o povo uruguayo não tem historia, senão só epopéa... Mas para que, só por maldade e por odio, ha-de esta gente encher assim de extravagancia e ridiculo a nossa historia da America?

Numa outra epopéa sob o titulo de *Bosquejo historico de la Republica Oriental del Uruguay*, do Dr. F. A. Berro, a paginas 547 e 548, deparam-se estas palavras: "... lo hacedoro y conveniente era repetir la operacion del año 14: comprar buques mercantis, armarlos y entregarlos a marinos mercantes. *Qualquiera capitan de buque seria un ex-*

cellente oficial frente a los imperiales.” E adiante: “El tumulto se dirigió al Consulado gritando: viva la patria! muera el Consul de Brasil! mueran os brasileiros! Muera *el Emperador de los macacos!*” É assim que se educam creanças entre os nossos grandes amigos do Uruguay.

O Sr. Angel Floro Costa, no seu livro *Nirvana*, a pag. 10, escreve: “...de ahí el interés directo con que la politica brasileña se ha ingerido siempre en los negocios del Plata, los esfuerzos que ha hecho *por fomentar nuestras disenciones, y los de la Republica Argentina; de ahí su agresion constante a nuestra integridad territorial* (que barbaridad) *y su apoio moral y material a todo cuanto ha podido tender al desmembramiento de estos paises.*” (Barbaridad!).

Na sua obra *La diplomacia del Brasil en el Rio de la Plata*, no qual é com a Inglaterra de uma amabilidade macabra, Oneto y Viana articula a nosso respeito, esta injustiça escandalosa: “...los plenipotenciarios brasileños procedieron en este caso *con la crueldad de que sabian hacer uso cuando sus grandes conveniencias lo exigieron.*” E a pag. 75: “... el Tratado de Extradición de Criminales constituye *una pagina negra en la historia patria, impuesta por los diplomaticos brasileiros.*” E ainda a pag. 107: “... revela que los politicos brasileños persistian en sus propositos de continuar desempeñan-

do el rol de protectores nuestros, y al mismo tiempo *acusa un completo desprecio por nuestra soberania.*” Pobre soberania!! onde teria ido ella parar se não fosse o Imperio!

No tal *Ensayo*, adaptado á Universidade de Montevidéo, a pag. 591, diz: “Mientras se ajustaba la paz que puso fin á la guerra, el Brasil obtenia la celebración de cinco tratados, en varios de los cuales *infringianse los principios más elementales de justicia vigentes en las naciones civilisadas.*”

Na sua *Historia critica de la literatura uruguaya*, sae-se com esta novidade o senador Carlos Roxlo: “El Brasil aplicó este principio, demarcando las lineas divisorias a *mucha distancia de lo poseido.* El Paraguay replicó que las lineas debiam trazerse con lealdad y con sujeción a lo que poseian los contendores, considerando injustas las lineas divisorias de la demarcación imperial que, *dando por poseido lo que no era, se apoderaba leoninamente de la márgem derecha del rio Apa.*”

Aqui paramos, porque então teriamos de citar varios livros mais que se publicam em Montevidéo. O que transcrevemos é bastante. Em tudo quanto extratamos não ha uma palavra que seja verdadeira: o que demonstra que os autores indicados têm um grande valor para a nossa these: o intuito de todos elles é nutrir no sentimento dos nossos *amigos* orientaes a maneira por que

nos apreciam e nos amam... Que os nossos americanophilos se mirem nesse espelho, e continuem a crer que no meio dos nossos caros vizinhos gosamos largamente da maior estima. Os mais obstinados entre os incredulos da ogerisa platina pelo Brasil, deixam-se enganar pelas demonstrações de cortezia official com que ultimamente andam sendo recebidos alguns brasileiros que vão ao Prata. Principalmente de Montevidéo voltam esses visitantes cada vez mais persuadidos de que ali só temos verdadeiros irmãos. E isto vem actuar aqui no animo de muita gente.

Por fim, para remate destes commentarios copiamos o seguinte trecho de um telegramma de Montevidéo, no qual se tratava de umas informações do consul do Uruguay em S.Paulo: "A nota do consul Milhomens, enviada ao governo uruguayo e publicada pela imprensa desta capital e em algumas cidades do interior da Republica, deu occasião a que *alguns jornaes atacassem o Brasil*, qualificando-o de *antigo traficante de escravos*." Este telegramma é de 18 de Maio de 1921, e foi publicado na *Noite* desse mesmo dia. Parece que basta para que os brasileiros reflectam acerca da lenda dos amigos... ursos.

INTRIGAS ARGENTINAS

Houve sempre, entre os escriptores, publicistas e politicos platinos certas prevenções nunca dissimuladas contra a politica do imperio. Não lembrariamos tal facto, se taes prevenções os não levassem a injustiças clamorosas contra os vizinhos leaes, cuja vida e reputação não é preciso dizer-lhes que ficam sempre acima de fórmãs de governo. A obstinação, a implicancia quasi maniaca, se não fosse tão infantil, dos caudilhos platinos contra o Imperio do Brasil, frequentemente os induziu a attribuir aos nossos homens os intentos, os planos e até os vícios que só elles é que andavam cultivando á socapa. Entendiam que a identidade de fórmula de governo lhes valia como um motivo de união e de solidariedade contra um regime que tinha ares de inculcar-se como superior ao que elles todos, oriundos de Espanha, tinham preferido. Daí as suspei-

tas, as queixas, as censuras e accusações á politica monarchica brasileira, inquinada sempre da culpa original de querer opprimir e humilhar os povos republicanos da America do Sul para assumir uma preponderancia ou hegemonia descabida. No animo de muitos desses caudilhos e desses escriptores a que alludimos, não haverá nenhum povo á custa do qual o Imperio não tivesse tentado aproveitar-se de occasiões “para engrandecer-se”. Contra todos tramaram os nossos estadistas e intrigaram os nossos diplomatas... Para elles, o Imperio era a deslealdade, a ambição, o interesse: elles é que eram o contrario de tudo isso.

Ora, entre nós nunca ninguém se preoccupou com semelhantes questões. Uma ou outra vez, por acaso, no correr de algum debate, é que terá havido porventura entre nós alguém que rebata a esses aleives, e isso mesmo com umas tantas palavras simples e seccas interrogativas como estas: Quando foi que a nossa chancellaria e os nossos agentes diplomaticos intrigaram? Teria o Imperio feito isso quando no Prata só protegeu os povos contra a tyrannia dos caudilhos? Quando protegeu o Uruguay contra Rosas? Quando amparou a Republica Argentina contra a emboscada tremenda de Lopez? Nunca o Imperio interveio entre as nações platinas senão para socorrer o mais fraco e espurio contra violencias do mais forte, e

attendendo sempre ao clamor dos sacrificados. E demais, uma só interrogação bastaria para a nossa defêsa: Quaes foram os *lucros* do Brasil com a sua politica desleal e interesseira? Que se aponte um unico proveito recolhido pelo Imperio das intrigas em que se meteu! Nem com a guerra do Paraguay logramos mais do que os sacrificios que ella nos custou... e isto quando é certo que *a outros* deu lucros de campanha e até accrescimo de territorio. Seria bom que nos dissessem se todos os nossos vizinhos pôdem falar assim...

Mas o que incontestavelmente é ainda melhor, é saber-se quaes eram os intrigantes que em toda a America do Sul procuraram sempre esforçadamente assediar os mexericos e calumnias á dignidade e até á existencia historica da nação brasileira. E é disso que nos occupamos, trazendo para aqui o que entre os proprios patricios muito poucos hão-de conhecer. Naturalmente os argentinos não ignoram; mas trouxeram sempre muito escondido e abafado o que fizeram exactamente numa quadra em que o Imperio se via a braços com as maiores difficuldades, decorrentes da Independencia. Não contavam, porém, os nossos vizinhos com a surpresa de uma publicação de mais alta importancia, que se fez em Madrid, e que lhes pôz a calva á mostra ao cabo de quasi um seculo de *disfarces*. A obra a que alludimos per-

tence á Bibliotheca Ayacucho, sob a direcção do illustre don Rufino Blanco Fombona, intitula-se *Bolivar y la emancipación de Sur-América. Memorias del general O' Leary. Traducidas del inglés por su hijo Simón B. O' Leary, 1783-1825*, e foi editada em dois grossos tomos. No segundo tomo deste livro (cap. XLV e pags. 464 a 508), encontra-se a seguinte noticia: *Assim que se installou o Congresso Constituinte das Provincias do Prata, o seu primeiro cuidado foi votar uma moção de congratulação com o glorioso Simão Bolivar, e autorizar a nomeação de dois emissarios encarregados de levar ao Libertador os votos do povo argentino.* Isto é o que se sabia, e não tinha nada de estranho, mas antes tudo de natural, pois que naquelle momento se achava Bolivar no Alto Perú, que ia elle libertar tambem, instituindo a Republica que até hoje lhe conserva o nome. Mandava-se uma commissão a felicitar o grande general que se lhes approximava da fronteira do norte. Querem, no entanto, saber os argentinos de hoje o que foi realmente fazer ao Alto Perú aquella missão de argentinos de ontem? Ouçam-nos.

Aos 7 dias de outubro de 1825 chegava a Potosí, onde se achava Bolivar, a delegação argentina composta do general don Carlos de Alvear e do Dr. don José Miguel Diaz Vélez. No dia seguinte notificaram official-

mente ao secretario do Libertador a sua chegada e o *objecto da sua missão*, e pediram-lhe que designasse dia e hora, para a apresentação de suas *credenciaes*. Respondeu-se-lhes que o Libertador lhes daria audiencia no dia 16 *para receber as felicitações do Congresso argentino*, dirigidas a *elle pessoalmente e ao exercito*; mas que, como o ministro das Relações Exteriores residia em Lima, séde do governo, *não podia tratar officialmente com elles*. Tão seguros iam os emissarios de que teriam a mais cordial acolhida (pelos planos de exito que levavam sobre o espirito de Bolivar), que a resposta do secretario os desconcertou inteiramente. Sim, elles não iam *saudar* aquelle homem então omnipotente na America occidental: iam certos de conquistá-lo para a sua politica infensa ao Imperio. No dia seguinte procuraram pela manhã o secretario, e manifestaram-lhe a surpresa e desalento, mostrando-se até receiosos de que o Libertador estivesse resentido contra os argentinos pelo modo como a imprensa de Buenos Aires a principio o tratára, ou então por algum equivooco quanto aos sentimentos do seu governo. E no intento de dissipar qualquer suspeita ou queixa de Bolivar, pediram-lhe uma entrevista particular, que o Libertador concedeu. Recebidos affavelmente, os emissarios nem mais se lembraram da sua missão, *que era felicitar a Bolivar em nome do Congresso argentino*.

Foram logo procurando entrar no verdadeiro assumpto que ali os levára. Fizeram-lhes sentir a *importancia vital da sua missão*, e não apenas para o Prata e Perú, mas para *todas* as Republicas sul-americanas. E insistiram com o Libertador para que este directamente os ouvisse e tratasse com elles, sem os enviar para o Conselho do governo, como lhes respondera o secretario geral. Adduziram a todas as versões que para isso davam o receio de que semelhante negativa — em tratar com elles — se interpretasse com desvantagem para a Confederação das Provincias do Prata, parecendo deixar transparecer desaccôrdo com o Perú, ou então coisa ainda peor — que o Libertador tivesse duvida acerca da justiça da causa argentina em luta com o Brasil. Bolivar, depois de ouvi-los longamente, declarou-lhes que a resolução de não tratar com elles era irrevogavel; mas que, não obstante, para dar-lhes prova de interesse pelos seus co-irmãos do Prata, poria de lado a resposta do secretario e os receberia oficialmente, *contanto que empenhassem a sua palavra de honra* em segurança de que o governo da Confederação seria discreto, e *não abusaria de tal confiança* (isto é, da concessão que lhes fazia) “como ya lo habia hecho Buenos Aires con el señor Mosquera (pag. 480)”... Os delegados, muito satisfeitos, accetaram o alvitre, e garanti-

ram que o seu governo *guardaria a mais es-
tricta reserva com relação ao assumpto.*

Agora vamos transcrever, cingindo-nos ao texto em *castelhano*, que traduzimos literalmente: “Então, diz o texto, lhe informaram que *conquanto* (vamos sublinhando) *á sua saída de Buenos Aires o unico objecto de sua missão era felicitá-lo* por seus ultimos triumphos, *em caminho* tinham recebido instrucções formaes *para tratar com elle sobre o assumpto da guerra com o Brasil e SOLICITAR PARA A SUA PATRIA A PROTECÇÃO DO GRANDE BOLIVAR, porque ella o considerava o mais capaz de conduzil-a a feliz termo, tanto pela influencia de seu nome como pelo poderoso apoio militar com que podia favorecê-la*; que Buenos Aires cobriria com gosto os gastos da guerra, *mas que não devia esperar-se que se deixasse a Republica do Prata lutar desajudada contra o Imperio do Brasil.* Falaram largamente da ambição de D. Pedro, e *do perigo de consentir-se a existencia de um Imperio na America; fizeram fincapé no insulto ás bandeiras da Colombia e do Perú, na recente invasão da provincia de Chiquitos, e sobre a necessidade de tomar vinganças de tal ultraje.* Para complemento das glorias do Libertador, insinuaram-lhe *que sua volta á Colombia por via do Rio de Janeiro, depois de haver libertado tantos países e de haver assegurado para sempre a independencia da America, continuamente ameaçada pela am-*

bição de um joven principe, ligado por laços de sangue com os monarchicos mais absolutos da Europa, e sempre prompto a prestar-se as suas vistas, seria um acto digno da fama que havia adquirido (pag. 481)". O proprio Daniel O' Leary, o autor das *Memorias*, affirma que essas reflexões impressionaram o Libertador, e diz (pag. 582), que "a justiça da causa, no tocante á Confederação argentina, avigorava aquelles argumentos", e por pouco que Bolivar não accedeu aos desejos dos plenipotenciarios. Em todo o caso, "approvou a resolução de reter pelas armas a pösse da Banda Oriental, e assegurou-lhes que estava prompto a ajudá-los, se lhe permittissem o Perú e a Colombia"...

Parece, com effeito, que Bolivar tinha impetos de ampliar o theatro da sua fama. Não estava elle convencido de que D. Pedro I tivesse intentos aggressivos em relação ás Republicas vizinhas. O que elle receava é que a Santa Alliança "se servisse do Imperador do Brasil para attentar contra as instituições liberaes da America e impôr aos americanos o principio do direito divino (pag. 483)"... Isso, no entanto, se existia, com effeito, no espirito de Bolivar, já era fructo das intrigas. O proprio Bolivar, que era amigo de Canning, bem sabia que a Inglaterra, que nada tinha com a Santa Alliança, é quem amparava a sinceridade de D. Pedro. Mas, não é isso o que nos interessa nes-

te lugar. Vamos ver até onde vae a invicta missão platina.

Segundo O' Leary, foi Bolivar que aventou a idéia de operar uma diversão em favor dos argentinos fazendo invadir o Paraguay sob o pretexto de obrigar o Dr. Francia, "tyranno daquelle país", a permittir que o misero povo se governasse por si mesmo. Até diz que o proprio Libertador accrescentou que no caso em que Francia recalcitrasse, então se annexaria o Paraguay á Confederação do Prata... Os emissarios applaudiram, é claro, mas fizeram certas objecções com que evidenciaram a má fé do governo de Buenos Aires, que, em 1811, havia sustentado uma guerra para submeter o Paraguay, guerra desastrosa para os argentinos que tiveram seus exercitos derrotados. É o proprio auctor que escreve neste ponto: "A verdade é que os plenipotenciarios tinham recebido instrucções terminantes de evitar esta proposição, e que não era este *o unico ponto em que obrava com dubiedade ou dobrez o governo argentino* nestas negociações, pois antes de iniciá-las, já havia solicitado a mediação da Gran-Bretanha na nota que Garcia, Ministro das Relações Exteriores, havia dirigido a Sir Charles Stewart a 12 de Setembro de 1825. Graças, porém, a sua admiravel prudencia e circunspecção salvou-se Bolivar *do laço que lhe armavam por mais*

astuciosos que fossem os ardís para sorprendê-lo (pag. 486)”.

Alguns dias depois, foi a missão argentina recebida oficialmente. No proprio discurso que dirigiu a Bolivar o general Carlos de Alvear, commetteu a imprudencia de referir-se a D. Pedro I, chamando-o de *impio estrangeiro*, que se atreveu a *violar todos os direitos*, pretendendo usurpar *terra argentina*, e não trepidando em *insultar a immortal Colombia* e o governo peruano invadindo Chiquitos... “El suelo sagrado de la patria, disse Alvear, se hala profanado por las plantas de um impio estrangeiro. El Imperador del Brasil, com violación de todos los derechos, se ha atrevido à provocar à los libres de Colón, pretendiendo usurpar la provincia de la Banda Oriental à la nación argentina é insultando à la immortal Colombia y al Gobierno peruano con su inesperada agresión en las provincias del Alto-Perú que se hallan bayo la protección de estas illustres repúblicas. Tiempo es ya que el honor americano se commueva y que el Libertador de Colombia y el Perú sea el brazo fuerte que se encargue de dirigir el espirito nacional para obligar à la corte vecina à desistir de una conducta tan poco leal como contraria à sus propios intereses (pag. 488)”. Em sua resposta, Bolivar disfarçou o mais que pode aquellas inconveniencias e despropositos.

Agora, com toda a sua autoridade, começaram os delegados o seu trabalho de sapa. O curioso, porém, é que aquelles artistas só batem em duas teclas: a ambição de D. Pedro e a aggressão a Chiquitos; o perigo de se *consentir um Imperio na America do Sul*, como permanente ameaça ás republicas do continente e a necessidade de eliminar do Novo Mundo as unicas instituições monarchicas que o desfêam (pag. 491)... E acabavam sempre a sua arenga quasi diaria pedindo uma coalisção geral das republicas sul-americanas contra o Imperio. Depois de os ouvir, mostrava-se Bolivar "*sempre convencido da justiça que assistia aos argentinos contra o Brasil*", mas concluia invariavelmente expressando "*o sentimento de que seus compromissos com o Perú e a sua dependencia do Congresso e Governo de Colombia o impedissem de tomar parte activa na reivindicção dos direitos de um Governo que tanto estima* (pag. 492)"... Ora, nada mais evidente: Bolivar alcançava tudo o que aquelles homens queriam. Ladeava com a sua proverbial cortezia; mas os homens nada entendiam. Quando alguma palavra do Libertador os desnorteava mais, elles se saiam com uma réplica labiosa: pediam-lhe que fosse o *Protector de todas as Americas* ou que tomasse a frente de *todos os povos americanos*. E até chegaram a pedir-lhe que aceitasse o encargo de arbitro supremo para

dirimir a disputa com o Brasil, explicando que o governo argentino já havia feito igual pedido á Inglaterra e aos Estados Unidos, mas que os argentinos agora a todos preferiam o Grande Bolivar... Por fim, nem mais o deixavam socegado, nem quando saía. Tendo de ir a Chuquisaca, foram tambem com elle os emissarios; e pelo caminho, nos pernoites, á hora das refeições, a todo instante, iam clamando contra o Brasil, contra as ambições de D. Pedro, contra o terror que o Imperio a todo o mundo inspira. Não trepidavam por ultimo em fazer sentir a Bolivar quanto seria facil *a conquista do Brasil*, com o qual poderia elle corôar-se com a mais brilhante gloria de toda a historia humana (pagina 494)...

Num certo momento, “vendo os plenipotenciarios, diz O’ Leary, *que era já inútil* insistir mais em attraí-lo ás vistas politicas de Buenos Aires, propuzeram-lhe então celebrar um tratado de alliança offensiva e defensiva entre o Prata e a Bolivia contra o Brasil, reproduzindo em apoio deste novo projecto os mesmos argumentos de que se haviam valido para seus anteriores designios (pag. 494)”. Bolivar ainda uma vez disfarçou, promettendo submeter o projecto ao Congresso boliviano e “acompanhou esta promessa, diz maligno o autor das *Memorias* dando-lhe as mais fagueiras esperanças”... “Los plenipotenciarios, sin embargo reforza-

ron su empeño con insinuante dialéctica, alegando que nada era más compatible con los intereses de ambos países, que una alianza estrecha que los pudiese à salvo de la usurpación de un vecino ambicioso. Unidos por fraternales lazos y amenazados de unos mismos peligros, permaneciendo divididos se expondrían à ser preza del enemigo común; mientras que juntos, serían poderosos y se hacían respetar. Su común admiración al Libertador era otro lazo de mutua fraternidad. Qué podría, pues, contrariar ó impedir la formación de una unión federal llamada boliviana? También él, le decían, y sólo él debía presidir las nuevas repúblicas que había emancipado del yugo colonial y levantado à la dignidad de naciones independientes. Tales eran los argumentos con que trataba el general Alvear de ganar el asentimiento del Libertador en favor de los miros de su gobierno, y presentábalos cada día bajo faces más lisonjeras, encareciéndolos con el celo propio del cortezano ansioso de lograr su objeto (pagina 495". Não satisfeito com tudo isso, o general Alvear, antes de despedir-se, pediu confidencialmente a Bolívar que lhe respondesse por escripto a um questionario que lhe dirigiu. Póde imaginar-se o que seria esse questionario só pela quinta e ultima questão assim formulada: "Se antes de poder-se concluir este (refere-se a um tratado de alliança entre Bolivia e Argenti-

na), precisasse o Prata de um corpo de tropas *para empregá-lo em reivindicar a Banda Oriental, OU PARA QUALQUER OUTRO SERVIÇO, poderia ou não o Libertador fornecê-lo?* (pag. 497 e seg.)”. Bolívar levou a sua paciência até responder a taes quesitos, mas declarando que o fazia *sem nenhum character official*. Quanto ao ultimo questionario, escreve O’ Leary: “Acerca da ultima pergunta, explicou-se Bolívar com a maior candura. Disse em primeiro lugar que carecia de autoridade para dispôr de um só soldado contra o Imperador do Brasil... Em segundo lugar, se precisassem de tropas auxiliares para *outro qualquer serviço* (o gripho é do proprio O’ Leary), estaria prompto com muito prazer...” Explica, então, o autor das *Memorias* (pag. 500): “Esse *outro serviço* era a invasão do Paraguay, onde se achava Bompland, amigo de Bolívar, preso em uma masmorra.”

E conclue O’ Leary os capitulos relativos á já agora famosa missão argentina com estas palavras bem significativas (pag. 507): “Mais tarde teve Bolívar sobeja razão para estar bastante satisfeito com o procedimento circumspecto que tivera no tocante ás dissensões do Prata e do Brasil.”

O CASO DE MARTIN GARCIA

Factos ha no dominio da nossa diplomacia que só por si dão idéa da situação em que nos encontramos no continente e das condições em que vivemos com os nossos vizinhos: sabe-se, por exemplo, que a ilha de Martin Garcia é a chave de toda a bacia do Prata, desde muito sujeito ao regime de livre navegação, e, no entanto, não se apercebeu até agora o país de que com semelhante *statu quo* não se compadece a propriedade de um territorio que de um momento para outro póde trancar-nos o transito fluvial para o nosso longiquo Estado de Matto-Grosso. .

O Imperio defendeu algumas vezes a neutralização daquelle posto, enquanto a Republica nunca cogitou do assumpto. Nos tempos da guerra da Cisplatina chegou Pedro I até a exigir, como unico meio de garantia para as fronteiras do Imperio, a posse daquelle sitio. Estavamos naquelles tem-

pos em luta aberta com as Provincias do Prata, que se haviam envolvido no caso da Cisplatina. Mandou Rivadavia ao Rio de Janeiro a desastrada missão Manuel José Garcia. Fez este aqui, em 24 de Maio de 1827, mediante os bons officios do ministro inglês Robert Gordon, um accordo que foi repellido violentamente em Buenos Aires. Nessa occasião, escreveu o Imperador, do proprio punho, na minuta das condições que entregára ao nosso ministro de Estrangeiros, Marquez de Queluz, esta clausula, sob o n. 6: "Entregará (o governo das Provincias Unidas), a ilha de Martin Garcia, de que o Imperio necessita para melhor segurança de suas fronteiras e de sua tranquillidade." E explicava o reclamo: "Não precisamos de mais extenso terreno; mas o governo brasileiro tem a maxima obrigação de precaver o territorio nacional de injustas invasões; e para esse fim é que servem bem escolhidos pontos em suas fronteiras; e nem o governo de Buenos Aires, na situação em que se acha (guerra externa e guerra civil), póde dar a Sua Magestade garantias relativamente á possibilidade de novas aggressões." Bem boas razões andava o governo Imperial sentindo naquelle momento para semelhante exigencia. A ilha em questão, além de artilhada, servia de base ás proprias operações da esquadra do almirante Brown. Mas naquelle instante nada se fez. O plenipotenciario Garcia pon-

derou que o governo de Buenos Aires por sua vez precisava da ilha *para objectos pacificos*, e accedeu apenas em consignar no frustado convenio a clausula de que Martin Garcia *seria reposta no statu quo ante bellum, retirando-se della as baterias e demais petrechos*. A convenção de 24 de Maio de 1827, não foi ractificada pelo governo de Buenos Aires, graças á opposição dos inimigos do presidente Rivadavia, que fulminavam o ajuste como degradante para os brãos nacionaes. Quer dizer: os argentinos conservaram a posse da ilha e não se julgaram na obrigação de desguarnecê-la.

No anno seguinte, em 1828, vêm ao Rio os plenipotenciarios Guido e Balcarce, e o Imperador teve de conformar-se com a paz que instantaneamente lhe impunham. Assignou-se, emfim, o tratado de 27 de Agosto daquelle mesmo anno. Pois bem: não se sabe explicar como é que uma só palavra não figura nesse acto em relação a Martin Garcia! É de crêr que o proprio D. Pedro I, indignado com as impertinencias do partido exaltado que o molestava, resolvesse abandonar o caso n'um convenio que o forçavam a admittir. Passam-se mais de vinte annos, durante os quaes ficaram os argentinos na posse da ilha, exercendo ali todos os actos de soberania, armando-a ostensivamente, e fazendo della, como já havia feito contra nós, base de operações contra o Estado

Oriental. Tivemos também de entrar no conflicto de 1851 e, então, nos convenios celebrados para a acção do Imperio contra Rosas, em 12 de Outubro de 1851, inseriram-se clausulas relativas á questão, e nestes termos: “Reconhecendo as altas partes contractantes que a ilha de Martin Garcia, pela sua posição, póde servir para embaraçar e impedir a livre navegação dos afluentes do Prata, em que são interessados todos os ribeirinhos, reconhecem igualmente a conveniencia na neutralidade da referida ilha em tempo de guerra, quer entre os Estados do Prata, quer entre um destes e qualquer outra potencia, em utilidade commum, e como garantia de navegação dos referidos rios.” E concordáram em “oppôr-se, por todos os meios, a que a soberania da ilha de Martin Garcia deixe de pertencer a um dos Estados do Prata, interessados na sua livre navegação” e em “solicitar o concurso dos outros Estados ribeirinhos”, para obter-se que o governo soberano da dita ilha “consinta na sua neutralidade em tempo de guerra, bem como nos estabelecimentos que forem necessarios para segurança da navegação interior de todos os Estados ribeirinhos.”

A Argentina, no tratado de 6 de Março de 1856, art. 10, admittiu solemnemente o mesmo preceito, de modo que se funda em tratados com as duas republicas (a do Uruguay e a Confederação Argentina), a per-

feita neutralidade de Martin Garcia e a livre navegação de toda a bacia do Prata, occorrendo ainda que a França, a Inglaterra e os Estados Unidos ficaram comprehendidos entre as nações a que aproveitam as garantias do citado tratado. “Em face das mencionadas disposições, escreve um dos nossos internacionalistas, fica evidente que o governo imperial, sem prejudicar a questão do direito a posse da ilha de Martin Garcia, direito que aliás tem sido, com justo argumento, reclamado pela Republica do Uruguay, visto como, pela sua posição, pôde ella ser considerada como uma adherencia do territorio Oriental, a qual tão proxima se acha que os fogos de suas baterias facilmente o alcançam, ajustou solemnemente com as referidas republicas, unicas que pretendem o dominio da ilha, a sua neutralidade em tempo de guerra.” Ora, a despeito do tratado existente, continuam os argentinos senhores absolutos da ilha, fortificando-a á vontade e sempre que lhes convém, e tendo até estabelecido ali uma estação naval. Em 1858, o governo de Buenos Aires armou a ilha contra as outras provincias da Confederação, não obstante haverem a Republica Oriental e o Paraná protestado contra tal medida. Os dois governos solicitaram o concurso do Imperio para obrigar a dictadura portenha a cumprir os tratados vigentes na parte relativa á neutralisação da ilha, tendo nessa occa-

sião o ministro argentino declarado, em nota de 9 de Agosto de 1859, “que reputaria a tolerancia do armamento como um abandono da obrigação contrahida pelo art. 18 do tratado de 7 de Março de 1856, e que se por tal abandono a Confederação fosse obrigada a atacá-la e a occupá-la a preço de sangue se julgaria autorisada a conservá-la e a servir-se della livremente, como melhor lhe conviesse.” O governo do Rio de Janeiro protelou a solução do caso e foi até tratado com desdem pelo de Buenos Aires. Significa isso que o Imperio abriu mão de uma vantagem e de um direito que estavam conquistados, pois renunciára á sua autoridade para exigir a neutralisação da ilha, de accôrdo com sollemnes ajustes diplomaticos. “O governo imperial, escreve Pereira Pinto, dando de mão nessa data ao mais azado ensejo de firmar pacificamente a regra pratica e invariavel a seguir na questão vertente, porque sua interferencia era requerida pelos dois Estados com que contractára a neutralisação da ilha de Martin Garcia, em tempo de guerra, abraçou um arbitrio vago e collocou-se em um meio termo *officioso* que desagradando os referidos Estados, não foi apreciado, antes foi repellido com desdem pela propria cidade de Buenos Aires, a quem aliás tão inexplicavel alvitre assás favorecia.” “O abaixo assignado, dizia o ministro dos Negocios Estrangeiros do Brasil, na importante nota

de 12 de Setembro de 1859, tendo levado ao alto conhecimento de Sua Magestade o Imperador o convite que o sr. Arredondo dirigiu em nome do seu governo, recebeu ordem para manifestar-lhe que o governo imperial, comquanto *não se julgue autorizado*, por virtude das estipulações internacionaes exaradas em as notas do sr. Arredondo, applicadas pelo modo solicitado a empregados meios coercitivos para obrigar Buenos Aires a desarmar a ilha de Martin Garcia, pois que a *tanto* não se elevam os effeitos das estipulações celebradas com a Confederação Argentina, em 7 de Março de 1856, todavia apreciando devidamente o alcance dessas estipulações internacionaes invocadas em as notas do Sr. Arredondo, e reconhecendo que o armamento da ilha de Martin Garcia poderia attrair para ali as hostilidades que prejudicassem a navegação e o commercio dos neutros, julgou conveniente empregar todos os meios suasorios para *convencer* ao governo de Buenos Aires das vantagens da neutralisação da dita ilha, etc.” “E, pois, quando os governos oriental e argentino interpellaram o do Imperio para a mantença de uma clausula de solemnes tratados em que eram partes, o gabinete imperial assumia o papel de *medianeiro* nas questões de neutralisação e desarmamento da ilha, sem antever as complicações mais sérias, talvez que a intervenção franca a que lhe davam

jús os pactos vigentes, que dessa officiosa mediação poder-lhe-iam vir, firmando por outro lado *contra si*, no futuro, em uma hypothese, em que lhe fosse conveniente a neutralisação da ilha o principio de que não lhe cabia o direito de exigir essa neutralisação. Felizmente que a paz celebrada em Novembro de 1859, entre a cidade de Buenos Aires e as outras provincias da Confederação, conjurou os perigos da referida mediação, sem dar todavia um desenlace á questão do armamento da ilha. Daí resultou que a estipulação da neutralidade da ilha de Martin Garcia, que era liquida pelos tratados, e que na primeira occasião que, depois da sua celebração, devera ser religiosamente executada, entrou em uma nova phase, e constituiu-se em estado de duvida”. Em 1863, é a republica do Uruguay que levanta de novo o caso, fazendo questão de que a Republica Argentina abrisse mão do armamento de Martin Garcia, e, neste sentido, em nota de 12 de Fevereiro de 1864, pediu ainda o concurso do governo imperial. O gabinete do Rio de Janeiro confirmou a deliberação anterior, isto é, observára que “pelos tratados *não se impedira nem se permittira o armamento da ilha.*” Tal modo de vêr, consequente com a opinião do protocollo de 12 de Setembro de 1859, é erroneo em absoluto, porque não pôde uma nota de chancellaria derrogar um tratado. O que se estipulou no

citado art. 18 do tratado de 7 de Março de 1856, não se pôde considerar com um simples *voto* e um *accordo*, como pretendia o governo Imperial: é um preceito solemne, é lei internacional e creou direito. Esse direito vigora até hoje, pois o referido tratado, ao que nos consta, não se revogou ainda. Dest'arte, a neutralidade em tempo de guerra e como consequencia o não armamento da ilha de Martin Garcia é uma obrigação incontroversa, decorrente dos tratados de 1851 e 1856, pertencendo, portanto, ás partes contractantes o direito de exigirem reciprocamente a não violação dessa neutralidade.

O ultimo conflicto que tivemos no Prata foi com o Paraguay. Nesse prélio, foi nossa alliada a Republica Argentina, e, no empenho da luta contra o inimigo commum, ninguem se lembrou de que havia um convenio sem ser cumprido. Já andava, aliás, accessa a guerra contra Lopez, quando o conselheiro Pereira Pinto, um dos nossos diplomatas de mais larga visão nos tempos do Imperio, chamou pela imprensa da côrte a attenção dos poderes publicos para o caso: "A nossa politica externa, escreveu elle então no opusculo *Estudo sobre algumas questões internacionaes*, precisa ser estudada assás acuradamente; ha muito que restolhar nas lições do passado, para que marchemos desempeçadamente, e não commettemos tão graves erros no caminho do presente; preparando

outrosim para os vindouros a estrada do futuro, livre dos embaraços que nos tem sido mistér profligar. Altos interesses se debatem actualmente nas regiões do Prata, e a attenção do Imperio deve volver-se com a maior solicitude para o desenlace de uma luta, que póde ser apenas uma tregua, se a energia dos nossos estadistas, apoiada no voto da nação, e nos argumentos do nosso bom direito, não se fizer corajosamente sentir, no momento da paz." Esse momentó de paz era, sem duvida, o do Imperio com a Argentina, mas, nem a attenção do Imperio, nem a da Republica, despertaram com o aviso do esclarecido patriota, que ficou até hoje letra morta. Aproveitando-se daquelle "momento de paz", os argentinos cuidaram de prever a possibilidade de algum "momento de guerra", e armaram definitivamente Martin Garcia, como nossos bons e sinceros alliados. Á vista de todo mundo, o Congresso de Buenos Aires votou um credito de 400.000 pesos ouro para compra de canhões, afim de continuar-se ou concluir-se o armamento da ilha famosa. A imprensa brasileira accordou e, dando o alarma, assignalou a estranheza do procedimento argentino, no instante em que eramos seus alliados, sendo justo lembrar a acção intelligente, energica e patriota de José Ave-lino Gurgel do Amaral, cujos artigos foram reunidos em 1869, num opusculo intitulado *Questões do Rio da Prata*, hoje rarissimo.

“A mercê de nossa vigilante diplomacia, escreveu elle então, Lopez armou-se, fez-nos por si só guerra tal, que os nossos consideráveis recursos ainda não poderam levar á seu termo: a Republica Argentina trabalha activamente para erguer nos barrancos de Martin Garcia novos Itapirús, Curupaitys ou Humaytás.”

A questão da neutralidade e desarmamento de Martin Garcia é um assumpto que merece a attenção dos nossos dirigentes. O governo imperial não lhe deu solução, ao contrario, comprometteu-se ineptamente, e a Republica, como o Imperio, entendeu que o mesmo devia fazer. Na verdade, não se explica, portanto, essa desidia em que anda ha quasi 70 annos a nossa chancellaria não exigindo a execução de tratados que se relacionam muito intimamente com a defêsa nacional. E, desde que entre a Argentina e o Uruguay não está dirimida a questão da posse de Martin Garcia e que a Argentina transformou a ilha em praça forte, porque não se aproveita essa circumstancia para reviver o caso da neutralização da ilha, nos termos dos ajustes de 1851 e 1856? Esse menospreso pelos altos interesses da nacionalidade não deve permanecer, porque constitue um crime de lesa patria, e poderá, porventura, trazer-nos dissabores, provações e amarguras, agora que estamos separados daquelles nossos valorosos e leaes vizinhos.

RESPONSABILIDADE DA GUERRA CON- TRA O PARAGUAY

É talvez o livro mais curioso, entre os publicados sobre o Paraguay dos Lopez, o do illustre escriptor espanhol D. Ildefonso Antonio Bermejo, sob o titulo de *Republicas Americanas — Episodios da vida privada, politica y social en la Republica del Paraguai*, e do qual se fez uma segunda edição em 1908, na cidade de Assumpção, capital daquella Republica.

Convém, antes de tudo, saber-se a historia do escriptor. Foi em Paris que D. Ildefonso Bermejo conheceu o segundo Lopez, por 1853 ou 1854. Achava-se ali Francisco Solano como ministro plenipotenciario do pai, Carlos Lopez, junto de Napoleão III. Não sabe D. Ildefonso bem porque o representante paraguayano tomou rapidamente por elle grande affeição. Vendo a vida mo-fina que Bermejo levava em França, propoz

Francisco Solano ao amigo uma visita á ainda lá na Europa mysteriosa Republica, de que o pai era mais do que senhor absoluto. Assegurou-lhe mesmo que no Paraguay encontraria elementos para se tornar dentro de pouco tempo muito rico. Explicou ainda Solano que a sua insistencia nascia do desejo de ter Bermejo como seu auxiliar para as reformas que ia emprehender no Paraguay, assim que succedesse ao pai no Governo da Republica. D. Ildefonso, que estava realmente em situação precaria em Paris, deixou-se mover e resolveu partir para a America. Munido de uma carta de Solano para o Presidente Carlos Lopez, vem D. Bermejo desembarcar em Assumpção, em Fevereiro de 1855. Não nos diz com clareza quaes os serviços de que o encarregaram no Paraguay, nem coisa alguma quanto aos cabedaes que pudesse ter ali ajuntado. Só se sabe que D. Ildefonso passou ali uns cinco ou seis annos, pelo que parece, mais estudando as coisas do país do que servindo á dictadura ominosa de Carlos Lopez. Em todo o caso, é elle proprio quem nos diz que em cinco annos a "Republica mudou de physionomia", e até que teria prosperado mais "se Francisco Solano não tivesse querido continuar o procedimento dictatorial do pai". É interessante o que nos conta ao fechar o livro.

Diz Bermejo: "Quando falleceu Don Carlos Antonio López (em 1862), tinha a

Republica um arsenal, onde se construíam navios, e até vapores (!); a administração estava regularizada; havia mais benignidade na presidencia; seu poder não era tão onímodo; havia escolas, um seminário, aulas de latinidade; possuía fortalezas guarnecidas de canhões modernos; o exercito era numeroso e bem disciplinado; e só assim se explica como pôde o Paraguay resistir a uma guerra tão prolongada e sangrenta contra tres alliados poderosos, o Imperio do Brasil, Buenos Aires e Montevideo. Succedeu ao General Francisco López, o que eu lhe prognosticára.

— Vou-me embora do Paraguay — disse-lhe eu.

— Mas que ingratidão! — respondeu-me. Eu o trouxe ao Paraguay. V. foi um leal amigo de meu pai, e na aurora do meu Governo é que V. me abandona!...

— General — respondi-lhe: quando V. succedeu a seu pai, acreditei que V. ia fazer o que me havia promettido — dar mais ensanchas ás idéias. Vejo, no entanto, que V. é mais oppressor do que seu fallecido pai.

— *Sou um soldado* — disse-me elle; *e tenho de declarar a guerra ao Brasil. É necessario dar uma lição ao Imperio para que as Republicas vizinhas me respeitem.*"

Sublinhamos essas palavras; e como é natural que o assombro que ellas devem causar a *certos dos nossos espiritos*, venha de

misturar com alguma incredulidade, ou mesmo suspeita contra a fidelidade com que as damos, queremos transcrevê-las do proprio original castelhano:

— “Soy un soldado, me dijo, y tengo que declarar la guerra al Brasil. Es necesario que las Republicas vecinas me respeten dando una lección al Imperio.”

Prosegue D. Ildefonso Bermejo.

“General — respondi-lhe — se todas as Republicas se unissem para aquietar o espirito absorvente do Imperio, ainda eu approvaria a guerra. Mas é o contrario o que vae succeder. Os Estados vizinhos hão-de ver com sympathia esta luta; e por maiores elementos que V. tenha para resistir, o Brasil queimará até o ultimo cartucho, e por fim terá V. destruido em pouco tempo os bens alcançados em tantos annos de perseverança. Não desejo eu ser testemunha da ruina total do Paraguay.

— Peço-lhe que não vá — disse-me.

— Não declare V. a guerra ao Brasil, e eu ficarei — respondi-lhe.

— Não pôde ser, Bermejo — rebateu-me. Se deixei que meu pai firmasse a paz, é porque eu queria ter a gloria de mostrar ás Republicas vizinhas que basta o Paraguay para derribar aquelle colosso. (No puede ser, Bermejo — me contestó. Si he dejado que mi padre firme la paz, es porque yo queria tener la gloria de mostrar á las Republi-

cas vecinas que el Paraguai se basta para derribar á ese coloso.)

— General — disse-lhe eu apertando-lhe a mão — não quero vê-lo derrotado. Vou-me embóra.

“Quinze dias depois — conclue Bermejo — nos davamos o ultimo abraço.”

(E aqui, entre parentese, diremos ao escriptor espanhol — que fez muito bem saindo dali: se tivesse ficado, quem sabe lá como teria pago os abraços do *amigo*...).

Eis ahi o enfermo, o typo lombrosiano com que o Brasil teve de avir-se, e num momento da sua historia em que precisava de paz e serenidade para cuidar, como ia cuidando, de organizar a sua economia interna, e depois da phase anormal que tinham vencido as instituições. Mas Francisco Solano López não é apenas o que as palavras do Dr. Bermejo nos dizem. Elle pertence a essa numerosa e funesta familia de criminosos natos que atormentaram as populações espano-americanas no doloroso periodo da sua formação nacional, e que deixaram as paginas mais negras na historia do continente. Tem razão um autor dos nossos dias, quando escreveu que a guerra do Paraguay não é mais que o incidente mais grave daquella phase afflictiva em que se debateram os povos platinos, principalmente, durante o curso da sua respectiva organização politica. “O espirito de caudilhagem foi o grande vi-

eio que se gerou entre aquelles povos assim que se viram livres da tutela colonial, como se não pudessem sair de uma senão para entrar em outra escravidão. As grandes dictaduras imperialistas não foram por ali senão verdadeiras extensões do caudilhismo. López e Rosas são chefes de caudilhos. Urquiza, Oribe, Artigas, Rivera, Quiroga, Flores, Aguirre, Carrera e tantos e tantos, com um pouco mais de exito, teriam igualmente chegado ás pompas do imperialismo. Enquanto tinham causa interna, limitavam-se os caudilhos a pôr-se em competição uns com os outros e a trazer em afflicções e amarguras a pobre humanidade que ficava a seu alcance. Lutavam, até que um dos contendores fosse eliminado. E, então, o sobrevivente victorioso não via mais nada, mais ninguém, mais lei alguma, nem principio diante de si: era soberano em pleno deserto de almas. Fundado o seu imperio no interior, ia lançando as vistas para mais longe; as suas ambições iam ultrapassando as fronteiras, para além das quaes ha sempre condições de successo aproveitaveis. Particularmente, para o caudilho platino, todas as provincias que haviam contistuido o antigo vice-reinado de Buenos Aires eram um magnifico theatro de façanhas. Em toda parte sentia-se elle na mesma patria. Tudo era terra e coisa sua. Como em toda parte a situação de desordem ou de miseria é a mes-

ma, nada mais natural do que continuar, pelos mesmos processos, a fazer cada caudilho a sua obra na provincia vizinha, como se estivesse na sua propria. Essas sinistras figuras representativas felizmente não foram muitas; e por isso mesmo é que não custou ainda mais normalizar, pela ordem interna em cada país, a paz internacional no sul do continente. Acabados os grandes caudilhos, acabaram-se tambem no Prata todas as complicações da natureza daquellas que custaram mais de meio seculo de amarguras para aquelles povos.”

O mais completo entre esses sacrificadores de homens foi Carlos López. O vulto sinistro desse homem tem de fixar-se na historia da America só emparcerado com o de Rosas, mas muito mais accentuado do que este, se é possível; e, portanto, como a mais absurda alma damnada e mais impia entre as que mais offenderam a natureza humana nesta porção do mundo. Nem ha, para caracterisá-lo outra phase, outra palavra senão aquella que saiu dos labios da propria irmã diante do cadaver delle em Aquidaban: *monstro*. Ainda assim é preciso accrescentar-lhe alguma coisa para que o termo se lhe ajuste: foi um *monstro sem igual na historia*. Sim. Porque houve já Denys, e Neros, e Ivans, e Copronymos, e Attilas, e Francias debaixo do sol, mas nenhum desses é comparavel sequer ao reprobado do mun-

do que deixou todos os dias da sua vida como um longo rastilho de sangue a assinalar-lhe a trajectory. Nenhum daquelles outros monstros criou scenas como a do Tebiquary e como aquellas outras em que foi marcado de mortandades horriveis a sua fuga de demo para o inferno. Quem já fez na terra o que López praticou com os proprios irmãos, e que só não tentou com a propria mãe porque a espada de Chico Diabo destruiu, não o coração — que o sacrilego não tinha — mas a bolsa de fél com que o animal nefando pôde envenenar toda uma época afogando tantas vidas? E não é dizer que o sacrificador victimasse para punir, como fizeram os seus emulos na maldade e no crime. López matava por volupia de sangue. Torturava indefesos innocentes por gula de espectaculos infames. Nunca ninguem gozou de soffrimentos como elle. Quando um general não vencia e lhe ficava longe das mãos assassinas, fazia matar a mulher e os filhos. Não tinha nenhuma noção de justiça; e era em absoluto avesso a sentimentos de piedade. Tendo-se apoderado perfidamente do inditoso Coronel Carneiro de Campos, submetteu-o aos maiores martirios, vexames e provações que se não encontravam na historia dos monstros communs. Prendeu o misero a um cêpo no pateo do quartel — nú, agrilhado, algemado, ao rigor do tempo, e só recebendo o alimento indispensavel para

que supportasse as torturas. Ao perverso Carrera, o oriental que se fôra refugiar junto del-
le quando teve de sair de Montevideo — per-
verso, mas seu hospede e seu servidor dedi-
cado — a este fez primeiro cortar a mão di-
reita, naturalmente para puni-la de lhe ha-
ver escripto os manifestos ao mundo, quer
dizer — as diatribes assacadas ás nações vi-
zinhas... Que haviam feito, que culpa ti-
nham essas pobres victimas daquella vesania
homicida? Carneiro de Campos tinha o gran-
de crime de ser brasileiro e ter sido nomea-
do Presidente de Matto-Grosso... A culpa de
Carneiro era ainda maior: duvidára um mo-
mento de uma victoria que o scelerado con-
tava como certa... Mas López era perfeita-
mente louco até como homem de guerra. Pa-
rece que os seus absurdos não são propria-
mente erros, mas planos destinados só e só
a sacrificar vidas humanas, pouco se impor-
tando elle com o revéz da propria causa.
Para atacar o Brasil, pede á Argentina que
lhe abra passagem pelo seu territorio; e
como o Governo de Buenos Aires lhe dá a
mesma resposta que transmittira ao Brasil,
o desastrado manda invadir Corrientes e apo-
dera-se da provincia, levantando contra si
como inimigo um Estado que até parecia nu-
trir por elle alguma sympathia. É isto de
homem politico? Incontestavelmente é de
um barbaro desassisado.

Eis ahi o homem com quem o Imperio

tem de entender-se para assegurar a ordem internacional na Sul-America. Pensam muitos que é só o Imperio que se insurge contra López, e só porque elle era o chefe de uma *republica* (chegam muitos, até brasileiros, a dizer — *chefe de uma democracia!*) e o Imperio era aristocratico! Mas é exactamente contra ás Republicas vizinhas que mais se acirravam os odios daquelles dictadores do Paraguay!... Esses odios eram ali tradicionaes, vinham desde a independencia daquella antiga provincia. Francia foi a féra no seu covil, retrusa e de olhar de morte accendido para o mundo, mixto de demonio e de furia. Para este o Paraguay era um país fechado a todas as creaturas que não fossem de seu rebanho de bestas. Um estrangeiro que por ali chegasse — fosse europeu, fosse americano, fosse até argentino — estaria perdido para toda a vida. O sabio Bompland foi apanhado; e não bastou a intercessão de Bolivar para o libertar. Mas não se sabe se Francia teria odiado tanto os vizinhos como o atrabiliario Carlos López. Este parecia-se mais com um Satan descerebrado, ou conservando do encephalo só a bossa do rancor estúpido e brutal. Nos proprios papeis officiaes não dispensava este o seu signal, como se quizesse trazer o povo sempre avisado do dia que vem. Todos os papeis que saíam de repartições publicas traziam no

alto estas palavras: *Muera el asqueroso e immundo Rosas! Muera el traidor Urquiza!*

E como o que desejamos mostrar nestas linhas é o que foi a acção do Brasil no convívio sul-americano, e principalmente na politica desta parte do continente — aproveitaremos logo o ensejo de dar neste ponto o que era a civilisação do Paraguay, no momento da guerra. Basta este documento, anterior de alguns mezes á investitura de Solano Lódez, para suggerir uma idéia das condições civis em que se vivia por ali ainda em meados do ultimo seculo. O documento é o seguinte, e é excusado lembrar que tudo quanto aqui se prescreve em relação a estrangeiros era rigorosamente usual entre a população do país. Apenas para a gente de casa não era preciso dar por decreto o que já estava nos costumes. Eis aqui: “*Viva la Republica del Paraguay! Muera el asqueroso e immundo Rosas, titulado presidente de la federacion!... Muera el traidor Urquiza!* — Como Presidente de la Republica del Paraguai, ordeno y mando: Todo extranjero, al entrar en los dominios de la Republica, observará las disposicion es siguientes: 1.^a *Se descubrirá respetuosamente siempre que passare por delante de una centinela en fación;* 2.^a *Tan pronto como haya oscurecido, no podrá recorrer las calles de la población sin llevar linterna con luz.* 3.^a *Cuando montare á caballo no podrá galopar por la población.*

4.^a *Si dentro ó fuera de la población encontrase al jefe supremo del Estado, si el transeunte fuera á pé, hará alta y se descubrirá; si á caballo, se apeará y usará de igual cerimonia.* 5.^a *Las multas en que incurrieren los contraventores de esta órden se satisfarán conforme á tarifa constante en el Departamento de Policia."*

Parece que nada mais é preciso para caracterizar aquella tyrannia que o Imperio vae destruir. Os que se tem occupado da guerra só com o intuito deliberado de deprimir o antigo regime, só não se lembraram ainda de assignalar as origens do conflicto. O mais que fazem é attribuí-lo a intuitos imperialistas do Brasil... Mas, nem era necessario argumentar ou discutir: seria bastante ver os factos e sentir delles directamente a verdade. Se o Imperio tinha, com effeito, taes desgnios, nada mais facil, para o demonstrar, do que indicar as vantagens e os proveitos que elle, victorioso, auferiu da victoria. Nem ao menos o seu prestigio, ou a influencia que porventura passou a exercer no Paraguay, saio da guerra maior do que tinha sido antes della. Já não se fala em proveitos materiaes, que é muito facil saber quaes foram para o Brasil. Em consciencia, portanto, de boa fé e sem intuitos subalternos, não é possivel que haja quem affirme que a responsabilidade da guerra compete ao Brasil. Ella foi para nós uma imposição

do destino, ferido do espirito do mal, e affrontado da loucura e perversidade de um homem. É só Francisco Solano López o responsavel da guerra; é exclusivamente quem ha-de na historia carregar com o peso do grande crime, cujas consequencias envolveram quatro povos do continente, e até hoje lhes pesam na vida.

Logo que succedera ao pai (em 1862), cuidou elle de pôr em pratica os planos politicos que o preocupavam desde muito. Quaes eram esses planos? Pelo menos o que se descobre no primeiro exame é exactamente aquelle que continha em si todos os outros, e que veio lançá-lo nos azares da guerra. Sabe-se que López voltára da Europa trazendo o espirito mais aberto e a ambição de gloria mais dominante. Tem-se até vontade de ir adivinhando e surprehendendo o que andava no fundo daquella psychologia de anormal. Começou elle por um despeito irreprimivel contra as Republicas vizinhas e contra o Imperio, que desdenhavam (na sua falsa e enferma visão) o Paraguay, por ser pequeno e por ter até então andado estranho, numa posição humilhante, entre as Republicas sul-americanas. Desse despeito nasceu tudo. Tomaria a si fazer o Paraguay grande, poderoso, illustre. Para isso era preciso abrir caminho para o mundo. Chegar ao oceano, ter litoral maritimo, ter portos no Atlantico — é o vasto e immenso proje-

cto que se géra no espirito trefego, leviano, infantil, daquelle homem. No seu entender, os outros povos que vae affrontar não sabem ver, nem possuem hom̃ens de genio que lhe descubram a astucia e sejam capazes de burlar-lhe os intentos. Só elle estava formidavelmente aparelhado para uma campanha de reconstrucção politica, economica e geographica da America do Sul. Entre os povos desta porção de continente não ha nenhum que seja capaz de resistir-lhe aos golpes certos que pretende vibrar. O proprio Imperio, na guerra contra Aguirre, acaba de mostrar quão mediocre é o seu poder militar. Quanto á Argentina e ao Uruguay, nem se fala: são nações desorganizadas á espera do primeiro que se disponha a falar-lhes alto.

Eis ahi o que estava no pensamento de López. Até certo ponto, explica-se a illusão em que elle andava. Para um animo absurdamente exaltado como o d'elle, havia, não ha duvida, muito de verosimil nos planos que formulava. Realmente, se a esquadra do dictador tivesse vencido em Riachuelo, que teria elle feito no Prata? Nem os uruguayos tinham esquadra, nem eram capazes de resistir a nenhuma investida, pois nenhum desses povos contava com fortificações de defêsa, nem possuíam um unico vaso de guerra que pudesse enfrentar qualquer das unidades navaes de que López dispunha. Que teria então acontecido se o dictador tivesse trium-

phado em Riachuelo? Nada mais simples de prever com toda segurança. Senhor do Paraná e do Prata, teria elle tomado conta de Buenos Aires e de Montevidéo: e dali dictaria leis em todas as provincias do antigo vice-reinado. Para sentir-se bem como isso lhe seria facil, basta não esquecer que, tanto na Banda Oriento como na Argentina, tinha elle numerosos agentes e até um partido que lhe não repugnava os propositos, porque elle falava sempre em *união platina*, o sonho que por aquelles tempos andava a escalear tantas cabeças. Ainda que não conseguisse travar politicamente ás antigas provincias (cada qual á mercê dos seus caudillos), é indiscutivel que alguma coisa lograria a sua ambição, ao menos no sentido de assegurar de qualquer modo o seu trecho de litoral oceanico. E estaria elle com o seu programma victorioso. Depois, tudo o mais lhe seria possivel e facil. Mas López se enganava redondamente apenas num ponto em que os seus calculos peccaram pela sua inverosimilhança: elle não contava com o Brasil ali, em Riachuelo, a embargar-lhe o passo. Tão despercebido do Imperio, e tão seguro do exito da sua esquadra estava López, que veio pôr-se em Humaytá, de pé a bordo, para descer o rio no dia 12 de Junho e vir desembarcar em Buenos Aires, assombrando o mundo. Foi o seu grande erro: não esperava o Imperio pela frente, e

em Riachuelo morrera a sua causa, graças ao Brasil. Dali por diante vae de recúo em recúo, até Lomas Valentinas; e a partir de Lomas Valentinas já não fazia mais guerra — agonizava, ou, antes, prolongava a sua agonia, até o epilogo de Cerro Corá...

Sabe-se em que condições estava o miserero povo paraguayo, no fim da guerra. Quando, ao mesmo tempo que se fazia a campanha das Cordilheiras, o nosso Ministro Paranhos tratava de reorganizar o Governo e a administração da terra sacrificada, não encontrou em Assumpção pessoas idoneas para os cargos politicos... porque o monstro tinha exterminado toda a gente mais culta do país!... Foi necessario esperar que voltassem do exilio os unicos homens que escaparam á sanha do dictador, para com esses constituir uma Junta Provisoria. E é assim que o Brasil andou pelo Paraguay levado pelo seu *imperialismo*? Que o digam os proprios paraguayos... e principalmente aquelles proprios que conosco estiveram em campo contra os desnaturalamentos do tyranno.

A BATALHA DE ITUZAINGÓ

Os historiadores argentinos registam a batalha de Ituzaingó como uma victoria dos seus exercitos, e não é isso de estranhar-se, quando se sabe que em relação ao Brasil contam sempre elles os successos como lhes convém. Não dizem que em Riachuelo foram as esquadras alliadas que venceram? Naturalmente, historiadores imparciaes não pódem ver com os mesmos olhos factos que estão relativamente a pouca distancia dos nossos dias, e a respeito dos quaes não faltam documentos insophismaveis e cabaes testemunhos. Entre os escriptores brasileiros que se têm occupado das guerras da Cisplatina, está o Barão do Rio Branco, cuja dupla autoridade é incontestavel. Bastaria este para desfazer todas as duvidas ácerca deste notavel acontecimento militar. Examinemos, pois, a questão, com absoluta isenção de espirito de quem não vê nella senão o interesse superior da verdade historica.

Antes de tudo, é necessario saber-se em que condições se vão encontrar naquella acção decisiva os dois exercitos — o imperial e o dos dois povos que se alliaram no momento. Sabe-se como a interferencia do Imperio na politica do Estado Oriental tinha sido util, e particularmente aos argentinos, no duro transe da sua emancipação. Nos instantes mais embaraçosos desse doloroso periodo, valeu-lhes, aos povos d'além do Prata, a intervenção do Brasil no Uruguay, o grande beneficio de reprimir a tyrania dos caudilhos, poupando assim aos patriotas de Buenos Aires os grandes males que soffriam dos Artigas se estes pudessem actuar desassombrados das nossas armas. É incontestavel, portanto, que o Imperio, isento em absoluto de espirito de conquista ou interesses subalternos, prestára aos povos platinos os maiores serviços. Ainda assim, no entanto, não se poderia justificar aquelle capricho com que o governo de D. Pedro I fez questão de manter a pösse daquella herança malaventurada que lhe deixára a insensata politica de D. João VI. O que vae acontecer agora (em 1825)), podia prever-se desde o dia em que se incorporára ao Imperio a Banda Oriental do Uruguay. Amparados pelos argentinos, insurgiram-se os uruguayos contra o Brasil. Essa insurreição encontrou applausos em toda a America, sem excluir até o Imperio. A guerra que as nossas

armas iam levar contra aquelle povo não podia ser mais antipathica aos nossos proprios olhos, pois a conquista do Uruguay por E. João VI fôra feita contra o sentimento dos brasileiros. Essa guerra vae correr, portanto, exclusivamente por conta de D. Pedro, tendo contra si o protesto moral da nação. Eis ali o primeiro factor da campanha infenso ás nossas armas: os soldados brasileiros iam ali a contra-gosto, certos de que não teriam motivo para ufanarse da sua bravura em sacrificio para elles tão pouco edificante. O segundo motivo não é menos valioso: é a situação em que se encontra o nosso exercito no sul. Quando Barbacena lá chegou, tudo estava numa completa desorganisação: as tropas em grande desanimo, sentindo a longa fadiga que as exaurira em muitos annos de marchas e contra-marchas, de recontros continuos com as patrulhas de independentes, que lhes não deixam descanso. Além do quebranto physico, o esmorecimento moral, que as refregas vinham produzindo, principalmente aquelle revés de Sarandy, que enquanto feria de desar o brio dos nossos militares, exaltava immenso o espirito dos adversarios. Outros muitos descontos têm de fazer-se ás condições em que vão combater as armas imperiaes. A antipathia pela guerra estava até no sentimento dos officiaes superiores que entraram na campanha, e ao ponto de se

ver, no momento da batalha, o nosso exercito privado do concurso de Bento Ribeiro e de Bento Gonçalves. Pela sua parte, não era Barbacena propriamente um homem de guerra. Nelle o diplomata sobrelevava em muito o militar. Naquelle missão, mais que o seu dever profissional ou a sua consciencia de brasileiro, inspirava-o o seu devotamento pessoal por D. Pedro — devotamento que mais tarde lhe proporcionaria os mais crueis desenganos. E para aggravar-lhe a tarefa, vinha ainda aquella posição incongruente e complicada em que o puzeram, dando-lhe como estrategista o marechal Brown. De modo que enquanto um planeava, como consultor de pessoa, ou como autoridade technica junto á suprema autoridade militar, ao outro competia transmittir as ordens convenientes, que só por elle podiam ser dadas ao exercito... Como poderia ser, pois, praticado similhante concerto?

Vem agora a importancia numerica dos dois exercitos que vão encontrar-se. Compunha-se o nosso de 6.338 homens, sendo de cavallaria (que nas guerras do sul foi sempre a arma de mais efficacia e de acção preponderante), apenas 3.734 e de artilharia 285. Daquelle total é preciso descontar o pessoal que estava empregado na guarda e conducção do parque, hospital, bagagens e cavalhada, e tambem os enfermos que tinham ficado em S. Gabriel: ao todo 700 ho-

mens, reduzindo-se, portanto, a 5.638 o numero de combatentes, 3.186 de cavallaria. Não se incluem ahi os 1.101 homens de cavallaria do coronel Bento Manoel Ribeiro. Essa brigada não entrou em fogo, pois na manhã do dia 20 de Fevereiro de 1827, achava-se em frente ao Passo do Imbú, a 6 ou 7 leguas do campo de batalha. Parece injustificavel o procedimento de Bento Ribeiro, pois, conquanto tivesse um dos seus piquetes avançados dado aviso, ás 7 da manhã, de que ouvia fogo de artilharia e fuzilaria na direcção do Passo do Rosario, em vez de accudir ao combate, ainda se afastou para léste, indo tranquillamente acampar á noite em frente ao Passo de São Pedro. Bento Ribeiro depois quiz justificar-se com grande energia, mas sem conseguir desfazer no espirito de todo o mundo a impressão de que foi elle o nosso Grouchi. Igualmente seria necessario abater ainda ao total das nossas forças a brigada de Bento Gonçalves, com a qual, como logo veremos, não se contou no mais activo da batalha. Contra o nosso exercito de 5.638 homens oppuzeram os alliados os seus 9.803 combatentes, assim distribuidos por armas: 7.644 de cavallaria, 1.674 de infantaria, e 485 de artilharia. Vê-se, portanto, que a cavallaria inimiga era tres vezes superior á nossa, e que a sua artilharia era quasi o dobro.

A todas essas vantagens do inimigo é

forçoso acrescentar ainda a mais valiosa de todas: as condições em que se trava a batalha. Como se sabe, os dois exercitos procuravam encontrar-se desde muitos dias. Conhecendo a direcção do inimigo, ao deixar São Gabriel, persuadiu-se o Marquês de Barbacena que ia elle fugindo precipitadamente para leste. Tanto era fundada essa presumpção que na praça abandonada se encontrou algum trem de mais difficil transporte. É o proprio Barbacena quem diz ao Ministro da Guerra, em officio datado de São Gabriel, a 17 de Fevereiro: o inimigo foge diante do exercito imperial, e este cuida de perseguí-lo, convencido de que lhe vae inflingir “derrota certa e total, se puder alcançá-lo”... Sae, portanto, pressuroso de São Gabriel, no encalço dos “fugitivos”, e pela tarde de 19 ia o nosso exercito acampar a cerca de uma legua do passo do Rosario (onde haviam já tomado posição as forças de Alvear). Á noite, ao recolherem-se as nossas avançadas que o dia inteiro haviam escaramuçado com partidas inimigas espalhadas pelos campos vizinhos, chegaram tambem ao acampamento alguns prisioneiros soltos por Alvear, dando a noticia de que este effectuava a passagem de Santa Maria. O arдил armado pelo chefe inimigo acabou de alucinar completamente o nosso general, que apenas deu ao exercito tres horas de descanso, e ás duas

da madrugada estava outra vez em movimento.

Enquanto isso, os aliados tomavam posição na passagem escolhida, e, muito descansados e confiantes, esperavam calmamente pelo exercito imperial, em marcha precipitada desde São Gabriel, quasi sem repouso nem para alimento... Levava o Marquês de Barbacena as suas forças divididas em duas columnas: a 1.^a, sob o commando do brigadeiro Sebastião Barreto, e a 2.^a ás ordens do brigadeiro Callado. Ao tomarem postura diante do inimigo, ficou á direita a primeira ála, e a outra á esquerda, reservando-lhe o commandante-chefe o centro, com o seu estado-maior. Á frente da ála esquerda, um tanto distanciado, collocou-se o corpo de voluntarios do Barão de Serro Largo. A ansia do Marquês de Barbacena por alcançar o inimigo "que fugia", e a certeza da victoria, levaram-no a não guardar as cautelas indispensaveis na guerra, marchando o exercito sem espias ou exploradores na vanguarda e nos flancos, e sem organizar uma reserva especial com que pudesse contar em perigos imprevistos.

Por seu lado, proseguindo na sua estrategia, foi Alvear acampar no sitio escolhido, ponto magnifico para desenvolvimento de um exercito, junto ao passo do Rosario, e que os argentinos chamaram Ituzaingó, sobre o arroio desse nome, mesquinho tributa-

rio do rio Santa Maria, a cerca de uma legua da sua fóz. Conhecendo perfeitamente aquellas paragens, occupou Alvear uma linha de outeiros que se salientam na redondeza, e que lhe pareceram, e com effeito eram, excellente posição strategica. No alto montou a artilharia; occultou a infantaria nos valles e bosques que ficam para traz e distribuiu a sua formidavel cavallaria pelas depressões que separam os outeiros. Fazendo frente para as linhas do inimigo, havia, á direita da estrada de S. Gabriel, outra linha de collinas que os nossos occuparam na disposição que já indicamos, isto é, as duas columnas nos flancos e o estado-maior no centro. Ficava entre os dois exercitos uma campina que se alargava para o norte, cortada por uma sanga coberta de relva exuberante. Pelas 6 da manhã, de 20 de Fevereiro (1827), descobriu a nossa vanguarda as posições inimigas, das quaes, pelo que parece não fez o Barão do Serro Largo grande caso. Tanto assim que, antes mesmo que tivessem as nossas forças tomado posição, foi elle com os seus voluntarios descendo impensadamente para a sanga, como se tivesse a intenção temeraria de investigar logo a ála direita dos alliados. O resultado de semelhante imprudencia não se fez esperar. Começava o exercito imperial a pôr-se em linha de batalha, quando vem sobre a vanguarda do barão do Serro Largo

uma força consideravel de gaúchos, que põem aquelles voluntarios em subita desordem, atirando-os de roldão sobre a nossa ala esquerda, que acabava de formar-se e ainda não tinha entrado em fogo. Foi o golpe tão rapido e tremendo que os milicianos rio-grandenses nem tiveram tempo de servir-se das armas, e, tomados de grande terror, puzeram-se em fuga precipitada, “dando redeas soltas aos cavallo, e cerrando ouvidos aos gritos do chefe e dos officiaes, que lhes ordenavam manobras de resistencia”. Aquella gente em debandada precipita-se com tal furia sobre a nossa columna da esquerda, ao mando do general Callado, que este, quer a reconhecesse, quer a tomasse por inimiga, sentindo o grande perigo a que se acha exposto, mandou immediatamente formar quadrados á infantaria, e aparar assim aquellas temerosas avalanchas. Sem se poder, no meio daquelle destroço e confusão, distinguir compatriotas e inimigos, rompeu dos quadrados o fogo sobre a massa desordenada que lhes vinha em cima, sendo nessa occasião ferido mortalmente o proprio chefe Barão do Serro Largo. É do proprio Marquez de Barbacena a noticia do descalabro, em communicação feita ao governo: “No dia 20 de Fevereiro — diz o commandante chefe ao Ministro da Guerra — encontrei o inimigo nas vizinhanças do Passo do Rosario, pelas 6 horas da manhã, e desde logo come-

çou o fogo. O Marechal Barão do Serro Largo fazia a vanguarda com uma brigada de 560 homens, por elle mesmo escolhidos, e, segundo suas expressões, *todos de fazer pé*. Longe, porém, de *fazer pé*, ou a menor resistencia a quatro esquadrões inimigos, *fugiram sem dar um tiro ou tirar pela espada*, e em tal debandada que causaram alguma desordem no 5.º regimento, destinado a sustentá-los; e *teriam caído sobre o quadrado dos batalhões 13 e 18 se não fizessem fogo sobre elles*. *Alguns destes tiros mataram o Marechal*".

Os voluntarios dispersos em fuga vão levar a noticia do revés á guarda da bagagem. Numerosos esquadrões inimigos já começavam a apparecer nos dois flancos do nosso exercito, dirigindo-se para a rectaguarda. "Os fugitivos do Barão de Serro Largo, escreve o Barão de Caçapava (*Batalha do Rosario*), os lanceiros do Uruguay (Guaranys), e o inimigo, todos á mistura, caíram sobre a bagagem e o parque, e tudo roubaram, levando depois o inimigo as carretas de bagagem e parque para dentro de um banhado". As duas brigadas da nossa infantaria continuavam desassombradas a repellir as cargas da cavallaria inimiga. Quatro peças que havíamos perdido foram logo retomadas pelo 5.º regimento e pelo 20.º de milicias. Em todas as linhas combate-se com vigor e com vantagem. Quando depois do

meio dia correu nas nossas fileiras a noticia do desastre da bagagem, houve um estreme-cimento geral; mas não se registou mais do que a indignação em todos os peitos. Logo depois a peleja amorteceu em todo o campo. Pareciam duas hostes espantadas uma da outra. Depois de 6 horas de combate renhido, a sôrte das armas estava inde-cisa; pois enquanto a segunda columna ia aguentando as refregas do inimigo, conse-guia, logo após a primeira contornar as collinas onde estava a artilharia dos alliados, pondo-os em grande espanto. Sem o soc-corro de Bento Ribeiro, que se esperava, a acção ia decidir-se ali, pela nossa columna da direita, que entrára no campo inimigo e já se sentia desvanecida da victoria. Mas, eis que começa a lavrar incendio na manga resequida do campo, ficando os imperiaes a sotavento da fumaça e das chamas. A con-fusão foi horrivel. Ainda assim, nenhum dos campos podia julgar-se em situação de mais vantagem, pois o inimigo se sentia igual-mente em grande aperto. “Ás 2 horas da tarde, não havia mais que 8 a 10 cartuchos por patrona ou cofre de artilharia, e os dois exercitos continuam immoveis, cada um na posição que occupava ao começar a batalha.” Á vista do campo incendiado, resolvera o Marquês de Barbacena ordenar immediata-mente o retrocesso da primeira columna, quando recebe aviso de que os transportes,

que conduziam o trem de guerra, acabavam de cair em poder do inimigo. Neste instante é preso o commandante chefe de grande afflicção, e, sem mais ouvir a ninguem, ordena precipitadamente a retirada.

A isso devemos, não a derrota como querem os argentinos, mas o insuccesso das nossas armas. Ponderam todos os nossos testemunhos, e até autoridades de nota, que se o Marquês de Barbacena se não apressasse tanto em ordenar a retirada, tudo induz a crer que a victoria seria nossa. O proprio Marechal Brown assegurou que o exercito brasileiro seria triumphante se tivessemos continuando a batalha. Não ha como negar tambem que as nossas forças retiraram em perfeita ordem: é verdade que se funda na generalidade dos depoimentos. “Marchou então o nosso exercito—diz, num manuscrito, o General Elisiario Brito—com a direita em frente, já reduzido a cerca de 4.700 praças, segundo a minha lembrança, repellindo atiradores e cargas de cavallaria com verdadeira disciplina, sangue-frio não vulgar e valor, poupando o resto das munições, não dando tiro sem emprego; e, porque os cavallos e parelhas, e mesmo a tropa, careciam de algum repouso, fez alto; puzeram-se as competentes linhas de atiradores onde convinha, tiraram-se os freios aos cavallos e muares para pastarem sobre os cabrestos; e, passadas mais de duas horas, continuou a marcha, deixando o

inimigo, mal que anoiteceu, de acompanhar o exercito imperial”. “Esta retirada — escreve o fidedigno Seweloh — foi executada á custa de muitos esforços, *na maior ordem*, mostrando os soldados *grande serenidade* e sangue-frio, *como eu nunca esperava ver no Brasil.*” “O inimigo — escreve o Barão de Caçapava — incendiou o campo por onde tinhamos de marchar. Uma forte columnna de cavallaria veiu cortar-nos o passo, e uma vóz forte e sonora, á sua frente, gritou: *Viva la Patria!* Este brado foi logo respondido com o grito geral de *Viva o Imperador!* e com um marche-marche tão cheio de furor, que o inimigo deu costa e foi buscar longe o abrigo de outras forças.” O nosso exercito, em perfeita ordem, acampou de noite no Passo do Canqui, conduzindo toda a sua artilharia, menos uma peça, que foi abandonada, por ter as rodas quebradas. No dia seguinte (21 de Fevereiro), proseguiu nas mesmas condições para o Passo de S. Lourenço, no Jacuy, onde chegou a 2 de Março.

No entanto, os argentinos se julgam victoriosos, e se tornam impagaveis, quando querem construir a sua lenda sobre esta batalha, que afinal de contas, como se está vendo, não era nossa, não era propriamente da nação brasileira, mas do Imperador... Nem teriamos repugnancia alguma, nem ainda nos doeria o coração de confessar derrota, se revéz militar tivesse havido. Estamos

perfeitamente isentos de preconceitos inadmissíveis, ou de espirito mesquinho para dar mais pela magestade da historia que por qualquer lisonja a sentimentos que a causa imperial nos não inspira. Os nossos competidores naquelle pleito (que aliás não era iniquo só para nós), querem tentar, porém, o impossivel de desvirtuar os factos até ao ponto de incluir na sua chronica o mais notavel lance daquella campanha, como se fosse uma legitima gloria da sua bravura. Nos seus annaes poderá ficar, uma vez que elles precisam de aproveitar tudo para nutrir o sentimento do seu heroismo; mas não permanecerá certamente no que se chamam paginas da verdadeira historia, por mais que se esforcem de repetir, sob todas as fórmãs e em todos os tons, o que é negado pelos factos. Os nossos vizinhos chegam a vangloriar-se de nos haverem *tomado duas bandeiras e dez peças de artilharia*. As bandeiras conservam *como trophéos...* Mas as *dez peças que caíram em seu poder...* onde será que se encontram para enaltecer no orgulho dos portenos a gloria dos heróes? Já vimos como na retirada as nossas forças tiveram de abandonar *uma* peça de artilharia por ter as rodas quebradas. Onde e como teriam os argentinos, onde teria D. Carlos de Alvear arranjado mais *nove* peças? É este um caso que se liquida em poucas palavras: digam os argentinos em que arsenal ou em que mu-

seu de Buenos Aires se pódem ver os dez canhões que nos tomaram. Quanto ás duas bandeiras o caso é ainda mais curioso e parece ser typico da alma entusiasta dos nossos adversarios naquella contenda. Ora, do nosso exercito, apenas os cinco batalhões de caçadores levavam suas bandeiras no momento do combate. Dessas cinco bandeiras nenhuma se perdeu. Como e de quem tomaram os inimigos aquellas duas bandeiras que guardam como trophéos? Não é preciso grande esforço para explicar o mysterio: encontraram elles os dois estandartes guardados numa carreta de bagagem que lhes foi ás mãos. Aliás, a burla dos *Trophéos de Ituzaingó* acaba de ser desfeita de modo definitivo por Macedo Soares, numa monographia cuja copiosa documentação é esmagadora.

Eis ahi em que consiste toda a gloria dos argentinos da batalha de Ituzaingó. Mais tarde alcançaram elles ainda no Paraguay outros immortaes triumphos, protegendo ali o nosso exercito. Não fossem elles, como teriamos nós expulsado de Corrientes e do Rio Grande os inimigos, e como teriamos em Riachuelo annullado o poder naval de López? Essas perguntas, que poderiam parecer ironia e sarcasmo, estão claras em qualquer compendio de historia argentina. É preciso que a mocidade fique sabendo que foi assim mesmo que tudo se passou. Se não fossem elles, os triumphadores de Ituzaingó, os paraguayos

de López teriam vindo tomar o Rio de Janeiro... Só deviam ter cuidado em passar por Buenos Aires com muita cautela... para não serem esmagados pela poderosa esquadra que elles, os argentinos, tinham ali guardando o Prata, e que se compunha do *Vinte e quatro de Maio* e...

A GUERRA CONTRA ROSAS

Na sua maioria, são injustos os nossos historiadores quando julgam a acção da politica imperial no Prata. Quasi todos entendem que as nossas intervenções nas dissidias das republicas platinas umas com as outras foram sempre aconselhadas pelo proposito de uma hegemonia que o Imperio nunca teve sequer velleidades de exercer em parte alguma. É exacto que aquelles nossos vizinhos, ou pelo menos alguns delles, viveram nos primeiros tempos procurando em toda parte gerar contra nós, entre todos os povos americanos, prevenções e suspeitas, que felizmente não vingaram, porque não tinham fundamento, e a historia, nem nestes casos, se faz com artificios. Não houve uma intriga que não fosse afinal desfeita. Por fim, o que se fixou nos annaes politicos do continente é que o Imperio sempre interveio só depois de muito solicitado, e nunca se immiscuiu senão para pacificar, para salvar os povos da tyrania dos caudilhos e

as nações das ameaças das grandes dictaduras. É isto mesmo o que o Brasil fez nas duas margens do Prata. Primeiro, acóde a libertar das garras de Oribe a amargurada e gloriosa Montevidéo. Depois vae desafogar a pobre alma argentina da mais esturdia e repellente entre as tyrannias que mancharam a historia do Novo Mundo. E, por ultimo, livrou da clava do segundo Lopez tanto o Uruguay como a Confederação das Provincias Unidas. “Quando se traçar o quadro emocionante das nossas campanhas do sul, que vêm, desde as arrancadas na colonia do Sacramento, desdobrando-se numa interminavel série de conflictos enleados de armistícios e de desfallecimentos, ver-se-á que aos nossos melhores generaes coube sempre o arriscadissimo papel de uns tenazes e brilhantes caçadores de caudilhos e de tyrannos irriquietos”, diz Euclides, nos *Contrastes e Confrontos*.

Vejamos os factos, valendo-nos da lição do eminente historiador Rocha Pombo (*Historia do Brasil*, IX, 9), mas sem entrar muito pelos antecedentes, que são bem conhecidos. Enquanto em 1828 uma constituinte promulgava a lei fundamental da nova Republica do Uruguay, e essa Constituição era jurada em todo o país a 18 de Julho do anno seguinte, o exercito argentino, vanglorioso da sua obra na antiga Banda Oriental, ia derribar em Buenos Aires o governo legitimo, e

renovar as desordens de que tinha de nascer a dictadura de Rosas. Os processos foram tão simples como sempre e em toda a America do Sul naquelles primeiros momentos em que, separando-se da metropole, caíam as populações, ainda incipientes na sua vida politica, e se punham, desorientadas e passivas, sob o guante de desalmados caudilhos. Deve, ne entanto, notar-se que Rosas, entre os sacrificadores da massa colonial que subitamente accordava para a autonomia, foi o mais habil, manhoso e desaffrontado de todos. No governo de Buenos Aires desde fins de 1829, foi elle quem mais a sério tomou aquelle sonho obsidente de reconstruir a unidade politica das antigas provincias que tinham formado a vice-realeza do Prata, velha aspiração de que se nutre ainda o povo argentino, como se poderá ver na *Historia Militar do Brasil* (paginas 45 e seguintes), de Genserico de Vasconcellos. “O projecto favorito de Rosas, escreveu Rio Branco, commentando a obra de Schneider, era o que ainda afagam todos os politicos argentinos — absorver o Estado Oriental do Uruguay e a Republica do Paraguay, reconstituindo o antigo vice-reinado espanhól do Rio da Prata; e a politica internacional do Brasil, creada pelo partido conservador e principalmente pelo illustre ministro Paulino de Souza, consistia, então, como ainda hoje, em manter a independencia dos dois Es-

tados ameaçados pela ambição argentina.” Nesse proposito, o seu intento é aproveitar-se da situação em que se encontra a Banda Oriental para incorporá-la ao seu dominio. Deixaria o Paraguay, a Bolivia e o Rio Grande para mais tarde. Não viu, pois, com bons olhos a eleição de Fructuoso Rivera para a presidencia do Uruguay, porque não confiava nelle para os planos que rumina. Daí a sua politica na antiga Cisplatina, onde foi hostilizar o primeiro presidente constitucional da nascente republica, pondo em acção contra o mesmo a audacia dos partidarios que fizera entre os proprios uruguayos. De todos, os mais destemidos eram Juan Lavalleja e Manuel Oribe, este ultimo particularmente. Com os largos meios que o dictador lhes fornecia, cuidaram aquelles seus prepostos de criar a Rivera os maiores embarços, suscitando sedições e levantes na campanha. Chegaram até a fundar imprensa sua em Montevideo, e, encorajados pelo patrono, traziam em continua effervescencia contra Rivera o espirito publico em todo o país, e a ordem sem cessar ameaçada, muito de proposito para impedir que se consolidasse do lado septentrional do Prata uma situação politica que viesse a dificultar a annexação calculada. Diz o historiador que nos guia neste trabalho, que muito se esforçou Rivera por desvanecer aquellas velleidades, actuando principalmente no animo dos agentes ro-

sistas que eram seus compatriotas e que por motivos ignobeis se atreviam a sacrificar os interesses e a dignidade da nação, repondo-o tão desazadamente no escabroso caminho de onde acaba de sair, e que, por fim, não vacillou até em chamar a si o proprio Oribe, que era o mais temeroso dos que lhe faziam opposições. Rivera esperava conciliar-se com este fazendo-lhe todas as concessões possiveis: nomeou-o ministro da Guerra, e não tardou que o exalçasse até candidatá-lo á presidente da Republica. Fingiu-se Oribe commovido com taes demonstrações, e a comédia se representava tão bem que muitos dos comparsas de Oribe se separavam d'elle para continuar a sua obra contra Rivera. Finalmente, prepara o dictador argentino uma invasão formidavel do Estado Oriental, servindo-se para isso de Lavalleja. O pretexto agora é libertar da tyrania de Rivera o povo uruguayo. Fizéra Rosas correr o boato de que Rivera pretendia entregar a patria a um principe estrangeiro, que seria D. Sebastião Gabriel Maria de Bourbon e Bragança... Tres investidas fez Lavalleja contra o Estado Oriental, sendo sempre derrotado e repellido.

Rosas impacienta-se; mas a situação em Buenos Aires não é ainda bem liquida para elle. É antes de tudo necessario firmar-se definitivamente no seu posto para depois lançar em torno o olhar vulturino e faminto.

Tendo-se tornado *federal*, tratou de eliminar os *unitarios*. Para isso, o mais pratico foi criar a *Marshorca*, “uma tropa de sicarios, prompta sempre á vóz do tyranno para, ao mais leve aceno seu, commetter todos os horrores, ora individualmente, ora em massa.” Esta, com os seus furôres, exterminaria os *unitarios* e investiria da dictadura formal o pavoroso *heróe del desierto*. Essa sociedade tenebrosa preparou a atmospheria de terror e de morte em que vai agonizar vinte annos o misero povo argentino. Eleito varias vezes para a magistratura suprema, elle recusa o poder sem faculdades extraordinarias. Gerou tão habilmente a conjunctura que vinha preparando, que afinal a unica solução que se impôz a todos foi a de entregar-se a Rosas o poder como elle queria, isto é, *sem limitação* e por cinco annos. “Muito commovido, declara Rosas que se sente assoberbado de tão graves responsabilidades”, e até pede que escolham outro mais digno de tão alta funcção... Louvam-lhe os representantes o “nobre desinteresse, mas a patria está em perigo, e só elle póde conjurá-lo: pedem-lhe, rogam-lhe, supplicam-lhe que faça mais um grande sacrificio em pról da nação.” A vista disso, elle tambem não ha de ser tão cruel que não cêda. Cêde; mas exige, para que a investidura tenha o character de uma solenne conjuração nacional, que se submetta á prova de um plebiscito o voto da assembléa: e

no dia 13 de Abril de 1835, confirmada “pelo povo” a nomeação, recebe D. Juan Manuel Rosas, pela segunda vez, e sem limitação de poderes, o governo de Buenos Aires. O que foi esta, que é a primeira das duas mais sanguinarias dictaduras que mancharam a historia do continente, é conhecido de todos. O que nos interessa neste ponto, é, não assignalar a acção de Rosas na politica de seu país, mas recordar o que foi o papel do Imperio na politica platina, e a quem pretender conhecer os pormenores da luta recomendamos a leitura dos trabalhos do general Borman, *Rosas e os exercitos aliados*, e do capitão Genserico de Vasconcellos, *Historia Militar do Brasil*, para só citarmos escriptores brasileiros.

Enquanto o astuto e desalmado caudilho da campanha cavalgava imperioso e tremendo o ingenuo e despercebido povo argentino, livre do unico homem que lhe infundia terror, o feróz e tremendo Juan Facundo Quiroga, assassinado em Cordoba, ia o problema de Rosas, no Estado Oriental maravilhosamente. Rivera e o presidente Anaya preparam e fazem triumphar a candidatura de Oribe á magistratura suprema na inditosa terra oriental. Em 1835 assume a presidencia do Uruguay, d. Manuel Oribe, e desde esse dia começou a actuar desassombradamente o preposto do dictador. Não demorou que se puzesse em luta aberta com aquelle

mesmo que o fizera eleger. Como não tinha conveniencia em hesitar, pôz fóra da lei, não só Rivera, como outros grandes chefes que o tinham amparado, mas por acreditarem que nelle já falava mais alto a patria que o sordido interesse de explorar a sorte de um nobre povo, seguro da força com que o apoia o senhor incontestavel de Buenos Aires. Rompe a luta no Estado Oriental entre Oribe e os patriotas da terra martir. Não seria difficil prever os resultados de similhante guerra entre uma nação inteira e o preposto de uma repellente tyrania. Ao saber, que, depois das victorias de Palmar e Paysandú, se puzera Rivera em marcha sobre Montevidéo, resigna Oribe o cargo e retira-se para Buenos Aires, que parece, mais que a terra dos paes, a patria dos seus desvelos. Chegando, porém, á capital argentina, o proprio dictador o persuadiu de que nem tudo estava perdido. Induziu-o primeiro a protestar contra a renuncia, por ser um acto de força. Entregou-lhe em seguida um exercito de 14.000 homens, com que Oribe vem cercar Montevidéo (1843). E ali, em volta daquella praça, durante cerca de nove annos, dão-se as tragedias mais imprevistas. Alexandre Dumas chegou a escrever a *Nova Troia*, comparando os sacrificios do povo uruguayo com os dez annos de amarguras e a catastrophe da lendaria capital de Priamo. É o martirio daquellas almas, damnadas pela fome e pela

volupia de morrer, clamando contra a infamia daquelle força: são aquelles gritos de angustia — que foram sentidos pela humanidade que ainda tinha representantes no Sul-America: pelo Brasil, por Entre-Rios e Corrientes, pelo povo oriental, de alma em convulsões diante daquelle horrivel espectáculo! Não seria então uma vergonha que se deixasse o estrangeiro selvagem a apertar a garganta á misera Republica que o proprio Imperio se compromettera, por tratado solenne, a defender e guardar?

O que se segue é sabido de todo o mundo. De combinação operam os exercitos aliados (o uruguayo, o entre-riano e o imperial), e dentro de poucos mezes obrigam Oribe a levantar o sitio e fugir. Agóra, porém, não se podia descançar. A cabeça da hydra estava, porém, na sua furna de Palermo. Deixar ali Rosas era o mesmo que não tirar nenhuma vantagem do esforço feito. Enquanto subsistisse aquella tyrannia, nenhum povo platino poderia respirar livremente. Não, portanto, os mesmos aliados que tinham libertado Montevidéo proseguir naquella campanha contra a unica dictadura no seu assento. O auctor que temos seguido (Rocha Pombo: *Historia do Brasil*, IX, 49), resume assim aquelle final da obra mais bella que já coube a povos realizar na ordem politica do Novo Mundo: “Pelos fins de Dezembro (1851), passou o exercito aliado

para a margem direita do Paraná, e alguns dias depois marchou para o sul sobre Buenos Aires. Rosas parecia agora apavorado; mas ainda se mostrava confiante na sua fortuna para zombar dos aggressores. Por meados de Janeiro seguinte, as tropas vingadoras passaram o rio das Conchas, sem que tivesse um signal de repulsa da capital ameaçada. Ao mesmo tempo que ellas se approximavam de Lujan, dirigia-se Greenfell, tendo a bordo da capitanea o conde de Caxias, para o porto de Buenos Aires, indo lançar ferros a duas milhas da quinta de Palermo, residencia do dictador. Percorreram em seguida as vizinhanças da bahia, sondando e observando tudo, como si preparassem um desembarque. Afinal, ameaçado por mar e por terra, sentiu o dictador que era mesmo preciso arrostar heroicamente aquelle transe. Deixando em Buenos Aires como seu locotenente o general Mansilla, tomou elle proprio a frente do seu exercito, composto de 22.000 homens das tres armas, e saiu de *Santos Lugares* a encontro do inimigo. Chegaram os alliados, no dia 2 de Fevereiro ao campo de Caseros, perto de San Martin, e occuparam posições junto do arroio Moron. Às 5 horas da manhã, de 3 de Fevereiro apresentaram-se os federaes no alto da coxilha chamada *Chacara de Caseros*, duas milhas ao norte da povoação de Maron. Extendiam-se elles de *Santos Lugares* á referida *Chaca-*

ra, em linha de mais de uma milha. Pelas 11 horas travou-se a batalha. Pelejou-se com violencia e furôr quasi todo o resto do dia... Rosas, ao começar o fogo, estava, com o seu estado-maior, na varanda de uma casa fronteira ao ponto onde combatia a divisão imperial, sob o commando em chefe do brigadeiro Manuel Marques de Souza. Esmervava-se o dictador em affectar um certo calculado desdem principalmente pelos nossos soldados, como si quizesse assim desaffrontar a sua gente. Durante a peleja insistiu muito em recommendar á sua artilharia que se alvejassem de preferencia os brasileiros, pois *bastaria isso para os espantar...* Não demorou muito que lhe chegasse o momento de mudar de opinião. Dali a pouco, observando um dos seus ajudantes de ordens a resolução e sangue frio com que avançavam os batalhões imperiaes, chamou para isso a attenção do dictador. Passados alguns minutos, fez ver ainda o official como investem os brasileiros, e assegurou que se continuam a adiantar-se com aquella celeridade, dentro de alguns instantes estariam pondo em grande risco o proprio dictador na posição em que se encontra. Fixando então de novo a vista, comprehendeu Rosas que a "sua estrella" o abandonava". Tomado de pasmo, hesitou um momento, e, em seguida, desvairado, desceu da varanda, como o seu sequito, e todos fugiram a cavallo, em grande tropel,

para a cidade. Ali foi elle confiar-se á protecção do ministro inglês. Accrescentam alguns auctores (e esta parece ser a versão verdadeira), que Rosas não se animou a ficar na cidade, embóra refugiado na legação da Inglaterra, e que, na mesma noite de 3 de Fevereiro, disfarçado em marinheiro inglês, tomou um escaler dos vasos de guerra britannico e foi homisiar-se no vapor *Centauro*. Deste, no dia 9 do mesmo referido mês, passou para 'o vapôr *Conflict*, seguindo logo depois para a Inglaterra com toda a sua familia e alguns dos seus ultimos fiéis. Em viagem para a Europa, entrou o *Conflict*, na Bahia; porém, Rosas teve a prudencia de não se mostrar. Um anno depois da derrota de Caseros, era Juan Manuel Rosas processado em sua patria, e condemnado á morte. Infelizmente a justissima sentença, cuja execução desaffrontaria a historia americana, não poudo ser cumprida. Rosas nunca se animou a sair da Inglaterra. Nos arredores de Southampton, em uma casa de campo, viveu elle até 1877, quando falleceu, com a idade de 84 annos. Assim acabou o *heróe del desierto*, sinistra figura que incarnou a glorificação dos instinctos de crueldade, de conquista, de rebeldia, de audacia, de destruição e de depravação.

O Imperio cumprira ainda uma vez lealmente a sua missão. Com effeito, destruindo a ominosa tyrannia de Rosas, que desgraça-

damente não foi a ultima que tivemos de exterminar, o Brasil, com ter realizado uma obra de paz, de justiça e de humanidade, permittiu que os povos platinos recommencassem o ingente trabalho de organização da nacionalidade. A guerra contra Rosas, como bem acaba de mostrar Genseric de Vasconcellos na sua admiravel *Historia Militar do Brasil*, foi-nos, finalmente, imposta, entre outras razões, pela necessidade de assegurar os nossos limites, reconhecidos pelo pacto de 1821, para defender a independencia do Uruguay e do Paraguay, que garantimos em tratados solemnes, evitando assim a reconstituição do vice-reinado do Plata, que seria uma ameaça constante contra as nossas legitimas aspirações territoriaes e politicas, para obter a livre navegação do Prata, fechada á nossa bandeira, desde 1842, por decreto de Rosas, contra todos os ajustes internacionaes então em vigôr, para proteger a vida, a propriedade e a honra dos brasileiros residentes no Uruguay e, por ultimo, para frustrar o golpe premeditado pelo tyranno que, depois de dominar o Uruguay e o Paraguay, pretendia desmembrar o nosso territorio. Já é tempo, pois, de proclamar a honra e a gloria do exercito brasileiro que acudiu a salvar os povos vizinhos dos horrores do mais feróz, do mais brutal e do mais ignominioso dos despotismos que regista a historia americana.

O GENERAL MAITROT E AS REPUBLICAS SUL-AMERICANAS

O general Maitrot, publicou sob o titulo *A França e as Republicas sul-americanas*, um livro, já traduzido em português, incontestavelmente destinado ao mais vasto exito, menos pelas noticias que de alguns países do continente regista, do que pelos effeitos que causará no espirito das classes vigentes na politica de taes republicas. Lamentamos tão só que o auctor, que se sentiu ao escrevê-lo tão dominado do espirito do assumpto, perpetrasse uma deploravel inadvertencia: não se apercebeu de que a America do Sul não comprehende apenas as três republicas de que se occupou — Brasil, Argentina e Uruguay. Isso, porém, não tira á obra o valor de um estudo technico que merece ser divulgado no nosso país e meditado seriamente.

Depois de um pequeno prefacio em que o Barão d'Anthouard, antigo ministro da Fran-

ça no Brasil, encarece a necessidade de criar a influencia franceza, em nosso país, começa o auctor fazendo um historico muito rapido de quanto se passou a proposito durante a guerra, para mostrar como a infiltração alemã desde muito se faz sentir no Chile e no Brasil. Observa que em 1910 a Alemanha vendia á Argentina 223 milhões e comprava-lhe 207 milhões de seus productos; ao passo que á França tocavam apenas 154 e 195 milhões respectivamente; advertindo ainda que enquanto a França ficava estacionaria, ia a Alemanha avançando a passos de gigante. E estranha essa differença, quando é sabido, diz o general Maitrot, que “gozamos nesses países (as Republicas americanas que elle reduz ás do oriente...), de todas as sympathias”, e que, accrescenta, “a nossa lingua é falada por todas as pessoas cultas, e póde-se dizer que quasi todos os sul-americanos têm duas patrias: a delles propria e a França”. Faz sentir como a guerra viera desmontar a influencia alemã; e recorda que as Republicas sul-americanas verificaram que os alemães as tinham enganado em muitos negocios, principalmente nos relativos a fornecimentos militares; e agora quando ellas pensam em reorganizar os seus exercitos, voltam-se para a nação, não só gloriosa, mas honesta entre todas: a França”. E aponta como essas Republicas desde 1918 “solicitam nesse sentido o concurso da França”.

Uma pagina, entre todas as do livro, que impressiona, é a que se encontra logo no capitulo preliminar — *Considerações geraes*. É bastante pôr diante do leitor os seguintes períodos do artigo intitulado — *A questão militar nas Republicas Sul-Americanas*: “Póde parecer estranho e anormal, diz o auctor, que a questão do exercito seja a primeira que preoccupa essas Republicas, no momento em que termina uma guerra cujos horrores, destinados a se fixarem para sempre na lembrança dos homens, parecem dever afastar irrevogavelmente o recurso a outras lutas semelhantes. Para manter entre os povos essa paz universal, que se revela como o primeiro e o mais desejavel dos bens, fala-se da Sociedade ou Liga das Nações, á qual serão submettidos todos os litigios, que ella resolverá sem se tornar necessario o appello ás armas, sem que de novo corra sangue. Sonho generoso, no qual não creio, porque a guerra é velha como o mundo e durará tanto quanto elle”. E o auctor corrobora a sua sentença. “Mas, se por milagre, esse sonho viesse a realizar-se, nem por isso os exercitos poderiam ser dispensados, pois nada valem o direito e a justiça quando não se apoiam sobre a força. Se a Belgica tivesse tido um exercito para fazer respeitar os seus direitos e o seu territorio, de modo a dar tempo a que chegassem em seu soccorro tropas francesas e depois inglesas, a sua neutralidade não teria sido violada pe-

los alemães com menosprezo da palavra dada”. Diz mais: “Só os bons exercitos são capazes de assegurar ás nações uma paz duradoura; e eis porque as Republicas Sul-Americanas dão uma prova de sensatez occupando-se antes de tudo em estabelecer sobre bases serias as suas novas instituições militares.” E faz sentir que as nações da America, mais ainda que as da Europa, têm necessidade de bons exercitos. . . Daí em diante, todo o primeiro capitulo se occupa de fornecimentos militares para a America do Sul, para fazer ver como a Alemanha usa de astucias para ser preferida por todos os governos.

No capitulo II, esboça o quadro de um exercito moderno, para em seguida apontar as reformas de que precisam os exercitos sul-americanos. Sente-se que ahi está todo o assumpto do livro. Passando a estudar as coisas militares da Republica Argentina, começa por dar informações desse país, tanto geographicas como politicas e economicas; mas tudo muito perfuntoriamente, como para não perder de vista o motivo-centro da obra. A parte relativa á marinha argentina conclue-se com a apologia do submarino, como unidade tactica de nação decisiva e fecha assim: “Termino assim o estudo dessa questão delicada; e refiro-me á necessidade, imposta á Argentina, de organizar um exercito moderno, pela hypothese, que se deve considerar, de uma guerra com uma nação vizinha”.

Segue-se o capitulo que se intitula: *A guerra possivel*. Ha por ahí coisas que devem ser conhecidas e largamente divulgadas no Brasil. Indaga o auctor: qual será essa nação com que a Argentina de um instante para outro póde estar, em conflicto armado? A Bolivia? O Chile? — É pouco provavel. O Paraguay e o Estado Oriental “jámais entrarão em luta com a Republica Argentina”, affirma categorico o auctor, “pois a desproporção das forças seria tal que haveria da parte daquelles verdadeira loucura em se chocarem com a sua poderosa vizinha, a qual não tem, aliás, desejo algum, nem o menor interesse em romper com Estados que em nada prejudicam o desenvolvimento do seu commercio, nem a evolução que a leva para uma prosperidade cada vez maior”. E como se excluem todas essas republicas, é claro que só “resta o Brasil”, que forçosamente se ha-de admittir como sendo a tal nação... Das premissas estabelecidas a conclusão era facil e só podia ser uma. Em todo o caso, o general explica: “É incontestavel que, em muitos pontos essas duas republicas são rivaes; as fontes de riqueza de uma são pouco mais ou menos analogas ás da outra: criação, cultura de cereaes, florestas inexgotaveis, os mesmos metaes achados quasi por toda parte. Ora, rivaes em materia economica tornam-se facilmente inimigos, sobretudo quando são vizinhos. É licito, pois, sem incorrer na pécha de sonhador,

considerar possível um conflicto entre a Argentina e o Brasil.”

E então discute as condições da guerra futura, começando por mostrar que o Uruguay nada terá a temer dos belligerantes; assim como o Paraguay. E com a reserva de um oraculo: “Eis tudo quanto posso dizer sobre este assumpto; comprehende-se que, a menos de fazer um romance, não me é possível indicar como se desenvolverão as operações. Mas ha uma hypothese que posso fazer: supponhamos que a sorte tenha sido desfavoravel ao exercito argentino nos primeiros encontros, e que este tenha sido obrigado a ceder terreno, permittindo ás forças brasileiras invadirem a provincia de Corrientes: que terá a fazer o exercito argentino?” E decide seguro: “Cobrir a parte vital da Republica, isto é: Buenos Aires e o Rio da Prata”. E aventa uma hypothese de evoluções muito interessante. Bem valeria a pena que os nossos militares e os nossos homens de governo lessem ao menos esta parte do livro. Rebatendo a hypothese de que o exercito brasileiro viesse a transpor o rio Paraná nordeste do Entre-Rios, e invadir as provincias argentinas do norte, escreve sentencioso: “É um erro: não se illude um exercito de 300.000 homens que occupa uma frente fortificada de 200 kilometros, e ainda menos se pôde desprezá-lo. Se o exercito brasileiro penetrasse no norte da Argentina, faria a peor das manobras. To-

das as suas communicações seriam tomadas de flanco pelas forças argentinas: o que o exporia a ser cortado nas suas bases de operações”. É o caso de verem os nossos estrategistas se convém guardar o aviso, e a previsão que se lhe segue: “Não, o exercito brasileiro marchará forçosamente contra o exercito argentino; e será nas ricas planicies de Entre-Rios *que se jogará a sorte da guerra*, na hypothese que considerei.”

Outro trecho que ainda nos interessa é este: “Não falei das esquadras muito propositadamente. Que pódem com effeito fazer ellas? Poderá a esquadra brasileira forçar as passagens do Rio da Prata? Não creio; muitos seriam os obstaculos a transpor. Primeiramente, haveria as minas que reduziriam ao minimo as passagens accessiveis, aliás ignoradas do inimigo, as linhas de fortes que seria necessario reduzir, os submarinos tão perigosos, e toda a esquadra argentina, que possui unidades temiveis.” E decidindo já por nossa conta, prosegue, depois de muitas hypotheses resolvidas magistralmente: “Renunciando a penetrar no estuario do Prata, muito bem defendido, tentaria a esquadra brasileira apoderar-se dos portos argentinos? Supponhamos que ella chegue a tomar Bahia Blanca. E depois? Poderão as suas tropas de desembarque manter ahi? Respondo pela negativa. Cumpre não esquecer que a Argentina tem um exercito territorial de 300.000

homens (*sic*), composto de soldados de 31 a 40 annos, os quaes pôdem ser empregados muito utilmente na defêsa dos portos, conjuntamente com destacamento do exercito activo.” Conclue o capitulo assim: “Terminarei este trabalho, que escrevi com o desejo de dizer a verdade sem ferir susceptibilidade alguma, recapitulando o material que a Argentina precisaria adquirir, e as obras que teria de fazer para a reorganisação das suas instituições militares, tal como a entendo.” E dá uma longa relação de material de guerra e de vias ferreas estrategicas, cujo custo oneraria os orçamentos da Republica Argentina por um seculo!

Vem depois o Brasil, primeiro com uma noticia geral do país, analoga ao que se fez em relação á Republica vizinha, e acabando com o capitulo — *A guerra possivel*, que o autor chama — a *questão delicada*. E começa: “Se o Brasil deve ter uma guerra, não pôde ser senão com essa Republica (a Argentina)”. Assegura que a nossa situação e a da potencia platina é “absolutamente a mesma que a do começo da guerra entre a Allemanha e a Russia: 130 milhões de Russos, com vias ferreas mediocres (somos nós) contra 70 milhões de alemães com uma rêde de estradas de ferro admiravel. A qual dos dois adversarios, *a priori*, dava em geral a opinião publica a superioridade? Sendo mobilisado em primeiro lugar, o exercito argentino terá a iniciati-

va das operações. É uma vantagem enorme que o poderá levar a uma rápida victoria se os seus chefes souberem aproveitar tal circumstancia, e se o Brasil não conseguir aparar o golpe. Por que meio poderá o Brasil fazer isso? Pela expectativa e pela contemporisação.”

O que se segue é da maior importancia, e só por longo demais não transcreveremos todo o trecho. Depois de examinar as condições do nosso exercito, a sua disposição em tempos de paz, e a vantagem com que se concentraria no theatro provavel da guerra, pergunta: “Em que ponto o exercito argentino, o primeiro prompto para a luta, procurará transpôr o rio Uruguay para invadir o Brasil? Certamente no trecho desse rio comprehendido entre Concepcion e Uruguayana, trecho em que o rio é acompanhado pela estrada de ferro Buenos Aires-Fala-Concordia Monte Caseros-Passo de los Libres-Formiguero-Concepción-Posadas... Quanto a crêr que o exercito argentino iria se embrenhar no territorio de Missões para atacar o Brasil por Santa Catharina ou pelo Estado do Paraná, seria uma loucura. O territorio de Missões, desprovido de meios de communicações, constitue um rincão fechado entre o Paraguay e o Brasil, no qual as forças argentinas se arriscariam a ser engarrafadas.” Fecha a secção relativa ao Brasil com este bello gesto: “Possa este estudo, que escrevi apoiando-me sobre

os documentos mais serios, tornar o Brasil reconhecido em França tal qual é, e ajudar a approximação, tão desejavel a todos os respeitos, entre duas nações inimigas, já por tantos interesses, tantas sympathias e tantas afinidades”.

Acaba o livro com a parte referente ao Uruguay. Parece que basta o que ahí fica para que se faça idéia da alta importancia deste estudo para as Republicas da America oriental. Não dissimulamos o intuito de chamar para elle a attenção dos nossos politicos e homens de guerra. O auctor não visou, sem duvida, offerecer ao seu país e aos nossos uma obra attrahente pelo brilho do estylo e, sob este aspecto não podemos dizer que a tradução portuguesa seja melhor que o original, mas, incontestavelmente, conhece a fundo o assumpto que explanou, e póde ufanar-se de haver feito um trabalho technico sobremaneira interessante.

DISCURSO DE RONALD DE CARVALHO

NO BANQUETE DO RESTAURANTE ASSYRIO AOS 13 DE
AGOSTO DE 1921.

Senhor Elysio de Carvalho:

Entre as bôas e varias razões que concorrem ha muito, para justificar a cordeal homenagem que, hoje, vos prestamos, não é das menores a que nos offereceste, ultimamente, saudando, no Sr. Paul Fort, o pensamento francez. A formosura da vossa oração só espantaria, porém, aos que vos não conhecessem. Nós a esperavamos. Nós a applaudimos sem surpresa. Deu-nos ella, todavia, ensejo de, violentando os pudores da vossa modestia, expressar-vos o quanto presamos a vossa individualidade, a estima em que temos o vosso espirito e o vosso character. Que a vossa discreção nos perdoe o aggravo dos louvores. Deveis ponderar, entre vós, que o muito admirar é fruto do muito merecer. Tendes, pois, o que mereceste.

Viestes, senhor Elysio de Carvalho, de uma geração de homens desencantados, em que o talento era uma frivolidade elegante, em que o tumulto das paixões governava a intelligencia. No espolio contradictorio, herdado por ella, as vozes optimistas foram certamente as menos ouvidas. Entre o exaggero amavel dos romanticos e o pessimismo apressado dos doutores do Recife, não soube ella escolher a justa medida. Preferiu a novidade scientifica, e riu-se da ingenua apologia dos nossos antepassados. Estes pu-

nham sobre a natural mesquinhez da nossa recente civilização uma lente poderosa, com que augmentavam desmesuradamente o valor das cousas. Querendo mostrar a excellencia do paiz, elevaram as nossas virtudes a uma altura desconforme, fazendo dos defeitos qualidades, tirando dos erros motivo de orgulho e ufanía. Tal excesso, entretanto, era justificavel. Os descabidos gabos, de então, estavam na razão directa da grandeza sem par da nova patria que nascia. Sentindo-se, de improviso, senhores de uma das maiores e mais cobiçadas regiões do planeta, os brasileiros creados entre as recordações ainda vivas da Independencia tiveram necessidade de erguer o homem ao nível do paiz, afim de que um fosse digno da magestade do outro. Commetteram, assim, os românticos um grave erro de multiplicação.

Reagindo contra a emphase e a rhetorica dos Pereira da Silva, dos Joaquim Norberto e dos Fernandes Pinheiro, a escola de Recife cahiu no exaggero opposto. Muito lhe devemos, sem duvida, mas, no balanço dos seus beneficios, ha um largo saldo de travor e amargura cujos resultados ainda sentimos. Ao contrario dos seus predecessores, os mestres da sciencia nova olharam o Brasil através a objectiva de um microscopio. Commetteram, pois, um verdadeiro erro de subtracção. Sem a ingenuidade dos primeiros nem a cultura dos ultimos, os escriptores que surgiram comvosco, principiaram a distillar o veneno subtil do amoralismo *fin de siècle*. Todos os mimitismos se aclimaram aqui. O francez, de Jean Lorrain, o italiano, de d'Annunzio, o inglez, de Oscar Wilde. O Brasil passou a ser considerado uma estação de recreio, excellente para divertir os ocios de todos aquelles desilludidos precoces. Não faria mal a ninguem a ignorancia do nosso passado, o desamor ás nossas tradições seria até um paradoxo, pois, onde estariam as nossas tradições? Emquanto o Brasil produzisse cafe e borracha, emquanto se mantivesse fir-

me o cambio para uma generosa conversão da moeda nacional em francos, libras e marcos, tudo iria ás maravilhas. Devçiamos economizar, aqui, para gastar em Paris. O provisorio estava na Patria, o definitivo no estrangeiro. A Patria era uma simples expressão economica e geographica, um emprego, um ponto de referencia vago e distante. Das suas origens, dos seus varões, das glorias que elle conquistou e das provações que soffreu no curso da sua existencia politica e social, sobraria apenas o cabedal exiguo com que são feitos os manuaes das escolas primarias. A nossa historia poderia, talvez, resumir-se num pequeno capitulo pittoresco, onde a espada dos capitães-móres atrevidos refulgisse em companhia das pennas de araras e dos pesados tacapes dos tabajares e dos guaranys.

Tivestes, senhor Elysio de Carvalho, a originalidade de acreditar em nós. Cedo vislumbastes, por entre as sombras em que pretendiam envolver os brilhos do nosso passado, a riqueza do seu patrimonio. Soubestes ver que não eramos simplesmente um deposito de ouro e pedrarias, entregue á cupidez dos aventureiros de toda procedencia. Mostrastes, com infatigavel tenacidade e copiosa erudição, que o Brasil não foi o producto de caldeamentos bastardos, que não foi a escoria dos degradados, a ralé dos criminosos, os restos das penitenciarias de além-mar que operaram o prodigio de fundar, aqui, uma nacionalidade. Affirmastes que o Brasil nasceu do esforço sincero e persistente de uma aristocracia. Fizestes reluzir ao sol dos nossos tropicos os braços, os escudos, os sinetes armilares da gente voluntariosa e nobre que assentou os alicerces da nossa patria. Não considerastes os bandeirantes simples ambiciosos, levados pela miragem da pecunia, attentos somente aos gyros fabulosos da fortuna. Appreciastes nelles a energia latente de uma raça varonil. Não enxergastes nelles meros salteadores, escondidos nas lapas e nos

boqueirões do sertão, promptos a trucidar o gentio incauto. Vistes nelles a primeira palpitação, o milagre inicial de um grande povo que surgia. Entre os da vossa geração, artistas requintados, pessimistas elegantes, scepticos ironistas, poetas decadentes, casquilhos petulantes, fostes um homem. Dominastes os impulsos da imaginação, corrigistes os desvarios do sentimento, ordenastes a vossa vida pela disciplina da logica e da razão.

Percebestes, num relance, que um escól desalentado, artificial e amorpho é uma grande ameaça para uma nação nova. Lançastes todas as reservas generosas do vosso espirito no combate aos seus erros e vicios dolorosos. Fostes, assim, um nacionalista, *a priori*. Não ignoraes, senhor Elysio de Carvalho, os cuidados com que devemos enfrentar esta palavra nos tempos correntes. Se por outras, muito mais explicitas, os homens se matam, segundo o prudente aviso de Taine, figurae, agora, o perigo que estamos correndo na trilha especiosa desta. Vosso nacionalismo, senhor Elysio de Carvalho, é discreto, cordeal, não exclue a polidez, o bom senso, as finas maneiras, aceita tudo quanto existe de bello sobre o mundo. Quando o respeitam, elle mostra o feitiço de todas as graças. Quando o aggridem, já nada mais de bello procura neste mundo, se não a defesa acirrada, cega, violenta de todos os preconceitos humanos que encerra o seu divino orgulho. Vosso nacionalismo é o nome moderno de um sentimento cheio de antiguidade. É apenas o patriotismo. Sei que as vossas preferencias são pelo velho nome de baptismo, por esse milagroso nome que inflammou o coração dos nossos heroes, desde os Guararapes até Riachuelo. Sois um patriota, senhor Elysio de Carvalho. Amaes as nossas tradições, tendes feito dellas o fundamento da vossa actividade intellectual. Fostes buscar os perfis obscuros dos nossos guerreiros na promiscuidade dos campos de batalha; revelastes a alma dos nossos diplo-

matas illuminada, no emaranhado das lutas politicas, pelo sentimento liberal da nossa raça; traçastes a phisionomia dos nossos aristocratas e senhores fidalgos com a carinhosa attenção de um miniaturista exímio; fizestes reviver as justas, os jogos festivos, os torneios rumorosos, com que os Albuquerque, os Mello e os Cavalcanti costumavam distrahir uma sociedade já requintada, nos tempos alongados da nossa formação: escrevestes a chronica da familia brasileira com sabedoria e finura. Quereis a vossa patria respeitada, dentro das suas tradições. Sois um devotado defensor da nossa formosa lingua portugueza, da cultura greco-latina que está, mercê de Deus, no berço da nossa nacionalidade. Indicastes que, aos brasileiros, cabe apenas enriquecer, com as vozes virginaes da terra, com a multipla seducção das paysagens tropicaes, a herança recebida dos maiores.

Vosso patriotismo, como o dos nossos avós, não conhece odios de raça. A patria, meus Senhores, quando se chama Brasil, é um grande lar. Nascemos hospitaleiros, francos e dadivosos como a Natureza que nos rodeia. Somos os filhos verdadeiros da terra americana. Uma raça que, através os seculos, conseguiu fixar as linhas de uma nação como o Brasil, varando milhões de kilometros quadrados, vivendo isolada pelos costumes e pelo idioma, entre tantas de origem diversa da sua, uma raça como a brasileira, não pode conhecer o travor dos odios e das competições internacionaes. Tenhamos fé na energia que o destino nos concedeu. Essa, senhor Elyσιο de Carvalho, parece ter sido a inspiradora do vosso espirito. Vossa vida é uma obra de fé e de enthusiasmo. As esperanças que semeastes por todos os corações brasileiros são o vosso mais alto elogio. Sinto-me honrado com o ter feito.

RONALD DE CARVALHO.

INDICE

I — OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE

Origem do sentimento nacional brasileiro.	13
Nacionalismo e patriotismo	21
S. Paulo e o sentimento da unidade nacional . . .	43
O libello nativista contra os portuguezes.	71

II — O FACTOR GEOGRAPHICO NA POLITICA BRASILEIRA

O factor geographico na politica brasileira	83
---	----

III — POLITICA DE REALIZAÇÕES POSITIVAS

Politica de realizações positivas	143
---	-----

IV — GRAÇA ARANHA, MESTRE DA VIDA

A concepção esthetica do universo	155
A metaphysica brasileira	183
Nacionalismo brasileiro.	201

V — LEÕES DO NORTE

Leões do norte.	223
André Vidal de Negreiros e a epopéa da recon- quista.	233

OS BASTIÕES DA NACIONALIDADE

Enigma historico	247
A epopéa da reconquista	267

VI — LA FRANCE ÉTERNELLE

La France éternelle	275
-------------------------------	-----

VII — HISTORIA MILITAR DO BRASIL

Um joven professor de patriotismo	323
---	-----

VIII — O BRASIL E O RIO DA PRATA

Amigos ursos	343
Intrigas argentinas	359
O caso de Martin Garcia	373
Responsabilidade da guerra contra o Paraguay.	385
A batalha de Ituzaingó.	401
A guerra contra Rosas.	417
O general Maitrot e as Republicas sul-americanas.	431
Discurso de Ronald de Carvalho	441

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 8 DE JULHO DE 1922
TIRANDO-SE 45 EXEMPLARES COM OS
NOMES DOS DESTINATARIOS



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

FC

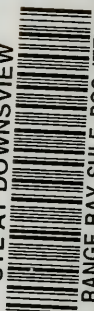
0036394

037-613

ANTHOLOGIA UNIVER

- 1 — Manuel Bernardes — His-
varias.
- 2 — Soror Mariana — Cart
Anior, nova restituição
boço critico de Jaime Co
- 3 — José de Alencar — Ir
edição prefaciada por
de Alencar.
- 4 — Almeida Garrett — Fre
de Souza.
- 5 — Gonzaga — Lyricas (Da Ma-
rilia de Dirceu), prefacio e no-
tas de Alberto de Faria.
- 6 — Fernão Mendes Pinto — Em
busca do Corsário.
- 7 — Carlos Dickens — Canto do
Natal, tradução de D. Virgi-
nia de Castro e Almeida.
- 8 — Camões — Pensamentos, extrai-
dos das suas obras por J. Viana
da Mota.
- 9 — Cervantes — Novelas exempla-
res (Cornelia — O ciumento)
tradução de D. Virginia de Cas-
tro e Almeida.
- 10 — Fernão Mendes Pinto — A
Ilha dos Tesouros.
do latim pelo P. Valerio Cor-
deiro.
- 11 — José d'Alencar — Diva, pref.
de Mario d'Alencar.
- 12 — Shakespeare — O Mercador de
Veneza — tradução de J. Aroso.
- 13-14 — Imitação de Cristo — tradu-
ção do latim pelo Pe. Valerio
Cordeiro.

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 06 08 10 011 7